

A ALMA DE TODO
APOSTOLADO

Dom J. B. Chautard
ABADE DE SEPT-FONS O. C. R.

A ALMA DE TODO APOSTOLADO

Obra honrada com um autógrafo de
Bento XV e recomendada por Pio X e
por numerosos Cardeais e Bispos

Reimprimatur

S. Paulo, 22/8/1962

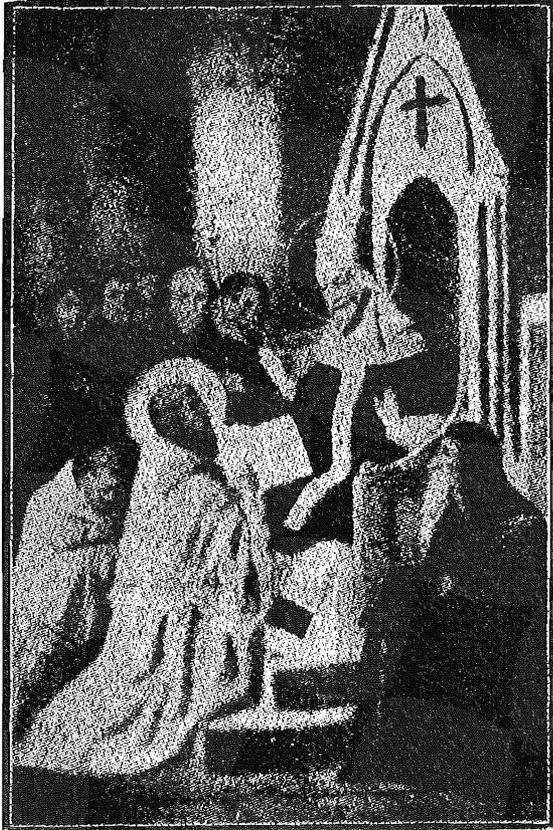
† VICENTE ZIONI

B. Aux. - V. Geral

A ALMA DE TODO APOSTOLADO

Esta obra pode servir tanto para a *Leitura Espiritual*, como para a *Meditação* nos Presbitérios e nas Comunidades.

De modo especial é útil *aos que fazem os Exercícios Espirituais* (Sacerdotes ou Religiosos), *aos Alunos dos Seminários Maiores*, *aos noviços* destinados à vida ativa e às demais pessoas votadas ao apostolado.



O Beato **Eugênio III**, papa, da Ordem dos Cistercienses, recebe o Livro "De Consideratione", escrito a instâncias suas por **s. Bernardo**, Abade de Claraual. O "Doctor Mellifluus" põe em relêvo a necessidade da vida Interior para o apostolado.



Rev.mo padre D. JOÃO BATISTA
CHAUTARD, dd. abade de nossa Se-
nhora de Sept-Fons (1857-1935).

Encontrado nas suas notas íntimas de retiro:

Minha suprema ambição: Quero ser: 1.º *Muito abjeto* aos meus próprios olhos e satisfeitíssimo de sê-lo aos olhos dos outros, quando não houver prejuízo para minhas obrigações de Superior.

2.º *Muito amante*, amante apaixonado, louco de nossa Senhora, e por ela, de Jesus, da Trindade.

Portanto, atos freqüentíssimos de *abjeção*, e freqüentíssimos atos de amor, de sêde de amor.

Autógrafo de S. S. Bento XV

Ao nosso caríssimo filho, Dom J. B. Chautard, abade da Trapa de nossa Senhora de Sept-Fons,

Enviamos as nossa mais calorosas felicitações por ter pôsto em evidência, de maneira admirável, no seu livro intitulado *L'Âme de Tout Apostolat*, a necessidade da vida interior nos homens de obras para a verdadeira fecundidade do seu ministério;

E, desejando que esta obra, onde se encontram reunidos os ensinamentos doutriniais e os conselhos práticos acomodados às necessidades do nosso tempo, continue a difundir-se e a fazer bem,

Concedemos de todo o coração ao seu piedoso autor uma afetuosa bênção apostólica.

Vaticano, 18 de março de 1915.

Benedictus PP. XV.

... S. E. o Cardeal Vico acompanhou a remessa da carta do Sumo Pontífice com as seguintes linhas:

Apresso-me em fazer chegar às suas mãos o pergaminho incluso que S. S. o Papa Bento XV houve por bem encarregar-me de remeter-lhe;

Certamente lerá no augusto autógrafo os belos elogios que Sua Santidade faz ao seu precioso livro *L'Âme de Tout Apostolat*. O Santo Padre leu êsse livro com vivíssima satisfação.

Já Pio X, de santa memória, me tinha encarregado de transmitir as suas felicitações ao piedoso prelado espanhol que traduziu a sua obra para a língua dêle.

Cartas de Aprovação

Do Em.mo Cardeal Arcoverde, arceb. do Rio de Janeiro:

Revestir-se de J. C., viver da vida de J. C., é a alma de todo apóstolado como diz no seu excelente livro...

Do Em.mo Cardeal Sevin:

O seu livro é inteiramente de ouro. Devorei-o. Nunca Pio X encontrou um comentador mais piedoso, mais doutrinal, mais eloquente, dos pensamentos com que encheu a sua exortação ao clero e muitas outras encíclicas.

Pode ter a certeza de que dei a conhecer este tesouro às pessoas que me cercam. O seu livro é explicado em leitura espiritual nos meus dois seminários maiores. A vários bispos, a numerosos sacerdotes manifestei sincera admiração pela sua obra.

Do Em.mo Cardeal Mercier, arceb. de Malines:

As circunstâncias que acabo de atravessar não me deixaram nem o vagar nem a liberdade de espírito que me seriam necessários para ler o seu trabalho com a atenção que merece e demoradamente refletir sobre essas considerações tão elevadas que põem em relêvo com ardor tão apóstólico.

Ao percorrer a sua obra, impressionou-me a semelhança dos seus ensinamentos com o tema dum retiro que preguei em 1910 ao clero da minha diocese...

Do Em.mo Cardeal Vives:

Não é certamente pequeno mérito ter sabido, no seu excelente trabalho sobre a *vida interior e o apóstolado*, condensar a doutrina e o método prático.

Do Em.mo Cardeal Amette, arceb. de Paris:

Li com edificação o seu livro: *L'Âme de Tout Apôtre* e feliz me sentirei em recomendá-lo aos meus sacerdotes e às pessoas zelosas que se consagram às nossas obras. Sobretudo em Paris, onde tão absorvente é o trabalho exterior do apóstolado, é mister animá-lo sempre essa seiva de vida interior, única que lhe pode assegurar a fecundidade...

Do Em.mo Cardal Fischer, arceb. de Colônia:

Aprovo plenamente o que escreveu com tanta erudição, tanta experiência nesta matéria, e tanta unção...

Do *Em.mo* Cardeal Luçon, *arceb. de Reims*:
Aprecio a exatidão da tese que desenvolve e completamente a aprovo...

Do *Em.mo* e *Rev.mo* Mons. Nunes, *arceb. de Évora (Portugal)*:
A *Alma de Todo o Apostolado* é um livrinho bem digno de ocupar na biblioteca dum bom sacerdote um lugar a par da *Imitação de Cristo*...

.. Do *Em.mo* e *Rev.mo* Mons. Renon, *bispo de Moulins*:
Considerações inéditas e profundíssimas, exemplos sobremodo empolgantes, na sua maioria por si coligidos e verificados em obras com as quais estêve em íntimo contato, enfim e sobretudo o acento pessoal com que faz ressaltar a fecundidade do apostolado que resulta da compenetração do zêlo e da piedade por meio da *vida eucarística e litúrgica*, acrescentam um atrativo mais poderoso e asseguram eficácia mais completa a tudo o que já tão bem dissera na primeira exposição da sua tese fundamental.

Sacerdotes, religiosos, religiosas, pessoas do mundo que se interessarem pelo apostolado nenhum pretexto poderão aduzir para deixar de possuir êste *vade mecum*...

Do *Em.mo* e *Rev.mo* Mons. Marre, *bispo titular de Const., abade Geral dos Cist. Ref.*:

Nada me podia ser mais agradável do que o conhecimento da reedição do seu excelente livrinho *L'Âme de Tout Apostolat*...

Do *Em.mo* e *Rev.mo* Mons. Epaminondas Nunes de Ávila *dd. bispo de Taubaté (Brasil)*:

Que tesouro inestimável a sua áurea obra *L'Âme de Tout Apostolat*! E ter-se o prazer de vê-la em boa hora, vertida para a língua portugêsa!

Quanto bem vai fazer a milhares de almas, já tendo contribuído eficazmente para a perfeição de tantas outras! Merecedora de tôdas as bênçãos celestiais, mando-lhe, não uma, mas milhares, e faço a Deus votos mui sinceros pela sua larga propaganda. Admiravelmente própria para todos os estados e indivíduos, farei todo o possível para que tenha ela, nesta diocese, a maior divulgação e difusão. Digne-se Nosso Senhor abençoá-la e a seu piedoso e douto autor, de quem me subscrevo...

PREFÁCIO

Nenhum livro, talvez, tenha sacudido tão profundamente os homens, dados à vida espiritual, no século XX, como A "Alma de Todo Apostolado", do abade Chautard. Traduzido para as principais línguas, em edições sucessivas, tornou-se livro clássico das almas interiores, apesar de haver surgido uma ou outra voz dissonante a criticar-lhe o conteúdo, por não lhe haver compreendido o espírito.

Muito conhecido o livro, é ignorado por muitos o autor, o piedoso trapista, que poderá parecer, a quem não conhecer a sua vida, um homem fechado num mosteiro, a vida inteira, entregue unicamente à contemplação das coisas divinas, e que uma vez apareceu no mundo para dar conselhos e novamente recluiu-se cautelosamente à abadia de Sept-Fons.

Por isso, atendendo ao pedido de prefaciá-lo "A Alma de Todo Apostolado", outra coisa não faremos que apresentar a vida do piedoso cisterciense como prefácio do seu livro.

Na cidade mais alta da França, Briançon, nasceu, a 12 de março de 1858, uma criança que, no dia seguinte, recebeu na pia batismal o nome de Agostinho. Dêsse nome de batismo conservará somente o diminutivo Gustavo, até que o troque pelo de João Batista, ao entrar na Ordem sagrada de Cister.

O pai, Augusto Chautard, é um livreiro que raras vezes pisa na igreja e que, sem ser anti-religioso ou anticlerical, alimenta amizade com voltaireanos e lê tudo o que lhe cai sob os olhos. Será D. João Batista que exercerá, mais tarde, influência sobre o pai e não o pai sobre o filho. A educação materna de Clarice Sales, cheia de doçura, piedade e fortaleza cristã, supre as deficiências do pai.

Mme. Chautard, com paciência e firmeza, se aplica a corrigir os defeitos do menino, que se revela terrível. Mais tarde, quando abade, êle citará o método da mãe como modelo na formação das crianças, contando um dos incidentes e uma das lições recebidas na infância. Um dia, saboreara ocultamente um doce de pêssegos feito pela mãe. Esta, ao descobrir a falta do filho, assim o repreendeu: "Jamais esconderei nada, nem fecharei nada com chave; mas, se eu não te enxergo, o bom Deus te está vendo, e se me desobedeces, ofendes a Deus". E acrescentava Dom Chautard: "Eis como se forma a vontade das crianças".

Aos sete anos, está no colégio local, declarando os mestres raras vezes terem visto um espírito tão brilhante e, ao mesmo tempo, tão equilibrado. Estuda com afino a Religião, querendo ir ao fundo das questões e procurando argumentos para responder às objeções do pai.

Começa com grande piedade a ajudar a missa, tornando-se logo o "pequeno vigário" do Pe. Guérin, que o apontará sempre como coroinha modelo.

Em 1869, depois de fervoroso retiro, recebe Gustavo a primeira Comunhão e, em 1871, a Confirmação. Coroinha modelo, estudante aplicado, nem por isso deixa de ser travesso, turbulento, amigo de balinhas com bolas de neve, no inverno, e de escaladas arriscadas de rochas e picos nevados.

O vigário descobrira, em Gustavo, germes de vocação sacerdotal, mas se falasse a quem melhor conhecia o menino, à sua mãe, ela certamente admirada responderia: "Mon fils prêtre, mais il est trop diable!" E o menino será padre.

Aos catorze anos, deixa com pena, a terra natal, depois de terminado o curso secundário, e dirige-se para a escola superior de Comércio.

Nessa idade, que costumam chamar de ingrata, Gustavo longe da família, com a paixão do pai pela leitura sem nenhum controle, cercado de companheiros não santos, começa a enfraquecer na piedade; mas, quando já pisava terreno resvaladio, é levado por alguns bons colegas à "L'oeuvre de la jeunesse", de M. Allemand. Frequenta as associações, promove jogos, diverte-se, mantém-se longe dos perigos, mas nesse momento só pensa num futuro risonho e brilhante, numa fortuna, na carreira parlamentar.

Esfriara-se o fervor da primeira Comunhão, começava a aparecer o respeito humano. Um dia, é convidado para acompanhar a procissão do SS.^o Sacramento, devendo atravessar a grande cidade de vela na mão. Hesita; mas, afinal, diz: aceite.

Ao passar por uma das ruas, os colegas de faculdade o surpreendem na procissão. Cochichos, risadas se seguem. Gustavo envergonha-se, fica corado, abaixa a cabeça. Mas isso foi só um instante. Ergue a cabeça e continua a oração. Na Escola, no dia seguinte, os colegas caçoam d'ele: "Sacristão! Você numa procissão!" Ele responde: "Sim, eu tive vergonha, mas nunca mais me farão abaixar os olhos". O professor, na aula, zomba em público da sua fé: "O acadêmico Chautard numa procissão!" Ele responde, com nobre orgulho: "Sim, senhor, e domingo eu voltarei".

Este incidente marca época nas ascensões rápidas do espírito, para o estudante.

Como em Briançon, também em Marselha cada fim de ano escolar assinala novos triunfos para Gustavo que, afinal, termina brilhantemente seus estudos, passando logo da teoria à prática, junto a um armador de Marselha.

Durante algum tempo, êle continua dividido entre dois senhores. Por um lado, recepções mundanas em que é admirado como flautista; por outro lado, grande compaixão pelas misérias humanas, que o leva a ensinar o catecismo às crianças abandonadas e a visitar os doentes dos hospitais.

Na capela da "Ouvre de la Jeunesse", orava, uma manhã, junto ao sepulcro de M. Allemand. Uma luz o cerca, uma grande doçura inunda sua alma. Deus se revela. Vê tudo claro. Ambições de grandeza, riquezas, tudo aparece como pó e como fumaça. Durante quinze dias, essa luz o persegue. Afinal êle diz a Deus a palavra mais bela

que se pode dizer: sim! Será todo de Deus e todo das almas, para alcançar o supremo Bem!

Mas, onde o quererá Deus?

Um dos alunos da Escola de Comércio preparava-se para entrar na Cartuxa. Gustavo ridicularizara o amigo, mas agora também êle ouve a voz de Deus.

Também hesita, durante algum tempo, entre a Companhia de Jesus, a Ordem beneditina e a Cartuxa.

Mas, um dia, caí-lhe nas mãos um livro sôbre a Trapa. Fêz-se luz. Será filho de s. Bernardo.

Será, porém, necessário comunicar a resolução aos pais. A mãe recebeu, radiante, a notícia, mas o pai respondeu unicamente um “não” sêco e categórico.

Nesse momento difficil, Deus também quis provar seu servo. A luz que brilhara tão radiante, oculta-se. Surgem-lhe à mente tôdas as objeções contra a fé, que lera nos muitos livros ou que ouvira em conversas. Aos seus maís íntimos, contará, sessenta anos mais tarde: “quando era jovem, o demônio queria impedir-me de corresponder ao apêlo divino e eu tinha violentas tentações contra a fé, tão violentas que quase considerava pecados. Então tomei uma pena nova e a aqueci ao rubro e a appliquei sôbre o braço: eu creio, meu Deus, eu creio, eis a prova”. E Dom Chautard mostrava, no antebraço esquerdo, as cicatrizes ainda visíveis. “E fiz ainda uma outra coisa”, acrescentava. “A noite, com um canivete, eu abri a ferida, molhei a pena e escrevi com meu sangue: Creio”.

O demônio não consegue vencer sua fé, pois êle não duvida em dizer: “Eu tenho fé... até à ponta das unhas”, mas tenta vencê-lo pela sensualidade. Gustavo vence também com decisão, mesmo quando é necessário fugir do perigo, deixando o chapéu numa casa aonde o levaria um amigo. Lança mão de tôdas as armas defensivas, principalmente das duas melhores armas nas lutas da pureza: a mortificação e a devoção a Nossa Senhora. À noite, introduz no leito, sôbre o colchão, uma tábua, e de manhã põe nos sapatos pequenas pedras e assim caminha a pé, até o santuário de Notre Dame de la Garde.

Na primavera de 1877, volta à terra natal, para ver se consegue vencer a resistência do pai, indisposto contra a vida religiosa, pelas calúnias da má imprensa. Augusto Chautard resiste obstinadamente.

Gustavo também não cede. Lembrando-se das romarias feitas, em outros tempos, ao santuário de Nossa Senhora de Laus, resolve fazer, desta vez, uma peregrinação a pé e com os pés descalços. No meio do caminho, sente faltarem-lhe as forças, mas diz deciddidamente: “É necessário!” e, extenuado, chega ao Santuário. Reza, chora, e levanta-se consolado e com grande paz no espírito.

Os que conhecem seus projetos de ser trapista, dizem: “Gustavo, à Trapa? Ele é candidato à tuberculose!” O médico da família, examinando-o, diz ao pai: se êle fôr contrariado, por mais tempo, terminará morrendo tuberculoso.

O pobre pai termina cedendo: “Para que não se possa dizer que eu sou o culpado da tua morte, acrescenta, podes partir, mas sabo que acabou tudo entre nós”.

E, dessa maneira quase trágica, venceu a graça de Deus.

A 14 de abril de 1877, Gustavo Chautard chega à Trapa de Aiguebelle, um velho mosteiro construído em lugar êrmo e agreste, onde tudo é silêncio, solidão e paz. Um velho irmão de barbas brancas, abre-lhe a porta e, depois de fazer com êle a primeira visita ao Santíssimo Sacramento, o introduz na comunidade onde deverá conhecer o nôvo gênero de vida. Deverá conhecer bem e ser conhecido, antes de entrar para o noviciado. À medida que os dias passam, êle se convence de que não se enganara. É na Trapa que Deus o quer. Sua vocação, combatida fortemente, em Briançon e Marselha, pode agora expandir-se livremente.

O mestre de noviços, por sua vez, não duvida da vocação do jovem que trocou uma carreira brilhante pela vida de Cister.

A 6 de maio, prostrado no Capítulo, êle pede “a misericórdia de Deus e da Ordem”. Dom Gabriel, o abade, comenta o intróito do dia, quinto domingo depois da Páscoa: “*vozem jucunditatis*” e fala da alegria que se busca e se encontra no claustro.

Enquanto a comunidade canta o Benedictus, deixa os hábitos seculares e reveste o hábito branco de Nossa Senhora de Cister. Recebe ainda, nesse momento, o nome de Irmão João Batista, para significar que, morrendo o velho homem, nasce o nôvo, segundo Cristo.

Feito noviço, estuda a fundo a Regra, as Constituições e a história da sua nova família. A Regra é a do grande pai dos monges do Ocidente; a Regra, perfeitíssima, de s. Bento, recebida por s. Roberto que, em 1098, fundou Cister. A Ordem de Cister tem, em s. Bernardo, o filho mais ilustre e que Dom Chautard, mais tarde, chamaria de *Illustrator Regulae*.

Na escola dêsses mestres, Irmão João Batista faz com ardor o noviciado, dando-se às três grandes ocupações: o ofício divino, a leitura e o trabalho manual.

O *Opus Dei*, principalmente à noite, o entusiasma. Êle gosta de cantar, em nome da Igreja e da criação. Sente-se feliz em ser um continuador de Cristo, passando as noites em oração para a salvação do mundo adormecido. Quer ser uma “alma cantante”, ou melhor ainda, quer identificar-se com a própria oração, quer ser uma “almalouvor de Deus”.

Segue-se ao ofício a *lectio divina* em que se ouve a voz de Deus e o *opus manuum*. Para o trapista, o trabalho é ao mesmo tempo meio de ganhar a vida, sua primeira penitência, uma diversão, após longas horas de oração e exercício de contemplação.

Na luta contra o “velho homem”, João Batista só deve ser moderado pelos superiores, para que não arruíne a saúde com um zelo intempestivo. Êle, conforme a expressão de s. Bernardo, era *sitiens Deum*.

Mas, êsse Deus que êle buscava sedento, se ocultava, às vêzes. Voltavam as tentações terríveis contra a fé. E êle usava do expediente de outros tempos. Com o próprio sangue escrevia: Creio.

A luta, porém, continua. Recorre confiadamente ao seu abade. Dom Gabriel proíbe-lhe renovar as imprudências passadas que po-

derlam arruinar-lhe a saúde ou causar, até, a morte. Mostra-lhe as mesmas lutas sofridas por sta. Joana de Chantal. Brillham novamente para êle os esplendores da fé.

Depois de dois anos de noviciado, o Irmão João Batista se apresenta para a profissão. Completara os 21 anos. O primeiro ato de sua maioridade legal será dar-se a Deus. Ele se entrega a Deus por meio de Maria. "A profissão, dirá êle mais tarde, é uma hipoteca que nós temos sobre o Coração de Maria". "São verdadeiros direitos".

Professo, segue com afincos os estudos da carreira sacerdotal e, ao mesmo tempo, é encarregado de importantes negócios temporais, aos quais durante toda a vida terá que dedicar-se e para os quais tem grande habilidade. Jovem professo, sendo já diácono, é encarregado pelo seu abade de assuntos sérios relativos ao Mosteiro. Vai a Paris. Dá todos os passos humanamente possíveis. Tudo parece em vão. Vai então prostrar-se aos pés de Nossa Senhora das Vitórias, falando-lhe do fundo da alma: "Mãe, Mãe, abandonarei a vossa casa? Será necessário que os vossos filhos abandonem o mosteiro, faltos do pão de cada dia?" Confiante na intercessão de Maria, êle se levanta e não tarda a encontrar um desconhecido que, ao reconhecer um trapista, resolve-lhe satisfatoriamente os negócios, ficando o Irmão João Batista convencido de uma intervenção sobrenatural.

Aproxima-se a época da profissão solene. Tem o coração a sangrar. O pai, por cinco anos, não o perdoou. Parece nem sequer ler as cartas do filho.

Dom Gabriel não será abade conforme s. Bento, se não fôr "pai". Exige que João Batista faça uma suprema tentativa junto ao pai. Humilde e obediente, Irmão João parte para Briançon.

Chega. Bate à porta. Ninguém responde. Torna a bater uma e outra vez. Tudo em vão. Vai então ajoelhar-se naquela igreja do seu batismo, aos pés de Maria.

Volta. Bate... Afinal o pai aparece à sacada somente para dizer: "Vai embora, não te reconheço mais. Acabaste com minha vida. Já não és meu filho".

O filho supplica, mas é tudo inútil.

Então êle, pálido, lança um grito onde aparece todo o seu amor ferido e toda a sua ternura: "Já que não me quereis receber, eu vou, mas amanhã toda a cidade saberá que um pai não quis abrir a porta ao seu filho".

O pai ficou vencido: abriu a porta, os braços e o coração. Poucos dias depois, ia ver o filho, na Trapa; e, ao contemplar a alegria que inundava o coração de João Batista, disse: "Realmente, eu estava enganado".

Feita a profissão solene, que é para êle como um novo batismo, recomeça os estudos teológicos para receber a ordenação sacerdotal, a 3 de junho de 1884. E principalmente agora que vai ser a "alma cantante", a hostia laudis. Durante cinquenta e dois anos celebrará a sua Missa matinal.

Pe. João Batista não foi feito para descansar. Respirando sempre os céus, êle deverá viver cercado de todas as preocupações terrenas. Deverá responder pelo bem-estar dos trapistas de Aiguebelle e das trapistas de Maubege.

As preocupações são tantas, que êle, num momento difficil, julga necessário aconsellar-se com o grande Mons. Gay e com o Pe. João de Fontfroide. Ambos lhe falam da vontade de Deus, da graça e do momento presente que permitem transformar os obstáculos, em meios de santificação.

Com nôvo entusiasmo então se entrega ao bem material e espiritual dos irmãos. Constrói, repara, melhora a fábrica de chocolate, instala máquinas, cuida dos operários e lhe sobra tempo e meios para deixar, em Aiguebelle, uma lembrança, a gruta de Nossa Senhora de Lourdes.

Em 1890, celebrava-se o VIII centenário da morte de s. Bernardo, o filho mais illustre de Cister. No meio das alegrias, havia também uma tristeza muito grande, porque Cister, o mosteiro de s. Bernardo, jazia em ruínas, sem pertencer à Ordem. Quem fará surgir do meio daquelas ruínas o sagrado Cister?

Em 1892, dá-se a união de todos os mosteiros de observância estrita, por vontade de Leão XIII, sendo escolhido o abade de Sept-Fons para Geral. Em 1896, reúne-se o Capitulo Geral, sendo então louvado publicamente o conjunto admirável de qualidades do Pe. João Batista. Em consequência, deve êle ir a Chambarand, para estudar uma melhor organização temporal do mosteiro; e, quando em 1897, o abade de Chambarand pede demissão do cargo, o Pe. João Batista é eleito abade.

Para se preparar para a bênção abacial, o nôvo abade de Chambarand consagra dez dias ao retiro. Foi um retiro singular. Êle saía sozinho, depois da missa, para a montanha, levando somente o breviário, o têrço e um pedaço de pão, no bôlso. Só voltava às oito e meia da noite.

Êle é que nos conta: "... fiquei com alma de criança, de criança de 7 ou 8 anos. Eu corria pelas montanhas, procurando enlêvo para minha alma, sem procurar, como turista, belos panoramas. Cantava os cânticos de minha infância, dizia tudo o que me vinha à mente, falando com Deus, com a Santíssima Virgem e com meu bom anjo. Quando terminaram os dez dias, quando tive que descer ao vale, as lágrimas me vieram aos olhos. Deixar o céu, para encontrar a terra!"

Este retiro marcou época na vida de Dom Chautard. De agora em diante toda a sua atividade exterior será um simples reflexo da sua atividade interior.

A 1.º de julho de 1897, recebe a bênção abacial, tendo a satisfação de ver, a seu lado, nessa ocasião, a sua boa mãe.

Em Chambarand, aplica-se a conhecer e a cuidar das almas de seus religiosos. Mais livre dos cuidados temporais, pode dedicar-se à santificação própria e à dos seus.

Mas essa "idade de ouro", como êle chamará mais tarde essa época de sua vida, não dura muito. Em 1898, o chama o abade geral e confia à sua pericia em negócios a aquisição e restauração do mosteiro primitivo de Cister.

Dom Chautard, sem perda de tempo, põe mãos à obra e com tanta felicidade que consegue logo que a baronesa de Rochetaillée adquira o mosteiro para doá-lo à Ordem.

Começa, depois, a restauração. No dia 1.º de outubro de 1898, um

grupo de monges assiste, de manhã, à missa no aposento onde nasceu s. Bernardo, em Fontaines; e, à tarde, cantam as primeiras vésperas da festa de Nossa Senhora do Rosário, de Cister.

Dom Chautard estuda uma restauração inteligente e perfeita com o conservador da biblioteca de Dijon, Mons. Guignard, e consegue ressuscitar o primitivo Cister.

Restaurado o mosteiro sagrado de Cister, o abade geral pôde abandonar o título de Sept-Fons, para tomar o de Cister. A 16 de junho de 1899, realiza-se em Sept-Fons o Capitulo para a escolha do nôvo abade dessa abadia.

A escolha recai em D. Chautard. Um "não" categórico é a resposta. "Não posso aceitar". Parece deixar-se vencer pelas razões apresentadas, mas termina sempre: "não posso". As condições materiais são críticas, a responsabilidade é muito grande, a honra o esmaga. "Eu não fui feito para dirigir sacerdotes", dirá êle, durante tôda a sua vida.

O abade geral, chegando a Roma, dirige-se a Leão XIII, que diz simplesmente: "Que êle aceite, diga-lhe de minha parte". Um bilhete do cardeal Mazzela diz: "Avendo exposto al s. Padre nell'udienza di questa mattina il caso dell'elezione del nuovo Ab. de Sept Fons, il s. Padre vuole che dica al nuovo eletto esser suo desiderio che accette".

Êle aceita a nova cruz que levará até o trono de Deus, como prova de sua fidelidade. Será abade de Sept-Fons até 1935.

Sept-Fons está então no seu maior esplendor. Tem numerosas casas filiais na França, na China, no Japão e na Austrália. Dom Chautard trará seus religiosos ao Brasil.

O lema e o ideal de Dom Chautard é a vontade de Deus. Uma obra qualquer em que não apareça clara a vontade de Deus, êle a recusa decididamente. Mas, pelo contrário, quando a vontade de Deus é manifesta, entrega-se ao trabalho corpo e alma. Muitas vezes, perguntará com insistência: "Ajudai-me a ver a vontade de Deus! É essa a vontade de Deus? Rezai para que eu veja a vontade de Deus".

Estamos em 1901. Abre-se uma era de perseguição para a Igreja da França. Sob a inspiração das lojas maçônicas, sucedem-se leis e decretos, a minar a base dos institutos religiosos. Waldeck-Rousseau e Combes conquistam a triste glória de condenar ao destêrro homens cujo único crime é serem o baluarte da Igreja. Enquanto reina o pânico nos conventos e a indiferença no meio do povo cristão, reúnem-se os abades cistercienses, em Paris, e encarregam Dom Chautard para representar a Ordem, na luta.

Qual será a tática do abade de Sept-Fons, em face de inimigos cheios de astúcia, rancor e hipocrisia? Agir com prudência, nada de precipitação, não ceder nem um palmo de terreno e contemporizar quanto possível.

Consciente da responsabilidade que pesa sôbre os seus ombros, D. Chautard não pára. Quer conhecer onde está o perigo. Insinua-se nos meios políticos, trata com os parlamentares de tôdas as côres, a fim de poder penetrar no campo inimigo.

Com os seus olhos negros, de olhar dominador, aspecto severo, ainda que temperado por um sorriso, parece feito para a luta e o

mando. Seu dinamismo natural, acrescido de um grande espírito de justiça, fazia que ele não temesse a ninguém, como se pôde ver quando teve de se apresentar ao famigerado "Tigre".

É D. Chautard mesmo que conta na "L'Âme Cistercienne" a sua primeira entrevista com Clemenceau, na véspera do dia em que o Senado devia resolver a sorte dos religiosos que ainda não tinham sido expulsos.

Clemenceau ridicularizou, com ironia terrível, Dom Chautard e a sua qualidade de monge; mas ele, ferido no que lhe era mais caro, com olhos flamejantes, com atitude enérgica, com palavra fácil, firme e convincente, desenvolveu o ideal da vida do monge: o monge apaixonado de Deus, guarda de honra da Eucaristia.

Clemenceau fica estupefato da coragem do monge que não tremia diante d'ele, que fazia o que queria do parlamento.

Quando D. Chautard termina de falar, diz Clemenceau: "Eu compreendo o ideal do monge, eu compreendo, quando o é tão profundamente vivido que se pode estar orgulhoso de o ser. Considere-me seu amigo".

E com o apelativo de "amigo" é que, depois de 25 anos, Clemenceau escreverá a Dom Chautard. Dom Chautard não podia deixar de admirar algumas qualidades de Clemenceau: "Tendo de ser condenado, escrevia, em 1903, prefiro sê-lo por um inimigo inteligente e que se apresenta de viseira erguida".

Quando alguém o criticava, ao vê-lo nas salas de espera dos inimigos da Igreja, Dom Chautard lembrava o "nos stulti propter Christum" de s. Paulo.

E essas incertezas e lutas duraram 12 anos mortais em que ele devia preocupar-se com a vida de todos os mosteiros cistercienses da França, sem deixar de lado o cuidado material e espiritual do seu mosteiro de Sept-Fons, pois seu mosteiro, tendo sido muito generoso para com outros, encontrava-se em situação material muito precária, ainda que vigorasse a mais fiel observância e grande espírito religioso.

É mais um período heróico da vida de Dom Chautard. Período de trabalho exaustivo, chegando a trabalhar vinte horas por dia e passando algumas vezes até três dias sem um instante de sono. A sua saúde não resistiu a essa prova. Perdeu o sono para todo o resto da vida. Dolorosas noites de insônia em que ele esperava em vão descansar para recuperar as forças necessárias para o trabalho. Sentia-se muito feliz quando podia dormir três ou quatro horas.

No meio de tôdas essas penas e trabalhos, sente-se feliz, vendo o bom espírito da comunidade e o grande número de noviços que se formam no mosteiro. Mas, como não vê grandes esperanças de poder conservar o mosteiro de Sept-Fons, pensa em preparar um lugar onde possam os seus filhos viver o ideal monástico. Recebe pedidos de vários pontos: Escócia, Polónia, Brasil, etc. Viaja a esses países e a outros, para conhecer bem as vantagens que podem oferecer para a vida religiosa.

Depois de muito hesitar, escolhe o Brasil.

A 10 de agosto de 1904, um grupo de religiosos deixa Sept-Fons em direção ao Brasil.

Cerimônias tocantes acompanham a despedida do berço da vida.

religiosa e da terra natal. Ele quer ver todos, os que partem e os que ficam, "unidos no Coração de Jesus pelo Coração da Estrela do Mar".

O nôvo mosteiro chamar-se-á "Maristella", "Estrêla do Mar". E quanta solicitude não terá êle pelos seus queridos filhos do Brasil, que visitará cada dois anos, interessando-se com coração de pai pelo seu bem espiritual e temporal!

Em 1908, traz também para o Brasil as religiosas Trapistas. Não é levado pela atividade natural que atravessa tantas vezes o oceano, que se preocupa das coisas terrenas, que vive em lutas e agitações constantes. A tudo se submete unicamente por obediência. O abade geral poue dizer do abade de Sept-Fons: "Ele é o mais obediente dos abades".

O abade Chautard é um grande pai de sua família religiosa. Esse pai deve preocupar-se, não há dúvida, do pão cotidiano, mas a sua paternidade é, acima de tudo, sôbre as almas. Alimentá-las, fazê-las crescer, levá-las para Deus, eis a sua occupação primordial. O trabalho maternal desempenha um papel secundário.

O officio do abade é instruir e adestrar para as lutas do espirito.

Ele ensina. Com que autoridade e vida êle prega a seus religiosos! Por meio do capitulo, pela manhã, pela instrução sôbre a Sagrada Escritura, pelas exortações do retiro, faz reviver continuamente o espirito monástico. Ele possui o dom de conquistar o auditório, sem precisar de períodos harmoniosos e gestos solenes e estudados. Dom Chautard põe vida e alma nas palavras e dá expressão a cada um dos seus gestos. Apóia-se primeiramente sôbre a palavra do Mestre, o Evangelho. Depois dá lugar aos autores preferidos: s. Bento e s. Bernardo. Nunca deixa a Regra de s. Bento, sabe-a de cor quase toda. S. Bernardo é para êle s. Bento em ação.

Mas o officio de abade não é sômente instruir. Deve também adestrar na vida espiritual.

Ele ensina com o exemplo e com sábios conselhos que dá a cada um dos seus filhos. Manifesta, nesses contatos íntimos, grande respeito às almas. Esse amor dita e dirige repreensões, mas com tanta bondade que um monge que acaba de ser repreendido um dia, pode dizer: "Eu gosto mais das repreensões do Padre abade do que das felicitações dos outros".

Tratando-se dos doentes, quer que se observe a palavra de s. Jerônimo: "Um religioso doente deve ser tão bem tratado que não tenha de lamentar nem sequer a ausência dos cuidados maternos".

Dom Chautard conserva listas de todos os membros do seu mosteiro e, frequentemente, lê essas listas para rezar por cada um, em particular.

Tem solicitude particular pelas religiosas Trapistas confiadas aos seus cuidados; pois, como diz êle, "um mosteiro de religiosas exige mais cuidados do que três de religiosos".

Certa vez, tem de percorrer as ruas da cidade, entre dois policiais, e responder a longos interrogatórios, acompanhados de ameaças de prisão, só porque protestara e tudo fizera para impedir uma batida policial numa mosteiro de religiosas Trapistas.

Em 1914, durante a guerra, êle, como pai, não teve sossêgo diante das ruínas dos mosteiros e ao ver seus religiosos mobilizados. Com o distintivo da cruz vermelha no braço, êle corre até as linhas de frente, mostrando-se audacioso para forçar os regulamentos militares com o fim de se tornar útil aos seus religiosos. “Nada é custoso, repetia, quando se trata de ser útil aos meus filhos”.

Data desta época a maior atividade de Dom Chautard, como escritor. Êle se torna cada vez mais o homem de uma idéia. Tôda a sua vida e a sua doutrina podem resumir-se numa palavra: vida interior. Essa é a sua “idéia-mestra”, “idéia-fôrça”. Necessidade e fecundidade da vida interior.

Já em 1907, publicara um opúsculo que é como o esbôço de “A alma de todo apostolado”: *Apostolat des Catéchismes et vie intérieure. Thèse et exemple par un Abbé de Cîteaux*.

Em 1909, em vista da grande aceitação do opúsculo, generaliza mais a tese, num livrinho com o título de “*Vie intérieure, base de tout apostolat*”.

Em 1910, aparece já a tese desenvolvida e admiravelmente resumida no livro: “*L’Âme de Tout Apostolat*”, que o haveria de consagrar para sempre.

Durante o duro e longo período da primeira grande guerra, Dom Chautard percebe os grandes riscos que correm os sacerdotes e seminaristas mobilizados, principalmente os que ficam nos ócios da retaguarda. Para obviar êsse perigo, toma a iniciativa de propor ao Episcopado e, em particular, ao cardeal Sevin, a fundação de uma revista de vida interior. A revista aparece com o título de *Prêtre et Apôtre*. Dom Chautard colabora assiduamente. Todos os meses, dirige aos sacerdotes um artigo em forma de carta, assinada por “*Frère Ainé*”. Muitos sacerdotes devem a perseverança a essas páginas.

A colaboração em *Frères aux armées*, foi ocasião para Dom Chautard de estudar melhor os meios de aperfeiçoar e desenvolver a vida interior. “*L’Âme de tout Apostolat*”, na edição de 1917, vem enriquecida dessa grande experiência.

E continua a atividade febril de Dom Chautard, fruto de profunda vida interior, antes vivida do que ensinada. A personalidade definida do abade de Sept-Fons, o sucesso de seu livro e a situação preponderante de sua Abadia fizeram dêle um homem que já não se pertence mais a si mesmo. É assediado de trabalhos, de preocupações, de pedidos para orientar e dirigir tôda classe de obras.

As Irmãs de s. José de Cluny querem que lhes pregue o retiro. Êle não pode recusar, quando se lembra de que uma Irmã de s. José lhe deve os primeiros germes da vocação religiosa.

Quando Herriot revela seus planos sectários de liquidar com as Congregações religiosas, Dom Chautard, sempre combativo, por caráter, por vontade e por dever, anima a constituição da DRAC. Será êle o melhor apoio dessa liga, nas horas mais difíceis.

Em 1925, prega um retiro a um grupo de bispos. O resultado foram novos convites insistentes para os anos seguintes. Dom Chautard foi irredutível. Não aceitou, por não achar êsse ministério próprio de um monge.

Leva encorajamento às novas formas de apostolado: a JOC, JEO,

JAC, JMC, pregando sempre a necessidade das elites espirituais, formadas na vida interior.

Dom Chautard pronunciava com respeito a palavra "operário". Contava a emoção que sentiu, quando Leão XIII o interrogou: "Amas os operários?" Desde Aiguebelle, sentia paixão em tratar com os operários. Fê-los participar dos lucros da indústria do mosteiro, gostava de conversar com eles, interessando-se pelas suas famílias, e vendo sob a blusa ou a camisa rasgada a imagem de Nosso Senhor, feito operário. Soía dizer: "Não sou nem democrata nem demagogo, sou demófilo".

Em 1927, pensa-se em restaurar o velho mosteiro de Orval. Resolve, então, fechar as casas do Brasil. As dificuldades do recrutamento de vocações, a distância do centro da Ordem o levam a essa decisão. Apesar do segredo com que procedeu, logo correu a notícia da próxima retirada dos monges trapistas. Todos os meios foram empregados para impedir a partida dos bons religiosos. Vários bispos recorreram à Santa Sé para conservar entre nós, a qualquer custo, a vida cisterciense, Dom Chautard, ainda que muito apegado ao Brasil, mostrou-se irredutível.

O abade de Sept-Fons não tem descanso. Parte, doente e alquebrado já pela idade, para visitar seus filhos na Palestina e na China.

O mosteiro de Nossa Senhora da Consolação, no Vicariato apostólico de Pequim, é um modelo. O mesmo Pio XI, incitando as Ordens contemplativas a fundarem casas, na China, fala com entusiasmo do mosteiro de Nossa Senhora da Consolação: "... nós vemos em espírito o grande mosteiro que os Cistercienses Reformados da Trapa fundaram no Vicariato Apostólico de Pequim. Lá, uma centena de monges, na maior parte chineses, ganha merecimentos pelo exercício das virtudes mais perfeitas, pela assiduidade na oração, pela vida rude, suportando os sofrimentos, ao mesmo tempo que atraem as bênçãos e o perdão de Deus sobre os infelís e os atraem a Cristo pela eficácia do exemplo".

Da China, passa ao Japão, onde visita os dois mosteiros cistercienses, voltando pelos Estados Unidos, dando a volta ao mundo em quatro meses de estafantes viagens, feitas em navios da pior classe, por espírito de pobreza.

Em 1932, os monges fazem questão de celebrar solenemente o seu quinquagésimo aniversário de profissão solene.

Nesse mesmo ano, celebra a abadia de Sept-Fons o seu oitavo centenário. Mal haviam terminado as festas centenárias, quando, em Sept-Fons, se passa uma cena nunca vista. Há muito tempo a "Pathé" queria filmar o mosteiro e a vida dos monges. O abade sempre resistira; mas, ao saber que se projetava rodar o filme sob as ogivas de uma antiga abadia, com os habituais artistas, que fariam as vizes de monges, abriu de par em par as portas de Sept-Fons. Em 1933, apareceu o filme com o título: "Un Monastère". Calorosamente aplaudido, teve de ouvir também alguma voz discordante; mas, afinal, pôde ficar tranqüilo quando, na reunião dos bispos, o cardeal arcebispo de Paris louvou publicamente Dom Chautard por ter permitido rodar, em Sept-Fons, o filme "Un Monastère", chamado a fazer grande bem.

Dom Chautard, durante toda a vida, estivera em luta com as

doenças. Estando avançado em anos e achacoso, contava com a morte a qualquer hora; mas, apesar disso, não perdera a juventude e o otimismo de espírito. "Viva a alegria de se dar aos trabalhos pelo bom Deus!" — dizia.

Estamos em 1934. A obediência o obriga a descansar. É como um retiro para a morte. Ele, que começara a vida nas montanhas, vai passar agora também umas semanas na montanha, que tanto e tão bem fala de Deus ao seu coração.

Durante três semanas, em contato com a montanha, êle quer ser "Tourson de Marie", isto é, être sauvage avec les créatures, et n'être épanoui que s'il faut donner Dieu ou recevoir Dieu".

A 3 de junho de 1934, Dom Chautard celebra as bodas de ouro de sacerdócio. Nesse dia, não recebeu uma pessoa, não abriu uma carta, quis passar o dia em ação de graças a Deus.

Seus filhos o amavam e sabiam que eram amados de Dom Chautard, mesmo quando, em cumprimento do dever, os fazia sofrer. Sofria mais ainda o bom pai, a ponto de dizer: "como é duro, em certas circunstâncias, ser abade!"

A 29 de setembro de 1935, o mosteiro está em festa com a recepção de hábito de um candidato, festa que deve ser animada com a presença de 40 escoteiros.

Na sala do capítulo, termina o canto do Martirológio e da Regra. Dom Chautard não aparece...

Sai o Prior e... o encontra caído por terra, à porta do capítulo. Transportado ao quarto do Prior, pode receber ainda a absolvição e a Extrema-Unção, no meio das orações e lágrimas de seus filhos e dos meninos que cercam seu leito. Momentos depois, comparece com a alma em festa, como sempre vivera, diante do Deus Vivo. Suas mãos seguravam ainda o esquema do discurso que devia dirigir aos escoteiros. O esquema assim terminava:

Tempus modicum, filioli...

Novíssima hora est...

140.000 créatures fauchées chaque jour!...

Naquela tarde, triste tarde, os filhos levaram à última morada terrena os despojos mortais do pai: Os filhos choravam aquelas palavras: Chorus angelorum te suscipiat!

Assim terminava sua vida terrena o apóstolo da vida interior!

Londrina, 1.º de maio de 1962.

+ 
+ Geraldo, Bispo de Londrina

PROÊMIO

Ex quo ómnia,
per quem ómnia,
in quo ómnia ⁽¹⁾.

Ó Deus magnífico e bondosíssimo, como são admiráveis e deslumbrantes as verdades que a fé nos manifesta acêrca da vossa vida íntima!

Padre santo, vós eternamente vos contemplais na vossa perfeita imagem, o Verbo, — o vosso Verbo estremece enlevado em vossa beleza, e do vosso êxtase comum jorra um grande incêndio de amor, o Espírito Santo.

Só vós, ó Trindade adorável, sois a vida interior perfeita, superabundante, infinita.

Só vós, ó TRINDADE ADORÁVEL, sois a vida interior perfeita, superabundante, infinita.

Bondade sem limites, desejais difundir fora de vós a vossa vida íntima. Dizeis uma palavra: e as vossas obras arrojam-se do nada para manifestar vossas perfeições e cantar vossa glória.

Entre vós e a poesia animada pelo vosso sôpro, existe um abismo; o vosso Espírito de amor quer preenchê-lo: assim terá meio de satisfazer sua imensa necessidade de amar e de se dar.

Provoca, pois, em vosso seio o decreto da nossa divinização. Êste lôdo afeiçoado por vossas mãos poderá, oh! prodígio, ser deificado e participar da vossa felicidade eterna.

O vosso Verbo, oferece-se para realizar essa obra.

E êle se fêz carne para que nós nos tornássemos deuses ⁽²⁾.

(1) Liturgia.

(2) Factus est homo ut homo fieret deus (S. Agost., serm. 9 de Nativ.).

E sem embargo, vós, ó Verbo, não haveis abandonado o seio do vosso Pai. Lá subsiste a vossa vida essencial, e dessa fonte é que hão de promanar as maravilhas do vosso apostolado.

Ó Jesus, Emanuel, vós confiais a vossos apóstolos o vosso Evangelho, a vossa cruz, a vossa Eucaristia e lhes confiais a missão de irem gerar para vosso Pai filhos de adoção.

Depois, voltais para vosso Pai.

É a vós, Espírito divino, que para o futuro incumbe a tarefa de santificar e de governar o corpo místico do Homem-Deus (1).

A fim de fazer descer a vida divina da cabeça para os membros, vos dignais escolher colaboradores para a vossa obra. Abrasados pelos fogos do Pentecostes, por tôda a parte êles irão semear nas inteligências o verbo que ilumina e, nos corações, a graça que inflama, comunicando assim aos homens essa vida divina, da qual sois a plenitude.

* * *

Ó fogo divino, excitai em todos aquêles que participam do vosso apostolado os ardores que transformaram os felizes que estavam em retiro no cenáculo e êles então já não serão apenas simples pregadores do dogma e da moral, senão “transfundidores” vivos do sangue divino nas almas.

Espírito de luz, gravai-lhes nas inteligências em traços indelévels a verdade seguinte: que o seu apostolado sòmente será eficaz conforme a medida em que êles próprios viverem dessa vida sobrenatural íntima de que vós sois o **Princípio** supremo e Jesus Cristo, a **Fonte**.

Ó Caridade infinita, abrasai as suas vontades numa sêde ardente da vida interior. Penetrai os seus corações com os vossos suaves e poderosos eflúvios e dai-lhes a sentir que, ainda neste mundo, a verdadeira felicidade apenas se encontra nessa vida, imitação e participação

(1) Deus cujus Spiritu totum corpus sanctificatur et régitur (Liturgia).

da vossa e da do Coração de Jesus no seio do Pai de tôdas as misericórdias e de tôdas as ternuras.

* * *

Ó Maria Imaculada, rainha dos apóstolos, dignai-vos abençoar estas modestas páginas A todos aquêles que as lerem, alcançai-lhes a graça de compreenderem bem que, se aprouver a Deus servir-se da sua atividade como dum instrumento regular da sua Providência para difundir nas almas os seus bens celestes, essa atividade, para produzir qualquer resultado, deverá, de alguma sorte, participar da natureza do ato divino, tal como vós o contempláveis no seio de Deus, quando, nas vossas entranhas virginais, se encarnou aquêlé a quem devemos o poder chamar-vos nossa Mãe.

PRIMEIRA PARTE

DEUS QUER AS OBRAS E A VIDA INTERIOR

1. As Obras e, portanto, o zêlo, são desejados por Deus

Apanágio da natureza divina é ser sumamente liberal. Deus é bondade infinita. A bondade tão-sòmente aspira a difundir-se e a comunicar o bem que desfruta.

A vida mortal de nosso Senhor foi sempre uma contínua manifestação dessa inesgotável liberalidade. O Evangelho mostra-nos o Redentor semeando pelo seu caminho os tesouros do amor de um Coração ávido de atrair os homens para a verdade, para a vida.

Esta chama de apostolado foi por Jesus Cristo comunicada à Igreja, dádiva do seu amor, difusão da sua vida, manifestação da sua verdade, resplendor da sua santidade. Animada pelos mesmos ardores, a Espôsa mística de Cristo continua, no decurso dos séculos, a obra de apostolado do seu divino Exemplar.

Desígnio admirável, lei universal estabelecida pela Providência! É por meio do homem que o homem deve conhecer o caminho da salvação⁽¹⁾. Foi sòmente Jesus Cristo quem derramou o sangue que resgata o mundo. Por si só, êle também teria podido aplicar a virtude dêsse sangue e operar de modo imediato sòbre as almas, como faz pela Eucaristia. Quis, porém, colaboradores na

(1) Ad communem legem id pèrtinet qua Deus Providentissimus ut hómínes plerumque fere per hómínes salvandos decrevit... ut nimirum quemádmódum Chrysóstomus ait, per hómínes a Deo discamus (Carta de Leão XIII, de 22 de janeiro de 1893, ao Cardeal Gibbons).

distribuição dos seus benefícios. Por quê? Sem dúvida porque a Majestade divina assim o exigia; mas, não menos a isso o compelião as suas ternuras pelo homem. E, se o mais eminente dos monarcas tem tôda a conveniência em governar, na maioria dos casos, por intermédio dos seus ministros, que condescendência da parte de Deus dignar-se associar pobres criaturas aos seus labôres e à sua glória!

Nascida sôbre a cruz, saída do lado traspassado do Salvador, a Igreja perpetua, por meio do ministério apostólico, a ação benéfica e redentora do Homem-Deus. Desejado por Jesus Cristo, torna-se êste ministério o fator essencial da propagação dessa Igreja pelas nações e o mais habitual instrumento das suas conquistas.

Na primeira linha, o clero, cuja jerarquia constitui o quadro do exército de Cristo, clero ilustrado por tantos bispos e sacerdotes santos e zelosos, e tão gloriosamente honrado pela recente canonização do santo Cura de Ars.

Ao lado dêste clero oficial, desde as origens do cristianismo surgiram companhias de voluntários, verdadeiros corpos de escol, cuja perpétua e luxuriante vegetação há de ser sempre um dos fenômenos mais patentes da vitalidade da Igreja.

Logo nos primeiros séculos, aparecem as Ordens contemplativas, cuja oração incessante e as rudes macerações tão poderosamente contribuíram para a conversão do mundo pagão. Na Idade-Média, surgem as Ordens predicantes, as Ordens mendicantes, as Ordens militares, as Ordens votadas à heróica missão do resgate dos cativos em poder dos infiéis. Enfim os tempos modernos vêem nascer enorme quantidade de milícias docentes, Institutos, Sociedades de Missionários, Congregações de tôda espécie, cuja missão é espalhar o bem espiritual e corporal sob tôdas as formas.

Além disso, em tôdas as épocas de sua história, a Igreja encontrou colaboradores preciosos nos simples fiéis, tais como êsses fervorosos católicos, hoje legião, “pessoas de obras”, segundo a expressão consagrada, corações ardentes, os quais, sabendo unir as suas fôrças, põem sem reserva ao serviço de nossa Mãe comum, tempo, capacidades,

fortuna, sacrificando amiúde a sua liberdade e, às vezes, até o seu próprio sangue.

Como é certamente admirável e consolador o espetáculo dessa florescência providencial de obras, nascendo no momento preciso e adaptando-se tão maravilhosamente às circunstâncias! Tôdas as necessidades novas para satisfazer, todos os perigos a conjurar — a história da Igreja o atesta — viram invariavelmente aparecer a instituição reclamada pelas exigências do momento.

Assim é que, na nossa época, vemos oporem-se a males de singular gravidade, uma multidão de obras, que ontem ainda mal se conheciam: catecismos de preparação para a primeira comunhão, catecismos de perseverança, catecismos para as crianças abandonadas, congregações, confrarias, reuniões e retiros para homens e moços, para senhoras e donzelas, apostolado da oração, apostolado da caridade, ligas para o repouso dominical, patronatos, círculos católicos, obras militares, escolas livres, boa imprensa, etc., enfim tôdas as formas de apostolado, suscitadas por êsse espírito que inflamava a alma de um s. Paulo: *Ego autem libentissime impendam et superimpendar ipse pro animabus vestris* ⁽¹⁾, e que deseja espargir por tôda parte os benefícios do sangue de Jesus Cristo.

Oxalá estas humildes páginas aproveitem aos soldados que, inteiramente cheios de zêlo e de ardor pela sua nobre missão, se expõem, precisamente, por causa da atividade que desenvolvem, ao perigo de não serem, antes de tudo, homens de vida interior, e que, se um dia fôsem por êsse motivo punidos, tanto com maus êxitos aparentemente inexplicáveis, como com graves danos espirituais, poderiam ser tentados a abandonar a luta e a voltar desanimados para a tenda.

Os pensamentos desenvolvidos neste livro a nós mesmo nos auxiliaram na luta contra a exteriorização pelas obras. Oxalá possam êles evitar a alguns êsses desgostos, e guiar melhor a sua coragem, mostrando-lhes que o Deus das obras jamais deve ser abandonado pelas obras de Deus e que o: *Væ mihi si non evangelizavero* ⁽²⁾ não nos outorga o direito de olvidar o: *Quid prodest hómni si mun-*

(1) Eu de mui boa vontade darei o meu, e me darei ainda a mim mesmo pelas vossas almas (II Cor., 12, 15).

(2) Ai de mim se eu não evangelizar (I Cor., 9, 16).

dum universum lucretur, animæ detrimentum patiatur (1).

Os pais e mães de família para quem a “Introdução à vida devota” não é livro antiquado, os esposos cristãos, que se consideram um para com o outro obrigados a um apostolado que ao mesmo tempo exercem sobre os seus filhos para os formar no amor e na imitação do Salvador, podem também facilmente aplicar a si os ensinamentos dados por estas páginas modestas. Oxalá êles compreendam melhor a necessidade de uma vida, tão piedosa quanto interior, para tornarem eficaz o seu zêlo e perfumarem o seu lar com o espírito de Jesus Cristo e dessa paz inalterável que, malgrado as provações, há de ser sempre o apanágio das famílias profundamente cristãs.

2. Deus quer que Jesus seja a vida das obras

A ciência tôda se ufana com os seus imensos triunfos e certo é que títulos legítimos tem para disso se ufanar. No entanto, uma coisa até hoje lhe tem sido impossível e impossível lhe será de futuro: criar a vida, fazer sair um grão de trigo, uma larva, do laboratório de um químico. As estrondosas derrotas dos partidários da geração espontânea já nos ensinaram o que devíamos pensar acerca dessas pretensões. Deus guarda o poder de criar a vida.

Na ordem vegetal e animal, os sêres vivos podem crescer e multiplicar-se e ainda assim a sua fecundidade apenas se realiza dentro das condições estabelecidas pelo Criador. Ao tratar-se, porém, da vida intelectual, Deus reserva-a para si e êle é quem diretamente cria a alma racional. Um domínio há, contudo, de que êle é ainda mais cioso — o domínio da vida sobrenatural, emanção da vida divina comunicada à humanidade do Verbo encarnado.

Per Dóminum nostrum Jesum Christum. Per ipsum et cum ipso et in ipso (2). A Encarnação e a Redenção constituem Jesus Fonte e **Fonte única** dessa vida divina, da qual todos os homens são chamados a participar. A ação

(1) De que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, se vier a perder a sua alma? (Mt., 16. 25).

(2) Por Nosso Senhor Jesus Cristo. — Por êle, com êle e nêle (**Liturgia**).

essencial da Igreja consiste em difundir essa vida por meio dos sacramentos, da oração, da pregação e de tôdas as obras que com isso se relacionam.

Deus tudo faz por meio de seu Filho: *Omnia per ipsum facta sunt et sine ipso factum est nihil* (1). Isto já é verdade na ordem natural; mas quanto mais o é ainda na ordem sobrenatural, desde que se trata de comunicar a sua vida íntima e de tornar os homens participantes da sua natureza para torná-los filhos de Deus.

Veni ut vitam hábeant. In ipso vita erat. Ego sum vita (2). Que precisão nestas palavras! Que luz nessa parábola da videira e dos sarmentos, onde o Mestre desenvolve esta verdade! Como êle se empenha em gravar no espírito dos seus apóstolos êste princípio fundamental: que **unicamente êle, Jesus, é a vida**; e esta consequência: que, para participar dessa vida e comunicá-la aos outros, não mister de ser enxertados no Homem-Deus!

Os homens chamados à honra de colaborar com o Salvador em transmitir às almas essa vida divina devem, portanto, considerar-se como modestos canais encarregados de haurir tal vida nessa fonte única.

Grosseiro êrro teológico deixaria transparecer um homem apóstólico, se desconhecesse êstes princípios e julgasse que podia produzir o mínimo vestígio de vida sobrenatural sem ir totalmente buscá-la em Jesus.

Desordem menor, mas também insuportável aos olhos de Deus, seria se o apóstolo, reconhecendo embora que o Redentor é a causa primordial de tôda a vida divina, na sua ação olvidasse esta verdade e, obcecado por louca presunção injuriosa a Jesus Cristo, apenas contasse com as suas próprias fôrças.

Tão-sòmente falamos aqui da desordem intelectual, que teórica ou praticamente implica a negação de um princípio ao qual devemos tanto a adesão de nosso espírito como a conformidade da nossa conduta; e não da desordem moral do homem de obras, o qual, reconhecendo realmente o Salvador como fonte de tôda a graça e esperando dêle

(1) Tôdas as coisas foram feitas por êle; e nada do que foi feito, foi feito sem êle (Jo., 1, 3).

(2) Eu vim para êles terem a vida (Jo., 10). Nêle estava a vida (Jo., 4). Eu sou a vida (Jo., 14, 6).

todo o bom êxito, tenha o próprio coração em desacôrdo com o dêle, devido ao pecado ou à tibieza voluntária.

Ora, o proceder praticamente, ao ocupar-se de obras, como se Jesus não fôsse o único princípio da vida delas, é qualificado pelo cardeal Mermillo de “**Heresia das Obras**”. Com esta expressão, estigmatiza êle a aberração de um apóstolo que, esquecendo-se do seu papel secundário e subordinado, unicamente esperasse o bom êxito do seu apostolado, da sua atividade pessoal e dos seus talentos. Praticamente, não é isto a negação de grande parte do Tratado da Graça? Esta consequência à primeira vista revolta; mas por pouco que sôbre ela se reflita, logo se vê que é infelizmente muito verdadeira.

Heresia das obras! A atividade febril substituindo-se à ação de Deus, a graça desconhecida, o orgulho humano querendo destronar Jesus, a vida sobrenatural, o poder da oração, a economia da Redenção atiradas, pelo menos na prática, à categoria das abstrações, eis um caso que longe está de ser imaginário e que a análise das almas revela como freqüentíssimo, embora em graus diversos, neste século de naturalismo em que o homem julga sobretudo pelas aparências e procede como se o bom êxito de uma obra dependesse principalmente de engenhosa organização.

A vista de uma alma pagã, recusando-se a atribuir ao Autor de todo o bem e de todos os dons as maravilhas dos seus talentos naturais, já seria motivo de indignação para um espírito esclarecido, quanto mais não seja pela filosofia.

Que sentimento experimentará então um católico instruído na sua religião, perante o espetáculo de um apóstolo que ostentasse, pelo menos implicitamente, a pretensão de não querer saber de Deus para comunicar às almas, quanto mais não fôsse, o mínimo grau de vida divina?

“Que insensato!” diríamos nós ao ouvir um operário evangélico usar da seguinte linguagem: “Meu Deus, não me levanteis obstáculos à minha empresa, não lhe traveis o funcionamento e eu me encarrego de a levar a bom termo.”

Este sentimento nosso seria um reflexo da aversão que em Deus provoca a vista de tal desordem, a vista de um presunçoso levando o orgulho a ponto de querer dar

a vida sobrenatural, produzir a fé, fazer cessar o pecado, conduzir à virtude, gerar almas para o fervor, unicamente com as suas fôrças e sem atribuir êsses efeitos à ação direta, constante, universal e efusiva do Sangue divino, preço, razão de ser e meio de tôda a graça e de tôda a vida espiritual.

A humanidade de seu Filho exige, pois, que Deus confunda êsses falsos cristos, já paralisando as suas obras de orgulho, já permitindo que elas apenas provoquem uma miragem efêmera.

Salvo em tudo o que opera sôbre as almas ex ópere operato, Deus deve ao Redentor o subtrair ao apóstolo, cheio de arrogância, as suas melhores bênçãos para reservá-las ao ramo que humildemente reconhece que sòmente pode haurir a sua seiva no tronco divino. De outra sorte, se abençoasse com resultados profundos e duradouros uma atividade envenenada por êsse vírus a que chamamos heresia das obras, Deus dava mostras de animar essa desordem e permitir seu contágio.

3. Que é a vida interior?

Se algumas vêzes empregarmos as palavras vida de oração, contemplação, vida contemplativa, — têrmos que se encontram nos santos padres e nos escolásticos, — nossa intenção é sempre designar a vida interior normal acessível a todos e não os estados pouco ordinários de oração que a teologia mística estuda, e a fortiori êxtases, visões, arroubamentos, etc.

Sairíamos do nosso plano se nos demorássemos num estudo de ascetismo. Limitamo-nos a recordar, em poucas palavras, o que cada qual para o govêrno íntimo da sua alma é obrigado a aceitar como absolutamente certo.

1.^a Verdade. — A vida sobrenatural é a vida do próprio Jesus Cristo em mim, pela fé, pela esperança e pela caridade.

A presença de nosso Senhor por meio desta vida sobrenatural não é a presença real própria da sagrada comunhão, senão uma presença de Ação Vital, como a ação da cabeça ou do coração nos membros; ação íntima que Deus quase sempre oculta à minha alma para aumentar

o mérito da minha fé; ação, portanto, habitualmente insensível às minhas faculdades naturais e que unicamente a fé me obriga formalmente a crer; ação divina que deixa subsistir o meu livre arbítrio e utiliza tôdas as causas segundas, acontecimentos, pessoas e coisas, para me fazer conhecer a vontade de Deus e deparar-me ocasiões de adquirir ou aumentar a minha participação na vida divina.

Esta vida, inaugurada no batismo pelo estado de graça, aperfeiçoada pela confirmação, conservada e enriquecida pela Eucaristia, é a minha vida cristã.

2.^a Verdade. — Jesus Cristo comunica-me o seu Espírito por meio desta vida. E assim se torna o princípio de atividade superior que me leva, caso eu lhe não ponha obstáculos, a pensar, a julgar, a amar, a querer, a sofrer, a trabalhar com êle, nêle, por êle, como êle. As minhas ações exteriores tornam-se a manifestação desta vida de Jesus em mim. Assim, tendo para a realização do ideal de Vida Interior formulado por s. Paulo: Já não sou eu que vivo, é Jesus Cristo que vive em mim.

Vida cristã, piedade, vida interior, santidade não diferem essencialmente; são os diversos graus de um só e mesmo amor; são o crepúsculo, a aurora, a luz, o esplendor de um mesmo sol.

A minha vida interior há de ser pois a minha vida cristã aperfeiçoada. O essencial da vida cristã limita-se aos esforços necessários para conservar a graça santificante. A vida interior vai mais além. Visa o desenvolvimento desta graça, procura atrair graças atuais abundantes e corresponder a elas.

Posso, pois, defini-la o estado de atividade de uma alma que reage a fim de regular as suas inclinações naturais e se esforça por adquirir o hábito de julgar e de se dirigir em tudo consoante as luzes do Evangelho e os exemplos de nosso Senhor.

Portanto, dois movimentos. Por via do primeiro, a alma subtrai-se a tudo quanto o criado possa ter de contrário à vida sobrenatural e procura estar incessantemente presente a si mesma: *Avérsio a creaturis*. Por via do segundo, a alma tende para Deus e com êle se une: *Convérsio ad Deum*.

Assim é que esta alma quer ser fiel à graça que nosso Senhor lhe oferece a cada momento. Em suma, vive unida a Jesus e realiza o *Qui manet in Me et Ego in eo, hic fert fructum multum* ⁽¹⁾.

3.^a Verdade. — Privar-me-ia de um dos mais poderosos meios de adquirir esta vida interior, se me não esforçasse por ter fé precisa e certa desta presença ativa de Jesus em mim, e sobretudo por alcançar que essa presença se torne em mim uma realidade viva, vivíssima até, que vá penetrando cada vez mais a atmosfera das minhas faculdades. Tornando-se por esta forma Jesus minha luz, meu ideal, meu conselho, meu apoio, meu recurso, minha fôrça, meu médico, minha consolação, minha alegria, meu amor, numa palavra minha vida, hei de adquirir tôdas as virtudes. Sòmente então poderei dizer, com tôda a sinceridade, a admirável oração de s. Boaventura que a Igreja me propõe na ação de graças depois da missa: *Transfige dulcíssime Dómine Jesu...*

4.^a Verdade. — A minha vida sobrenatural pode crescer a cada instante em proporção com a intensidade do meu amor a Deus, por meio de nova infusão da graça da presença ativa de Jesus em mim; infusão produzida:

a) Por ocasião dos **Atos meritórios** (virtude, trabalho, sofrimentos sob as suas diversas formas: privação das criaturas, dor física ou moral, humilhação, abnegação, oração, missa, ato de devoção a nossa Senhora, etc.).

b) Pelos Sacramentos, sobretudo a Eucaristia.

É, pois, certo, e esta consequência esmaga-me com a sua sublimidade e profundeza, mas enche-me sobretudo de júbilo e de coragem, é, pois, certo que por meio de cada acontecimento, pessoa ou coisa, vós, ó Jesus, vós próprio vos apresentais objetivamente a mim e em todos os momentos. Ocultais sob essas aparências vossa sabedoria e vosso amor, e solicitais minha cooperação para aumentar em mim vossa vida.

Ó minha alma, é sempre Jesus que a ti se manifesta por meio da graça do momento presente, oração a dizer, missa a celebrar ou a ouvir, leitura a fazer, atos de paciência, de zêlo, de renúncia, de luta, de confiança, de

(1) O que permanece em mim, e eu nêle, êsse dá muito fruto (Jo., 15, 5).

amor a praticar. Ousarás desviar teus olhares ou esconder-te?

5.^a Verdade. — A tríplice concupiscência, causada pelo pecado original e aumentada por meio de cada um dos meus pecados atuais, gera em mim elementos de morte opostos à vida de Jesus. Ora, êsses elementos diminuem o exercício desta vida, na medida do grau em que se desenvolverem. Podem até, ai! chegar a suprimi-la.

Sem embargo, inclinações e sentimentos contrários a essa vida, tentações, embora violentas e prolongadas, nenhum prejuízo lhe causam enquanto a minha vontade a tudo isso se opuser. E então, verdade consoladora, contribuem até, como qualquer elemento de combate espiritual, para aumentá-la, e isto conforme a medida do meu zêlo.

6.^a Verdade. — Sem o emprêgo fiel de certos meios, a minha inteligência há de obcecar-se e a minha vontade tornar-se mui fraca para cooperar com Jesus no aumento e na conservação da sua vida em mim. Desde logo, diminuição progressiva dessa vida e marcha para a **tibieza de vontade**⁽¹⁾. Por dissipação, cobardia, ilusão, cegueira, eu pactuo então com o pecado venial. Portanto, insegurança para a minha salvação, porque disposição fácil para o pecado mortal.

Se por desgraça viesse a cair nesta tibieza (e a fortiori se ainda estivesse mais baixo), deveria tentar tudo para dela sair: a) Reavivar meu temor de Deus, pondo-me de maneira decidida em presença do meu fim, da morte, dos juízos de Deus, do inferno, da eternidade, do pecado, etc. b) Fazer reviver a minha compunção de amor pelo conhecimento das vossas chagas, ó misericordioso Redentor. Em espírito, no Calvário, eu me prostrarei a vossos pés sacra-

(1) Esta tibieza é perfeitamente distinta da secura e da repugnância que às vezes, malgrado seu, sentem os fervorosos. Os pecados veniais que escapam à fragilidade e são **combatidos** e imediatamente detestados apenas cometidos nem tampouco manifestam a **tibieza de vontade**.

A alma assim tibia tem duas vontades diversas, boa uma e má a outra; uma ardente e a outra fria. Por um lado, quer a salvação e por isso evita os pecados mortais evidentes; por outro lado, não quer as exigências do amor de Deus, pelo contrário, quer as comodidades duma vida livre e fácil; e por isso toma a liberdade de cometer pecados veniais deliberados...

Quando esta tibieza **não é combatida**, o fato mesmo de o não ser mostra que na alma existe má vontade, não total, senão parcial: isto é, que há uma parte da vontade que está dizendo a Deus: "Neste ou naquele ponto, não quero cessar de vos desagradar" (Pe. Desurmont, C. SS. R., *Le retour continuel à Dieu*).

tíssimos, a fim de que o vosso sangue vivo, correndo por minha cabeça e pelo coração, dissipe minha cegueira, derreta o gêlo de minha alma e galvanize o entorpecimento de minha vontade.

7.^a Verdade. — Mui deveras devo temer o não possuir o grau de vida interior que Jesus **exige** de mim.

a) Se cesso de aumentar a minha sêde de viver de Jesus, sêde que me dá, tanto o desejo de agradar a Deus em tudo, como o temor de lhe desagradar seja no que fôr. Ora, com tôda a certeza cesso, se não mais ponho em prática os meios, mormente: meditação matutina, exames particular e geral, leitura espiritual, missa e sacramentos; ou se, por culpa minha, êsses meios já não me são proveitosos.

b) Se não tenho aquêlo mínimo grau de **recolhimento** que me permita, no decurso das minhas ocupações, conservar o meu coração numa pureza e numa generosidade suficientemente grandes para não ser abafada a voz de Jesus, assinalando-me os elementos de morte que se apresentam, e convidando-me a combatê-los. Ora, êsse grau mínimo há de, por certo, faltar-me, se me absteriver dos meios que podem assegurá-lo: vida litúrgica, orações jaculatorias sobretudo em forma de súplica, comunhões espirituais, exercício da presença de Deus, etc.

Sem êle, os pecados, veniais hão de chegar a pulular na minha vida, e poderei até não fazer caso dêles. Para os ocultar e até para esconder de mim mesmo um estado mais lamentável, a ilusão há de servir-se das aparências de uma piedade mais especulativa que prática, de zêlo pelas obras, etc. No entanto, fico responsável pela minha cegueira, já que fiz nascer e alimento a causa dela, devido à ausência dêsse recolhimento indispensável.

8.^a Verdade. — A minha vida interior há de ser o que a minha guarda do coração fôr: *Omni custódia serva cor tuum, quia ex ipso vita procedit* (1).

Esta guarda do coração outra coisa não é senão a solicitude **habitual**, ou pelo menos freqüente, em preservar todos os meus atos, à medida que êles se vão apresentando, de tudo o que poderia viciar a sua **causa motriz** ou a sua **prática**.

(1) Aplica-te com todo o cuidado possível à guarda do teu coração, porque dêle é que procede a vida (Prov., 4, 23).

Solicitude tranqüila, natural, sem contensão, mas bastante enérgica pois se baseia no recurso filial a Deus.

É um trabalho mais do coração e da vontade que do espírito, o qual deve ficar livre para a prática dos seus deveres. Longe de embaraçar a ação, a guarda do coração aperfeiçoa-a, regulando-a pelo espírito de Deus e acomodando-a aos deveres do estado.

Este exercício pratica-se a todos os momentos. É uma vista, por meio do coração, das ações presentes e uma atenção moderada às diversas partes de uma ação à medida que ela se vai pondo em prática. É a observância exata do *age quod agis*. Como sentinela vigilante, a alma exerce a sua solicitude sôbre todos os movimentos do seu coração, sobretudo quanto se passa no seu interior: impressões, intenções, paixões, inclinações, numa palavra, sôbre todos os seus atos interiores e exteriores, pensamentos, palavras, ações.

A guarda do coração exige certo recolhimento; a alma dissipada não pode pô-la em prática.

Por meio da freqüência dêste exercício, pouco a pouco se vai adquirindo o hábito dêle.

Quo vadam et ad quid? Que faria Jesus? Como se comportaria êle em meu lugar? Que me aconselharia? Que exige êle de mim neste momento? Tais são as questões que espontâneamente se apresentam à alma ávida de vida interior.

Para a alma que vai a Jesus por Maria, esta guarda do coração reveste-se de um caráter ainda mais afetuoso, e o recurso a esta boa mãe torna-se uma como incessante necessidade para o seu coração.

9.^a Verdade. — Jesus Cristo reina na alma, quando esta aspira a imitá-lo sèriamente, em tudo e com todo o afeto. Nesta imitação há dois graus: a) A alma esforça-se por se tornar indiferente às criaturas consideradas em si, quer sejam conformes quer contrárias a seus gostos. A exemplo de Jesus, apenas quer como sua regra única e universal a vontade de Deus: *Descendi de cælo, non ut fáciam voluntatem meam, sed voluntatem ejus qui misit me* ⁽¹⁾. b) *Christus non sibi plácuit* ⁽²⁾. A alma inclina-se

(1) Eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquelle que me enviou (Jo., 6, 38).

(2) Rom., 15, 3. Jesus Cristo não teve complacência consigo mesmo.

de melhor vontade para o que a contraria e repugna à natureza. Realiza então o agendo contra de que fala santo Inácio na sua célebre meditação do Reino de Cristo. É a ação contra a natureza, a fim de se preferir o que imita a pobreza do Salvador e o seu amor pelos sofrimentos e pelas humilhações. Segundo a expressão de s. Paulo, é então que a alma conhece verdadeiramente a Cristo: *Dicistis Christum* (1).

10.^a Verdade. — Seja qual fôr meu estado, Jesus oferece-me, caso eu queira orar e tornar-me fiel à sua graça, todos os meios de regressar a uma vida interior que me restitua sua intimidade e me permita desenvolver em mim sua vida. Então, no decurso dos seus progressos, minha alma não cessará de possuir a alegria, até no seio das provações, e nela se realizarão as palavras de Isaías: Então romperá tua luz como a aurora, e tua saúde mais depressa nascerá; e a justiça irá adiante de tua face, e a glória de Javé será a tua retaguarda. Então invocarás a Javé e êle te atenderá; tu clamarás a êle, e êle te dirá: *Eis-me aqui...* E Javé será sempre o teu guia; saciará a tua alma nos lugares áridos, e dará vigor aos teus ossos; tu serás como um jardim de regadio, como uma fonte cujas águas nunca faltarão (2).

11.^a Verdade. — Se Deus exigir assim de mim a aplicação da minha atividade à minha santificação, como às obras, antes de mais nada hei de arraigar em minha alma esta convicção firme: Jesus deve ser e quer ser a vida dessas obras.

Meus esforços por si nada são, absolutamente nada: *Sine me Nihil potestis fácere* (3). Sòmente serão úteis e abençoados por Deus, quando eu, por meio de uma verdadeira vida interior, os trazer constantemente unidos à ação vivificadora de Jesus. Então se tornarão onipotentes: *Omnia possum in eo qui me confortat* (4). Se promanassem de uma capacidade orgulhosa, da confiança nos meus talentos, do desejo de bons êxitos, seriam rejeitados por Deus, porquanto não seria acaso sacrílega

(1) *Efés.*, 4, 20.

(2) *Is.*, 58 8, 9, 11.

(3) *Sem mim, vós não podeis fazer nada* (*Jo.*, 15, 5).

(4) *Tudo posso naquele que me conforta* (*Filip.*, 4, 13).

loucura da minha parte querer arrebatara a Deus, para com ela me adornar, uma porção de sua glória?

Longe de gerar em mim a pusilanimidade, essa convicção será minha força. E como ela me fará sentir a necessidade da oração para obter essa humildade, tesouro para minha alma, segurança do auxílio de Deus e penhor de bom êxito para minhas obras!

Compenetrado da importância dêste princípio, hei de fazer durante os meus retiros sério exame de consciência para reconhecer — se minha convicção da nulidade da minha ação quando desacompanhada e da sua força quando unida à ação de Jesus, não está abalada, — se excluo implacavelmente qualquer complacência ou vaidade, qualquer contemplação do meu “eu” em minha vida de apóstolo, — se me mantenho numa desconfiança absoluta de mim mesmo, — e se peço a Deus que vivifique minhas obras e me preserve do orgulho, primeiro e principal obstáculo a seu concurso.

Êste credo da vida interior, tornado a base da existência para a alma, assegura-lhe, já neste mundo, a participação da felicidade celeste.

Vida interior, vida dos predestinados.

Corresponde ao fim que Deus se propôs ao criar-nos⁽¹⁾.

Corresponde ao fim da Encarnação: *Filium suum unigénitum misit Deus in mundum ut vivamus per eum*⁽²⁾.

Estado bem-aventurado: *Finis humanæ creaturæ est adhærere Deo: in hoc enim felicitas ejus consistit*⁽³⁾. Ao contrário das alegrias do mundo, se exteriormente existem nêles espinhos, dentro subsistem as rosas. Como se deve lamentar essa pobre gente do mundo! dizia o santo cura de Ars. Pesa-lhes sôbre os ombros um manto de espinhos; não podem fazer um movimento sem se picarem; ao passo que os verdadeiros cristãos têm um manto for-

(1) *Ad contemplandum quippe Creatorem suum homo cõditus fuerat ut ejus semper spêciem quæret atque in soliditate amoris illius habitaret* (S. Greg., Moral. I. VIII, c. XII).

(2) Deus enviou o seu Filho unigênito ao mundo para que nós vivamos por Ele (I. Jo., 4, 9).

(3) O fim da criatura humana é unir-se a Deus: tãda a sua felicidade nisso consiste (S. Tom.).

rado de arminho. Cruce[m] vident, unctio[n]em non vident⁽¹⁾.

Estado celeste! A alma torna-se um céu vivo⁽²⁾.

Como santa Margarida Maria, ela canta:

Eu possuo constantemente
E acompanha os passos meus,
O Deus do meu coração
E o coração do meu Deus.

É o comêço da bem-aventurança: Inchoatio quædam beatitûdinis⁽³⁾. A graça é o céu em germe.

4. Quão desconhecida é esta vida interior

S. Gregório Magno, tão hábil administrador e zeloso apóstolo como grande contemplativo, com uma só palavra: *secum vivebat*⁽⁴⁾, caracteriza o estado de alma de s. Bento, que, em Subiáco, lançava os fundamentos da sua regra, tornada uma das mais poderosas alavancas de apostolado de que Deus se tem servido na terra.

É precisamente o contrário que se deve afirmar da grande maioria dos nossos contemporâneos; Viver consigo mesmo, em si mesmo, querer-se governar e não se deixar governar pelas coisas exteriores, reduzir a imaginação, a sensibilidade e até a inteligência e a memória ao papel de servas da vontade e conformar constantemente esta vontade com a vontade de Deus, é programa que dia a dia se vai aceitando cada vez menos, neste século de agitação que viu nascer um ideal nôvo: o amor da ação pela ação.

Para frustrar esta disciplina das faculdades, bons se julgam todos os pretextos: negócios, cuidados de família, higiene, boa fama, amor da pátria, prestígio da corporação, pretensa glória de Deus, procuram à porfia impedir-nos de viver em nós mesmos. Esta espécie de delírio da vida fora de si chega até a exercer sôbre nós uma fascinação irresistível.

(1) Vêem a cruz, mas não vêem a unção (S. Bern.).

(2) *Semper memineris Dei, et cœlum mens tua evadit* (S. Ef.). *Mens animæ paradísus est, in qua, dum cœlestia meditatur quasi in paradíso voluptatis delectatur* (Hug. a S. Vict.).

(3) S. Tom., 2.a, 2.ae, q. 180, a. 4.

(4) *Vivia consigo mesmo.*

Devemos admirar-nos então de que a vida interior seja desconhecida?

Desconhecida, é ainda dizer pouco; essa vida é amiúde desprezada e ridicularizada, até por aquêles mesmos que mais deveriam apreciar as suas vantagens e a sua necessidade. Houve-se mister da memorável carta dirigida por Leão XIII ao Cardeal Gibbons, arcebispo de Baltimore, para protestar contra as conseqüências perigosas de uma admiração exclusiva pelas obras.

A fim de evitar o trabalho da vida interior, o homem da igreja chega a desconhecer a excelência da vida com Jesus, em Jesus, por Jesus; chega a esquecer que, no plano da Redenção, tudo, ainda que construído sôbre a rocha de Pedro, nem por isso deixa de ter seus fundamentos na vida eucarística. Relegar para o segundo plano o essencial, eis no que inconscientemente trabalham os partidários dessa espiritualidade moderna, designada pela palavra: **americanismo**. Para êles, a igreja não é ainda um templo protestante. O sacrário não está ainda vazio. Mas a vida eucarística, em sua opinião, quase não pode adaptar-se, nem sobretudo bastar às exigências da civilização moderna; e a vida interior que necessariamente promana da vida eucarística, já passou da moda.

Para as pessoas, e são legião, imbuídas dessas teorias, a comunhão perdeu o verdadeiro sentido que nela encontravam os primeiros cristãos. Acreditam na Eucaristia, mas não a consideram já como um elemento de vida tão necessário para elas como para as suas obras. Visto que os colóquios íntimos com Jesus-Hóstia quase não existem já para essas pessoas, nenhuma admiração nos deve causar o fato de se considerar a vida apenas como uma **lembrança da Idade-Média**.

Realmente, ao ouvir a maneira como êsses homens de obras falam das suas emprêsas, seríamos levados a pensar que o Onipotente, o qual criou os mundos sem esforço algum e perante quem o universo mais não é do que poeira e nada, não pode prescindir do seu concurso! Sutilmente, grande número de fiéis, e até de sacerdotes e religiosos, ao prestarem tanto culto à ação, chegam a fazer dela uma espécie de dogma, que inspira sua atitude, os seus atos e os leva a entregarem-se desenfreadamente

a uma vida fora de si mesmos. A Igreja, a diocese, a paróquia, a congregação, a obra carecem dos meus serviços, como êles se julgariam felizes em poder dizer isto... Eu sou mais que útil a Deus. E se não ousam manifestar tal ênfatuação, existe, entretanto, latente no fundo de sua alma, assim a presunção que lhe serve de base, como a atenuação de fé que lhe deu origem.

Com freqüência ordena-se ao neurastênico que se abstenha, e às vêzes por largo período de tempo, de todos os trabalhos. Remédio para êle insuportável, porque a sua doença o lança precisamente em excitação febril, que, tornada como segunda natureza, o impele a procurar incessantemente nôvo dispêndio de fôrças e comoções que lhe agravam o mal.

Assim sucede quase sempre ao homem de obras, com relação à vida interior. Tanto mais a desdenha, que digo? tanto maior repugnância sente por ela, quanto sòmente na sua prática se encontra o remédio para o seu estado mórbido. Procurando de preferência atordoar-se cada vez mais sob a avalanche de trabalhos crescentes e mal dirigidos, vai dessa sorte afastando tôda a possibilidade de cura.

O navio desliza a todo o vapor. E enquanto aquêle que o dirige admira a velocidade da marcha, Deus julga que êsse navio, por falta de pilôto prudente, corre à ventura e com perigo de soçobrar. Adoradores em espírito e em verdade, eis o que nosso Senhor exige antes de mais nada. Ilude-se o "americanismo", pensando que contribui para a maior glória de Deus, visando principalmente aos resultados exteriores.

Êste estado de espírito explica bem o fato contemporâneo de se apreciarem ainda as escolas, os dispensários, as missões, os hospitais e de se compreender, ao contrário, cada vez menos a dedicação na sua forma íntima, pela penitência e pela oração. Não tendo já fôrças para acreditar na virtude da imolação oculta, muitos não se contentam apenas com tratar de cobardes e de iluminados os que a ela se consagram na solidão do claustro, sem ficarem inferiores no zêlo ardente pela salvação das almas aos mais infatigáveis missionários; metem ainda a ridículo as pessoas de obras que julgam indispensável

roubar alguns instantes às ocupações mais úteis, para irem purificar e inflamar seu zêlo junto do sacrário, e obter do Hóspede divino maiores e melhores resultados para seus trabalhos.

5. Resposta a uma primeira objecção: É ociosa a vida interior?

Este livro apenas se dirige a homens de obras, animados por ardente desejo de trabalhar pela salvação das almas, mas expostos a negligenciar as medidas necessárias para que sua dedicação produza frutos fecundos nas almas, sem que para elles próprios se torne um dissolvente de vida interior.

Estimular os pretensos apóstolos que prestam culto ao repouso; galvanizar as almas iludidas pelo egoísmo que lhes mostra na ociosidade um meio de favorecer a piedade; sacudir a indiferença desses indolentes, desses inertes que, com a esperança de alguns proveitos ou honras, estão dispostos a aceitar certas obras, contanto que elas em nada perturbem seu sossêgo e seu ideal de tranqüilidade: tal não é nosso fito. Essa tarefa reclamaria uma obra especial.

Deixando, pois, a outros o cuidado de fazer compreender a essa categoria de apáticos as responsabilidades de uma existência que Deus quisera ativa e que o demônio, de concôrto com a natureza, torna infecunda por falta de atividade e de zêlo, voltemos aos queridos e veneráveis colegas para quem especialmente escrevemos.

Nenhuma comparação pode exprimir bem a intensidade infinita de atividade que existe no seio de Deus. A vida interior do Pai é tal que gera uma pessoa divina. Da vida interior do Pai e do Filho procede o Espírito Santo.

A vida interior comunicada aos apóstolos no cenáculo imediatamente lhes inflamou o zêlo.

Para tôdas as pessoas instruídas que se não esforçam por desvirtuá-la, essa vida interior é um princípio de dedicação.

Ainda que se não revelasse por manifestações exteriores, a vida de oração é sempre em si e intimamente

fonte de atividade, a nenhuma outra comparável. Nada mais falso do que ver nela qual oásis, servindo de refúgio aos que sossegadamente querem passar sua vida. Basta que seja o caminho que mais diretamente conduz ao reino dos céus para que o texto: *Regnum cœlorum vim patitur, et violenti rapiunt illud* (1) lhe deva ser especialmente aplicado.

D. Sebastião Wyart, que conhecera tão bem os trabalhos do asceta como as fadigas da vida militar, o labor do estudo e os cuidados inerentes ao cargo de superior, comprazia-se em dizer amiúde que havia três espécies de trabalhos:

1.º O trabalho quase exclusivamente físico daqueles que exercem uma profissão manual, do lavrador, do artista, do soldado. Este trabalho, afirmava êle, pense-se o que se quiser, é o menos rude dos três;

2.º O trabalho intelectual do sábio, do pensador, procurando, por vêzes, tão àrduamente a verdade, o do escritor, do professor, que envidam todos os esforços para a fazer penetrar em outras inteligências, o do diplomata, do negociante, do engenheiro, etc., os esforços de cabeça do general, durante o combate, para prever, dirigir e decidir. Em si, diz êle, este trabalho é muito mais penoso que o primeiro, e o adágio — *a função gasta o órgão* — exprime esta prioridade.

3.º Enfim o trabalho da vida interior. Dos três (e êle não hesitava em proclamá-lo), é o mais penoso quando se toma a sério (2). Mas é também o que nos oferece maior número de consolações neste mundo. É também o mais importante. Constitui não já a profissão do homem, mas o próprio homem. Quantos se ufanam de ser corajosos nos dois primeiros gêneros de trabalhos e alcançam fortuna e êxito, não passam de inertes, de preguiçosos, de cobardes, quando se trata do trabalho para a virtude!

O ideal do homem decidido a adquirir a vida interior é esforçar-se por se dominar incessantemente a si mesmo e a tudo aquilo que o rodeia, a fim de que tôdas as suas

(1) O reino dos céus sofre violência, e os que fazem violência são os que o arrebatam (Mt. 11, 12).

(2) *Major labor est resistere vitiis et passiónibus quam corporálibus insudare labóribus* (s. Greg.).

ações redundem em glória de Deus. Para o realizar, esforça-se por se conservar unido a Jesus Cristo em tôdas as circunstâncias, com os olhos fitos no escopo a atingir, e pesa tudo à luz do Evangelho. Quo vadam et ad quid? (1) repete com santo Inácio. Tudo, portanto, nêle, tanto a inteligência e a vontade como a memória, a sensibilidade, a imaginação e os sentidos, tudo depende de um princípio. Mas quão enorme soma de trabalho lhe custa o chegar a êste resultado! Quer se mortifique ou se entregue a um ou outro recreio lícito, quer reflita ou execute, quer trabalhe ou descanse, quer ame o bem ou sinta aversão pelo mal, quer deseje ou tema, quer aceite a alegria ou a tristeza, cheio de esperança ou de temor, indignado ou tranqüilo, sempre e em tudo se esforça com energia por manter a cana do leme na direção da plena vontade divina. Na oração, sobretudo junto da Eucaristia, ainda mais completamente se isola dos objetos visíveis, a fim de chegar a falar com Deus invisível como se o visse com os próprios olhos (2). No decurso dos trabalhos apostólicos, procura realizar êsse ideal que s. Paulo admira em Moisés.

Adversidades da vida, tormentas suscitadas pelas paixões, nada logra fazê-lo desviar um só ápice da linha de conduta que se impôs. Se, porventura, fraqueja um momento, depressa recobra ânimo e continua com mais vigor a marcha para a frente.

Que trabalho! Como facilmente se compreende que Deus recompense já neste mundo com alegrias especiais aquêle que não recua perante o esforço exigido por êsse trabalho!

Ociosos, concluía D. Sebastião, ociosos os verdadeiros religiosos, os padres interiores e cheios de zêlo! Deixem-se de histórias! Êles, os mundanos mais azafamados, que venham analisar se o seu trabalho se pode comparar com o nosso.

Quem o não tem experimentado? Às vêzes, sentimo-nos inclinados a preferir longas horas de uma ocupação fatigante a meia-hora de oração bem feita, a assis-

(1) Para onde e a que irei?

(2) Invisibilem enim tamquam videns sustinuit (Heb., 11, 27).

tência séria à missa, à reza seguida de um officio (1). O pe. Faber manifesta-se desolado em verificar que, para alguns, “o quarto de hora que se segue à comunhão é o quarto de hora mais enfadonho do dia”. Tratando-se de breve retiro de três dias, quantas repugnâncias para certos! Separar-se por três dias da vida fácil embora ocupadíssima e viver no sobrenatural, infiltrando-o durante êsse retiro em tôdas as minudências da existência; obrigar o próprio espirito a contemplar tudo, durante êsse tempo, sòmente aos clarões da fé, e o próprio coração a esquecer tudo para sòmente aspirar a Jesus e à sua vida; conservar-se face a face consigo mesmo e pôr a nu as próprias enfermidades e fraquezas da alma; lançar essa alma no crisol, sem piedade pelas suas recriminações: eis uma perspectiva que faz recuar grande número de pessoas prontas, todavia, para tôdas as fadigas, contanto que apenas se trate de dispêndio de atividade puramente natural.

E se três dias de tal ocupação já parecem tão penosos, que sentirá a natureza perante a idéia de uma vida inteira que gradualmente se pretenda submeter ao regime da vida interior?

Certo que, neste trabalho de desprendimento, a graça entra em larga escala, tornando o jugo suave e o fardo leve. Mas quão grande é a matéria para esforços que a alma aí encontra! Sempre lhe há de custar o regresso ao caminho reto e a volta ao *Conversatio nostra in caelis est* (2). S. Tomás explica isto perfeitamente: o homem, diz êle, está colocado entre as coisas dêste mundo e os bens espirituais, nos quais reside a felicidade eterna. Quanto mais adere a uns, tanto mais se afasta dos outros, e vice versa (3). Na balança, se um dos pratos se abaixa, o outro proporcionalmente se eleva. Tendo a catástrofe

(1) Texto a citar de D. Festugière, O. S. B.: “Sejam quais forem as dificuldades da vida ativa, só os inexperientes é que ousam negar as provocações da vida interior. Muitos ativos, apesar de sinceramente piedosos, confessam que, muitas vezes, o que mais lhes custa na vida, não é a ação, mas a parte obrigatória da oração. Quando chega a hora da ação, sentem-se como que aliviados”.

(2) A nossa conversação está nos céus (Filip., 3, 20).

(3) *Est homo constitutus inter res mundi hujus et bona spiritalia, in quibus aeterna beatitudo consistit, ita quod, quanto plus inheret, uni eorum, tanto plus recedit ab áltero et e contrario* (1.a 2.ae, q. 108, a. 4).

do pecado original transtornado a economia do nosso ser, tornou êste duplo movimento de aderência e de afastamento de efetivação penosa. Para restabelecer e conservar pela vida interior a ordem neste “pequeno mundo” que é o homem, é desde então necessário trabalho, pena e sacrifício. Trata-se de um edifício desmoronado a reconstruir e em seguida a preservar de nova ruína.

Arrancar constantemente aos pensamentos da terra, pela vigilância, pela renúncia e pela mortificação, êste coração onerado com todo o pêso da natureza corrompida, gravi corde (1); reformar o próprio caráter especialmente nos pontos em que êle menos se assemelha à fisionomia da alma de nosso Senhor, dissipação, arrebatamento, complacência em si mesmo ou fora de si, manifestações de orgulho ou de naturalismo, dureza, egoísmo, falta de bondade, etc.; resistir ao engôdo do prazer presente e sensível com a esperança de uma felicidade espiritual, que sômente se desfrutará após longa expectativa; desapegar-se de tudo quanto é susceptível de lhe fazer amar o mundo; fazer do conjunto das criaturas, desejos, cobiças, concupiscências, bens exteriores, vontade e juízo próprios, um holocausto sem reserva. . . , que tarefa!

E, todavia, isto tudo é ainda tão-sòmente a parte negativa da vida interior. Depois dêste peito a peito que fazia gemer s. Paulo (2) e que o pe. de Ravignan exprimia por estas palavras: “Perguntais-me o que fiz durante o noviciado? Éramos dois, atirei um pela janela fora e fiquei sòzinho”, depois dêste combate sem tréguas contra um inimigo sempre prestes a renascer, é necessário proteger contra os mínimos regressos do espírito natural um coração que, purificado pela penitência, arde agora em desejos de reparar os ultrajes feitos a Deus, desenvolver tôda a energia para o conservar sempre apegado às belezas invisíveis das virtudes a adquirir para imitar as de Jesus Cristo, esforçar-se por conservar até nas particularidades mínimas da existência a confiança absoluta na Providência: é êste o lado positivo da vida interior. Quem

(1) Sl., 4.

(2) *Condelector enim legi Dei secundum interiorem hominem: video autem aliam legem in membris meis repugnantem legi mentis meae, et captivantem me in lege peccati, quæ est in membris meis. Infelix ego homo; quis me liberabit de corpore mortis hujus (Rom., 7, 22-24)?*

não adivinha o campo ilimitado de trabalho que aqui se patenteia! (1)

Trabalho íntimo, assíduo, constante. E, no entanto, precisamente por meio dêste trabalho é que a alma adquire maravilhosa facilidade e surpreendente rapidez de execução para os trabalhos apostólicos. Só a vida interior possui êste segredo.

As obras imensas levadas a cabo, apesar de uma saúde precária, por um Agostinho, um João Crisóstomo, um Bernardo, um Tomás de Aquino, um Vicente de Paulo causam-nos assombro. Êste assombro sobe, porém, de ponto ao vermos êsses homens, a despeito dos seus trabalhos quase incessantes, manterem-se na mais constante união com Deus. Mais do que outros quaisquer, apagando a sede na fonte da vida pela contemplação, êsses santos iam nela haurir amplíssima capacidade de trabalho.

Ê isto que expressava um dos nossos grandes bispos, sobrecarregado de afazeres, quando disse a um estadista, como êle também muito atarefado de negócios, que lhe perguntara o segredo da sua serenidade constante e dos resultados admiráveis das suas obras: “A tôdas as suas occupações, meu caro amigo, ajunte ainda meia hora de meditação tôdas as manhãs. Desta sorte não só despachará todos os seus negócios, como há de encontrar ainda tempo para realizar outros”.

Enfim, não vemos o santo rei Luís IX encontrar, nas oito ou nove horas que habitualmente consagrava aos exercícios da vida interior, o segredo e a fôrça de se dedicar aos negócios do estado e ao bem dos seus súditos com tanta solícitude que, na confissão de um orador socialista, jamais, em nossa época, se fêz tanto a favor das classes operárias como sob o reinado dêsse príncipe.

6. Resposta a uma segunda objeção: Ê egoísta a vida interior?

Não falamos nem do preguiçoso nem do glutão espiritual, que fazem consistir a vida interior nas alegrias de uma ociosidade agradável e que procuram as consolações

(1) *Allo modo (homo potest vivere) per hoc quod totaliter divinis rebus inhæret, et hoc supra hominem* (D. Thom., 2.a 2.a, q. 188, a. 8. ad. 5).

de Deus muito mais que o Deus das consolações. A sua é uma piedade falsa. Contudo, não tem melhor compreensão da vida interior aquêle que, ou porque não refletiu, ou porque recusa deixar um preconceito, declara egoísta a vida interior.

Já dissemos que esta vida é a fonte pura e abundante das mais generosas obras de caridade para com as almas e da caridade que visa ao alívio dos sofrimentos dêste mundo. Examinemos a utilidade desta vida por outro prisma.

Egoísta e estéril a vida interior de Maria e de José! Que blasfêmia e que absurdo! E, contudo, nenhuma obra exterior lhes é atribuída. A irradiação sôbre o mundo de uma vida interior intensiva, os méritos das orações e dos sacrifícios aplicados à extensão dos benefícios da Redenção bastaram para constituir Maria, rainha dos apóstolos, e José, padroeiro da Igreja universal ⁽¹⁾.

Sóror mea relíquit me solam ministrare ⁽²⁾, diz servindo-se das palavras de Marta o tolo presunçoso que não vê senão as próprias obras exteriores e seus resultados.

Sua fatuidade e sua diminuta compreensão das vias divinas não chegam ao extremo de o fazer supor que Deus precisa absolutamente dêle. Todavia, de boa vontade, repete ainda com Marta incapaz de apreciar a excelência da contemplação de Madalena: *Dic illi ut me adjuvet* ⁽³⁾ e chega até a exclamar: *Ut quid perditio hæc?* ⁽⁴⁾, censurando como desperdício de tempo os momentos que os colegas no apostolado, mais interiores do que êle, se reservam a fim de assegurar sua vida íntima com Deus.

Por êles me santifico a mim mesmo para que êles sejam também santificados na verdade ⁽⁵⁾, responde a alma que compreendeu todo o alcance desta palavra do Mestre: **“Para que”**, e ela, conhecendo o valor da oração e do sacrifício, une às lágrimas e ao sangue do Redentor as lá-

(1) Em outro capítulo, veremos o que é esta vida interior que dá às obras a sua fecundidade.

(2) Minha irmã deixa-me sôzinha a servir (Lc., 10, 40).

(3) Dize-me pois que me ajude (Lc., 10, 40).

(4) Para que foi êste desperdício? (Mt. 24, 8).

(5) Pro eis ego sanctifico meipsum ut sint et ipsi sanctificati in veritate (Jo., 17, 19).

grimas dos seus olhos e o sangue de um coração que cada dia se vai purificando mais.

Com Jesus, a alma interior ouve a voz dos crimes do mundo subir até ao céu e atrair sôbre os seus autores o castigo, cuja sentença ela retarda pela onipotência da súplica, capaz de deter a mão de Deus prestes a fulminar raios.

Aquêles que oram, dizia depois da sua conversão o eminente estadista Donoso Cortés, fazem mais pelo mundo do que aquêles que combatem, e, se o mundo caminha cada vez pior, é porque há mais batalhas que orações.

“As mãos erguidas, diz Bossuet, desbaratam mais batalhões do que as mãos qñe ferem”. E no meio dos seus desertos, os solitários da Tabaida tinham muitas vêzes no coração o fogo que animava s. Francisco Xavier: pareciam, diz santo Agostinho, ter abandonado o mundo mais do que seria mister: *Videntur nonnulli res humanas plus quam oportet deseruisse*. Mas não se pensa, acrescentava, que as suas orações tornadas mais puras por êsse grande afastamento do mundo eram por isso mesmo de maior influência e mais necessárias para êsse mundo corrompido.

Ordinariamente uma oração curta, mas fervorosa, contribui muito mais para apressar uma conversão do que longas discussões e excelentes discursos. Aquêles que ora, trata com a **Causa primeira**. Opera diretamente sôbre ela. Tem, desta sorte, em mãos tôdas as causas segundas, visto como estas sòmente dêsse princípio superior recebem sua eficácia. Por isso o efeito desejado é então obtido com maior segurança e rapidez.

Dez mil hereges, no dizer de uma revelação respeitável, foram convertidos por uma só oração inflamada da seráfica santa Teresa, cuja alma ardendo em amor de Cristo não podia compreender uma vida contemplativa, uma vida interior que se desinteressasse das solitudes apaixonadas do Salvador pela redenção das almas. “Aceitaria o purgatório, diz ela, até ao juízo final; para livrar uma só dessas almas. E que me importaria a duração dos meus sofrimentos, se assim pudesse livrar uma só alma e sobretudo muitas para maior glória de Deus!” E, dirigindo-se às suas religiosas: “Dirigi para êste fim inteira-

mente apostólico, minhas filhas, vossas orações, vossas disciplinas, vossos jejuns, vossos desejos”.

Tal é, com efeito, a obra das Carmelitas, das Trapistas, das Clarissas. Vêde-as seguir a marcha dos apóstolos, alimentá-los com a superabundância de suas orações e de suas penitências. Suas súplicas precipitam-se do alto, num espaço tão dilatado como a marcha da cruz e o brilho do Evangelho, sôbre as almas, essas prêsas divinas! Ou antes, é seu amor oculto, mas ativo, que excita por tôda parte, no mundo dos pecadores, as vozes de misericórdia.

Ninguém conhece neste mundo o porquê dessas conversões longínquas de pagãos, da paciência heróica dêsses cristãos perseguidos, da alegria celeste dêsses missionários martirizados. Tudo isso está invisivelmente ligado à oração de alguma humilde freira. Com os dedos sôbre o teclado dos perdões divinos e das luzes eternas, sua alma silenciosa e solitária preside à salvação das almas e às conquistas da Igreja⁽¹⁾.

“Quero Trapistas neste vicariato apostólico, dizia Mons. Favier, bispo de Pequim. Desejo até que êles se abstenham de qualquer ministério exterior, a fim de que nada os distraia do trabalho, da oração, da penitência e dos santos estudos. Porque sei quão grande será o auxílio prestado aos missionários pela existência de um fervoroso mosteiro de contemplativos no meio dos nossos pobres chineses”. E mais tarde: “Conseguimos, enfim, penetrar numa região até hoje inacessível. Atribuo êste fato aos nossos queridos Trapistas”.

“Dez Carmelitas orando, dizia um bispo de Cochinchina ao governador de Saigão, auxiliar-me-ão muito mais do que vinte missionários pregando”.

Padres seculares, religiosos e religiosas votados assim à vida ativa como à vida interior, participam do mesmo poder sôbre o coração de Deus que as almas do claustro. Um padre Chevrier, um são João Bosco, um padre Antônio Maria, são frisantes exemplos. A bem-aventurada Ana Maria Taigi, nas suas funções de pobre dona de casa, era tão apóstolo como s. Bento José Labre fugindo dos caminhos freqüentados. O santo homem de Tours, o sr. Dupont, o coronel Paqueron, etc., abrasados no mesmo

1) *Lumière et flamme* (P. Léon, O. M.).

ardor, eram poderosos nas suas obras, porque eram homens de vida interior. E o general de Sonis, entre duas batalhas, encontrava na união com Deus o segredo de seu apostolado.

Egoísta e estéril a vida de um cura de Ars! O silêncio era a única coisa que mereceria tal afirmação. Todo espírito criterioso atribui precisamente à perfeição da sua intimidade com Deus, o zelo e os êxitos desse padre desprovido de talentos, mas que, tão contemplativo como um Cartuxo, sentia sede de almas que tinham tornado inextinguível seus progressos na vida interior, e recebia de nosso Senhor, que era sua vida, uma como participação do poder divino para operar conversões.

Infecunda, a sua vida íntima! Mas suponhamos um santo Vianney em cada diocese de um país; antes de dez anos, êste país ficaria regenerado e bem mais profundamente do que por multidões de obras insuficientemente edificadas sobre a vida interior e para cuja organização concorressem, além de grandes recursos pecuniários, o talento e a atividade de milhares de apóstolos.

Não tenhamos dúvida alguma, a principal razão de esperar a ressurreição da França e de numerosos outros países é que talvez em nenhuma outra época tenha havido o que de há alguns anos a esta parte se verifica, mesmo entre simples fiéis, a saber: uma porção de almas tão ardentemente desejosas de viver unidas ao Coração de Jesus e de dilatar o seu reinado, fazendo germinar em derredor delas a vida interior. Ínfima minoria, essas almas de escol? Talvez. Mas que importa o número, havendo a intensidade? A reconstrução da França após a Revolução, deve-se atribuir a essa plêiade de sacerdotes amadurecidos na vida interior pela perseguição. Por meio dêles, uma corrente de vida divina veio reanimar uma geração que a apostasia e a indiferença pareciam ter votado a uma morte que nenhum esforço humano vingaria conjurar.

Após cinqüenta anos de liberdade de ensino em França, após êsse meio século que viu a eclosão de obras inumeráveis e durante o qual nos passou pelas mãos a mocidade francesa e logramos, nós católicos, o apoio quase completo dos governantes, qual a razão por que, a despeito de resultados aparentemente gloriosos, não pu-

demos formar na nação maioria tão profundamente cristã que lutasse contra a coligação dos sectários de Satanás? Certo que o abandono da vida litúrgica e a cessação da sua irradiação sôbre os fiéis contribuíram para esta impotência. A nossa espiritualidade tornou-se acanhada, árida, superficial, exterior, ou inteiramente sentimental, e não mais possui aquela penetração e aquêlê incitamento da alma que causa a liturgia, essa grande fôrça de vitalidade cristã.

Mas não existirá também outra causa no fato de nós, padres, educadores, à mingua de vida interior intensiva, não têmos podido gerar senão almas de uma piedade superficial, sem ideal poderoso e sem profundas convicções? Professôres, não temos sido nós mais zelosos em alcançar o êxito dos diplomas e o prestígio da obra do que em dar às almas uma solidíssima instrução religiosa? Não temos despendido as nossas fôrças sem visar sobretudo à formação das vontades, para gravar em caracteres de rija têmpera a imagem de Jesus Cristo? E essa mediocridade não terá tido tantas vêzes por causa a banalidade da nossa vida interior?

A sacerdote santo, houve quem dissesse, corresponde povo fervoroso; a sacerdote fervoroso, povo piedoso; a sacerdote piedoso, povo honesto; a sacerdote honesto, povo ímpio. Sempre um grau de vida a menos naqueles que são gerados.

Seria talvez exagêro admitir esta proposição; julgamos, porém, que as seguintes palavras de santo Afonso exprimem suficientemente qual a causa a que se devem atribuir as responsabilidades de nossa atual situação:

“Os bons costumes e a salvação dos povos dependem dos bons pastôres. Se à frente de uma paróquia estiver um bom pároco, depressa nela se verá a devoção florescente, os sacramentos freqüentados, a oração mental praticada. Daí o provérbio: *Qualis pastor talis paróchia*, segundo esta palavra do Eclesiástico (10, 2): *Qualis est rector civitatis, tales et inhabitantes in ea* (1).

(1) *Homo apost.*, VII, 16.

7. Objeção tirada da importância da salvação das almas

Mas, dirá a alma exterior à procura de pretextos contra a vida interior, como atrever-me a limitar minhas obras de zêlo? Posso porventura dizer que despendo fôrças demais, tratando-se sobretudo da salvação das almas? A minha atividade não substitui tudo, com muita vantagem, pelo sublime exercício da dedicação? Quem trabalha, ora. O sacrifício avante-se à oração. E s. Gregório não chama ao zêlo das almas o mais agradável sacrificio que se possa oferecer a Deus? *Nullum sacrificium est Deo magis acceptum quam zelus animarum* (1).

Precisemos primeiramente o verdadeiro sentido desta frase de s. Gregório, servindo-nos da voz do Doutor angélico. Oferecer espiritualmente um sacrificio a Deus, diz êle, é oferecer-lhe alguma coisa que o glorifique. Ora, de todos os bens, o mais agradável que o homem pode oferecer é indubitavelmente a salvação de uma alma. Mas cada qual **deve antes de tudo** oferecer-lhe a sua própria alma, segundo o que diz a Escritura: **Quereis agradar a Deus, tende piedade de vossa alma.** Feito êste primeiro sacrificio, **ser-nos-á então** permitido proporcionar aos outros felicidade semelhante. Quanto mais **estritamente** o homem unir a Deus sua alma primeiro, e depois a de outrem, tanto mais favoravelmente será acolhido seu sacrificio. Mas esta união, tão íntima e generosa quão humilde, apenas pode contrair-se **pela oração.** Aplicar-se cuidadosamente ou fazer aplicar os outros à vida de oração, à contemplação, agrada, portanto, **muito mais** a Deus do que consagrar-se ou obrigar os outros à ação, às obras. Portanto, conclui s. Tomás, quando s. Gregório afirma que o sacrificio mais agradável a Deus é a salvação das almas, não é sua intenção dar à vida ativa preferência sobre a contemplação; quer apenas dizer que oferecer a Deus uma só alma, lhe dá infinitamente mais glória e a nós muito mais méritos do que apresentar-lhe tudo quanto de mais precioso exista na terra (2).

A necessidade da vida interior está tão longe de desviar das obras de zêlo as almas generosas, se a von-

(1) S. Greg., Homília 12 in Ezequ.

(2) D. Thom., 2.a 2.ae, q. 182, a. 2, ad 3.

tade de Deus claramente conhecida lhes manifestar como um dever o encarregarem-se delas, que subtrair-se a êsse trabalho ou tratá-lo com negligência, desertar do campo de batalha com o pretexto de melhor cultivar a própria alma e chegar a uma união mais perfeita com Deus, seria pura ilusão e, em certos casos, origem de verdadeiros perigos. *Væ mihi*, diz s. Paulo, *si non evangelizávero* (1).

Feita esta reserva, apressamo-nos em dizer que consagrar-se alguém à conversão das almas, esquecendo-se de si mesmo, origina uma ilusão mais grave. Deus quer que amemos ao próximo como a nós mesmos, mas nunca mais que a nós mesmos, isto é, nunca a ponto de pessoalmente nos prejudicarmos, o que, na prática, equivale a exigir mais cuidados com a nossa própria alma do que com a alma alheia, visto que o nosso zêlo deve ser regulado pela caridade; o *prima sibi cháritas* (2) permanece um adágio teológico.

“Eu amo Jesus Cristo, dizia santo Afonso de Ligório, e por isso mesmo abraço-me em desejos de lhe dar almas, primeiramente a minha, depois um número incalculável de outras.” É o cumprimento do *tuus esto ubique* (3) de s. Bernardo: “Não é sábio quem o não é consigo mesmo.”

O santo abade de Claraval, verdadeiro fenômeno de zêlo apostólico, seguia essa ordem. Godofredo, seu secretário, no-lo descreve: *Totus primum sibi et sic totus omnibus* (4).

Não vos digo, escreve êsse mesmo santo ao papa Eugênio III, que ponhais completamente de parte as ocupações seculares. Exorto-vos apenas a que não vos dediqueis inteiramente a elas. Se sois o homem de todos, sede-o também para vós mesmo. Do contrário, de que vos serviria ganhar os outros todos, se viésseis a perder vossa alma? Reservai, portanto, alguma coisa para vós mesmo e se todos vêm beber à vossa fonte, vós mesmo não vos priveis de beber nela. Pois só vós haveis de ficar com sede? Começai sempre por vos considerar a vós mesmo. **Debalde vos consagraríeis a outros cuidados, se chegásseis**

(1) *Ai de mim, se eu não evangelizar* (I Cor., 9, 16).

(2) *Caridade primeiro para consigo mesmo.*

(3) *Sê para ti mesmo em toda parte* (S. Bern., 1. II. De Consid., c III).

(4) *Todo para si mesmo primeiro, e assim todo para os outros* (Godofredo, *Vita S. Bernardi*).

a tratar a vós mesmo com negligência. Tôdas as vossas reflexões devem, portanto, começar por vós e terminar da mesma forma. Sêde para vós o primeiro e o último, e lembrai-vos que, no negócio de vossa salvação, ninguém tem maior parentesco convosco do que o filho único de vossa mãe (1).

Bastante sugestiva a seguinte Nota de retiro de Mons. Dupanloup: “Tenho uma atividade terrível que me arruína a saúde, me perturba a piedade e de nada serve à minha ciência. Isto deve ser regulado. Fêz-me Deus a graça de reconhecer que a atividade natural e o incitamento das ocupações são os principais obstáculos que vejo em mim para a conservação da vida interior tranqüila e frutuosa. Reconheci também que esta falta de vida interior é a origem de tôdas as minhas faltas, perturbações, securas, repugnâncias, de minha saúde precária.

“Resolvi, portanto, dirigir todos os meus esforços para a aquisição dessa vida interior que me falta e, com êsse fito, regulei, mercê de Deus, os pontos seguintes:

“1.º Reservarei sempre algum tempo além do necessário para fazer qualquer coisa: êste é o meio de nunca ter pressa nem aceleração.

2.º Como tenho sempre mais coisas a fazer do que tempo para as fazer, e como esta perspectiva me preocupa e me causa demasiada viveza, não mais hei de pensar nas coisas que tenho para fazer, e sim no tempo que devo consagrar-lhes. Hei de empregar êsse tempo sem perder um minuto, começando pelas coisas mais importantes; e, se algumas não puder fazer, nem por isso me hei de inquietar, etc...”

A muitas safiras, prefere o joalheiro o mínimo fragmento de diamante. Da mesma forma, consoante a ordem estabelecida por Deus, a nossa intimidade com êle muito mais o glorifica do que todo o bem possível proporcionado por nós a grande número de almas, mas com prejuízo de nosso progresso. Nosso Pai celeste, que mais se aplica ao govêrno do coração onde reina, do que ao govêrno natural de todo o universo e ao govêrno civil de

(1) A te tua inchoetur consideratio ne frustra extendaris in alia, te neglecto... Tu tibi primus, tu ultimus... in acquisitione salutis, nemo tibi germanior est unico matris tuae (S. Bern., 1. II, de Consid., c. III).

todos os impérios (1), exige em nosso zêlo essa harmonia. E, se vê que qualquer obra serve de obstáculo ao aumento da caridade na alma que dela se ocupa, prefere, às vêzes, deixar desaparecer essa obra.

Pelo contrário, Satanás, por seu turno, não hesita em favorecer êxitos inteiramente superficiais, caso possa, mediante êsse resultado, impedir que o apóstolo progrida na vida interior, tanto sua raiva adivinha onde estão os verdadeiros tesouros aos olhos de Jesus Cristo. Para suprimir um diamante, de bom grado êle concede algumas safiras.

(1) P.e Lallemand, Doct. Spirit.

SEGUNDA PARTE

UNIÃO DA VIDA ATIVA E DA VIDA INTERIOR

1. Prioridade aos olhos de Deus da vida interior sôbre a vida ativa

Em Deus está a vida, tôda a vida, êle é a própria vida. Ora, não é nas suas obras exteriores, por exemplo, na criação, que o Ser infinito manifesta essa vida da maneira mais intensa, mas no que a teologia chama operações ad intra, nessa atividade inefável cujo têrmo é a geração perpétua do Filho e a incessante processão do Espírito Santo. Essa é, por excelência, a sua obra essencial, eterna.

Consideremos a vida mortal de nosso Senhor, realização perfeita do plano divino. Trinta anos de recolhimento e de solidão, depois quarenta dias de retiro e de penitência preludiam a sua curta carreira evangélica; e, durante as suas excursões apostólicas, quantas vêzes ainda o vemos retirar-se às montanhas ou aos desertos, a fim de orar: *Secedebat in desertum et orabat* ⁽¹⁾, ou passar a noite em oração: *Pernoctans in oratione Dei* ⁽²⁾. Rasgo ainda mais significativo: Marta deseja que o Senhor, condenando a suposta ociosidade da irmã, proclame a superioridade da vida ativa; a resposta de Jesus: *Maria óptimam partem elegit* ⁽³⁾, consagra a proeminência da vida interior. Que concluir daqui senão o desígnio bem patente de nos fazer sentir a preponderância da vida de oração sôbre a vida ativa?

Depois do Mestre, os apóstolos, fiéis aos seus exemplos, reservaram antes de mais nada para si o ofício da oração, pois, para se consagrarem ao ministério da palavra, deixaram as ocupações mais exteriores aos diáconos: *Nos vero orationi et ministério verbi instantes erimus* ⁽⁴⁾.

(1) Ele se retirava para o deserto e se punha a orar (Lc. 5, 16).

(2) Saiu para o monte a orar e esteve tôda a noite em oração a Deus (Lc., 6, 12).

(3) Maria escolheu a melhor parte (Lc., 10, 42).

(4) Nós porém perseveremos na oração e no ministério da palavra (At. 6, 4).

Os papas, por sua vez, os santos Doutôres, os teólogos afirmam que a vida interior em si é superior à vida ativa.

Há alguns anos, uma mulher de fé, de virtude e de grande caráter, superiora geral de uma das mais importantes congregações ensinantes do Aveyron, fôra convidada por seus superiores eclesiásticos a favorecer a secularização de suas religiosas.

Deveria acaso sacrificar as obras à vida religiosa ou abandonar esta para conservar aquelas? Perplexa, não sabendo como conhecer a vontade de Deus, parte secretamente para Roma, obtém uma audiência de Leão XIII, expõe-lhe suas dúvidas e a pressão exercida sôbre ela a favor das obras.

O augusto ancião, após alguns instantes de recolhimento concentrado, deu-lhe esta resposta categórica: “Antes de tudo, de preferência a tôdas as obras, conserve na vida religiosa suas filhas que realmente tiverem o espírito do seu santo estado e o amor à vida de oração. E, caso lhe seja impossível conservá-las nesse espírito e nessa vida, continuando as obras, Deus saberá, sendo necessário, suscitar em França outras operárias. Quanto às religiosas, pela sua vida interior, sobretudo pelas suas orações, pelos seus sacrifícios, elas certamente serão mais úteis à França, ficando verdadeiramente religiosas, embora longe dela, que continuando a viver no solo da pátria, privadas dos tesouros de sua consagração a Deus.”

Numa carta dirigida a importante Instituto exclusivamente dedicado ao ensino, Pio X abertamente manifestou o seu pensamento pelas palavras seguintes:

Chega a nosso conhecimento que começa a difundirse uma opinião, segundo a qual, vós deveríeis considerar como coisa primária a educação das crianças e apenas como secundária a vossa profissão religiosa: que assim o exigiriam o espírito e as necessidades dos tempos. **De forma alguma queremos** que tal opinião encontre o mínimo crédito, seja de vossa parte, seja da parte dos demais Institutos religiosos, que, como o vosso, têm por fim a

educação. Fique, portanto, bem assente, na parte que vos toca, que a vida religiosa é muitíssimo superior à vida comum e que, se sois gravemente obrigados ao respeito do próximo pelo dever de ensinar, sobremodo mais graves são ainda as obrigações que vos vinculam a Deus⁽¹⁾. Mas não é porventura a aquisição da vida interior a razão de ser da vida religiosa, o seu fim principal?

Vita contemplativa, diz o Angélico Doutor, simplíciter mélior est... et pótior quam activa⁽²⁾.

S. Boaventura acumula os comparativos de superioridade para mostrar a excelência desta vida interior: Vita sublimior, secúrior, opuléntior, suávior, stablíior⁽³⁾.

Vita sublimior.

A vida ativa ocupa-se dos homens, a vida contemplativa faz-nos entrar no domínio das mais elevadas verdades, sem desfitar os olhares do próprio princípio de toda vida. Princípium quod Deus est quæritur. Mais sublime, tem um horizonte e um campo de ação sobremaneira mais amplos: Martha in uno loco córpore laborabat circa áliqua, Maria in multis locis caritate circa multa. In Dei enim contemplatione et amore videt ómnia; dilatatur ad ómnia, comprehendit et compléctitur ómnia, ita ut ejus comparatione, Martha sollicita dici possit circa pauca⁽⁴⁾.

Vita secúrior.

Menos perigos nela. Na vida quase exclusivamente ativa, a alma agita-se, torna-se febril, dispersa suas energias, e portanto, debilita-se. Há nela um tríplice defeito: Sollícita es⁽⁵⁾: são as inquietações do pensamento, solli-

(1) Omnino nólumus apud vos caeterosque vestri símiles, quorum religiosum munus est erudire adolescéntulos, ea, quam pervulgari audimus, quidquam váleat opinio, institutioni puerili primas vobis dandas esse, religiosae professioni secundas, idque aetatis hujus et ingénio necessitátibus postulari... Itaque in causa vestra illud máneat religiosae vitae genus longe communi praestare: atque si magno obstricti estis erga próximos officio docendi, multo majora esse vincula quibus Deo obligámini (S. S. Pio X).

(2) A vida contemplativa é melhor que a vida ativa e preferível a ela.

(3) Vida mais sublime, mais segura, mais rica, mais suave, mais estável.

(4) Marta num só lugar entregava-se corporalmente a vários trabalhos. Maria pela caridade trabalha em muitos lugares e em obras numerosas. Contemplando e amando a Deus, tudo vê, a tudo se estende, tudo compreende e abraça. Pode logo dizer-se que, em comparação de Maria, Marta se inquieta com poucas coisas (Ricardo de S. Vitor, in Cant., 8).

(5) Marta, Marta, tu andas muito inquieta, e te embaraças com o cuidado em muitas coisas; entretanto, só uma coisa é necessária (Lc. 10, 41-42).

citúdines in cogitatu; turbaris: eis as perturbações que originam as afeições, turbationes in affectu; enfim, erga plúrima: multiplicação de ocupações, de onde, divisão no esforço, nos atos, divisiones in actu. Ao invés, uma só cousa se impõe para constituir a vida interior: a união a Deus: Porro unum est necessárium. O resto não é, não pode ser senão secundário, unicamente praticado em virtude dessa união e para a fortificar ainda mais.

Vita opuléntior.

Com a contemplação, todos os bens: Venerunt mihi ómnia bona páriter cum illa ⁽¹⁾. É a parte sôbre tôdas excelente: Óptimam partem elegit ⁽²⁾. A ela, afluem mais méritos. Por quê? Porque aumenta ao mesmo tempo o esforço da vontade e o grau de graça santificante e faz que a alma opere por um princípio de caridade.

Vita suáviior.

A alma verdadeiramente interior abandona-se à vontade de Deus, aceita com inalterável paciência assim as coisas agradáveis como as penosas, e há de até chegar a mostrar-se alegre no meio das aflições, feliz por carregar a sua cruz.

Vita stabíliior.

Por mais intensa que seja, a vida ativa tem o seu térmo neste mundo: pregações, ensinamentos, trabalhos de todo gênero, tudo isso cessa no limiar da eternidade. A vida interior, essa não conhece ocaso: Quæ non aufertur ab ea. Por meio dela, a estância neste mundo não é mais que uma contínua ascensão para a luz, ascensão que a morte tornará incomparavelmente mais rutilante e mais rápida.

Para resumir as excelências da vida interior, podem-se lhe aplicar estas palavras de s. Bernardo: "Nela o homem vive com mais pureza, cai mais raramente, levanta-se com mais rapidez, anda com mais cautela, é consolado do céu com mais freqüência, descansa mais seguro, morre mais confiado, purga-se mais depressa, e é premiada com mais vantagem" ⁽³⁾.

(1) Com ela me vieram todos os bens (Sab., 7, 11).

(2) Ela escolheu a melhor parte, que lhe não será tirada (Lc., 10,10).

(3) Hæc (vita) sancta, pura et immaculata, in quo homo vivit purius, cadit rárius, surgit velócius, incedit, cáutiús, irrogatur frequéntius, quiescit secúrius, moritur fidúcius, purgatur citíus, præmiatur copiósius (S. Bern., Hom. Símile est... hom. neg.).

2. As obras não devem ser mais que o transbordamento da vida interior

Sêde perfeitos como perfeito é vosso Pai celestial (1), Guardadas tôdas as proporções, o modo como Deus está operando deve ser o critério, a regra da nossa vida interior e exterior.

Ora, já sabemos que Deus é naturalmente dadivoso, e a experiência nos mostra o fato de êle, neste mundo, espalhar com profusão os seus benefícios sôbre todos os sêres, e ainda mais especialmente sôbre a criatura humana. Desta sorte, desde milhares, se não milhões de séculos, o universo inteiro é objeto desta inesgotável prodigalidade, desentranhando-se sem cessar em benefício. Entretanto, nem por isso Deus fica mais pobre, e essa munificência inexaurível de forma nenhuma pode diminuir, seja no que fôr, seus infinitos recursos.

Ao homem, Deus faz mais que conceder-lhe bens exteriores; envia-lhe o seu Verbo. Mas ainda aqui, neste ato de suprema generosidade, que outra coisa não é senão o dom de si mesmo, Deus nada abandona, nada pode abandonar da integridade da sua natureza. Dando-nos seu Filho, sempre o conserva em si mesmo. Sume exemplum de summo ômnium Parente Verbum suum emittente et retinente (2).

Por meio dos sacramentos, e especialmente por meio da Eucaristia, Jesus Cristo vem enriquecer-nos com as suas graças. Sôbre nós as derrama sem pêso nem medida, porque êle também é um oceano sem limites, cujo extravasamento escorre sôbre nós, sem que jamais possa exauri-lo: De plenitúdine ejus nos omnes accépimus (3).

Assim devemos ser, de alguma sorte, nós os homens apostólicos que assumimos a nobre tarefa da santificação alheia: Verbum tuum consideratio tua, quæ si procedit, non recedat (4); o nosso próprio verbo é o espírito interior que a graça formou em nossas almas. Vivifique logo êsse

(1) Mt., 5, 48.

(2) Tomai para exemplo o ilustre soberano de tôdas as coisas, enviando a um tempo o seu Verbo e retendo-o com êle (S. Bern. 1, II, de Consid., III).

(3) Todos nós participamos de sua plenitude (Jo., 1, 16).

(4) O vosso verbo é a vossa consideração: parte ela de vós sem de vós sair (S. Bern., 1, II, de Consid., III).

espírito tôdas as manifestações interiores de nosso zêlo; mas, como incessantemente o despendemos em prol do próximo, sem intermissão o devemos renovar também por via dos meios que Jesus nos oferece. Seja nossa vida interior um como tronco túmido de seiva robusta a desatar-se sempre em flôres de nossas obras.

Uma alma de apóstolo! mas é ela a primeira que deve ser inundada de luz e inflamada em amor, a fim de que, refletindo essa luz e êsse calor, possa esclarecer e abrasar depois as outras almas. O que viram, o que consideraram com os próprios olhos, o que quase palpavam com as mãos, êles o hão de ensinar aos homens⁽¹⁾. Sua bôca efundirá nos corações a abundância das doçuras celestes, diz s. Gregório.

Podemos agora deduzir o seguinte princípio: **A vida ativa deve proceder da vida contemplativa, traduzida e continuada exteriormente, desligando-se dela o menos possível.**

Os Santos Padres, os Doutôres à porfia proclamam esta doutrina.

Priusquam exerat proferentem linguam, diz santo Agostinho, ad Deum levet animam sitientem ut eructet quod bíberit, vel quod impléverit fundat ⁽²⁾.

É mister receber, diz o pseudo Dionísio ⁽³⁾, antes de comunicar, e os anjos superiores apenas transmitem aos inferiores as luzes cuja plenitude receberam. Nas coisas divinas, o Criador estabeleceu esta ordem: aquêle que tem por missão distribuí-las deve ser o primeiro a participar delas e a encher-se com abundância das graças que Deus quer dispensar às almas, por seu intermédio. Então, mas sômente então, lhe será permitido tornar os demais participantes delas.

Quem desconhece esta palavra de s. Bernardo aos apóstolos: *Se sois sábios, sêde reservatórios e não canais: Si sapis, concham te exhibebis, non canalem* ⁽⁴⁾? O canal deixa correr a água recebida, sem guardar uma só gôta

(1) I Ep. s. Jo., 1, 1.

(2) Antes de permitir à sua língua que fale, o apóstolo deve elevar a Deus a sua alma ávida, a fim de exalar o que tiver bebido e de disseminar aquillo de que estiver repleto (s. Agost. Doct. christ., 1, IV).

(3) Pseudo-Dion. Cœl. hier., c. III.

(4) S. Bern., Serm. 18, in Cant.

dela. Ao invés, o reservatório enche-se primeiramente, e depois, sem se esvaziar, verte torrentes incessantemente renovadas sobre os campos que fertiliza. Dos que se devotam às obras, quantos há por aí que são apenas canais, ficando sempre secos mesmo quando procuram fecundar os corações! Canales multos hodie habemus in Ecclésia, conchas vero perpaucas⁽¹⁾, ajuntava com tristeza o abade de Claraval.

Tôda causa é superior ao seu efeito; logo, para aperfeiçoar os outros é mister uma perfeição maior do que para qualquer um se aperfeiçoar simplesmente a si mesmo⁽²⁾. Como a mãe não pode amamentar o filho senão na medida em que ela própria se alimenta, assim também os confessores, os diretores de almas, os pregadores, os catequistas, os professôres devem primeiramente assimilar a substância com que hão de nutrir em seguida os filhos da Igreja⁽³⁾. A verdade e o amor divino são os elementos dessa substância. E só a vida interior traduz a verdade e a caridade divinas de maneira a torná-las verdadeiro alimento capaz de engendrar a vida.

3. Base, fim e meios de uma obra devem ser impregnados de vida interior

Obra digna dêste nome, devemos dizer, porque algumas, em nossos dias, não merecem tal título. São uma espécie de emprêsas organizadas sob o rótulo da piedade, com o fim real de granjear para seus fundadores, além dos aplausos do público, nomeada de habilidade pouco vulgar; e para o bom êxito das quais êles lançam mão de todos os meios, mesmo, sendo necessário, dos menos justificáveis.

Outras obras merecem certamente melhor apreciação. Querem o bem. Fim e meios são nelas irrepreensíveis. No entanto, a despeito de milhares de esforços, nulos ou

(1) Há hoje na Igreja muitos canais, mas reservatórios mui poucos (S. Bern., *ibid.*).

(2) Manifestum est autem majorem perfectionem requiri ad hoc quod aliquis perfectionem aliis tribuat quam ad hoc ut aliquis in se ipso perfectus sit, sicut majus est posse facere aliquem talem quam esse talem et omnis causa potior est suo effectu (D. Thom., *Opusc. de perf. vit. spir.*).

(3) Oportet quod praedicator sit imbutus et dulcoratus in se, et post aliis proponat (S. Bonav. *Illus. Eccl.*, *serm.* 17).

quase nulos foram os resultados, porque os organizadores delas apenas tinham uma fé titubeante no poder de ação da vida sobrenatural sôbre as almas.

Para precisar o que deve ser uma obra, julgamos preferível ceder a palavra a um homem que ilustrou uma região inteira com o seu apostolado e relembrar a lição que dêle recebemos logo nos alvôres do nosso ministério sacerdotal. Procurávamos então fundar um patronato de jovens. Depois de ter visitado os círculos católicos de Paris e de algumas cidades da França, as obras de Val-des-Bois, etc., fomos estudar em Marselha as obras de juventude do santo padre Allemand e do venerando cônego Timon-David. Apraz-nos recordar a intensa comoção do nosso coração de jovem sacerdote ao escutar atentamente as palavras dêste último:

“ — Filarmônica, teatro, projeções, ginástica, jogos, etc., nada disso censuro. A princípio, eu também os julgava indispensáveis; afinal são muletas de que se lança mão à falta de coisa melhor. Quanto mais avanço, tanto mais o meu fim e os meios de que uso se sobrenaturalizam, porque vou vendo com maior clareza que tôda a obra fundada sôbre coisas humanas é destinada a perecer e que só é abençoada pela Providência a obra que visa a aproximação de Deus e dos homens pela vida interior.

“Os instrumentos musicais já de há muito estão encostados, o teatro tornou-se-me inútil; entretanto, a obra mais do que nunca prospera. Por quê? É que os meus colegas e eu, mercê de Deus, vemos agora as coisas melhor que ao princípio e nossa fé na ação de Jesus e da graça centuplicou-se.

“Não hesite em visar ao mais alto possível, creia, e ficará pasmado dos resultados. Vou explicar-me: Não tenha apenas como ideal o proporcionar aos jovens algumas distrações honestas e escolhidas, que os desviem dos prazeres ilícitos e das relações perigosas; não se contente com dar-lhes simplesmente aparências de cristianismo por meio da assistência maquinal à missa ou da recepção bastante espaçada e apenas tolerável dos sacramentos.

“Duc in altum⁽¹⁾. Antes de mais nada, tenha a nobre ambição de obter a todo custo que certo número dêles

(1) Faze-te ao alto (Lc. 5, 4).

tomem a resolução enérgica de viver como cristãos fervorosos, isto é, com a prática da meditação diária, com o hábito da assistência quotidiana à missa, se fôr possível, com uma breve leitura espiritual, e, como é evidente, com freqüentes e frutuosas comunhões. Consagre tôdas as suas solitudes em infundir neste rebanho escolhido um grande amor a Jesus Cristo, o espírito de oração, de abnegação, de vigilância sôbre si mesmos, numa palavra, sólidas virtudes. Desenvolva com não menor cuidado nas suas almas a fome da Eucaristia. Depois, vá pouco a pouco estimulando êsses jovens à ação sôbre os seus companheiros. Faça dêles apóstolos francos, dedicados, bons, ardorosos, varonis, sem devoções acanhadas, cheios de tacto, que jamais caiam, sob pretexto de zêlo, na triste extravagância de andar espiando os colegas. E não é preciso que passem dois anos para me vir então dizer se lhe são ainda necessários instrumentos músicos ou decorações cênicas para lograr uma pesca frutuosa.

“— Percebo, respondi; essa minoria deve ser o fermento. Mas como proceder com os que se não possam levar a tal altura, com o conjunto, com êsses jovens de tôdas as idades, com êsses homens casados que quiçá venham a pertencer ao círculo projetado?

“— Infundir-lhes uma fé robusta, por meio de uma série de conferências preparadas com todo o cuidado e que preencham muitos dos seus serões de inverno. Seus cristãos sairão delas suficientemente armados, não só para replicar vitoriosamente aos colegas de escritório e de oficina, como também para resistir à ação mais pérfida do jornal e do livro. Fazer nascer nos homens convicções inabaláveis, que saibam afirmar quando fôr necessário sem respeito humano, já é resultado muito apreciável; torna-se, entretanto, necessário levá-los mais longe, até a piedade, uma piedade verdadeira, ardente, convicta, esclarecida.

“— Devo porventura, logo no princípio, franquear a porta a qualquer um?

“— O número só é desejável quando os elementos recrutados forem bem escolhidos. O desenvolvimento do seu círculo deve ser sobretudo o resultado da influência exercida pelo núcleo de apóstolos, dos quais Jesus, Ma-

ria, e V. Revma. como seu instrumento, hão de ser o centro.

“— A sede será modesta; devo acaso esperar que os nossos recursos nos permitam arranjar outra melhor?”

“— Meu Deus! ao princípio, salas espaçosas e cômodas podem, como um tambor, servir de reclamo para atrair atenções sôbre uma obra incipiente. Mas, torno a repeti-lo, se souber pôr como base da sua associação a vida cristã, ardente, integral, apostólica, a sede estritamente necessária bastará sempre para que nela caibam tôdas as coisas acessórias que exige o funcionamento normal de um círculo. Oh! como poderá então julgar que o ruído pouco bem faz e o bem faz pouco ruído! e como há de verificar que o Evangelho bem compreendido faz diminuir o orçamento das despesas sem prejudicar os resultados; muito pelo contrário. Mas, antes de tudo, é necessário pagar à custa da sua própria pessoa, e isto, não tanto para laboriosamente preparar representações teatrais, sessões de ginástica, como para acumular em si a vida de oração; porque, persuada-se bem disto, na medida em que fôr o primeiro a viver do amor de nosso Senhor, nessa proporção será também capaz de inflamar os ardores dêsse amor nos corações alheios.

“— Em suma, baseia tudo na vida interior?”

“— Sim, mil vêzes sim, porque dessa sorte, em vez de liga, obtém-se ouro puro. E o que acabo de dizer a respeito das obras de juventude pode-se também aplicar a outra obra qualquer; paróquia, seminário, catecismo, escola, círculo militar, etc.; fie-se na minha velha experiência. Quanto bem não produz, numa grande cidade, uma associação cristã, que verdadeiramente viva no sobrenatural! Opera como fermento poderoso e só os anjos podem dizer quão fecunda ela é em frutos de salvação.

“Ah! se todos os sacerdotes, todos os religiosos, e até tôdas as pessoas de obras, conhecessem a força da alavanca que têm nas mãos e tomassem cada vez mais como ponto de apoio o Coração de Jesus e a vida em união com êsse Coração divino, seriam capazes de soerguer a

França e qualquer país! É certo que a soergueriam, a despeito dos esforços de Satanás, e dos seus partidários (1).”

4. Vida interior e vida ativa mutuamente se reclamam

Como o amor de Deus se revela pelos atos da vida interior, assim o amor do próximo se manifesta pelas operações da vida exterior; portanto, não podendo o amor de Deus separar-se do amor do próximo, resulta daí que essas duas formas de vida não podem também, de maneira alguma, subsistir uma sem a outra (2).

De igual sorte, diz Suárez, não pode existir estado correta e normalmente ordenado para chegar à perfeição, sem que participe em certa medida da ação e da contemplação (3).

O ilustre jesuíta limita-se a comentar o ensinamento de s. Tomás. Aquêles que são chamados às obras da vida ativa, diz o Doutor Angélico, erram se julgam que êste dever os dispensa da vida contemplativa. Tal dever é um acréscimo desta vida e não lhe diminui a intensidade. Destarte, as duas vidas, longe de se excluir, reclamam-se, supõem-se, misturam-se, completam-se mutuamente; e, se de qualquer das duas se deve fazer um quinhão mais considerável, é por sem dúvida da vida contemplativa, a mais perfeita e a mais necessária (4).

A ação, para ser fecunda, carece da contemplação; quando esta atinge certo grau de intensidade, difunde sôbre a primeira algum tanto do seu excedente e, por meio dela, a alma vai haurir diretamente no coração de Deus as graças que a ação se encarrega de distribuir.

(1) O zeloso cônego que assim nos falava e cuja conversação não quisemos de forma alguma esquecer, tão preciosa fôra, desenvolveu também o mesmo pensamento em algumas das suas obras admiráveis. Vejam-se: *Méthode de direction des œuvres de jeunesse*, 2 vol. — *Traité de la confession des Enfants et des Jeunes gens*, 3 vol. — *Souvenirs de l'œuvre ou vie et mort de quelques Congréganistes*. Vendem-se na “*Œuvre de la Jeunesse Timon-David*”, 30, rue du Camas, Marselha, ou na casa “*Mignardfrères*”, 26, rue Saint-Sulpice, Paris.

(2) *Sicut per contemplationem amandus est Deus, ita per actualem vitam diligendus est proximus, ac per hoc, sic non possumus sine utraque esse vita, sicut et sine utraque dilectione esse nequaquam possumus* (S. Isid., *Different.*, lib. II, XXXIV, n. 135).

(3) *Concedendum ergo est nullum esse posse vitae studium recte institutum ad perfectionem obtinendam, quod non aliquid de actione et de contemplatione participet* (Suarez, *I De Relig. tract.*, 1, I, c. v, n. 5).

(4) *Cum aliquis a contemplativa vita ad activam vocatur, non fit per modum subtractionis, sed per modum additionis* (D. Thom., 2, 2.æ, q. 182, a. 1).

Por isso é que, fundindo-se, na alma de um santo, a ação e a contemplação, em harmonia perfeita, ambas dão à vida dêle unidade maravilhosa. Tal, por exemplo, s. Bernardo, o homem mais contemplativo e ao mesmo tempo mais ativo do seu século, e de quem faz esta admirável pintura um dos seus contemporâneos: a contemplação e a ação harmonizavam-se nêle a ponto tal que êste santo a um tempo parecia inteiramente dedicado às obras exteriores e inteiramente absorvido na presença e no amor do seu Deus (1).

Comentando êste texto da sagrada Escritura: *Pone me ut signâculum super cor tuum, ut signâculum super brâchium tuum* (2), o padre Saint-Jure descreve admiravelmente as mútuas relações entre as duas vidas. Vamos resumir as suas reflexões:

O coração significa a vida interior, contemplativa. O braço, a vida exterior, ativa.

O texto sagrado fala do coração e do braço para mostrar que as duas vidas se podem aliar e harmonizar perfeitamente na mesma.

O coração é indicado em primeiro lugar, porque é um órgão sobremaneira mais nobre e necessário que o braço. Da mesma forma, a contemplação é muito mais excelente e mais perfeita e merece muito mais estima que a ação.

Dia e noite, o coração palpita. Um só instante que êste órgão essencial parasse, logo a morte sobreviria. O braço, parte apenas integrante do corpo humano, êsse sòmente se move por intervalos. Do mesmo modo, devemos algumas vêzes dar tréguas a nossos trabalhos exteriores; mas, ao invés, nunca devemos afrouxar na nossa aplicação às coisas espirituais.

O coração dá vida e fôrça ao braço por meio do sangue que lhe envia e, sem êste, o braço se dessecaria. Da mesma forma, a vida contemplativa, vida de união a Deus, graças às luzes e à perpétua assistência que a alma recebe desta intimidade, vivifica as occupações exteriores; só ela

(1) *Interiori quadam, quam ubique ipse circumferebat solitúdine fruebatur, totus quodâmmodo extérius laborabat, et totus intérius Deo vacabat* (God., *Vita S. Bern.*, 1, I, c. v, et 1, III).

(2) *Põe-me como um sêlo sôbre o teu coração, como um sêlo sôbre o teu braço* (Cânt. 8, 6).

é capaz de lhes comunicar simultâneamente o caráter sobrenatural e a real utilidade. Sem ela, tudo fica entãoguido, estéril, cheio de imperfeições.

O homem, ai! amiúde separa o que Deus uniu; por isso é que tão rara é essa união perfeita. Demais, para ser realizada, exige ela um conjunto de precauções de freqüente negligenciadas. Nada empreender que exceda as próprias forças. Ver em tudo habitual, mas simplesmente, a vontade de Deus. Não nos metemos em obras senão quando Deus quer, e na medida exata em que lhe apraz ver-nos consagrados a elas, e somente com o desejo de exercer a caridade. Logo no princípio, oferecer-lhe nosso trabalho e, no decurso de nossos labôres, reanimar amiúde, por meio de pensamentos santos, por meio de ardentes orações jaculatórias, nossa resolução de não trabalhar senão por êle e para êle. Em suma, seja qual fôr a atenção que devamos prestar a nossos trabalhos, conservar-nos sempre em paz, perfeitamente senhores de nós mesmos. Quanto ao bom êxito, deixá-lo unicamente nas mãos de Deus e aspirarmos a ver-nos livres de todos os cuidados apenas para nos reencontrarmos sós por sós com Jesus Cristo. Tais são os sapientíssimos conselhos dos mestres da vida espiritual, para chegarmos a essa união.

Por vêzes, as occupações hão de multiplicar-se a ponto tal que exijam o dispêndio de tôdas as nossas energias, sem que, por outro lado, nos possamos desembaraçar do fardo, ou mesmo aligeirá-lo. A conseqüência poderá ser a privação, por um tempo mais ou menos longo, do gôzo da união a Deus, mas essa união somente sofrerá algum dano se nós assim o quisermos. Prolongando-se êste estado, é necessário por tal motivo gemer, sofrer e temer acima de tudo o habituarmo-nos a êle. O homem é fraco, inconstante. Se descuida a sua vida espiritual, depressa perde o gôsto dela. Absorvido pelas occupações materiais, acaba por comprazer-se nelas. Pelo contrário, se o espírito interior manifesta a sua vitalidade latente por meio de suspiros e gemidos, êsses lamentos contínuos, como provêm de uma ferida que se não fecha mesmo no meio de uma atividade transbordante, constituem o mérito da contemplação sacrificada, ou melhor, a alma realiza essa admirável e fecunda união da vida interior e da vida ati-

va. Oprimida por essa sêde de vida interior que não logra apagar a seu bel-prazer, a alma há de voltar com ardor, logo que possa, à vida de oração. Nosso Senhor sempre lhe há de reservar alguns instantes de entretenimento com êle. Exige, porém, que a alma os não despreze e há de então compensar-lhe com o fervor a brevidade desses felizes momentos.

Como as vias de Deus se assinalam pela sabedoria e pela bondade! Que maravilhosa direção não dá êle às almas por meio da vida interior! Conservada no seio da ação e sem embargo generosamente oferecida, essa pena profunda de têrmos de consagrar tanto tempo às obras de Deus, e tão pouco ao Deus das obras, tem a sua compensação. Graças a ela, desvanecem-se todos os perigos de dissipação, de amor próprio, de afeições naturais. Essa disposição da alma longe de prejudicar a liberdade do espírito e a atividade, dá-lhes um caráter mais ponderado. É ela a forma prática do exercício da presença de Deus, porque a alma, na graça do momento presente encontra Jesus vivo, oferecendo-se-lhe oculto sob a obra a realizar. Jesus trabalha com ela e ampara-a. Quantas pessoas, que desempenham cargos, hão de dever a essa pena salutar bem compreendida, a êsse desejo sempre sacrificado e sempre vivo de ter mais momentos livres para estar junto do sacrário, e essas comunhões espirituais desde então quase incessantes, hão de dever, repetimos, a fecundidade de sua ação e ao mesmo tempo assim a salvaguarda da sua alma como seus progressos na virtude!

5. Excelência desta união

A união das duas vidas, contemplativa e ativa, constitui o verdadeiro apostolado, obra principal do cristianismo, diz s. Tomás: *Principalissimum officium* (1).

O apostolado supõe almas capazes de estuar de entusiasmo por uma idéia, de se consagrar ao triunfo de um princípio. Sobrenaturalize-se a realização dêsse ideal pelo espírito interior, animem-se com o espírito de Jesus o fim, o foco de zêlo e a escolha dos meios, e logo teremos a vida mais perfeita em si mesma, a vida por excelência,

(1) 3.a p. q. 67, a. 2, ad Ium.

visto como os teólogos a preferem à simples contemplação: *Praefertur simplici contemplationi* (1).

O apostolado do homem de oração é a palavra conquistadora com o mandato de Deus, o zelo das almas, a frutificação das conversões: *Míssio a Deo, zelus animarum, fructificatio auditorum* (2).

É o vapor da fé de emanações salutares: *Zelus, id est vapor fidei* (3).

O apostolado do santo é a sementeira do mundo. O apóstolo lança às almas o grão de Deus (4). É o amor em fogo que devora a terra, o incêndio do Pentecostes irresistivelmente propagado através dos povos: *Ignem veni mittere in terram* (5).

A sublimidade dêste ministério consiste em prover à salvação de outrem, sem prejuízo para o apóstolo; *sublimatur ad hoc ut aliis provideat*. Transmitir as verdades divinas às inteligências humanas! Não é êste porventura um ministério digno dos anjos?

Bom é contemplar a verdade; mas melhor é ainda comunicá-la aos outros. Refletir a luz é algo mais que recebê-la. Iluminar vale mais que luzir debaixo do alqueire. Pela contemplação, a alma alimenta-se; pelo apostolado, dá-se: *Sicut majus est illuminare quam lucere solum, ita majus est contemplata aliis tradere, quam solum contemplare* (6).

É esta mistura do apostolado com todos os dispêndios do seu próprio zelo, e da contemplação com as suas elevações sublimes que produziu os maiores santos: s. Dionísio, s. Martinho, s. Bernardo, s. Domingos, s. Francisco de Assis, s. Francisco Xavier, s. Filipe Néri, santo Afonso, todos tão ardentes contemplativos como apóstolos poderosos.

Vida interior e vida ativa! Santidade nas obras! União poderosa, união fecunda! como são grandes os prodígios de conversão que vós operais! Ó Deus, concedei à vossa Igreja apóstolos numerosos, mas reacendei nos seus

(1) D. Thom.

(2) S. Bonav.

(3) S. Ambros.

(4) P. Léon, *passim*, op. cit.

(5) Eu vim trazer o fogo à terra (Lc. 12, 49).

(6) D. Thom., 2.a 2.ae, q. 188, a. 6.

corações, devorados pelo desejo de se dar, uma sêde ardente de vida de oração. Dai a vossos operários essa ação contemplativa e esta contemplação ativa: então, vossa obra há de ter sua realização, e vossos obreiros evangélicos hão de alcançar essas vitórias que lhes anunciastes antes de vossa Ascensão gloriosa.

TERCEIRA PARTE

A VIDA ATIVA, PERIGOSA SEM A VIDA INTERIOR, UNIDA A ESTA ASSEGURA O PROGRESSO NA VIRTUDE

1. As obras, meio de santidade para as almas interiores, tornam-se perigo para a salvação das outras almas.

a) Meio de Santidade. — Das criaturas que associa a seu apostolado, exige nosso Senhor de maneira formal não só que se conservem na virtude, como também que nela progridam. A prova existe em cada página das epístolas de s. Paulo a Tito e a Timóteo, e nas apóstrofes do Apocalipse aos bispos da Ásia.

Por outro lado, já no princípio o demonstramos, as obras são desejadas por Deus.

Ver, portanto, nas obras, em si, um obstáculo à santificação, e afirmar que, emanando, embora, da vontade divina, elas hão de afrouxar a nossa marcha para a perfeição, seria uma injúria, uma blasfêmia irrogada à sabedoria, bondade e providência divinas.

Dilema inevitável: Ou o apostolado, seja qual fôr a forma que revista, se é desejado por Deus, não só não tem em si, como efeito, o poder de alterar a atmosfera de sólida virtude na qual deve andar uma alma cuidadosa da sua salvação e progresso espiritual, sempre se torna para o apóstolo um meio de santificação, caso o exerça nas condições requeridas;

Ou então, a pessoa escolhida por Deus como coooperadora e obrigada, portanto, a corresponder ao apêlo divino, teria o direito de alegar a atividade, as penas e os cuidados despendidos em prol da obra mandada, como legítimas desculpas da sua negligência em se santificar.

Ora, conseqüência da economia do plano divino, Deus **deve a si mesmo** o conceder ao apóstolo da sua escolha as graças necessárias para êle realizar a união das occupações absorventes não só com a segurança da sua salvação, senão ainda com a aquisição das virtudes levadas até a santidade.

Os socorros que dispensou aos Bernardos, aos Franciscos Xavier, Deus também os deve, na medida do necessário, ao mais modesto dos obreiros evangélicos, ao mais humilde dos religiosos professôres, à mais ignorada das irmãs enfermeiras. Não tenhamos temor de o repetir: é essa uma verdadeira **dívida do Coração de Deus** para com o instrumento que escolheu. E todo apóstolo, caso cumpra as condições exigidas, deve ter confiança absoluta no seu direito rigoroso às graças requeridas por um gênero de trabalhos que lhe hipotecam o tesouro infinito dos auxílios divinos.

Aquêle que se consagra às obras de caridade, diz Alvares de Paz, não deve pensar que elas lhe hão de fechar a porta da contemplação e torná-lo menos capaz de se entregar a ela. Deve, ao invés, ter a segurança de que o hão de dispor de maneira admirável para essa contemplação. Estas verdades são-nos ensinadas não só pela razão e pela autoridade dos santos Padres, como também pela experiência quotidiana, porquanto vemos certas almas que se dedicam às obras de caridade para com o próximo, confissões, pregação, catecismos, visita dos enfermos, etc., elevadas por Deus a tão alto grau de contemplação que com tôda a razão se podem comparar aos antigos anacoretas (1).

Por esta frase "grau de contemplação", o eminente Jesuíta, como todos os mestres da vida espiritual, designa o dom do espírito de oração, que é caracterizado pela exuberância de caridade numa alma.

Os sacrifícios exigidos pela caridade haurem na glória de Deus e na santificação das almas tal valor sobrenatural, tal fecundidade de méritos, que, caso queira, o homem votado à vida ativa pode cada dia ir-se elevando a um maior grau de caridade e de união a Deus, numa palavra, de santidade.

(1) Tom. III, liv. 1.

Certo que, em alguns casos, em que haja perigo grave e próximo de pecado formal, especialmente contra a fé e a virtude angélica, Deus quer que nos afastemos das obras. Feita, porém, esta ressalva, Deus por meio da vida interior, concede aos seus operários o meio de ficarem imunes de pecado e de progredirem na virtude. Distingamos, todavia, com cuidado em que consiste êste progresso. Uma palavra paradoxal da tão criteriosa quão arguta santa Teresa permite-nos precisar o nosso pensamento: "Desde que sou priora, onerada de trabalhos numerosos e obrigada a freqüentes viagens, cometo maior número de faltas. E, sem embargo, como combato generosamente e só trabalho para Deus, sinto que cada vez mais me aproximo dêle". A sua fragilidade manifesta-se então mais amiúde que no repouso e no silêncio claustral. A santa o confessa, mas sem se perturbar. A generosidade inteiramente sobrenatural de sua dedicação e de seus esforços, mais acentuados do que antes, para o combate espiritual, deparam-lhe como recompensa ocasiões de vitórias que largamente contrabalançam as surpresas de uma fragilidade que já existia, mas em estado latente. A nossa união com Deus, diz s. João da Cruz, reside na união de nossa vontade com a dêle e mede-se unicamente por ela. Santa Teresa não pensa que a possibilidade de progresso na união com Deus só existe na tranqüilidade e na solidão: seria conceber falsamente a espiritualidade. Julga, pelo contrário, que a atividade verdadeiramente imposta por Deus e exercida nas condições por êle requeridas, alimentando seu próprio espírito de sacrifício, sua humildade, sua abnegação, seu ardor e sua dedicação pelo reino de Deus, há de aumentar a união íntima de sua alma com nosso Senhor que nela vive e anima seus trabalhos, e assim há de encaminhá-la para a santidade.

A santidade, com efeito, reside antes de tudo na caridade; e a obra de apostolado digna dêste nome é caridade em ato: Probatio amoris, diz s. Gregório, exhibitio est óperis. O amor prova-se pelas obras de abnegação, e Deus exige dos seus obreiros essa prova de devotamento.

Apascenta meus cordeiros, apascenta minhas ovelhas, tal é a forma de caridade que nosso Senhor exige do após-

tolo como prova de sinceridade dos reiterados protestos de seu amor.

S. Francisco de Assis não julga poder dizer-se amigo de Jesus Cristo, senão quando a sua própria caridade se consagra à salvação das almas. Non se amicum Christi reputabat, nisi ánimas foveret quas ille redemit (1).

E se nosso Senhor considera como feitas a si mesmo as obras de misericórdia, mesmo corporais, é porque em cada uma delas descobre a irradiação dessa mesma caridade (2) que anima o missionário ou sustenta o anacoreta nas privações, combates e orações do deserto.

A vida ativa entrega-se às obras de dedicação. Caminha pelos atalhos do sacrifício em seguimento de Jesus obreiro e pastor, missionário, taumaturgo, remediador e médico universal, dispensador terno e infatigável para todos os necessitados dêste mundo.

A vida ativa lembra-se e vive desta palavra do Mestre: Eu estou no meio de vós como servo (3). O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir (4).

Vai pelos caminhos da miséria humana, anunciando o verbo que ilumina, semeando em derredor dela uma messe de graças, que se desatam em todo gênero de benefícios.

Graças às clarividências de sua fé, graças às intuições de seu amor, descobre no pior dos desgraçados, nos mais mofinos dos desditosos, o Deus nu, lastimoso, desprezado de todos, o grande leproso, o misterioso condenado que a justiça eterna persegue e acabrunha com os seus golpes, o homem das dores que Isaías viu erguer-se no luxo horroroso das suas chagas, na púrpura trágica do sangue, de tal sorte desfigurado e retalhado pelos cravos e pelos instrumentos de flagelação que se contorcia como o verme que se esmaga.

Também nós o vimos e não o reconhecemos, exclama o profeta (5).

(1) S. Bonav. Vit. S. Franc., c. IX.

(2) Quám diu fecistis uni ex his frátribus meis mínimis mihi fecistis (Mt. 25, 40).

(3) Ego autem in medio vestrum sum sicut qui ministrat (Lc. 23, 27).

(4) Filius hóminis non venit ministrari, sed ministrare (Mt. 20, 28).

(5) Et vídimus eum et non erat aspectus, et desiderávimus eum despectum et novíssimum virorum virum dolorum et scientem infirmitatem; et quasi absconditus vultus ejus et despectus, unde nec reputávimus eum (Is., 53, 2 e 3).

Ó vida ativa, tu perfeitamente o reconheces; e, de joelhos, de olhos banhados de lágrimas, tu o serves nos pobres.

A vida ativa melhora a humanidade. Fecundando o mundo com suas generosidades, com os seus trabalhos, com os seus suores, semeia méritos para o céu.

Vida santa que Deus recompensa, porque dá o paraíso tanto ao copo de água do pobre, como aos in-fólios do doutor, aos suores do apóstolo. No dia derradeiro, perante o céu e a terra reunidos, Deus há de canonizar todas as obras de caridade (1).

b) Perigo para a salvação. — Ah! quantas vêzes, nos retiros particulares que temos dirigido, chegamos a verificar que as obras, que deveriam ser para os seus organizadores meios de progresso, se tornavam instrumentos de ruína do edifício espiritual.

Um homem de obras, convidado logo no início de seu retiro, a examinar sua consciência e a procurar a causa dominante do seu estado lastimoso, fazia um juízo exato de si, dando-nos esta resposta à primeira vista incompreensível: “Foi a dedicação que me perdeu! Minhas disposições naturais causavam-me sentimentos de alegria quando me devotava, de felicidade quando prestava algum serviço. Auxiliado pelo bom êxito aparente dos meus empreendimentos, Satanás envidou todos os esforços, durante largos anos, para me criar ilusões, para excitar em mim o delírio da ação, tornar-me aborrecido qualquer trabalho interior, e finalmente atrair-me ao precipício”.

Este estado de alma, anormal, para não dizer monstruoso, explica-se em poucas palavras. O operário de Deus, inteiramente absorvido na satisfação de dar livre curso à sua atividade natural, deixara desvanecer em si a vida divina, êsse calórico divino que, nêle acumulado, tornava o apostolado fecundo e protegia a sua alma contra o gélido frio do espírito natural. Trabalhara, mas longe do sol vivificante. *Magnæ vires et cursus celérrimus, sed præter viam* (2). Pelo mesmo motivo, as obras, santas em

(1) *Lumière et flamme*, pelo P.e Léon, O. F. M. Cap. Note-se bem que nesta citação se trata de vida ativa cheia de espírito de fé, fecundada pela caridade e por isso mesmo promanando de uma vida interior intensa.

(2) *Ostentação de fôrças, carreira rapidíssima, mas fora de caminho* (s. Agost., in *Psalm.*, XXXI).

si mesmas, tinham-se voltado contra o apóstolo, como arma perigosa no manejo; espada de dois gumes, que fere aquêlê que não sabe servir-se dela.

Foi contra igual perigo que s. Bernardo quis acautelar o Papa Eugênio III, quando lhe escreveu: Temo que no meio da vossas occupações, que são inumeráveis, desesperando de jamais lhes ver o fim, deixeis endurecer vossa alma. Andareis com muito mais prudência subtraindo-vos a essas occupações, por alguns instantes que seja, do que permitindo que elas vos dominem e que pouco a pouco infalivelmente vos arrastem para onde não quereis de forma alguma ir. Então para onde? direis talvez. Para o endurecimento do coração.

Eis até onde vos podem levar essas malditas occupações, *hae occupationes maledictae*, se ainda continuais, como já ao princípio fizestes, a consagrar-vos inteiramente a elas, nada reservando de vós para vós mesmo ⁽¹⁾.

Que há aí de mais augusto, de mais santo que o governo da Igreja? Haverá nada mais útil para a glória de Deus e para o bem das almas? E contudo, malditas occupações, exclama s. Bernardo, se hão de servir para impedir a vida interior daquele que a elas se dedica.

“Occupações malditas”, que expressão! Vale por um livro inteiro, tanto ela amedronta e tanto obriga a refletir. E estaria exigindo um protesto, se não caísse da pena tão precisa de um doutor da Igreja, de um s. Bernardo.

2. Do homem de obras sem a vida interior

Uma palavra o caracteriza: ainda talvez não esteja, mas há de fatalmente tornar-se túbio. Ora, ser túbio, e de uma tibieza, não de sentimento ou de fragilidade, senão de vontade, é pactuar com a dissipação e a negligência habitualmente consentidas ou não combatidas, pactuar com o pecado venial deliberado, e por isso mesmo, é tirar à alma a segurança da salvação eterna, dispô-la, levá-la até ao pecado mortal ⁽²⁾. Tal é, sôbre a tibieza, a doutri-

(1) *En quo trahere te possunt haec occupationes maledictae, si tamen pergis ut coepisti, ita dare te totum illis, nil tui tibi relinquens* (S. Bern., De Consid., I. II. c. II).

(2) Dos ensinamentos de s. Tomás infere-se que, quando a alma em estado de graça pratica um ato em si bom, mas sem o grau de fervor que Deus tem direito de esperar dela no estado em que se encontra, esse ato em certo sentido dispõe a diminuir nela o grau de caridade que possul. Os textos: Maldito aquêlê que faz a obra de Deus com negli-

na de santo Afonso tão bem exposta e comentada pelo pe. Desurmont, seu discípulo (1).

Como é então que o homem de obras, sem a vida interior, necessariamente desliza para a tibieza? Necessariamente, dissemos, e para prova disso bastam-nos as palavras seguintes, dirigidas por um bispo missionário aos seus sacerdotes, palavras tanto mais terríveis de verdade quanto promanam de um coração devorado de zelo pelas obras e de um espírito cujas tendências diretamente se opunham a tudo o que cheirasse a quietismo: “É necessário, diz o cardeal Lavigerie, é necessário que nos persuadamos bem disto: para um apóstolo, não há meio termo entre a santidade completa, ao menos desejada e procurada com fidelidade e coragem, e a perversão absoluta”.

Recordemo-nos em primeiro lugar do germe de corrupção que a concupiscência nutre na nossa natureza, a guerra sem tréguas que nos fazem os nossos inimigos assim interiores como exteriores, os perigos que por todos os lados nos ameaçam.

Dito isto, procuremos esboçar o quadro do que sucede a uma alma que se consagra ao apostolado sem estar suficientemente precavida e armada contra os seus perigos.

N... sente despertar dentro de si o desejo de se dedicar às obras. Carece ainda de experiência. As suas predileções pelo apostolado dão-nos o direito de nêle supor ardor, alguma vivacidade de caráter, de o imaginar comprazendo-se na ação, quiçá até no combate. Supomo-lo correto em sua conduta, dotado de piedade e de devoção, mas piedade mais de sentimento que de vontade, devoção que não é o reflexo de uma alma resolvida a procurar apenas a vontade de Deus, mas rotina piedosa, restos de hábitos louváveis. A sua oração, se é que pratica a oração, é apenas uma espécie de devaneio, e suas leituras espirituais, um exercício de curiosidade, sem influência real em

gência e Porque tu és tÍbio... começo a expelir-te da minha bÓca, assim
na explicam.

Demais, cada pecado venial, sem diminuir o estado de graça, diminui-lhe, todavia, o fervor. E assim dispÕe para o pecado mortal. Ora, sem vida interior sÉria, cometem-se numerosos pecados veniais não combatidos, muitas vÉzes até nÕo percebidos e, entretanto, imputáveis à alma dissipada ou relaxada que cessou de viver o *Vigilate et orate*.

Assim se encontra em s. Tomás a explicação da palavra “*Ocupações malditas*” da página precedente, e de tudo o que explana a seqüência do presente capítulo.

(1) Veja-se a nota a pág. 23, Cfr. *Le retour continuel à Dieu*.

sua conduta. Talvez até Satanás, iludindo-o com um sentido artístico que essa pobre alma toma por vida interior, o leve a gostar de leituras que tratem das vias elevadas e extraordinárias da união com Deus, e a admirá-las com entusiasmo. Somado tudo, pouca ou nenhuma vida interior verdadeira nessa alma que ainda conserva, concedamo-lo, certo número de bons hábitos, muitas qualidades naturais e tal ou qual desejo sincero, mas muito vago, de permanecer fiel a Deus.

Vai, pois, o nosso apóstolo, impregnado do desejo de trabalhar nas obras, consagrar-se com zêlo a êsse ministério tão nôvo para êle. A breve trecho, precisamente em virtude das circunstâncias que essas novas ocupações originam (qualquer pessoa habituada às obras nos compreenderá), a breve trecho, como íamos dizendo, se lhe depa-ram mil circunstâncias para o fazer viver cada vez mais fora de si mesmo, mil engodos para a sua curiosidade ingênua, mil ocasiões de quedas, contra as quais, como é lícito supor, até então o tinham em parte protegido a atmosfera tranqüila do lar doméstico, do seminário, da comunidade, do noviciado, ou pelo menos a tutela de um prudente diretor.

Não só a dissipação crescente ou curiosidade perigosa de tudo conhecer, as impaciências ou susceptibilidades, a vaidade ou o ciúme, a presunção, ou o abatimento, a parcialidade ou a difamação, como também a invasão progressiva das fragilidades do coração e de tôdas as formas mais ou menos sutis da sensualidade, vão obrigar a um combate ininterrupto essa alma mal preparada para tão rudes e contínuos assaltos. Portanto, freqüentes são as feridas.

De mais a mais, essa alma de piedade tão superficial pensará acaso em resistir, ela que está então inteiramente absorvida na satisfação, já muito natural, de despender sua atividade em favor de uma causa excelente? Por outro lado, Satanás está à espreita da ocasião, porque já fareja uma prêsa. E bem longe de contrariar essa satisfação, excita-a o mais possível.

Chega, entretanto, o dia em que se entrevê o perigo: o anjo da guarda falou, a consciência reclama. Seria necessário ter mão em si, examinar-se no sossêgo de um retiro, tomar a resolução enérgica de seguir à risca um

regulamento que se não pusesse de lado, embora fôsse mister descurar essas ocupações tão afagadas. Mas ai! é já tarde. A alma já saboreou o prazer de ver os seus esforços coroados pelos êxitos mais animadores: Amanhã, amanhã, exclama ela. Hoje é impossível; falta-me o tempo, porque devo continuar esta série de sermões, escrever êste artigo, organizar êste sindicato, esta associação de caridade, preparar esta récita, fazer esta viagem, pôr em dia a minha correspondência, etc. . . Como ela se sente feliz em poder tranqüilizar-se com todos êsses pretextos! Porque só o pensamento de encarar a sério sua consciência se lhe tornou insuportável. Chega o momento em que Satanás pode à vontade trabalhar em sua obra de ruína num coração que tão bem soube tornar-se seu cúmplice. O terreno está preparado para isso. A sua vítima apaixonara-se pela ação; pois bem: Satanás instila-lhe a febre da ação. A sua vítima não podia suportar o esquecimento do tumulto dos negócios, o recolhimento; o demônio insufla-lhe horror de tudo isso e chega até o ponto de embriagar a alma com novos projetos, aos quais sabe hâbilmente dar as aparências de zelo pela glória de Deus e pela salvação das almas.

E êsse homem, pouco havia ainda tão cheio de hábitos virtuosos, irá deslizando de fraquezas em fraquezas cada dia mais acentuadas, até chegar a pôr pé num declive tão resvaladio que não mais logrará sobrestar na sua queda. Digno realmente de lástima, tendo uma vaga consciência de que tôda essa agitação não é conforme ao coração de Deus, atira-se, mais desatinadamente do que nunca para o turbilhão, a fim de sufocar os seus remorsos. As faltas vão-se fatalmente acumulando. O que outrora perturbava a consciência reta dessa alma, agora não são mais que vãos escrúpulos que se desprezam. De bom grado proclama que é necessário saber ser homem de seu tempo, saber lutar com armas iguais às dos inimigos e por isso preconiza as virtudes ativas, tendo apenas palavras de desprezo para o que desdenhosamente chama piedade de outras eras. De mais a mais, as obras vão de vento em pópa; o público aplaude-as. Cada dia vê desabrochar novos êxitos. "Deus abençoa a nossa obra", exclama essa alma iludida, sôbre a qual amanhã, talvez, devido a suas faltas graves, chorem os anjos do céu.

Como caiu esta alma em estado tão lamentável? **Inexperiência, presunção, vaidade, imprevidência e relaxação.** Não pensando em seus poucos recursos espirituais, lançou-se à ventura através dos perigos. Esgotadas suas provisões de vida espiritual, vê-se na situação do nadador temerário que já sem fôrças para lutar contra a corrente, se deixa arrastar para o abismo. Detenhamo-nos um instante para medir com o olhar o caminho percorrido e a profundidade do precipício. Procedamos ordenadamente e contemos as etapas.

Primeira etapa. Em primeiro lugar, a alma foi progressivamente perdendo (se é que as chegou a ter!) a nitidez e a fôrça das convicções sôbre a vida sobrenatural, o mundo sobrenatural e a economia do plano e da ação de nosso Senhor quanto à relação da vida íntima do obreiro evangélico com as obras. A alma não mais contempla essas obras senão através de um prisma enganador. É a própria vaidade que sutilmente serve de pedestal à pretensa boa intenção: "Que querem, Deus concedeu-me o dom da palavra: devo agradecer-lho", respondia aos lisonjeiros um pregador enfatuado de vã complacência e inteiramente exteriorizado. A alma, mais que a Deus, procura-se a si mesma. Reputação, glória, interêsses pessoais estão em primeira plana. O Si homínibus placerem, servus Christi non essem ⁽¹⁾, torna-se para ela palavra vazia de sentido.

Não falando da ignorância dos princípios, a **ausência da base sobrenatural** que caracteriza esta etapa tem, ora como causa, ora como consequência imediata, a dissipação, o esquecimento da presença de Deus, o abandono das orações jaculatórias e da guarda do coração, a falta de delicadeza de consciência e de regularidade de vida. A tibieza aproxima-se, se é que não começou já.

Segunda etapa. O homem sobrenatural é escravo do dever; por isso é que êle, avaro do seu tempo, ordenadamente o distribui vivendo conforme um regulamento. Compreende que, sem isso, a sua vida é vida de naturalismo, vida cômoda e caprichosa, do levantar ao deitar.

O homem de obras, sem base sobrenatural, não tarda em experimentá-lo. A falta de espírito de fé no emprêgo

(1) Se agradasse ainda aos homens, não seria servo de Cristo (Gal. 1, 10).

do tempo leva-o a pôr de parte sua leitura espiritual. Por outro lado, se ainda lê, já não estuda. Preparar durante a semana inteira a homília do domingo, era bom para os padres da Igreja. A não ser que a sua vaidade esteja em jôgo, êle prefere improvisar, e sai-se sempre tão bem... assim pelo menos pensa. Aos livros, prefere as revistas. Nenhum método mais, nenhuma perseverança. Borboleteia. Desperdiça as horas livres, cuida demasiadamente em procurar distrações e assim se vai furtando à lei do trabalho, a essa grande lei de preservação, de moralização e de penitência.

Considera molesto e puramente teórico tudo o que estorva sua liberdade de movimentos. Não lhe chega o tempo para tantas obras e obrigações sociais e até para o que julga necessário à sua saúde e às suas recreações. Realmente, diz-lhe Satanás, consagras tempo demasiado aos exercícios de piedade: meditação, officio, missa, atos do ministério. É necessário cortar o supérfluo. E começa invariavelmente por abreviar a meditação, por fazê-la irregularmente e talvez até chegue pouco a pouco, ai! a deixá-la de todo. Como já se acostumou a deitar-se bastante tarde, êle lá sabe por quê, logicamente cada vez mais vai abandonando o ponto indispensável para permanecer fiel à oração — levantar-se à hora certa. Ora, na vida ativa, abandonar a meditação, ou reduzi-la à duração de dez a quinze minutos equivale a render-se ao inimigo. Algumas pessoas atribuem a santa Teresa o dito seguinte: "Dai-me alguém que faça diariamente um quarto de hora de oração e lhe darei o céu". Ignoramos até que ponto é autêntico êste dito, mas a nossa experiência de almas sacerdotais ou religiosas consagradas às obras leva-nos a crer que um obreiro apostólico que não se obri-gue a meia hora pelo menos de meditação e de meditação metódica, séria, concluída com uma resolução leal, baseada na desconfiança de si mesmo e na confiança na oração, de praticar nesse mesmo dia atos custosos relativos a um vício a combater ou a uma virtude a adquirir, cai fatalmente na tibieza da vontade.

Evidentemente já se não trata de evitar imperfeições. São os pecados veniais que pululam. A impossibilidade em que a alma se abisma de velar pela guarda do coração oculta à consciência a maior parte dessas faltas:

a alma pôs-se em estado de já não ver. Como poderá combater o que já não distingue como defeituoso? A doença de languidez vai já bastante adiantada. E esta é a consequência da segunda etapa, a qual é caracterizada pelo abandono da meditação e de qualquer regulamento.

Tudo está maduro para **Terceira etapa** cujo sintoma é a negligência na recitação do **Breviário**. A oração da Igreja, que ao soldado de Cristo devia dar alegria e força para de quando em quando remontar até Deus e haurir nêlo o meio de pairar sobre o mundo visível, torna-se-lhe carga insuportável. A vida litúrgica, fonte de luz, de alegria, de força, de méritos e de graças para si e para os fiéis, já não é mais que a ocasião de um dever desagradável que de má vontade se cumpre. A virtude íntima da religião está mais que atingida. Contribuiu para ressequi-la a febre das obras. A alma já não vê o culto de Deus senão ligado a pomposas manifestações exteriores. O sacrifício pessoal e obscuro, mas afetuoso de louvor, de súplica, de ação de graças, de reparação, já nada lhe diz. Não há muito, durante a recitação das suas orações vocais, ela repetia com legítima altivez, como se quisesa rivalizar com um côro de monges: eu também in conspectu angelorum psallam tibi ⁽¹⁾. O santuário dessa alma, outrora perfumado de vida litúrgica, tornou-se praça pública onde reinam o ruído e a desordem. A solicitude exagerada pelas obras e a dissipação habitual encarregam-se de multiplicar consideravelmente as distrações que, de mais a mais, cada vez são menos combatidas. Non in commotione Dóminus ⁽²⁾. Ali já não há oração verdadeira. Precipitação, interrupções não justificadas, negligências, sonolência, atrasos, adiamento para a última hora, com perigo de ser vencido pelo sono... e talvez, de quando em quando, omissões, transformam o remédio em veneno e o sacrifício de louvor em ladainha de pecados, que chegarão talvez a não ser já simplesmente veniais!

Quarta etapa. Tudo se encadeia. O abismo traz consigo o abismo. Os **Sacramentos!** Ah! êsses são recebidos ou administrados como coisa respeitável por certo, mas já não se sente palpitar a vida que êles encerram. A presença de Jesus no Sacrário ou no santo tribunal já não é

(1) Hei de cantar-vos na presença dos anjos (Sl. 137, 2).

(2) Deus não está no meio do ruído (III Rs. 19, 11).

capaz de fazer vibrar até à medula da alma tôdas as energias da fé. A **própria missa**, o sacrifício do Calvário, é um jardim cerrado. Certo que a alma está ainda, queremos crê-lo, longe do sacrilégio. Mas não sente já o calor do Sangue divino. Suas consagrações são frias e as suas comunhões túbias, distraídas, superficiais. Familiaridade irrespeitosa, rotina e talvez tédio já andam à espreita dessa alma.

O apóstolo assim desfigurado vive fora de Jesus, e já não é favorecido com essas palavras íntimas que Jesus quer dizer apenas aos seus verdadeiros amigos.

De vez em quando, o Amigo celeste faz chegar um remorso, uma luz, um apêlo. Espera, bate, pede para entrar: Vem a mim, pobre alma ferida, vem, vem depressa, que eu te curarei: Venite ad me omnes... et ego reficiam vos (1); porque eu sou a tua salvação: Salus tua ego sum (2). Eu vim salvar o que tinha perecido: venit Filius hominis quærere et salvum fácere quod perierat (3). Esta voz tão doce, tão terna, tão discreta, tão instante, procura momentos de comoção, veleidades de melhor procedimento. Mas como a porta do coração apenas está fracamente entreaberta, Jesus não pode entrar e êsses bons movimentos da alma ficam frustrados. A graça passa de balde e vai voltar-se contra a alma. Na sua misericórdia, para não acumular tesouros de cólera, Jesus talvez até cesse de lhe falar: Time Jesum transeuntem et non revertentem (4).

Vamos agora mais longe, penetremos até ao âmago dessa alma cuja fisionomia esboçamos.

Assim na vida sobrenatural como na vida moral e intelectual, o papel dos pensamentos tem grande preponderância. Quais os pensamentos que preocupam essa alma e a que corrente obedecem? Humanos, terrenos, vãos, superficiais, egoístas, vão êsses pensamentos convergindo cada vez mais para o eu ou para as criaturas, e amiúde sob as aparências de dedicação e de sacrifício.

A esta desordem na inteligência corresponde o desregramento na imaginação. Nenhuma potência carece mais de repressão do que esta. E nem sequer se cuida em

(1) Mt. 11, 28.

(2) Salmo, 34

(3) Lc. 19.

(4) Temei a Jesus que passa e não volta mais.

refreá-la. Por isso ela, vendo-se de rédea solta, parte em carreira desabalada. Corre para todos os extravios, para tôdas as loucuras. A supressão progressiva da mortificação da vista permite que essa doidinha encontre pábulo abundante, um pouco por tôda parte.

A desordem segue o seu curso. Da inteligência e da imaginação, desce até as afeições. O coração já sòmente se alimenta de quimeras. Que sucederá a êste coração dissipado, que já quase se não inquieta com o reinado de Deus nêle e que se tornou insensível aos entretenimentos com Jesus, à poesia sublime dos mistérios, às belezas severas da liturgia, aos apelos e aos atrativos do Deus da Eucaristia, numa palavra, um coração insensível às influências do mundo sobrenatural? Irá acaso reconcentrar-se em si mesmo? Seria isso um suicídio. Não! êle carece de afeição. Não encontrando mais a felicidade em Deus, há de amar as criaturas. Fica à mercê da primeira ocasião e lança-se nela desatinadamente, imprudentemente, quiçá sem nenhum respeito pelos votos mais sagrados, nem pelo interêsse supremo da Igreja, nem pela própria reputação. Supomos, contudo, que ainda profundamente o perturba a perspectiva da apostasia; entretanto, o escândalo das almas não lhe causa já tanto temor.

Certo que chegar por esta forma até a última consequência é, mercê de Deus, rara exceção. Mas quem não vê que o tédio de Deus e a aceitação do prazer proibido podem levar o coração até as piores desventuras? Do *Animalis homo non intélligit* ⁽¹⁾, há de forçosamente chegar-se ao *Qui nutriebatur in cróceis, amplexatus est stércora* ⁽²⁾. A ilusão obstinada, a cegueira do espírito, o endurecimento do coração vão progredindo. Tudo se pode esperar.

Para cúmulo da desgraça, a vontade encontra-se não destruída, mas reduzida a tal estado de enfraquecimento, de moleza, que quase equivale à impotência. Peçam-lhe não que reaja enèrgicamente, que isso seria inútil, mas que tente um simples esforço, e apenas granjearão esta resposta desanimadora: "Não posso". Ora, quem neste

(1) O homem animal não percebe aquelas coisas que são do espírito de Deus (I Cor., 2, 14).

(2) O que se nutria entre púrpuras, abraçou o estérco (Lam. Jerem., 4, 5).

ponto não é já capaz de esforços, está a caminho das piores catástrofes.

Um ímpio illustre ousou dizer que de forma alguma acreditava na fidelidade aos votos e obrigações por parte de certas almas, imiscuídas pelas suas obras na vida do século. “Elas caminham, acrescentava êle, por uma corda bamba. Hão de forçosamente cair”. A esta injúria a Deus e à Igreja, é mister responder sem hesitação que essas quedas com certeza se evitam quando nos sabemos servir da preciosa maromba da vida interior e que, ao abandono dêste meio infalível, se devem atribuir a vertigem e os passos em falso, os passos escandalosos para o precipício.

O admirável Jesuíta, p.^e Lallemand, remonta à causa inicial dessas catástrofes, quando diz: Muitos homens apóstólicos nada fazem puramente por Deus. Procuram-se em tudo e sempre misturam interêsse próprio com a glória de Deus em seus melhores empreendimentos. Passam destarte, a vida inteira, nessa mistura de natureza e de graça. Chega por fim a morte e só então é que abrem os olhos, só então vêem a sua ilusão, e tremem ao avizinhar-se do terrível tribunal de Deus (1).

Longe de nossa intenção está, por sem dúvida, o incluir no número dos apóstolos que se pregam a si mesmos, êsse zeloso e esforçado missionário que se chamou o célebre padre Combalot. Mas será porventura inoportuna a citação das suas palavras, poucos momentos antes de morrer? “Tenha confiança, meu caro amigo, dizia-lhe o sacerdote depois de lhe ter administrado os últimos sacramentos. Tenha confiança, porque conservou sempre íntegra sua vida sacerdotal, e seus milhares de sermões não de, por certo, diante de Deus, servir de atenuante à insuficiência de vida interior de que fala. — Os meus sermões! Oh! como eu agora os vejo por um prisma diferente! Os meus sermões! Se nosso Senhor não fôr o primeiro a falar-me dêles, não serei eu que começarei.” Ao clarão da eternidade, êsse venerável sacerdote, nas suas melhores obras de zêlo, via imperfeições que inquietavam sua consciência e que atribuía à falta de vida interior.

O cardeal Du Perron, à hora da morte, mostrava-se arrependido porque, durante a vida, mais se dedicara ao

(1) Doct. spirit.

aperfeiçoamento de sua inteligência pelas ciências que ao da vontade pelos exercícios da vida interior (1). Ó Jesus, apóstolo por excelência, houve porventura alguém que jamais se prodigalizasse tanto como vós, enquanto entre nós habitáveis? Hoje, ainda com maior abundância vos dais aos homens por meio da vossa vida eucarística, sem que para isso jamais deixeis o seio de vosso Pai! Oxalá nunca esqueçamos que vós quereis tomar conhecimento apenas daqueles nossos trabalhos que forem animados por um princípio verdadeiramente sobrenatural e que mergulharem suas raízes no vosso Coração adorável.

3. A vida interior, base da santidade do obreiro apostólico

Não sendo a santidade mais que a vida interior levada até à estreitíssima união da nossa vontade com a vontade de Deus, em via de regra e salvo um milagre de graça, a alma não atinge êsse termo senão depois de ter percorrido, através de múltiplos e penosos esforços, tôdas as etapas da vida purgativa e iluminativa. Frisemos, como lei da vida, espiritual que, no decurso da santificação, a ação de Deus e a da alma seguem marcha inversa: as operações de Deus assumem, de dia para dia, papel cada vez mais considerável, ao passo que a alma vai operando cada vez em menor escala.

Diferente é a ação de Deus nos perfeitos e nos que começam. Menos aparente nestes, provoca especialmente e ampara nêles a vigilância e a súplica, oferecendo-lhes dessa sorte o meio de alcançarem a graça para novos esforços. Nos perfeitos, Deus opera de forma mais completa e às vêzes até não exige mais que o simples consentimento que une a alma à sua ação suprema.

O principiante e mesmo o tíbio e o pecador que o Senhor quer aproximar de si, sentem-se primeiramente inclinados a procurar a Deus; depois, a provarem-lhe cada vez mais o próprio desejo de lhe agradecer; finalmente, a rejubilarem-se com tôdas as ocasiões providenciais que lhes permitam destronar o amor próprio, para porem em seu lugar unicamente o reino de Jesus. Neste caso, a ação divina limita-se a incitamentos, a auxílios.

(1) P.e Lallemand, Doct. spirit.

No santo, é muito mais poderosa e muito mais completa esta ação. Em meio das fadigas e dos sofrimentos, abeberado de humilhações ou acabrunhado pela doença, basta, por assim dizer, que o santo se abandone à ação divina, sem a qual êle seria incapaz de suportar as agônias que, consoante os desígnios de Deus, devem servir de remate ao seu amadurecimento. Nêle plenamente se realiza o texto seguinte: Deus subjecit sibi omnia ut sit Deus omnia in omnibus ⁽¹⁾. Vive de tal sorte de Jesus que parece não mais viver por si mesmo. Êste é o testemunho que de si deu o apóstolo: Vivo autem jam non ego: vivit vero in me Christus ⁽²⁾. Só o espírito de Jesus pensa, decide e opera. Certo que a divinização está longe de atingir a intensidade que há de lograr na glória, contudo êste estado já reflete os caracteres da união beatifica.

Julgamos inútil frisar que assim não sucede com o principiante ou o tívio, e até com o simples fervoroso. A seus estados se adapta uma série inteira de meios que, de mais a mais, podem igualmente servir tanto a um como a outro. O principiante, porém, como qualquer aprendiz, há de molestar-se muito, avançará com lentidão e afinal há de desempenhar-se medíocemente de sua tarefa. O fervoroso, artista já adestrado, há de, por seu lado, executar depressa e bem sua tarefa e, com poucas dificuldades, há de granjear maiores proveitos.

Contudo, seja qual fôr a categoria de apóstolos de que se trate, invariáveis são sempre as intenções da Providência a respeito dêles. Sempre e para todos, Deus quer que as obras sejam um meio de santificação. Mas, ao passo que, para a alma já chegada à santidade, o apostolado nenhum perigo sério oferece, nenhuma fôrça a esgota e tudo lhe fornece abundantes ocasiões de crescer em virtude e em méritos, vimos com que facilidade o apostolado causa a anemia espiritual e, portanto, o retrocesso no caminho da perfeição às pessoas fracamente unidas a Deus e nas quais pouco desenvolvimento têm ainda o gôsto pela oração, o espírito de sacrifício e sobretudo a guarda habitual do coração.

(1) Deus sujeitou-lhe tôdas as coisas, para que Deus seja tudo em todos (I Cor. 15, 28).

(2) Eu vivo; por melhor dizer não sou eu já o que vivo, mas Cristo é que vive em mim (Gal. 2, 20).

Deus jamais recusa êsse hábito à oração instante e a alma generosa que, mediante propósitos sempre renovados, foi pouco a pouco transformando as suas faculdades, tornando-as dóceis às inspirações divinas e capazes de aceitar alegremente contradições e maus êxitos, perdas e decepções.

Vejamos agora como a vida interior, mediante seis características principais, se infiltra numa alma para a dotar de verdadeiras virtudes.

a) Acautela-a contra os perigos do ministério exterior

Difficilius est bene conversari cum cura animarum propter exteriora pericula (1). Já falamos dêste perigo no capítulo precedente.

Ao passo que o obreiro evangélico desprovido de espírito interior ignora os perigos a que as obras dão origem e assim se assemelha ao viajero que atravessa desarmado uma floresta infestada de bandidos, o verdadeiro apóstolo teme êsses perigos e todos os dias contra êles se acautela, mediante sério exame de consciência, que lhe serve para descobrir os pontos fracos.

Ter consciência de um perigo incessante: outra vantagem não trouxesse a vida interior e já esta contribuiria eficazmente para nos preservar das surpresas da jornada: perigo previsto já é perigo meio afastado. Mas muito diferente é sua utilidade. A vida interior torna-se, para o homem de obras, uma armadura completa: *Induite armaturam Dei, ut possitis stare adversus insídias diaboli* (2), armadura divina que lhe permitirá não só resistir às tentações e evitar as ciladas do demônio: *Ut possitis resistere in die malo, senão também santificar todos os seus próprios atos: Et in omnibus perfecti stare.*

A vida interior cinge-o da pureza de intenção que em Deus concentra pensamentos, desejos e afeições e não

(1) É mais difícil viver bem quando se tem encargo de almas, por causa dos perigos exteriores (S. Tom., 2.ª 2.ªe, q. 184, a. 18).

Quo amplior atque diffusior actio sacerdotis curati, eo periculosior et exitiosior, nisi spiritu contemplationis fulciatur (Card. Fischer, *Opusc. de ut. contempl.*

(2) Revesti-vos da armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as ciladas do diabo... para que possais resistir no dia mau, e estar completos em tudo. Estai, pois, firmes, tendo cingidos os vossos lombos na verdade, e vestidos da couraça da justiça, e tendo os pés calçados na preparação do Evangelho da paz. Embracai sobretudo o escudo da fé, com que possais apagar todos os dardos inflamados do mais que maligno. Tomai outrossim o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus (Ef., 6, 11, 17).

permite que o homem de obras se tresmalhe à procura de comodidades, prazeres e distrações: *Succincti lumbos vestros in veritate.*

Reveste-o da couraça da caridade que lhe dá um coração varonil e o defende das seduções da criatura e do espírito do século e outrossim dos assaltos do demônio: *Induti lorica m justítiae.*

Calça-o com a discrição e com o recato, a fim de que em todos os seus passos logre aliar a simplicidade da pomba à prudência da serpente: *Calceati pedes in præparatione Evangélii.*

Satanás e o mundo hão de procurar ilaquear-lhe o entendimento com os sofismas da falsa doutrina, enervar-lhe a energia com o engôdo das máximas relaxadas. A essas mentiras, a vida interior oporá o escudo da fé que faz brilhar aos olhos da alma o esplendor do ideal divino: *In ómnibus sumentes scutum fidei in quo possitis ómnia tela nequíssimi ígnea extinguer.*

Conhecimento do seu nada, solicitude pela sua própria salvação, convicção de que nada absolutamente pode sem o socorro da graça e, portanto, oração instante, suplicante e fervorosa, tanto mais eficaz quanto mais cheia de confiança, eis para a alma um como capacete de bronze, que há de, por certo, amortecer os golpes do orgulho: *Gáeam salutis assúmíte.*

Assim armado dos pés à cabeça, poderá o apóstolo entregar-se sem temor às obras, e o seu zêlo, inflamado pela meditação do Evangelho, fortificado pelo Pão eucarístico, há de tornar-se uma espada que a um tempo lhe servirá assim para combater os inimigos da sua própria alma como para conquistar grande número de almas para Jesus Cristo: *Gládium spíritus quod est verbum Dei.*

b) A vida interior restaura as fôrças do apóstolo

Só o santo, já o dissemos, em meio da confusão dos negócios e malgrado o contacto habitual com o mundo, logra salvaguardar o seu espírito interior e dirigir sempre os seus pensamentos e as suas intenções unicamente para Deus. Qualquer dispêndio de atividade exterior nêle se encontra de tal maneira sobrenaturalizado e abrasado em caridade que, longe de vingar diminuir as suas fôrças, antes necessàriamente lhe granjeia aumento de graça.

Nas outras pessoas, embora fervorosas, ao cabo de certo tempo, mais ou menos dilatado, consagrado às ocupações exteriores, a vida sobrenatural parece sofrer alguma perda. Preocupadíssimo com o bem a fazer ao próximo, sobremaneira absorvido numa compaixão insufficientemente sobrenatural pelas misérias a aliviar, o seu coração imperfeito parece dirigir para Deus chamadas menos puras, escurentadas pelo fumo de numerosas imperfeições.

Deus não punirá essa fraqueza pela diminuição da graça e não tratará com rigor êsses desfalecimentos, se vir que se fazem esforços sérios de vigilância e de oração durante a ação e que a alma está disposta a voltar para junto dêle, acabado o trabalho, a fim de repousar e reparar as próprias fôrças. Esta perpétua renovação de propósitos, causada pelo enlace da vida ativa e da vida interior, alegra-lhe o coração paternal.

De mais a mais, naqueles que lutam, vão-se tornando cada dia menos freqüentes e profundas essas imperfeições, à medida que a alma vai aprendendo a recorrer infatigavelmente a Jesus, que sempre se encontra pronto a dizer-lhe: “Volve para mim, pobre cervo ofegante, sequioso pelo comprimento da jornada. Vem encontrar nas águas vivas o segrêdo de nova agilidade para novas carreiras. Aparta-te um instante da multidão, que não logrará ministrar-te o alimento de que carecem as tuas fôrças esgotadas: Venite seorsum et requiescite pusillum⁽¹⁾. No sossêgo, na paz que junto de mim desfrutarás, hás de reencontrar a breve trecho o teu primeiro vigor e hás de aprender ainda o meio de fazer mais com menor dispêndio de fôrças. Elias, fatigado, desanimado, viu as suas energias instantâneamente reanimadas por um pão misterioso. De igual sorte procederei contigo, ó meu apóstolo, nessa invejável tarefa que me aprouve impor-te, não só com a minha palavra que é tôda vida, senão também com a minha graça, isto é, com meu sangue, hei de procurar orientar de nôvo teu espírito para os horizontes eternos e renovar entre o teu e o meu coração um pacto de inti-

(1) Vinde aqui, à parte, a um lugar deserto e repousai um pouco (Mc. 6, 31).

midade. Vem, que eu te consolarei das tristezas e das decepções da viagem. E, no crisol do meu amor, retemperarás então o aço das tuas resoluções: Venite ad me omnes qui laboratis et onerati estis et ego reficiam vos ⁽¹⁾.

c) A vida interior multiplica as suas energias e os seus méritos

Tu ergo, fili mi, confortare in grátia ⁽²⁾. A graça é uma participação da vida do Homem-Deus. A criatura possui certa medida de fôrça e pode até, de alguma sorte, considerar-se, definir-se como fôrça. Jesus é a fôrça por essência. Nêle reside em tôda a sua plenitude a fôrça do Pai, a onipotência da ação divina, e Espírito de fôrça se chama o seu Espírito.

Ó Jesus, exclama s. Gregório de Nazianzo, sòmente em vós reside tôda a minha fôrça. Fora de Cristo, diz por sua vez s. Jerônimo, eu sou de todo impotente.

O Doutor seráfico no 4.^o livro do seu *Compendium theologiae* enumera os cinco caracteres principais que em nos reveste a fôrça de Jesus: o primeiro é emprender coisas difíceis e entrentar resolutamente os obstáculos: Viriliter ágite et contortetur cor vestrum ⁽³⁾.

O segundo é o desprêzo das coisas da terra: Ómnia detrimentum feci et árbitor ut stercora ⁽⁴⁾.

O terceiro, a paciencia nas tribulações: Fortis ut mors dilectio ⁽⁵⁾.

O quarto, a resistência às tentações: Tanquam leo rúgiens circuit... cui resistite fortes, in fide ⁽⁶⁾.

O quinto é o martírio interior, o testemunho não do sangue senão da própria vida que clama a Jesus: Quero ser todo vosso. Consiste em combater as concupiscências,

(1) Vinde a mim todos os que andais em trabalhos e vos achais carregados e eu vos aliviarei (Mt., 11 28). Aproveitando o ensejo dêstes apêlos de nosso Senhor às almas de boa vontade, chamamos a atenção especial delas para o 3.^o Conselho prático que formulamos no cap. I da 5.^a parte, cêrca do fim dêste livro, pág. 172.

(2) Tu, pois, filho meu, fortifica-te pela graça (II Tim. 2, 1).

(3) Agi varonilmente e fortaleça-se o vosso coração (Sl. 30, 25).

(4) Por seu amor quis perder tudo, avaliando-o como estêrco (Filip., 3, 8).

(5) O amor é forte como a morte (Cânt. 8, 8).

(6) O diabo anda ao derredor de vós como um leão que ruge... resisti-lhe fortes na fé (I Ped. 5, 8 e 9).

em domar os vícios e em trabalhar com energia na aquisição das virtudes: *Bonum certamen certavi* (1).

Ao passo que o homem exterior conta com as suas forças naturais, o homem interior, êsse, apenas vê nelas auxiliares úteis, por sem dúvida, mas insuficientes. O sentimento da sua própria fraqueza e a sua fé na onipotência de Deus dão-lhe como a s. Paulo, a medida exata das suas forças. À vista dos obstáculos que sucessivamente se vão erguendo perante êle, exclama com humilde altivez: *Cum enim infirmor, tunc potens sum* (2).

Sem vida interior, diz s. Pio X, hão de faltar as forças para agüentar com perseverança os aborrecimentos que qualquer apostolado acarreta, a frieza e o escasso concurso dos próprios homens de bem, as calúnias dos adversários e, às vêzes, até os ciúmes dos amigos, dos companheiros de armas... Só uma virtude paciente, fortalecida no bem e ao mesmo tempo suave e delicada, é capaz de remover ou diminuir essas dificuldades (3).

Mediante a vida de oração, como seiva que escorre da cêpa para os sarmentos, a força divina desce à alma do apóstolo para lhe fortalecer a inteligência, dando-lhe fé mais viva. Então progride, porque essa virtude alumia seu caminho com luzes mais esplendentes. Então avança resoluto, porque sabe aonde quer ir e como deve atingir o seu fim.

Esta iluminação é acompanhada de tal energia sobrenatural de vontade que até os próprios caracteres fracos e versáteis se tornam capazes de atos heróicos.

Assim é que o *Manete in Me* (4), a união com o Imutável, com aquêle que é o leão de Judá e o pão dos fortes, explica a maravilha da constância invencível e da firmeza tão perfeita que, nesse admirável apóstolo chamado s. Francisco de Sales, se aliavam à doçura e humildade incomparáveis. O espírito e a vontade fortificam-se com a vida interior porque o amor se fortifica. Jesus vai progressivamente purificando, dirigindo e aumentando êsse amor. Torna-o participante dos sentimentos de compaixão, de dedicação, de abnegação e de desinterêsse do seu Co-

(1) *Combati o bom combate* (II Tim., 4, 7).

(2) *Quando estou enfêrmo, então estou forte* (II Cor. 12, 10).

(3) Encíclica de s. Pio X, de 11 de junho de 1905, aos bispos da Itália.

(4) *Permanecei em mim* (Jo., 15, 4).

ração adorável. Se êsse amor se torna paixão, eleva então ao seu máximo grau e utiliza tôdas as fôrças naturais e sobrenaturais do homem para seu próprio proveito.

Fácil é desta sorte julgar do aumento de méritos resultantes da multiplicação das energias que dá a vida de oração; basta recordar-nos de que o mérito consiste menos na dificuldade que possa haver na prática de um ato, do que na intensidade de caridade com que êle se pratica.

d) A vida interior dá-lhe alegria e consolação

Só o amor ardente e inabalável logra alegrar a existência, porque o amor possui o segrêdo de dilatar o coração, ainda no meio das dores ingentes e das fadigas acaloradas.

Cadeia de sofrimentos e de trabalhos é a vida do homem apóstólico. Se o apóstolo não está convencido de que Jesus o ama, muitíssimas serão para êle as horas tristes, inquietas e sombrias, por jovial que seja o seu caráter; a não ser, é claro, que o caçador infernal deslumbre a ingênua avezinha com o espelho das consolações humanas e com êxitos aparentes a fim de melhor a atrair para os seus laços intrincados. Só o Homem-Deus pode fazer soltar êste grito sobre-humano da alma: Superabundo gáudio in omni tribulatione nostra (1). Em meio das minhas íntimas provações, diz o apóstolo, a parte superior do meu ser, como a de Jesus em Getsêmani, desfruta uma felicidade que nada tem, por certo, de sensível, mas cuja realidade é tal que, a despeito da agonia da parte inferior, não a trocaria eu por tôdas as alegrias humanas.

Venham embora as provações, as contradições, as humilhações, o sofrimento, a perda de bens, a perda dos seres amados, a alma aceitará estas cruces com sentimentos inteiramente diversos dos que tinha nos alvôres da sua conversão.

Dia a dia vai ela crescendo em caridade. Pouco importa que sem brilho se manifeste seu amor; que o Mestre a trate como alma forte, levando-a pelas vias de um aniquilamento cada vez mais profundo, ou pela senda austera da expiação ou pelo mundo. Favorecido pelo recolhimento, alimentado pela Eucaristia, o amor não cessa

(1) Exuberô de gôzo no meio de tôda a nossa tribulação ((II Cor. 7, 4).

de aumentar; disso é prova essa generosidade com que a alma se sacrifica e se abandona; essa dedicação que a faz correr, sem pensar nos trabalhos, à procura de almas junto das quais o seu apostolado se exerce com paciência, com prudência, tacto, compaixão, ardor, somente explicáveis pela penetração da vida de Jesus nela: *Vivit vero in me Christus*.

O sacramento do amor deve ser o da alegria. Não pode ser interior a alma que não é eucarística, e, portanto, a alma que não se deleita intimamente com o dom de Deus, que não goza de sua presença, que não experimenta a doçura do ser amado que possui e que adora.

A vida do homem apostólico é vida de oração. “Vida de oração, diz o santo cura de Ars, eis a grande felicidade deste mundo. Ó vida admirável! ó admirável união da alma com nosso Senhor! A eternidade não é demasiadamente longa para se compreender essa felicidade... A vida interior é banho de amor em que a alma se mergulha... Fica como afogada no amor... Deus ampara a alma interior como a mãe sustenta em suas mãos a cabeça do filho para a cobrir de beijos e de carícias”.

Contribuir para tornar servido e honrado o objeto do seu amor é outrossim alimento de alegria. O homem apostólico conhece tôdas essas felicidades.

Servindo-se das obras para aumentar o amor, sente ao mesmo tempo crescer a alegria e a consolação. “*Venator animarum*”, tem a dita de contribuir para a salvação de almas que talvez se condenariam; portanto, tem o prazer de consolar a Deus, dando-lhe corações dos quais talvez tivesse de se separar eternamente, o prazer enfim de saber que dessa sorte granjeia para si mesmo uma das mais sólidas garantias de progresso no bem e de glória eterna.

e) A vida interior acrisola a pureza de intenção

O homem de fé aprecia as obras de um ponto de vista inteiramente diverso do daquele que vive exteriormente. Vê nelas não tanto o aspeto aparente como o papel que desempenham no plano divino e nos resultados sobrenaturais.

Desta sorte, considerando-se simples instrumento, vai alimentando na alma o horror por qualquer compla-

cência nas próprias aptidões tanto mais quanto vai baseando a esperança dos bons êxitos sôbre a própria impotência e sôbre a confiança exclusiva em Deus.

Assim é que êle se fortifica no estado de abandono. No decurso das dificuldades, como é grande a diferença entre sua atitude e a atitude do homem apostólico que não conhece as intimidades com Jesus!

De mais a mais, êste abandono não logra diminuir o ardor por qualquer empreendimento. Trabalha como se o bom êxito unicamente dependesse de sua atividade, mas de fato apenas o espera unicamente de Deus ⁽¹⁾. Nada lhe custa subordinar todos os projetos e esperanças aos desígnios incompreensíveis dêsse Deus que para o bem das almas com mais freqüência se serve dos reveses que dos triunfos.

Daí resulta para a alma um estado de santa indiferença pelos bons ou maus êxitos de suas emprêsas. “Vós, ó meu Deus, está ela sempre pronta a dizer, não quereis que se acabe a obra começada. Preferis que eu me limite a trabalhar com generosidade, e sempre em paz, a envia-
dar esforços para atingir o resultado, deixando-vos o cuidado de decidir se o bom êxito vos granjeará mais glória que o ato de virtude que um revés me dará ocasião de praticar. Mil vêzes bendita seja vossa santa e adorável vontade. Oxalá, com o auxílio da graça, logre recalcar os mínimos sintomas de vã complacência, se abençoardes meus projetos, tão bem como humilhar-me e adorar, se vossa providência julgar conveniente reduzir a nada o fruto de minhas fadigas.”

Certo é que o coração do apóstolo sangra quando contempla as tribulações da Igreja; mas a maneira como êle sofre é completamente diversa da do homem não animado pelo espírito sobrenatural. A melhor prova disso está na conduta e na atividade febril dêste, quando sobrevêm as dificuldades, nas suas impaciências e abatimento, no seu desespero, e às vêzes, até no seu aniquilamento perante ruínas irreparáveis. O verdadeiro apóstolo utiliza todos os triunfos e reveses, para aumentar a esperança e dilatar a alma num abandono cheio de confiança na providência. Qualquer particularidade, bem que mínima, de

(1) Santo Inácio.

seu apostolado lhe serve de motivo para atos de fé. Qualquer momento do seu trabalho perseverante lhe fornece ensejo de praticar atos de caridade, porque, pelo exercício da guarda do coração, chega a ponto de proceder em tudo com pureza de intenção cada dia mais perfeita e, pelo abandono, a tornar o ministério cada vez mais pessoal.

Desta arte, tôdas e cada uma das ações se vão, impregnando, cada vez mais, dos caracteres de santidade, e como o amor pelas almas, ao princípio mesclado de muitas imperfeições, se vai aos poucos purificando, o verdadeiro apóstolo acaba por não mais ver essas almas senão em Jesus, por não mais amá-las senão em Jesus, e assim por Jesus as conquista para Deus: *Filíoli mei quos íterum partúrio, donec formetur Christus in vobis* (1).

f) A vida interior é um escudo contra o desânimo

O apóstolo que não logra entender bem qual deva ser a alma de seu apostolado achará incompreensível esta frase de Bossuet: Quando Deus quer que uma obra seja tôda de sua mão, tudo reduz à impotência e a nada, e depois opera.

Nada ofende tanto a Deus como o orgulho. Ora, na procura de bons êxitos, podemos, por falta de pureza de intenção chegar a ponto de nos erigirmos numa como que divindade, princípio e fim de nossas obras. Deus tem horror desta idolatria. Por isso, quando vê que a atividade do apóstolo carece dessa impersonalidade que sua glória exige da criatura, deixa, às vêzes, o campo livre às causas segundas, e o edifício não tarda em desmoronar-se.

Ativo, inteligente, dedicado, votou-se o operário ao trabalho com todo o entusiasmo de sua natureza. Conheceu quiçá êxitos brilhantes, alegrou-se com êles, olhou-os com complacência. É sua obra. A sua! *Veni, vidi, vici*. Quase chegou a apropriar-se desta frase célebre. Espere-mos um pouco. Qualquer acontecimento permitido por Deus, uma ação direta de Satanás ou do mundo vingam atingir a obra ou a própria pessoa do apóstolo: ruína total! Mais lamentável, porém, é ainda a devastação interior, causada pela tristeza e pelo desânimo dêsse esfor-

(1) *Filhinhos meus por quem eu de nôvo sinto as dores do parto até que Cristo se forme em vós* (Gál., 4, 19).

çado de ontem. Quanto mais exuberante havia sido a alegria, tanto mais profundo é agora o abatimento!

Só nosso Senhor poderia reparar essas ruínas: “Vamos, coragem, diz êle ao desanimado, em vez de operares sôzinho, recomeça o trabalho comigo, por mim e em mim.” Mas o infeliz já não escuta esta voz. Tão exteriorizado anda que, para a ouvir, haveria mister de um verdadeiro milagre da graça; mas já não tem o direito de contar com êle, devido ao acúmulo de infidelidades. Só uma vaga convicção na onipotência de Deus e na sua providência é que paira sôbre a desolação dêsse desditoso e essa convicção não é suficiente para dissipar as ondas de tristeza que continuam a assaltá-lo.

Quão diferente é o espetáculo do verdadeiro sacerdote, cujo ideal é reproduzir nosso Senhor! Os dois grandes meios de ação, assim sôbre o coração de Deus, como sôbre o coração dos homens, são sempre, para êsse sacerdote, a oração e a santidade. Certo é que êle dispõe fôrças e com muita generosidade. Mas julga a miragem do bom êxito perspectiva indigna de verdadeiro apóstolo. Sobrevêm as borrascas, pouco importa a causa segunda que as originou. Como trabalhou apenas com nosso Senhor, em meio das ruínas amontoadas, êsse apóstolo ouve retinir no fundo do seu coração o mesmo *Noli timere* que outrora, durante a tempestade, restituía a paz e a segurança aos discípulos atemorizados.

Nôvo surto de amor para a Eucaristia, reflorescimento de devoção íntima para com nossa Senhora das Dores, eis o primeiro resultado da provação.

Em vez de se deixar esmagar pelo revés, a alma dêsse sacerdote sai rejuvenescida da compressão: *Sicut águilae juvenus renovábitur* ⁽¹⁾. Donde procede essa atitude do humilde triunfador em meio da derrota? Não procureis em outra parte o segrêdo de tal atitude, porque êle se encontra nessa união com Jesus e nessa inabalável confiança na sua onipotência, que faziam santo Inácio dizer: Se a companhia chegasse a ser supressa sem qualquer culpa de minha parte, para recobrar o sossêgo e a paz, bastar-me-ia um quarto de hora de entretenimento com Deus. “Como um rochedo no meio do mar, assim está o

(1) A tua juventude renovada tem o vigor da águia (Salmo 102).

coração das almas interiores no meio das humilhações e dos sofrimentos (1).”

Certo é que o apóstolo sofre. Isso que esterilizou seus esforços e arruinou sua obra ainda será talvez a causa da perda de muitas de suas ovelhas. Tristeza amarga para esse verdadeiro pastor, por sem dúvida; mas tristeza incapaz de arrefecer o ardor com que vai recomeçar a obra. Ele sabe que toda a redenção, ainda que seja aplicada apenas a uma alma, é obra sublime que se realiza sobretudo pelo sofrimento. Basta para o sustentar a certeza de que as provações generosamente suportadas aumentam os seus progressos na virtude e granjeiam glória mais abundante para Deus.

Sabe de mais a mais que muitas vezes Deus exige dêle apenas germes de bons êxitos. Outros serão os que não de recolher abundantes messes e talvez julguem então poder atribuí-las a si mesmos. O céu, porém, saberá discernir a causa delas no trabalho ingrato e aparentemente estéril que as precedeu. *Misi vos mētere quod vos non*

(1) Santo Cura de Ars.

A maioria dos homens de obras serão acaso capazes de fazer seus os sentimentos que o general de Sonis exprime nesta admirável oração quotidiana, relatada pelo autor da sua Vida?

“Meu Deus! eis-me aqui em vossa presença, pobre, pequenino, desprovido de tudo.

“Estou a vossos pés, abismado no meu nada.

“Desejaria possuir alguma coisa para vos ofertar; mas nada mais sou que miséria. Só vós sois o meu tudo, a minha riqueza.

“Meu Deus, agradeço-vos o terdes querido que eu nada fôsse perante vós. Amo a minha humilhação, o meu nada. Agradeço-vos o terdes afastado de mim certas satisfações do amor próprio, certas consolações de corações. Agradeço-vos as decepções, as ingratidões, as humilhações. Reconheço que de tudo isso havia mister e que esses bens poderiam ter-me conservado longe de vós.

“Bendito sejais, meu Deus, quando me enviáis provações. Gosto de ser acabrunhado, esmagado, reduzido a nada por vós. Aniquilai-me, pois, cada vez mais. Fazei que eu seja, não como a pedra de um edificio, lavrada e polida pela mão do operário, mas como o obscuro grãozinho de areia, tirado da poeira do caminho.

“Meu Deus, agradeço-vos o terdes-me deixado entrever a doçura das vossas consolações e agradeço-vos o terdes-me privado delas. Justo e bom é tudo quanto fazéis. Bendigo-vos no meio de minha indigência e só lamento o não vos ter amado ainda mais. Só desejo que seja feita vossa vontade.

“Vós sois meu Senhor e eu vossa propriedade. Disponde e tornai a dispor de mim quanto quiserdes. Destruí-me e atormentai-me. Quero ser reduzido a nada por vosso amor.

“Como a vossa mão é bondosa, ó Jesus, mesmo no auge das provações. Oxalá seja eu crucificado, mas crucificado por vós. Assim seja”.

laborastis; alii laboraverunt et vos in labores eorum introistis (1).

No decurso da sua vida pública, nosso Senhor, autor dos êxitos dos seus apóstolos depois do Pentecostes, somente se contentou com lançar a semente, com deixar lições e exemplos e predizia aos apóstolos que a êles seria dado o fazerem obras maiores que as suas: **Opera quae ego fácio, et ipse fáciat, et majora horum fáciat (2).**

Perder o ânimo o verdadeiro apóstolo! Deixar-se influenciar pelas resoluções dos pusilânimes! Condenar-se ao repouso após um revés! Se assim pensais, é porque não compreendeis, nem a vida íntima, nem a fé em Jesus Cristo. Abelha infatigável, êle há de, por certo, reconstruir com alegria novos favos na colmeia devastada.

(1) Eu vos enviei a segar o que vós não trabalhastes; outros foram os que trabalharam, e vós entrastes nos seus trabalhos (Jo., 4, 38).

2) Jo., 14, 12.

QUARTA PARTE

FECUNDIDADE DAS OBRAS PELA VIDA INTERIOR

1. A vida interior é condição para a fecundidade das obras

Abstraiamos aqui da razão de fecundidade que os teólogos denominam *ex opere operato*. Considerando apenas a que resulta *ex opere operantis*, convém lembrar que, se o apóstolo realiza o *Qui manet in me et ego in eo*, assegurada está a fecundidade da sua obra, querida por Deus: *Hic fert fructum multum* (1). É a lógica evidente deste texto. Em face desta autoridade, supérfluo será provar a tese. Limitemo-nos a confirmá-la com fatos.

Durante mais de trinta anos, pudemos seguir o andamento de dois orfanatos de meninas, dirigidos por duas congregações diferentes. Ambos atravessaram um período de manifesta decadência. Por que não dizê-lo? De dezasseis órfãs recolhidas em condições idênticas e que, chegadas à maioridade, tinham saído desses asilos, três do primeiro e duas do segundo, no espaço de oito a quinze meses passaram da comunhão freqüente ao estado mais aviltante da escala social. Das outras onze, só uma se conservou profundamente cristã; tôdas, entretanto, tinham sido colocadas, por ocasião da saída, em casas de famílias honestas.

Num destes orfanatos, há cêrca de onze anos apenas, houve mudança de superiora. Seis meses depois, já se comprovava radical transformação no espírito da casa.

A mesma transformação se observava, passados três anos, no outro orfanato, porque, continuando as mesmas superiores e as mesmas religiosas, apenas houvera mudança de capelão.

Ora, desde essa época, nem uma só dessas pobres meninas, que saíram por ter atingido a maioridade, foi ati-

(1) O que permanece em mim, e eu nêle, êsse dá muito fruto (Jo., 15, 5).

rada por Satanás para a lama das sarjetas. Tôdas, absolutamente tôdas, se conservaram boas cristãs.

Simplicíssima é a razão dêstes resultados. Nesses orfanatos não havia à testa da casa ou no confessionário uma direção interior profundamente sobrenatural: isso bastava para paralisar, ou ao menos para atenuar, a ação da graça. Num dos casos a antiga superiora e no outro o antigo capelão, ambos sinceramente piedosos, mas sem verdadeira vida interior, nenhuma ação profunda e duradoura portanto, exerciam. Piedade de sentimento, de meio, comunicativa exclusivamente feita de práticas e de hábitos, produzindo apenas crenças vagas, amor sem calor e virtudes sem raízes. Piedade frouxa, meliflua, tôda de exterioridades, de afetação ou de rotina, piedade tal que sòmente servia para formar boas criaturas incapazes de fazer mal a ninguém, afetadas, que só sabiam fazer mesuras, mas sem força de caráter, a reboque da sensibilidade e da imaginação. Piedade impotente para rasgar largos horizontes à vida cristã e para criar mulheres fortes, preparadas para a luta; piedade que, quando muito, só lograva conter aquelas desditosas crianças que enlanguesciam nas gaiolas e suspiravam pelo dia em que de lá poderiam sair. Eis a única vida cristã que haviam conseguido fazer germinar na alma das crianças êsses obreiros evangélicos para quem era quase desconhecida a vida interior. Mudam essas duas comunidades, uma de superiora e outra de capelão. Tudo imediatamente muda de aspeto. Que maneira tão diferente de compreender então a oração! Como os sacramentos são mais fecundos! Como é diversa a postura na capela e até no trabalho e na recreação! Mudanças radicais demonstradas pela análise e que manifestam alegria tranqüila, grande entusiasmo, aquisição de virtudes e, em algumas almas, desejo intenso de vocação religiosa. A que atribuir tal transformação? A nova superiora, o nôvo capelão, eram almas interiores.

Em grande número de colégios, externatos, hospitais, patronatos, paróquias, comunidades e seminários, o observador atento, sem dúvida nenhuma, terá também atribuído idênticos efeitos às mesmas causas.

Ouçamos s. João da Cruz: Reflitam aqui durante alguns instantes, diz êle, êsses homens devorados pela ati-

vidade que pensam revolver o mundo com suas pregações e demais obras exteriores, e sem custo algum chegarão a compreender que muito mais úteis seriam à Igreja e muito mais agradariam ao Senhor (não falando do bom exemplo que dariam em tôrno dêles), se consagrassem mais tempo à oração e aos exercícios da vida interior.

Certo é que, procedendo assim, com uma só obra e com muito menos trabalho fariam **Maior Bem** do que fazem com milhares de outras a que dedicam a vida. A oração lhes mereceria essa graça, e lhes alcançaria as fôrças espirituais, de que hão mister para produzir frutos. Sem ela, tudo se reduz a grande estrondo; é o malho que, ao cair sôbre a bigorna, mais não faz do que acordar todos os ecos das circunvizinhanças. Sem ela, apenas se faz um pouco mais que nada, muitas vêzes até absolutamente nada, ou mesmo dano. Livre-nos Deus de tal alma, se ela começa a envaidecer. Debalde militariam a seu favor as aparências; a verdade é que ela nada fará, pois é absolutamente certo que nenhuma boa obra pode realizar-se sem a virtude de Deus. Oh! quanto se poderia escrever aqui a tal respeito, tendo em mira aquêles que abandonam o exercício da vida interior e que aspiram a obras retumbantes, capazes de pô-los em destaque e de agradar a tôdas as vistas. Essas pessoas nada entendem do veio da água viva, e da fonte misteriosa que tudo faz frutificar (1).

Certas palavras do santo são tão enérgicas como a frase de s. Bernardo — ocupações malditas, mais acima citada. É impossível taxá-las de exagêro, se nos recordamos que as qualidades que Bossuet mais admirava em s. João da Cruz são o perfeito bom senso, o zêlo em acautelhar contra o desejo de vias extraordinárias para chegar à santidade, e a rigorosa precisão no exprimir pensamentos de notável profundidade.

Procuraremos estudar algumas das causas de fecundidade da vida interior.

a) **A vida interior atrai as bênçãos de Deus**

Inebriabo ánimam sacerdotum pinguédine, et pópulus meus bonis meis adimplébitur. (2) Notemos a conexão das duas partes dêste texto. Deus não diz: Darei mais zêlo,

(1) Cânt. espiít., estrofe XXIX.

(2) Fornecerel aos sacerdotes abundância de gordura e fartarei meu povo com a abundância de bens. (Jer., 31, 14).

mais talento aos meus sacerdotes, mas: Inebriarei sua alma, isto é, enchê-los-ei do meu espírito, comunicar-lhes-ei graças escolhidas e desta sorte meu povo receberá a plenitude de meus bens.

Poderia Deus ter distribuído a graça conforme quisesse, sem levar em conta nem a piedade do ministro, nem as disposições dos fiéis. Assim procede no batismo das crianças. Consoante, porém, a lei ordinária da sua providência, êsses dois elementos são a medida dos dons celestes.

Sine me, nihil potestis fácere (1). Tal é o princípio. No Calvário correu o sangue redentor. Como irá Deus assegurar-lhe a fecundidade? Por meio de milagres de difusão de vida interior. Nada mais acanhado que o ideal e o zêlo dos apóstolos antes do Pentecostes. O Espírito Santo transforma-os em homens interiores e para logo maravilhas opera a sua pregação. Deus não mais renovará ordinariamente o prodígio do cenáculo. Para o futuro deixará as graças de santificação a braços com a livre e laboriosa correspondência da criatura. Mas, ao fazer do Pentecostes a data oficial do nascimento da Igreja, não nos dá êle claramente a entender que seus ministros devem considerar como prelúdio de suas obras de co-redentor a santificação pessoal?

Por isso é que todos os verdadeiros operários apostólicos confiam muito mais nos seus sacrifícios e nas suas orações do que no exercício de sua atividade. Antes de subir os degraus do púlpito, o padre Lacordaire orava durante muito tempo, reentrando na sua cela, dava-se a disciplina. O padre Monsabré, antes de usar da palavra em nossa Senhora de Paris, rezava de joelhos o rosário inteiro. "Tenho a minha última infusão", respondia êle com graça a um amigo que o interrogava sôbre êsse exercício. Ambos êstes religiosos viviam do princípio enunciado por s. Boaventura: Os segredos do apostolado fecundo vão haurir-se muito mais aos pés de um crucifixo do que na ostentação de qualidades brilhantes. *Manent tria haec: verbum, exemplum et orátio; major autem his, est orátio*

(1) Sem mim, vós nada podeis fazer (Joan., 15, 5).

(¹), exclama s. Bernardo. Palavra sobremodo enérgica, que mais não é do que o comentário da resolução tomada pelos apóstolos de deixarem certas obras, para se poderem aplicar de preferência à oração: *Orationi*, e só depois ao ministério da palavra: *Ministério verbi* (²).

Temos acaso já notado bem, neste ponto a importância primordial dada pelo Salvador a este espírito de oração? Lançando um olhar sobre o mundo e sobre os séculos vindouros e vendo a multidão de almas chamadas aos benefícios do Evangelho, Jesus contristado exclama: A seara é verdadeiramente grande, mas os obreiros poucos! *Messis quidem multa, operarii autem pauci* (³). Que irá êle propor como meio mais rápido de difundir sua doutrina? Exigirá acaso seus discípulos vão freqüentar as escolas de Atenas ou estudar, junto de cézares de Roma, como se conquistam e governam os impérios? . . . Escutai o Mestre, homens de zêlo. Êle vai nos revelar um programa, um princípio luminoso: *Rogate ergo Dóminum messis ut mittat operários in messem suam* (⁴). Sábias organizações, recursos a procurar, templos a erigir, escolas a construir: nada disto menciona. *Rogate ergo*. A oração, o espírito de oração, eis a verdade fundamental que o Mestre não cessa de recordar. O resto, todo o resto daí promana.

Rogate ergo! Se o tímido murmúrio da súplica de uma alma santa mais capaz de suscitar legiões de apóstolos que a voz eloqüente de um recrutador de vocações menos cheio do espírito de Deus, que concluir daqui senão que o espírito de oração, o qual anda sempre a par do zêlo no verdadeiro apóstolo, há de ser a razão principal da fecundidade do seu trabalho?

Rogate ergo! Oraí antes de mais nada: só depois é que nosso Senhor acrescenta: *Euntes docete. . . praedicate* (⁵). Certo é que Deus se utilizará dêste segundo meio; porém, as bênçãos que tornam o ministério fecundo estão reservadas à prece do homem de oração, prece sobremodo poderosa para sair do seio de Deus os ardentes eflúvios

(1) Estas três coisas permanecem: a palavra, o exemplo e a oração;

(2) *At.* 6, 4.

(3) *Mat.* 9, 37.

mas a maior das três é a oração.

(4) *Rogai*, pois, ao senhor da seara que mande obreiros para a sua seara (*Mt.* 9, 38).

(5) *Ide*, pois, ensinai... pregai (*Mt.* 10, 7).

de uma ação irresistível sôbre as almas. A voz autorizada de S. Pio X assim põe em relêvo a tese da nossa modesta obra:

Para restaurar tôdas as coisas em Cristo pelo apostolado das obras, é necessária a graça divina e, para receber esta, deve o apóstolo estar sempre unido a Cristo. Sômente depois de têrmos formado Jesus Cristo em nós mesmos é que poderemos fâcilmente comunicá-lo às famílias e às sociedades. Todos aquêles que tomam parte no apostolado devem portanto revestir-se de verdadeira piedade (1).

E o que dizemos da oração aplica-se também ao outro elemento de vida interior, ao sofrimento, isto é, a tudo o que vai de encontro à natureza, quer exterior, quer interiormente.

Pode-se sofrer como pagão, como condenado, ou como santo. Para sofrer verdadeiramente com Jesus Cristo, é necessário tender a sofrer como santo. O sofrimento serve então para nosso proveito pessoal e para a aplicação do mistério da Paixão às almas: *Adimpleo ea quae desunt passionum Christi, in carne mea, pro corpore ejus, quod est Ecclesia* (2). — *Impletae erant*, diz santo Agostinho comentando êste texto, *impletae erant omnes, sed in cápite, restabant adhuc passiones Christi in membris* (3). *Praecessit Christus in cápite*. Jesus Cristo sofreu, mas como sabeça. *Séquitur in corpore*: Agora é ao seu corpo místico que toca sofrer. Cada sacerdote pode, pois, dizer: *Esse corpo sou eu, eu sou um membro de Cristo, e é necessário que eu complete, pelo seu corpo que é a Igreja, o que falta aos sofrimentos de Cristo*.

O sofrimento, diz o p.e Faber, é o maior dos sacramentos. Êste profundo teólogo demonstra sua necessidade e deduz suas glórias. Todos os argumentos de célebre oratoriano podem aplicar-se a fecundidade das obras pela união dos sacrificios do obreiro evangélico ao sacrificio do Gólgota, e desta sorte pela sua participação na eficácia infinita do sangue divino.

(1) Encíc. de S. Pio X aos bispos da Itália, 11 de junho de 1905.

(2) Cumpro na minha carne o que resta a padecer a Jesus Cristo pelo seu corpo que é a Igreja (Coloss., 1, 24).

(3) Os sofrimentos de Cristo estavam completos, mas só na cabeça; faltam ainda os sofrimentos de Cristo nos seus membros místicos.

b) A vida interior torna o apóstolo santificador pelo bom exemplo

No sermão da montanha, o Mestre chama aos seus apóstolos sal da terra, luz do mundo (1).

Sal da terra, nós o seremos na proporção em que formos santos. O sal insípido, para que serve? *Ab immundo quid mundabitur* (2)? Só presta para ser atirado aos caminhos e calcado aos pés.

Verdadeiro sal da terra, pelo contrário, o apóstolo piedoso será verdadeiro agente de conservação no meio dêste mar de corrupção que é a sociedade humana. Farol a brilhar na noite, *lux mundi*, o clarão de seu exemplo, mais ainda que o de sua palavra, dissipará as trevas acumuladas pelo espírito do mundo, e fará esplender o ideal da verdadeira felicidade que Jesus traçou nas oito bem-aventuranças.

O que há de mais capaz para levar os fiéis à prática da vida cristã, e é precisamente a virtude daquele que tem a missão de ensinar. Ao invés, as fraquezas afastam de Deus de maneira quase invencível: *Nomen Dei per vos blasphematur inter gentes* (3). Por isso é que o apóstolo deve ter mais amiúde nas mãos o brandão do bom exemplo do que bonitas palavras nos lábios e, antes de pregar as virtudes, deve êle próprio praticá-las de modo eminente. Aquêlê que tem a missão de dizer coisas sublimes, é por isso mesmo obrigado a traduzi-las na prática, diz s. Gregório (4).

Com tôda a razão alguém notou que o médico pode tratar dos seus enfermos sem que êle próprio goze saúde. Porém, para curar almas, é mister que o médico delas tenha a alma sã, porque, neste caso, dá alguma coisa de si mesmo. Os homens têm o direito de ser exigentes para com aquêlê que manifesta a pretensão de os ensinar a reformarem-se. E a breve trecho descobrem se há conformidade entre as obras e a palavra, ou se a moral com que se orna o pregador mais não é do que invólucro falaz.

1) Mt. 5, 3.

(2) Que pode sair de puro de uma fonte impura? (Ecl. 34, 4).

(3) Por vossa causa o nome de Deus é blasfemado entre os gentios (Rom. 2, 24).

(4) Qui enim sui loci necessitate exitur summa dicere, hac eadem necessitate compellitur summa monstrare (S. Gregor., Pastor, 2º p., c. III).

Consoante o resultado do exame, então lhe concedem ou lhe recusam confiança.

Como será grande o poder que o sacerdote há de ter para falar da oração, se o povo o vir freqüentemente em colóquios íntimos com o hóspede do tabernáculo, as mais das vêzes abandonado? Como será ouvida sua palavra se, pregando o trabalho, a penitência, êle próprio fôr laborioso e mortificado? Apologista da caridade fraternal, encontrará corações atentos se, cuidadoso em difundir pelo rebanho o bom odor de Jesus Cristo, refletir na própria conduta a doçura e a humildade do divino exemplo. *Forma gregis ex ânimo* (1).

O professor sem vida interior julga ter cumprido o dever, conservando-se exclusivamente dentro das balizas de um programa de exame. Se fôra interior, uma frase que lhe escapasse dos lábios e do coração, uma comoção que se lhe espelhasse no rosto, um gesto expressivo, que digo? só a maneira de fazer o sinal da cruz, de dizer uma oração antes ou depois de uma aula, embora fôsse aula de matemática, poderiam exercer maior eficácia nos alunos que um sermão.

A religiosa, em serviço num hospital ou num asilo, dispõe de poder e de meios eficazes para fazer germinar nas almas, embora fique prudentemente dentro do seu âmbito, amor profundo a Jesus Cristo e a seus ensinamentos. Falte-lhe a vida interior e ela nem sequer dará por êsse poder, ou então apenas logrará promover atos exteriores de piedade e nada mais.

O cristianismo propagou-se, menos por freqüentes e longas discussões, que pelo espetáculo dos costumes cristãos, tão opostos ao egoísmo, à injustiça e à corrupção dos pagãos. Na sua obra prima *Fabiola*, o cardeal Wiseman faz ressaltar a fascinação que o exemplo dos primeiros cristãos exercia sobre as almas pagãs mais eivadas de preconceitos contra a nova religião. Nessa narração, assistimos à ascensão progressiva e quase irresistível de uma alma para a luz. Os sentimentos nobres, as virtudes modestas ou heróicas, que a filha de Fábio descobre em certas pessoas de tôdas as condições e de tôdas as classes, impõem-se à sua admiração. Mas como é grande a mu-

(1) Torna-se o modelo do rebanho (I Ped., 5, 3).

dança que nela se opera, que revelação para a sua alma, quando vai sucessivamente verificando que todos aquêles cuja caridade, dedicação, modéstia, doçura, moderação, culto da justiça e da castidade ela admira, pertencem a essa seita que sempre lhe haviam apresentado como execrável! Desde êsse momento, ela é cristã.

Depois de haver terminado a leitura do livro, quem deixará de exclamar: Ah! se os católicos, se ao menos os seus homens de obras tivessem algum tanto dêsse esplendor de vida cristã, descrito pelo ilustre purpurado, e que afinal mais não é que a atuação prática do Evangelho! Como seria então irresistível o seu apostalado sôbre êsses pagãos modernos, as mais das vêzes cheios de preconceitos contra o catolicismo, devido às calunias dos sectários, ao caráter acerbo das nossas polêmicas, ou à maneira de reivindicar os nossos direitos, maneira que mais parece provir de orgulho ferido que do desejo de defender os interesses de Jesus!

Ó irradiação exterior da alma unida a Deus, como és poderosa! Foi ao ver o padre Passerat celebrar a santa missa que o jovem Desurmont se decidiu a entrar na Congregação do Santíssimo Redentor, que tanto deveria ilustrar.

O povo tem intuições que nada logra enganar. Pregue um homem de Deus e logo êle acorre em multidão. Cesse, porém, a conduta de um homem de obras de corresponder ao que dêle se esperava, e logo a obra, por mais hâbilmente dirigida que seja, fica comprometida e talvez vá de centro de uma ruína irremediável.

Videant ópera vestra bona et glorificent Patrem (1), dizia nosso Senhor. S. Paulo recomenda amiudadas vêzes o bom exemplo aos seus dois discípulos Tito e Timóteo: *In ómnibus teipsum praebe exemplum bonorum óperum* (2). *Exemplum esto fidélium in verbo, in conversatione, in charitate, in fide, in castitate* (3). Êle próprio exclama: *Quae vidistis in me, haec ágite* (4). *Imitatores mei estote sicut et ego Christi* (5). E a sua linguagem de verdade

(1) Que vejam as vossas boas obras, e dêem glória ao Pai (Mt., 5, 16).

(2) Faze-te a ti mesmo um exemplar de boas obras (Tit. 2, 7).

(3) Sê o exemplo dos fiéis na conversação, na conduta, na caridade, na fé, na castidade (I Tim., 4, 12).

(4) Que vistes em mim, isso pratical (Filip., 4, 9).

(5) Sêde meus imitadores, assim como eu o sou de Cristo (I Cor., 1).

apóia-se nessa segurança e nesse zêlo que de forma alguma excluíam a humildade e que faziam dizer a nosso Senhor: *Quis ex vobis arguet me de peccato* (1)?

É tão-sòmente quando seguir as pisadas daquele de quem está escrito: *Caepit fácere et docere* (2), que o apóstolo se tornará *operárium inconfusibilem* (3).

Antes de tudo, nossos caríssimos filhos, dizia Leão XIII, lembrai-vos de que a pureza e a santidade de vida são a condição indispensável do verdadeiro zêlo e o melhor penhor de vitória (4).

O homem santo, perfeito e virtuoso, diz santa Teresa, faz muito maior bem às almas do que grande número de outros que apenas sejam instruídos e mais bem prendados.

Se o espírito não fôr regulado por uma conduta verdadeiramente cristã e santa, declara s. Pio X, difícil será levar os próximos à prática do bem. E acrescentar: Todos aquêles que são chamados às obras católicas, devem ser homens de vida de tal sorte ilibada que a todos sirvam de exemplo eficaz (5).

c) A vida interior produz no apóstolo uma irradiação sobrenatural. Quão eficaz é esta irradiação.

O fato de Deus ser oculto, Deus *absconditus* (6) é um dos obstáculos mais graves para a conversão das almas.

Deus, porém, por efeito de sua bondade, de alguma sorte se manifesta por meio de seus santos, e até por meio de almas fervorosas. Assim é que o sobrenatural transpira aos olhos dos fiéis que vislumbram alguma coisa do mistério de Deus.

Que é, pois, esta difusão do sobrenatural? Não será o brilho da santidade, o esplendor do influxo divino chamado correntemente pela teologia graça santificante? Ou melhor, não será talvez o resultado da presença inefável das pessoas divinas naquelas que elas santificam?

Outra não era a explicação de s. Basílio: quando o

(1) Qual de vós me arguirá de peccado (Jo., 8, 46).

(2) Jesus começou a fazer e a ensinar (At., 1, 1).

(3) Um operário que não tem de que se envergonhar (II Tim., 2, 15).

(4) Encicl. de S. S. Leão XIII, de 8 de set. de 1899.

(5) Encicl. de s. Pio X, aos bispos da Itália, de 11 de junho de 1905.

(6) Is., 45, 15.

Espírito Santo, diz êle, se une às almas que a sua graça purificou, é para espiritualizá-las ainda mais. Como o sol torna mais rutilante o cristal que toca e penetra com o seu raio, assim o Espírito santificador torna mais luminosas as almas onde habita e estas, devido a tal presença, tornam-se, por sua vez, outros tantos focos que difundem em tórno delas a graça santificante (1).

Esta manifestação do Divino que se traía em todos os gestos e até no repouso do Homem-Deus, nós a vislumbramos em certas almas dotadas de vida interior mais intensa. As conversões maravilhosas que operavam certos santos só com a fama de suas virtudes, as plêiades de aspirantes à vida perfeita que iam pedir-lhes a graça de segui-los, aí estão clamando bem alto qual o segredo do seu silencioso apostolado. Com santo Antão, assim se povoavam os desertos do Oriente. S. Bento fêz surgir essa inumerável falange de santos religiosos que civilizaram a Europa. S. Bernardo exerce influência sem par, assim na Igreja como sôbre os reis e sôbre os povos. S. Vicente Ferrer excita, à sua passagem, entusiasmo indescritível em multidões imensas e, o que é mais, provoca a conversão delas. No encaço de santo Inácio, ergue-se êsse exército de bravos, um dos quais, Xavier, por si só basta para regenerar uma quantidade incrível de pagãos. Sòmente a irradiação do poder do próprio Deus, através dêstes instrumentos humanos, pode explicar a razão dêstes prodígios.

Que desgraça, quando não há almas verdadeiramente interiores entre as pessoas que estão à frente de obras importantes! O sobrenatural parece eclipsado, o poder de Deus fica como encadeado. E então, como os santos nos ensinam, que um país declina e que a Providência parece abandonar aos maus todo o poder de fazer estragos.

As almas, compenetremo-nos bem desta verdade, as almas, como que instintivamente, e sem lograrem claramente definir o que sentem, percebem essa irradiação do sobrenatural. Ah! vêde como de bom grado se vai prostrar aos pés do sacerdote e implorar o perdão êsse pecador

(1) De Sp. Sancto, c. IX, n.º 23.

que reconhece o próprio Deus na pessoa de seu representante. E, ao invés, não é porventura desde o dia em que o conceito integral de santidade cessa de ser o ideal necessário do ministro de tal ou tal seita cristã, que essa seita se vê infalivelmente obrigada a suprimir a confissão?

Joannes quidem signum fecit nullum ⁽¹⁾. Sem fazer nenhum milagre, João Batista atraía as multidões. Bem fraca era a voz de são Vianney para se fazer ouvida da multidão que em volta d'êles se apinhava e, sem embargo, se o não ouviam, viam-no, viam uma custódia de Deus, e só essa vista subjugava e convertia os assistentes. Voltara de Ars um advogado. Como lhe perguntassem o que mais o tinha impressionado, respondeu: "Vi Deus num homem".

Lícito nos seja resumir tudo por meio de uma comparação um tanto vulgar. É bem conhecida a seguinte experiência de electricidade: colocada sobre um isolador, uma pessoa é posta em comunicação com uma máquina elétrica. Seu corpo carrega-se de fluido e mal alguém dela se aproxima, logo se deflagra a faísca que faz estremecer aquêles que se põe em contacto com tal pessoa. Assim acontece para o homem interior. Uma vez desapegado das criaturas, entre Jesus e êle logo se estabelece uma commoção incessante, uma como que corrente contínua. Tornado o apóstolo acumular de vida sobrenatural, condensa em si o fluido divino que se diversifica e adapta às circunstâncias e a tôdas as exigências do meio em que opera. Virtus de illo exibat et sanabat omnes ⁽²⁾. As suas palavras e atos tornam-se então os eflúvios dessa força latente sim, mas sumamente eficaz para derribar os obstáculos, alcançar conversões e aumentar o fervor.

Quanto mais as virtudes teologais existirem num coração, tanto mais êsses eflúvios hão de ajudar a fazer nascer essas mesmas virtudes nas almas.

Por meio da vida interior o apóstolo irradia fé. — A presença de Deus nêles patenteia-se às pessoas que o ouvem.

A exemplo de s. Bernardo, do qual se disse: *Solitudinem cordis circúmferens ubique solus erat*, o apóstolo

(1) João na verdade não fez milagre algum (Jo., 10, 41).

(2) Saía d'êles uma virtude que os curava a todos (Lc., 6, 19).

isola-se das outras pessoas e destarte logra ficar interiormente solitário; mas logo se entrevê que êle não está só, que tem no coração um hóspede misterioso e íntimo, com o qual volta a conversar a cada momento, e que não fala senão de acôrdo com a direção, conselhos e ordens dêle. Sente-se que é sustentado e guiado por êsse hóspede e que as palavras saídas da sua bôca apenas são o eco fiel das palavras dêsse Verbo interior: Quasi sermones Dei⁽¹⁾. A lógica e a fôrça dos argumentos manifestam-se então menos que o Verbo interior, o Verbum docens, falando por meio da sua criatura. Verba quæ ego loquor vobis, a meipso non loquor. Pater autem in me manens, ipse facit ôpera⁽²⁾. Influência profunda e duradoura, muitíssimo mais profunda que a admiração superficial ou a devoção passageira, que o homem sem espírito interior pode excitar. Êsse pode levar o auditório a dizer: Isso parece verdadeiro e interessante. Ora, essa impressão não passa de um sentimento totalmente impotente de si mesmo para dar às almas uma fé sobrenatural e fazê-las viver dessa fé.

Irmão Gabriel, leigo trapista⁽³⁾, exercendo as funções de segundo hospedeiro, reavivava a fé de numerosos visitantes muito melhor do que vingaria fazê-lo um sacerdote douto, mas cuja linguagem falasse mais ao espírito que ao coração. O general Miribel ia às vêzes conversar com o humilde frade e comprazia-se em dizer: Venho retemperar-me na fé.

Jamais se tem pregado, discutido e se têm escrito sábios tratados de apologética tanto como em nossos dias e jamais talvez, ao menos considerando apenas a massa dos fiéis, a fé seja menos vivaz. Amiudadas vêzes, aquêles que têm a missão de ensinar só vêem no ato de fé um ato de inteligência, quando êle depende também da vontade. Esquecem-se de que o crer é dom sobrenatural e que há um abismo entre a percepção dos motivos de credibilidade e o ato definitivo de fé. Só Deus e a boa

(1) I Ped., 4, 11.

(2) As palavras que eu vos digo, não as digo de mim mesmo, mas o Pai que está em mim, êle mesmo faz as obras (Jo., 14, 10).

(3) A vida dêsse capitão de dragões, o qual, em 1870, durante a batalha de Gravelotte, fêz o voto de se fazer Trapista e que na Trapa apenas quis ser leigo, vem narrada no excelente livro: *Du champ de bataille à la Trappe* (Perrin e C.^a, editôres, Paris).

vontade daquele que é ensinado logram preencher êsse abismo; ah! mas como ajuda a preenchê-lo a reflexão da luz divina produzida pela santidade daquele que ensina!

Irradia Esperança. — Como não há de o homem de oração irradiar a esperança? A sua fé arraigou-lhe para sempre na alma a convicção de que a felicidade tão somente se encontra em Deus e só em Deus. Com que acento convincente êle não fala, portanto, do céu e como são vastos os recursos de que dispõe para consolar! O meio por excelência de nos fazermos ouvir pelos homens é manifestar-lhes o segredo de carregarem alegremente as cruzes, apanágio de todo e qualquer mortal. A Eucaristia e a esperança do céu encerram êsse segredo.

Como é viva a palavra de consolação do homem que, sem mentir, pode aplicar a si mesmo o *Nostra conversatio in caelis est*⁽¹⁾! Outro qualquer, com mais frases e retórica, pode falar das alegrias da pátria celeste; seus discursos serão, porém, infrutuosos: ao passo que uma só palavra do primeiro, palavra convincente e reveladora do estado de alma daquele que a pronuncia, bastará para acalmar essa perturbação, aliviar essa tristeza, fazer aceitar com resignação uma dor pungente. É que a virtude da esperança, do homem interior, passou irresistivelmente para uma alma que jamais talvez fôsse acalentada por essa virtude e que se iria abismar na desesperança.

Irradia Caridade. — Possuir a caridade, eis o que sobretudo ambiciona tôda alma cuidadosa de se santificar. A compenetração de Jesus e da alma, o *Manet in me et ego in eo*, eis o fim de todo homem interior.

Os pregadores experimentados são unânimes em reconhecer que, se as práticas do comêço sôbre a morte, o juízo, o inferno, são indispensáveis e sempre salutarezes num retiro ou numa missão, a instrução sôbre o amor de nosso Senhor produz ordinariamente impressão mais salutar. Dada por verdadeiro apóstolo, capaz de fazer partilhar pelo auditório os sentimentos que o animam, essa instrução assegura o êxito e determina as conversões.

(1) A nossa conversação está nos céus (Filip., 3, 20).

Quer se trate de afastar uma alma do pecado, quer de levá-la do fervor à perfeição, o amor de Jesus é sempre a alavanca incomparável. O cristão atolado no lódo, mas capaz de adivinhar no seu semelhante um amor ardente ateadado nas realidades invisíveis e, considerando por outro lado as decepções e o vácuo dos amôres terrestres, logo começa a sentir repugnância pelo pecado. Compreendeu alguma coisa de Deus, alguma coisa do imenso amor de Jesus pela sua criatura. Sentiu dentro de si um como estremecimento da graça latente do seu batismo e da sua primeira comunhão. Jesus apresentou-se-lhe vivo, visto como as ternuras do seu coração transpareceram através da fisionomia e da voz do seu ministro. Entreviu outro amor, o amor nobre, puro, ardente e disse de si para si: Já neste mundo é, pois, possível amar com o amor que sobreleva o amor das criaturas.

Ainda algumas manifestações mais íntimas do Deus-Amor por meio do seu arauto, e a alma acabará de sair do lódo onde se atolava e não mais lhe causarão pavor os sacrifícios necessários para adquirir o tesouro do amor divino, até então quase desconhecido para ela.

Não vale a pena desenvolver êste ponto de vista, pois facilmente se adivinham os acréscimos de amor e por isso mesmo os progressos que o verdadeiro pastor pode suscitar nas almas já saídas do pecado ou já fervorosas. Mesmo sem estarem revestidos do sacerdócio, os próprios homens de obras hão de também atear em volta dêles com sua caridade ardente, a mais excelsa das virtudes teologais.

Irradia Bondade. — O zêlo não caritativo, diria s. Francisco de Sales, procede de caridade não verdadeira. A alma há de chegar a transformar-se, saboreando, por meio da oração, a suavidade daquele a quem a Igreja chama *Bonitatis oceanum* ⁽¹⁾. Embora essa alma seja naturalmente inclinada ao egoísmo e à dureza, êsses defeitos hão de ir aos poucos desaparecendo. Alimentando-se daquele em quem apareceu a benignidade de Deus para com o mundo: *Benignitas et humanitas apparuit Salvatoris nostri Dei* ⁽²⁾, daquele que é a imagem, a expressão

(1) Oceano de bondade (Lad. do Coração de Jesus).

(2) Apareceu a bondade do Salvador nosso Deus e o seu amor (Tit., 3, 4).

adequada da bondade divina: *Imago bonitatis illius* (1), o apóstolo participa do poder benéfico de Deus e sente a necessidade de, como êle, ser “diffusivus”.

Quanto mais o coração estiver unido a Jesus Cristo, tanto mais se tornará participante da qualidade principal do coração divino e humano do Redentor, da sua bondade, indulgência, benevolência, compaixão; tudo nêle se multiplica e sua generosidade de dedicação há de atingir as raias da imolação alegre e magnânima.

Transfigurado pelo amor divino, o apóstolo atrairá sem esforço a simpatia das almas: *In bonitate et alacritate animæ suæ plácuit* (2). As suas palavras e os seus atos serão repassados de bondade, dessa bondade desinteressada, que não se assemelha àquela que é inspirada pelo desejo da popularidade ou pelo egoísmo sutil.

“Deus determinou, escrevia Lacordaire, que para se fazer qualquer bem ao homem, se havia mister de amá-lo e que a insensibilidade fôsse para sempre incapaz já de lhe dar a luz, já de lhe inspirar a virtude”. E, de fato, contra a fôrça que quer impor-se, considera-se o resistir uma glória; à ciência que pretende sempre vencer, julga-se questão de honra opor-lhe objeções; mas, visto como nenhuma humilhação sentimos em ser desarmados pela bondade, fàcilmente cedemos ao atrativo de suas maneiras.

A irmãzinha dos pobres, a irmãzinha da assunção, a irmã de caridade poderiam citar um sem número de conversões operadas sem discussão e sòmente devidas à virtude de uma bondade infatigável e amiúde heróica.

Deus está ali, exclama o ímpio ou o pecador perante essas dedicações. Vejo-o tal como êle se define: o “Deus bom”. E bom deve realmente ser para que o convívio com êle torne um ser tão delicado capaz de aniquilar o seu amor próprio e impor silêncio à suas repugnâncias mais legítimas!

Esses anjos terrestres realizam a seguinte definição do p.e Faber: A bondade é a efusão de si nos outros. Ser bom é pôr os outros em lugar de si próprio. A bondade tem convertido mais pecadores do que o zêlo, a eloquên-

(1) Sab., 7, 26.

(2) Agradou por causa da sua fé e da sua mansidão (Ecl., 45, 5, 4).

cia ou a instrução, e estas três coisas jamais converteram pessoa alguma sem que a bondade nisso influísse de qualquer modo. Numa palavra, a bondade torna-nos como deuses uns para os outros. É a manifestação dêste sentimento nos homens apostólicos que lhes atrai os pecadores e que desta sorte concorre para a sua conversão.

E acrescenta: Por tôda parte a bondade se mostra o melhor paladino do preciosíssimo Sangue... Certo que os terrores do Senhor são de freqüente o princípio dessa sabedoria que se chama conversão; é, porém, mister amedrontar os homens com bondade, porque de outra sorte o temor apenas fará infieis... (1). Tende o coração de mãe, diz s. Vicente Ferrer. Ou hajais de animar ou de atemorizar, mostrai entranhas de caridade para com todos; sinta o pecador que vossa linguagem é inspirada pela caridade. Se quereis ser útil às almas, começai por recorrer de todo o vosso coração a Deus, para que êle difunda em vós essa caridade que é a síntese de tôdas as virtudes, a fim de que, mediante ela, atinjais eficazmente o fim que vos haveis proposto (2).

A bondade natural, simples fruto do temperamento, dista tanto da bondade sobrenatural da alma do apóstolo, como o humano dista do divino. A primeira poderá fazer nascer o respeito e até a simpatia pelo operário evangélico e, por vêzes, desviar para a criatura a afeição que apenas deveria ter Deus como objeto. Jamais, porém, logrará determinar as almas a fazerem, tendo apenas Deus realmente em vista, os sacrifícios necessários para o regresso ao seu Criador. Só a bondade que promana da intimidade com Jesus vingará realizar êsse efeito.

O ardente amor por Jesus e a verdadeira dileção pelas almas darão ao apóstolo tôdas as audácias compatíveis com o tato e com a prudência. A um leigo eminente ouvimos contar o seguinte fato: Falando com s. Pio X, tinha êsse leigo, no decurso da conversação, desfechado algumas palavras mordentes sôbre um inimigo da Igreja. "Meu Filho, disse-lhe o papa, não aprovo a sua linguagem. Como castigo, ouça esta história. Acabara de chegar à sua primeira paróquia um sacerdote que eu conheci muito bem. Julgou êle do seu dever visitar tôdas as fa-

(1) Conf. espir.

(2) Tratado da vida espiritual, II, c. x.

mílias: judeus, protestantes, até mações, ninguém foi excluído, e o pároco anunciou do púlpito que renovaria a visita todos os anos. Tanto se admiraram disto os colegas dêle que se queixaram ao bispo. Êste mandou logo chamar o acusado e repreendeu-o com veemência. “Excelência, respondeu-lhe modestamente o pároco, Jesus no Evangelho ordena ao pastor que conduza ao aprisco tôdas as suas ovelhas, oportet illas addúcere. Como lograr êsse resultado sem ir à prôcura delas? De mais a mais, eu nunca transijo com os princípios; limito-me a testemunhar meu interesse e minha caridade a tôdas as almas, mesmo às desgraçadas, que Deus me confiou. Anunciei essas visitas do púlpito; e se é desejo formal de V. Ex.a que eu cesse de as fazer, queira ter a bondade de me dar por escrito essa proibição, a fim de que se saiba que eu apenas obedeço às ordens de V. Ex.a”. Abalado pelo acêrto destas palavras, o bispo não insistiu. O futuro veio depois dar razão a êsse sacerdote que teve a alegria de converter algumas dessas almas desgarradas e impôs às outras grande respeito pela nossa santa religião. O humilde sacerdote veio a ser, por vontade de Deus, o papa que agora lhe dá, meu filho, esta lição de caridade. Seja, pois, inabalável nos princípios, mas estenda sua caridade a todos os homens, mesmo que sejam os piores inimigos da Igreja”.

Irradia Humildade. — Fácilmente se compreende que a bondade e a doçura de Jesus hajam atraído as multidões. Pode-se atribuir o mesmo poder à sua humildade? Sem dúvida nenhuma.

Sine me nihil potestis fácere⁽¹⁾. Elevado pelo Criador à dignidade de cooperador, o apóstolo há de tornar-se um agente de operações sobrenaturais, mas com a condição de que só Jesus apareça. Quanto mais êle souber abater-se e tornar-se impessoal, tanto mais Jesus terá cuidado de se manifestar. Sem esta impersonalidade, fruto da vida interior, o apóstolo debalde plantará e regará; nada fará germinar.

A verdadeira humildade tem encantos especiais de que o próprio Jesus é a fonte. Ela respira o divino. Ao

(1) Sem mim nada podéis fazer (Jo., 15, 5).

zêlo que leva o homem de obras a abater-se para que só Jesus pareça operar: *Illum oportet crescere, me autem minui* (1), corresponde da parte de nosso Senhor o dom que êle concede aos seus ministros de conquistarem cada vez mais os corações.

Assim é que a humildade se torna um dos maiores meios de ação sôbre as almas. Crede-me, dizia s. Vicente de Paulo aos seus sacerdotes, jamais nos tornaremos aptos para realizar a obra de Deus enquanto nos não persuadirmos de que de nós mesmos apenas somos mais capazes de estragar tudo que de lograr bons êxitos.

Talvez alguém se admire de que estejamos sempre a repetir os mesmos pensamentos. É que, segundo cremos, a sua repetição sobremodo contribui para gravá-los bem no espírito dos nossos queridos leitores e para lhes mostrar a sua importância.

As maneiras arrogantes, os ares de jactância é que as mais das vêzes parcialmente contribuem para a infertilidade das obras.

O cristão "moderno" pretende conservar a sua independência. Aceitará, sim, a obediência a Deus, mas só a Deus. Recusar-se-á a receber ordens, direções e até conselhos do ministro de Deus, se nêles verdadeiramente não vislumbrar o sinêto de Deus.

Por isso mesmo é que se torna necessário que o apóstolo saiba de tal sorte abater-se e desaparecer, mediante o culto da humildade, fruto da vida interior, que chegue a não ser, aos olhos daqueles que o contemplam, mais do que um como transparente de Deus, e a realizar a palavra do Mestre: *Qui major est vestrum erit minister vester. Vos autem nolite vocari Rabbi... nec vocemini Magistri* (2).

Só o aspeto do homem interior se torna um ensinamento da ciência da vida, isto é, da ciência da oração (3). Por quê? Porque, por meio da humildade, respira a dependência de Deus. E esta dependência, em que tal alma incessantemente se conserva, manifesta-se pelo hábito de

(1) É necessário que êle cresça, e que eu diminua (Jo., 3, 30).

(2) Vós, porém, não queirais ser chamados mestres... nem vos chaméis mestres... O que dentre vós é o maior, será vosso servo (Mt., 23, 8 e 11).

(3) Santo Agost.

recorrer a Deus em tôdas as emergências, seja para tomar uma decisão, seja para se consolar em cada dificuldade, seja sobretudo a fim de obter a energia suficiente para triunfar dessa mesma dificuldade.

No comum dos confessores pontífices, o sacerdote lê estas palavras com que s. Beda tão admiravelmente comenta as palavras Pusillus grex: “O Salvador, diz êle, chama “pequeno” ao rebanho dos eleitos, já porque o compara à multidão dos réprobos, já sobretudo por causa do seu zêlo apaixonado pela humildade, porquanto, por mais numerosa e dilatada que seja a sua Igreja, êle quer vê-la ir sempre crescendo até ao fim do mundo em humildade, para desta sorte chegar ao reino prometido, à humildade (1)”.

Inspira-se êste texto nas enérgicas lições que nosso Senhor dá a seus apóstolos quando, por exemplo, êles pretendem que a vocação ao apostolado lhes acarrete vantagens pessoais, e se mostram, nessa ocasião, tão cheios de ambição e de ciúme. Vós sabeis, diz-lhes Jesus, que os príncipes das gentes dominam os povos, e os que são maiores exercem o poder sôbre êles. Não há de ser assim entre vós; antes o que é maior entre vós faça-se como o mais pequeno; e o que quiser entre vós ser o primeiro, seja como o que serve (2).

Mas, diz Bourdaloue, com isto não se enfraquece a autoridade? Sempre haverá bastante autoridade entre vós, se sempre houver bastante humildade; não havendo humildade, a autoridade tornar-se-á onerosa e insuportável.

Complacência demasiada, mas as mais das vêzes tendência para o despotismo: sem verdadeira humildade, o apóstolo há de cair num ou noutro dêstes excessos.

Ponhamos aqui de parte a questão de doutrina. Su-
pomos o apóstolo suficientemente esclarecido para pre-
servar a sua inteligência, assim da tolerância sem limi-
tes, como da aspereza de um zêlo cujos surtos seriam
certamente reprovados por Deus. Os seus princípios são
perfeitamente seguros e exata a sua ciência. Pôsto isto,
afirmamos que o apóstolo, desprovido de humildade, não
logrará conservar-se em justo equilíbrio entre os dois

(1) Hom. de Beda, liv. IV, cap. LIV sôbre Lc., XII.

(2) Mt., 20 — Lc., 22.

extremos; a pusilanimidade ou as mais das vêzes o orgulho há de certamente manifestar-se na sua conduta.

Caso se deixe levar por falsa humildade, o apóstolo ou será pusilânime, deixará degenerar em fraqueza o espírito de caridade, será o homem das concessões exageradas, das conciliações a todo o custo, e o seu zêlo pela manutenção dos princípios desaparecerá sob mil pretextos, razões de prudência, cálculos de vistas acanhadas; ou então o naturalismo e a má direção da vontade porão em jôgo o orgulho, a susceptibilidade, o eu. Daí ódios pessoais, "autoritarismo", rancores, despeito, rivalidades, antipatias, parcialidades, cobiça, represálias, ambição, ciúmes, desejo todo humano de precedência, calúnias, maledicências, palavras ásperas, espírito de corpo todo mundano, rispidez em defender os princípios, etc.

Em vez de permanecer fim verdadeiro em demanda do qual se enobrecem as nossas paixões, a glória de Deus será reduzida por êsse apóstolo ao papel de meio e de pretexto para patrocinar, desenvolver e tornar desculpáveis essas mesmas paixões no que elas têm de mais humano. As ofensas mínimas à glória de Deus, à Igreja, não de determinar cóleras em que o psicólogo distinguirá o ato de defesa da personalidade do obreiro apostólico ou dos privilégios da sua classe enquanto sociedade puramente humana, muito mais que a dedicação à causa de Deus, única razão de ser da Igreja enquanto sociedade perfeita fundada por nosso Senhor.

Segurança de doutrina e são critério não bastam para preservar dêsses desvios, já que o apóstolo sem vida interior, portanto, sem verdadeira humildade, se deixará influenciar pelas paixões. Só a humildade, mantendo-o na retidão do critério e desviando-o de operar por impressão, seria capaz de conservar na vida dêle mais equilíbrio e estabilidade. Unindo-o a Deus, torná-lo-ia, para assim dizer, participante da imutabilidade divina. Tal a hera frágil que se torna forte, estável, e participa da força inabalável do carvalho, quando se liga por tôdas as suas fibras ao robusto tronco dêsse rei das florestas.

Não hesitemos em reconhecê-lo; desprovidos de humildade, se não cairmos no primeiro excesso, a nossa natureza nos levará ao segundo ou então iremos flutuan-

do, consoante as circunstâncias e as paixões, ora para um ora para outro. E assim se realizará o que diz s. Tomás: O homem é um ser mutável; não é constante senão na sua inconstância.

Resultado lógico do apostolado defeituoso: ou o desprezo da autoridade pusilânime, ou a desconfiança e muitas vêzes o ódio contra a autoridade que não reflete Deus.

Irradia Firmeza e Doçura. — Os santos foram amiudadas vêzes veementíssimos contra o êrro, o contágio e a hipocrisia. S. Bernardo, o oráculo do seu século, pode, segundo cremos, ser citado como um dos santos cujo zêlo irradiou mais firmeza. Mas ao ler-lhe atentamente a vida, o leitor saberá distinguir até que ponto a vida interior tornara impessoal êste homem de Deus. Não recorre à firmeza senão depois de ter verificado com evidência a ineficácia dos outros meios. Muitas vêzes, usa alternadamente dêles e, no seu grande amor pelas almas, depois de ter, para vingar os princípios, manifestado santa indignação e exigido remédios, reparações, seguranças e promessas, vemo-lo logo consagrar-se com ternura maternal à conversão daqueles a quem a sua consciência tinha obrigado a combater. Inexorável com os erros de Abelardo, logra tornar-se amigo daquele que vitoriosamente reduzira ao silêncio.

Tratando-se do emprêgo dos meios, se o santo vê que não está em jôgo a causa dos princípios, arvora-se em paladino para impedir que os homens da Igreja lancem mão de procedimentos violentos. Chega um dia ao seu conhecimento que querem arruinar e trucidar os judeus da Alemanha. Sem hesitar, deixa logo o seu mosteiro para voar em defesa dêles e pregar uma cruzada de paz. Devido a isso, em memorável documento que o p.e Ratisbonne cita na sua Vida de s. Bernardo, o rabino-mor dêsse país manifesta a sua admiração pelo monge de Claraval "sem o qual, diz êle, nenhum de nós teria ficado vivo na Alemanha". E roga com instância às gerações futuras dos israelitas que jamais esqueçam a dívida de gratidão que contraíram com o santo abade. "Nós somos, dizia s. Bernardo por essa ocasião, os soldados da paz, nós somos o exército dos pacíficos. Deo et paci militántibus.

A persuasão, o exemplo, a dedicação: eis as únicas armas dignas de um filho do Evangelho.”

Nada vingará substituir a vida interior para obter êsse espírito impessoal que caracteriza o zêlo de todos os santos.

Em Chablais, todos os esforços ficam baldados antes da chegada de s. Francisco de Sales. Os chefes do protestantismo preparam-se para uma luta encarniçada. A seita quer nada menos que matar o bispo de Genebra. Apresenta-se êste irradiante de doçura e de humildade. Vêem nêle um homem no qual a desapareição do eu faz resplandecer o amor de Deus e do próximo. A história aí está para nos contar os resultados rápidos, a custo verossímeis, produzidos por êsse apostolado.

Mas êle também, o doce s. Francisco de Sales, soube mostrar firmeza inexorável quando esta se tornava necessária. Não hesita em invocar a força das leis humanas para confirmar os resultados obtidos pela suavidade da palavra e pelo exemplo das virtudes. Foi assim que o santo bispo aconselhou ao duque de Sabóia medidas severas contra a perfídia dos hereges.

Os santos não faziam mais que copiar o Mestre. No Evangelho, o Salvador mostra-se-nos acolhendo os pecadores com misericórdia, amigo de Zaqueu e dos publicanos, cheio de bondade para com os enfermos, os aflitos e as crianças. E entretanto êle, a doçura e a mansidão encarnadas, não hesita em tomar o azorrague para expulsar os vendilhões do templo. E que severidade, que força nas suas expressões, quando fala de Herodes ou quando estigmatiza os vícios dos escribas e dos fariseus hipócritas.

Tão-sòmente em alguns casos raríssimos, e só depois de se terem empregado debalde todos os demais meios ou quando é de todo evidente que êsses meios seriam inúteis, é que com repugnância, para impedir o contágio, portanto por caridade, se pode recorrer a processos que pareçam violentos.

Afora estas exceções e quando não estão em jôgo os princípios, é a mansidão que deve prevalecer na conduta do obreiro evangélico. Apanham-se mais nôscas, diz s.

Francisco de Sales, com uma colher de mel que com pipas de vinagre.

Lembremo-nos da censura infligida pelo Senhor aos apóstolos quando êstes, ofendidos e humilhados em sua dignidade humana e não inspirados por um zêlo puro e desinteressado, queriam recorrer à violência e pediam que o fogo do céu descesse sôbre a cidade da Samaria, a qual recusara recebê-los. Não sabeis, lhes disse Jesus, de que espírito sois⁽¹⁾.

Um dos nossos atuais bispos, cuja firmeza de princípios é citada como exemplo, visitou recentemente, na sua cidade episcopal, as famílias enlutadas, em cujo seio a guerra, que neste momento nos flagela⁽²⁾ tinha feito algumas vítimas. Fazendo-se tudo para todos, foi êsse prelado levar suas consolações a um calvinista, que chorava um filho caído no campo de honra, e dirigiu-lhe algumas palavras cordiais e comovidas. Enternecido por êste ato de caridade, êsse protestante exclamou depois: “Parecia impossível que um bispo de nascimento tão nobre e de instrução tão esmerada se dignasse transpor os umbrais de minha modesta habitação, devido à diversidade de nossas crenças. E êle, sem embargo, veio. O seu procedimento e as suas palavras tocaram-me o coração.” O industrial, que tem a seu serviço êste empregado, ao contar-nos o fato, acrescentava: “Na minha opinião, êsse protestante já está a meio caminho da conversão. Em todo caso, com a sua doçura, o bispo adiantou mais essa conversão do que com longas e intermináveis discussões.” Êsse pastor de almas manifestou a mansidão de nosso Senhor O protestante, por assim dizer, viu diante de si o Salvador e forçosamente disse de si para si: Uma Igreja que tem pontífices que tão excepcionalmente refletem aquêle que eu admiro no Evangelho, deve ser a verdadeira Igreja.

A vida interior mantém a um tempo o espírito e a vontade ao serviço do Evangelho. Nem a indolência nem a violência injustificada logram afastar do reto caminho a alma que vê e opera segundo o coração de Jesus. Ela

(1) Lc., 9, 55.

(2) Guerra de 1914-1918.

só tem prudência e ardor quando impulsada por êsse coração adorável. Tal o segrêdo de suas vitórias.

Pelo contrário, a falta de vida interior e, portanto, a manifestação das paixões humanas dão-nos a conhecer a razão de tantas derrotas.

Irradia Mortificação. — O espírito de mortificação é outro princípio fecundador das obras. Tudo se resume na cruz. E enquanto não fizermos penetrar nas almas o mistério da cruz, lograremos tocá-las superficialmente. Mas quem poderá fazer aceitar um mistério que tanto repugna a êsse horror pelo sofrimento, tão natural ao ser humano? Sòmente aquêle que puder dizer com o grande apóstolo: *Christo confixus sum cruci* ⁽¹⁾. Sòmente aquêles que trouxeram em si a Jesus mortificado: *Semper mortificationem Jesu in corpore nostro circumferentes ut vita Jesu manifestetur in corpóribus nostris* ⁽²⁾. Mortificar-se é reproduzir o *Christus sibi non plácuít* ⁽³⁾, é abnegar-se a si mesmo em tôdas as circunstâncias, é chegar a amar o que não agrada, é enfim tender para êsse ideal de ser vítima incessantemente imolada.

Ora, sem a vida interior, impossível é chegar-se a essa destruição radical dos nossos mais tenazes instintos.

Ao passo que o pobre de Assis, percorrendo em silêncio as ruas da cidade, só com o seu aspeto preğa o mistério da Cruz, debalde o apóstolo imortificado se servirá das grandes apóstrofes de Bossuet sôbre o Calvário. O mundo está de tal sorte entrincheirado no espírito de gôzo que, para demolir essa sua cidadela, pouco valem os argumentos comuns e até mesmo os bosquejos grandiosos. Há-se mister da paixão tornada como sensível pela mortificação e pelo desapêgo do ministro de Deus.

Inimicos crucis Christi, volveria a dizer s. Paulo, inimigos da cruz são, por sem dúvida, êsses numerosos cristãos que na religião só vêem uma forma de “esnobismo”, um hábito de práticas exteriôres legadas pela tradição e cumpridas periôdicamente com respeito, sim, mas sem influência na emenda da vida, na luta contra as paixões e na introdução nos costumes do espírito do

(1) Estou cravado com Cristo na cruz (Gál., 2, 19).

(2) Trazendo sempre no nosso corpo a mortificação de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste nos nossos corpos (II Cor., 4, 10).

(3) Jesus Cristo não teve complacência consigo mesmo (Rom., 15, 3).

Evangelho. Esse povo parece honrar-me, poderia dizer o Senhor, mas honra-me apenas com os lábios, seu coração está longe de mim ⁽¹⁾.

Inimicos crucis Christi, inimigos da Cruz, êsses cristãos efeminados que julgam coisa indispensável verem-se rodeados de tôdas as comodidades, cederem a tôdas as exigências do mundo, entregarem-se aos seus prazeres desordenados, seguirem apaixonadamente tôdas as suas modas; êsses cristãos que se ofendem com esta palavra que já não compreendem, mas que, sem embargo, Jesus Cristo disse para todos: Se não fizerdes penitência, todos perecereis da mesma maneira ⁽²⁾. A cruz, segundo a expressão de s. Paulo, tornou-se para êles escândalo ⁽³⁾.

E, contudo, poderá acaso o apóstolo, sem vida interior produzir outros cristãos?

A numerosa assistência a certos ofícios satisfará por sem dúvida o coração do verdadeiro sacerdote, mas não o deixará entusiasmado, se êle puder atribuir tal afluência apenas à rotina, à fidelidade respeitável a certos usos de família, a certos hábitos que em nada incomodam o curso da vida, ou se entrevir como causa dela o prazer de ouvir boa música, de contemplar a magnífica ornamentação ou de assistir a um exercício de eloquência cuja forma apenas se vai admirar.

Pelo menos, ao que parece, êsse entusiasmo não poderá ser refreado perante a comunhão freqüente. Acodeme agora à memória uma lembrança de minha viagem aos Estados Unidos. Percorrendo certas paróquias, enchia-me de contentamento o fato de me dizerem que nelas bom número de homens era fiel à prática da comunhão da primeira sexta-feira do mês. "Homo videt in fâcie, Deus autem in corde ⁽⁴⁾", disse-me um santo sacerdote de Nova Iorque. Não se esqueça que está no país onde não se conhece o respeito humano e onde o bluff anda por tôda parte. Reserve a sua admiração para as paróquias onde um observador criterioso puder comprovar que as comunhões freqüentes manifestam realmente, senão a emenda total da vida, ao menos esforços sinceros de vida

(1) Mt., 15, 8.

(2) Luc., 13, 3, 5.

(3) I Cor., 1, 23.

(4) Breviário. O homem vê o rosto, porém, Deus vê o coração.

cristã e desejo leal de não se pactuar com a intemperança, com a caça desenfreada ao dinheiro, etc.”

Longe de nós o pensamento de menosprezar os mínimos vestígios de vida cristã, sejam êles quais forem. O fim destas linhas é, muito ao contrário, deplorar a lamentável incapacidade em que, devido à falta de vida interior, nos poderíamos achar, de não produzirmos senão resultados sobremodo mesquinhos, bem que não menosprezíveis.

Nosso Senhor quer apenas nosso coração. Foi para o conquistar, para possuir nossa vontade e para nos animar a segui-lo pelo caminho da abnegação que êle veio revelar ao homem as verdades sublimes da fé.

O apóstolo habituado à vida interior, inteiramente baseada no *abneget semetipsum* ⁽¹⁾, terá poder suficiente para fazer nascer essa abnegação, que é a base de toda a perfeição moral. Será, porém, incapaz de tal aquêle que apenas de mui longe seguir o Salvador, levando a sua cruz. *Nemo dat quod non habet* ⁽²⁾. Sem coragem para imitar Jesus crucificado, como poderá o apóstolo pregar ao povo a guerra santa contra as paixões, à qual nosso Senhor nos convida?

Só o apóstolo desinteressado, humilde, casto, pode arrastar as almas para a luta contra a onda sempre crescente da cobiça, da ambição e da impureza. Só aquêle que conhece a ciência do crucifixo será suficientemente poderoso para opor um dique a essa solicitude contínua pelas comodidades, a êsse culto do prazer, que ameaça submergir tudo e destruir famílias e nações.

Ensinar a Jesus crucificado, eis como s. Paulo resume o seu apostolado. E porque vive de Jesus e de Jesus crucificado, consegue fazer saborear às almas o mistério da cruz e ensinar-lhes a viver dêsse mistério. Hoje, grande número de apóstolos não têm vida interior que lhes baste para aprofundar, assimilar e irradiar êsse vivificante mistério. Consideram na religião mui exclusivamente o lado filosófico, social e estético, apto para interessar as inteligências e excitar a sensibilidade e a imaginação. Desenvolvem a tendência de ver nela sobre-

(1) *Negue-se a si mesmo* (Mt., 16, 24).

(2) *Ninguém dá o que não tem.*

tudo uma escola de poesia sublime, de arte incomparável. Certo que a religião possui essas qualidades; mas considerar apenas êsses aspetos secundários seria o mesmo que desfigurar absolutamente a economia do Evangelho, pondo como fim o que é apenas meio. Fazer do Cristo de Getsêmani, do Pretório e do Calvário, apenas um Cristo “perfumado,” é sacrilégio. Depois do pecado, a penitência, a reparação, o combate espiritual tornaram-se condições indispensáveis da vida. A cruz de Jesus Cristo lembra isso a cada passo. Ao zêlo do Verbo encarnado pela glória do Pai, não basta granjear admiradores; são-lhe necessários imitadores.

Bento XV, na sua encíclica de 1.º de novembro de 1914, não convida porventura os verdadeiros apóstolos a rasgarem sulcos mais profundos para arrancar as almas ao amor do bem-estar, ao egoísmo, à leviandade dos gostos, ao esquecimento dos bens eternos? Isto é o mesmo que fazer apêlo à vida interior dos ministros do divino Crucificado.

Deus, que tanto nos deu, exige que, desde a idade de razão, o cristão una à Paixão sangüinolenta de Jesus um pouco de si mesmo, isso a que poderíamos chamar o sangue da nossa própria alma, isto é, os sacrifícios necessários para observar as leis divinas. E como há de o fiel ser levado a praticar generosamente êsses sacrifícios de bens, de prazeres, de honras, senão pelo exemplo do guia das almas, o qual por seu lado esteja familiarizado com o espírito de sacrifício?

Donde virá a salvação da sociedade, perguntam ansiosamente muitos perante o espetáculo das vitórias repetidas do inimigo infernal? Quando chegará o dia em que a Igreja triunfe por sua vez? Com o Mestre, fácil nos é responder: *Hoc autem genus non ejicitur nisi per orationem et jejúnium* (1).

Quando das fileiras do sacerdócio e da milícia religiosa sair uma plêiade de homens mortificados que façam resplandecer através dos povos o mistério da cruz, êsses povos, então, contemplando no padre ou no religioso mor-

(1) Esta raça de demônios não se lança fora senão por meio da oração e do jejum (Mt., 17, 20).

tificado as reparações pelos pecados do mundo, compreenderão a redenção pelo sangue de Jesus Cristo. É somente então que o exército de Satanás há de recuar, e que a queixa dolorosa do Salvador ultrajado, mas encontrando enfim reparadores, não mais repercutirá através dos séculos o seu eco temível. *Et quæsiui de eis virum, qui interpõneret sepem et staret oppõsitus contra me pro terra ne dissiparem eam; et non inveni* (1).

Quis alguém analisar por que um só sinal da cruz do p.e Ravignan produzia efeitos tão admiráveis sobre os indiferentes e até sobre os ímpios, que o iam ouvir por curiosidade. A conclusão das suas perguntas a numerosos ouvintes foi que a austeridade da vida íntima do pregador se manifestava de maneira cativante por meio dêsse sinal da cruz que o unia ao mistério do Calvário.

d) A vida interior dá ao obreiro evangélico a verdadeira eloquência

Referimo-nos à eloquência capaz de ser canal de graça suficiente para converter as almas e levá-las à virtude. Já falámos incidentalmente dela. Limitemo-nos a acrescentar algumas palavras:

No ofício de s. João, lemos o seguinte responsório: *Supra pectus Dõmini recumbens, Evangélii fluentia de ipso sacro Domínici pectoris fonte potavit et Verbi Dei grátiam in toto terrarum orbe diffudit* (2). Que profunda lição, nestas poucas palavras, para todos aquêles que, como pregadores, escritores ou catequistas, têm de distribuir a palavra divina! Com estas notáveis expressões não entremostra porventura a Igreja aos seus sacerdotes a fonte da verdadeira eloquência?

Todos os Evangelistas são igualmente inspirados. Todos têm o seu fim providencial. Cada um dêles tem, sem embargo, a eloquência própria. Mais que os outros, s. João tem aquela que se dirige à vontade por via do co-

(1) E busquei entre êles um homem que se entepusesse como uma sebe, e que pôsto em campo contra mim acudisse por esta terra, para eu a não destruir: e não o achei (Ezeq., 22, 30).

(2) Reclinando-se no peito do Senhor, sorveu na fonte do peito do Senhor as palavras do evangelho e difundiu no mundo a graça do verbo de Deus.

ração, onde difunde verbi Dei grátiam. Com as epístolas de s. Paulo, o seu Evangelho é o livro preferido pelas almas para as quais, vazia de sentido é a vida dêste mundo sem a união com Jesus Cristo.

De onde procede em s. João essa eloquência cativante? Esse grande rio cujas águas benéficas regam o mundo inteiro: *fluente in toto terrarum orbe diffudit*, em que montanha vai buscar a sua nascente?

É um dos rios do paraíso, diz o texto litúrgico: *Quasi unus ex paradisi fluminibus evangelista Joannes*.

Para que servem tantas montanhas altíssimas e tantas geleiras? Não seriam acaso muito mais úteis, dirá o ignorante, essas superfícies imensas se em planícies se desenrolassem? E êle não pensa que sem êsses píncaros elevados, as planícies e os vales seriam tão estéreis como o Saara. São com efeito as montanhas que, mediante o rio do qual são o reservatório, dão fertilidade à terra.

Qual é esse cume elevado do paraíso de onde brota a fonte que alimenta o Evangelho de s. João? É o Coração de Jesus: *Evangélii fluente de ipso sacro Domínici pectoris fonte potavit*. Foi por ter sentido, mediante a vida interior, as palpitações do coração do Homem-Deus e a imensidade do seu amor pelos homens que a palavra do evangelista se tornou o canal de graça do Verbo divino: *Verbi gratiam diffudit*.

De igual sorte se pode dizer que os homens interiores são também de algum modo raio de paraíso. Não só atraem, com as suas súplicas e imolações, do céu para a terra as águas vivas da graça e desviam ou abreviam os castigos que o mundo merece, como também, indo haurir ao mais alto dos céus, no Coração daquele em quem reside a vida íntima de Deus, as ondas dessa mesma vida, abundantemente as difundem pelas almas: *Haurietis aquas de fontibus Salvatoris*. Chamados a ministrar a palavra de Deus, fazem-no com eloquência cujo segrêdo só êles conhecem. Falam do céu à terra. Iluminam, abrasam, consolam, fortificam. Sem estas qualidades reunidas, a eloquência ficará incompleta. E o pregador jamais vingará reunir essas qualidades, se não viver de Jesus.

Pertenço eu verdadeiramente ao número daqueles que contam com a meditação, a visita ao Santíssimo Sa-

cramento, a missa e sobretudo com a comunhão, para dar à eloquência o poder de ação? Assim não sucedendo, eu posso ser estrondoso cymbalum tinniens, posso ressoar solenemente como o bronze, velut aes sonans, mas não sou o canal do amor, dêsse amor que torna irresistível a eloquência dos amigos de Deus.

O quadro da verdade cristã posta em relêvo por pregadores dotados de ciência, mas de piedade medíocre, pode comover as almas, aproximá-las de Deus, aumentar até a sua fé. Mas para as impregnar do sabor vivificante da virtude, é mister ter saboreado primeiro o espírito do Evangelho e, mediante a meditação, ter feito dêle a substância da própria vida (1).

Só o Espírito divino, repitamo-lo mais uma vez, só o Espírito divino, princípio de tóda fecundidade espiritual, opera as conversões e derrama as graças que levam à fuga do vício e à prática da virtude. A palavra do obreiro evangélico, penetrada pela unção do Espírito santificador, torna-se canal vivo que não retém em si uma só gôta da ação divina. Os apóstolos, antes do Pentecostes, já tinham pregado, mas quase sem resultados. Após o seu retiro de dez dias, todo de vida interior, o Espírito de Deus penetra-os, transforma-os. Os seus primeiros ensaios de pregação são pescas milagrosas. Assim acontece com os semeadores evangélicos. Por meio da vida interior, êles trazem verdadeiramente Cristo consigo. Plantam e regam eficazmente. O Espírito Santo dá sempre o incremento. A palavra dêles é então, a um tempo, a semente que cai e a chuva que fecunda. O sol que faz crescer e sazonar, êsse jamais falta.

Est tantum lucere vanum, dizia s. Bernardo, tantum ardere parum, ardere et lucere perfectum. E mais adiante: Singulãriter apóstolis et apostólicis viris dicitur: Lúceat

(1) Nec enim assueti cum Deo cólloqui, quam de eo ad hómínes dicunt vel consília christianæ vitæ impértiunt, prorsus carent divino afflatu; ut evangélicum verbum videatur in ipsis fere intermortuum. Vox eorum quantavis prudentiæ vel facúndiæ laude clarescat, vocem minime reddit Pastoris boni, quam oves salutãriter áudiant: strepit enim diffíultque inanís.. (Pio X, Exhort. ad clerum cathol., de 4 de agosto de 1908).

Esta exortação, dirigida pelo coração paternal de S. Pio X aos ministros de Deus, é um tocante apêlo à santidade sacerdotal. Ali expõe êle a sua necessidade e natureza e, numa série de conselhos práticos, indica os meios de adquiri-la e conservá-la. (Veja-se Ami du clergé, ano de 1908. pág. 787).

lux vestra coram homínibus, nimirum tanquam accensis et vehementer accensis (1).

O apóstolo deve haurir a eloquência evangélica, assim na vida de união a Jesus, mediante a meditação e a guarda de coração, como na Escritura Sagrada, a qual deve apaixonadamente estudar e apreciar. Tôda palavra de Deus ao homem, tôda expressão caída dos lábios adoráveis de Jesus, é para êsse apóstolo um diamante cujas facêtas êle admira à luz do dom da sabedoria, tão singularmente desenvolvido em si. Mas como é sòmente depois de ter orado que abre o livro inspirado, êle não se contenta com admirar, saboreia ainda os seus ensinamentos, como se o Espírito Santo lhos tivesse pessoalmente ditado. Por isso, que unção quando êle, no púlpito, cita a palavra de Deus, e que diferença entre as luzes que dela faz jorrar e as engenhosas ou sábias aplicações que dela pode tirar um pregador auxiliado apenas pelos recursos de sua razão e de uma fé quase abstrata e morta! O primeiro mostra a verdade viva, envolvendo as almas numa realidade que não só aspira a iluminar, mas também a vivificar. O segundo só é capaz de falar dela como se fôra uma equação algébrica, certa sem dúvida, mas fria e sem relações com o íntimo da existência. Deixa-a abstrata e, por assim dizer, no estado de simples memorial ou, quando muito, apenas capaz de excitar os corações mediante isso que se chama o caráter estético do cristianismo. “A majestade das Escrituras enche-me de admiração. A simplicidade do Evangelho fala ao meu coração”, confessa o sentimental J. J. Rousseau. Mas que importavam à glória de Deus essas vagas e tão estéreis comoções! O verdadeiro apóstolo, êsse possui o segrêdo de manifestar o Evangelho na sua verdade, não só sempre atual, como também eficaz e incessantemente renovada, porque divina, para a alma que entra em contacto com ela. E sem perder tempo em atingir o sentimento, êsse apóstolo, por meio da palavra divina, vai direito a essa vontade em que reside a correspondência com a verdadeira vida. As convicções que êle produz

(1) Serm. de s. Joan. Bap. O brilho só é uma vaidade, o calor só é pouca coisa; a luz com o calor é a perfeição. — É sobretudo aos apóstolos que foi dito: Brilhe a vossa luz diante dos homens. Eles devem, com efeito, ser ardentes, muito ardentes.

geram amor e resolução. Só êle tem a verdadeira eloquência evangélica.

Não há, porém, vida interior completa sem terna devoção a Maria Imaculada, canal por excelência de tôdas as graças, sobretudo das graças de primeira escolha. O apóstolo habituado a êste perpétuo recurso a Maria, sem o qual s. Bernardo não podia compreender um verdadeiro filho desta Mãe incomparável, ao explanar o dogma da Mãe de Deus e da Mãe dos homens, encontra ácentos que, sôbre interessarem e comoverem os seus ouvintes, lhes comunicam ainda essa necessidade de recorrerem, na emergência de tôda e qualquer dificuldade, à dispensadora do Sangue divino. Basta que êle deixe falar a sua experiência e o seu coração para ganhar almas para a Rainha do céu, e, mediante ela, lança-las no Coração de Jesus.

c) Porque a vida interior gera a vida interior, profundos e duradouros são os seus resultados nas almas

É em forma de carta dirigida ao coração de cada um dos nossos colegas que conviria escrever êste capítulo, acrescentado às primeiras edições.

Já consideramos as obras como dependentes sobretudo da vida interior do obreiro evangélico. A oração e a reflexão levaram-nos a analisar sob outro ponto de vista a esterilidade de certas obras, e cremos ficar dentro das balizas da verdade, formulando esta proposição:

Uma obra não criará raízes profundas, não será verdadeiramente estável e não se perpetuará, enquanto o operário evangélico não gerar almas para a vida interior. Ora, não poderá gerá-las, se êle mesmo não estiver fortemente impregnado de vida interior.

No cap. III da 2.^a parte, citávamos nós as palavras do cônego Timon-David, sôbre a necessidade de se formar em cada obra um núcleo de cristãos fervorosíssimos que, por sua vez, exercessem verdadeiro apostolado sôbre os seus semelhantes. Quem não vê quão preciosos são êstes fermentos e até que ponto êstes colaboradores podem **Multiplicar** o poder de ação do apóstolo? Êle então já não trabalha sòzinho, os seus meios de ação centuplicam-se.

Digamo-lo desde já, só o homem de obras verdadeiramente interior possui a vida bastante para produzir outros focos de vida fecunda. Obter zeladores capazes de propaganda e de influência mediante a camaradagem, o espírito terreno ou a rivalidade, até aí podem chegar as obras laicas. Fanatismos ou concorrência, sectarismo ou pequenas vaidades, interêsse ou ambição lhe bastam para alavanca. Mas suscitar apóstolos segundo o Coração de Jesus Cristo, apóstolos que participem da sua doçura e humildade, da sua bondade desinteressada e do seu zêlo exclusivo pela glória de seu Pai, que outra, senão a alavanca da vida interior intensiva, ousaria pretender tal feito!

Enquanto uma obra não chegar a produzir êste resultado, efêmera será a sua existência. Quase seguramente não logrará sobreviver àquele que foi o seu fundador. Pelo contrário, a razão da perpetuidade de certas obras, não tenhamos dúvida alguma, só se encontra ordinariamente no fato de a vida interior ter conseguido gerar a vida interior.

Citemos um exemplo:

O padre Lallemand, morto em odor de santidade, fundou em Marselha, antes da Revolução, a obra de juventude para estudantes e empregados. Esta obra ainda conserva hoje o nome do seu fundador e, após mais de um século, ainda continua a desfrutar admirável prosperidade. Todavia, não tendo quase nenhuns dotes do ponto de vista natural, muito míope, tímido, sem talentos oratórios, êsse sacerdote, humanamente falando, era incapaz de atividade prodigiosa exigida pelo empreendimento.

As feições naturalmente desproporcionadas do seu rosto somente serviam para as zombarias dos jovens, se êle não tivesse a beleza da sua alma a refletir-se-lhe no olhar e em tôda a sua atitude. Graças a ela, o homem de Deus tinha sobre essa juventude fogosa um ascendente que a dominava e lhe impunha respeito, estima e afeição. O p.e Lallemand quis basear tudo apenas na vida interior e foi bastante poderosa para formar, no seio da sua obra, um grupo de jovens aos quais não hesitava em pedir, na medida inteira permitida pela condição dêles, vida interior integral, guarda do coração sem reserva, meditação

da manhã, etc., numa palavra, a vida cristã completa tal como a compreendiam e praticavam os cristãos dos primeiros séculos.

E êsses jovens apóstolos, sucedendo-se uns aos outros, têm continuado, em Marselha, a ser verdadeiramente a alma dessa obra, que já deu à Igreja muitos bispos e lhe dá ainda tantos padres seculares, missionários ou religiosos e milhares de pais de família que são, na cidade fociana, os fulcros mais importantes das obras paroquiais, e nela formam uma plêiade a qual, sôbre ser a honra do comércio, da indústria e das profissões liberais, constitui também verdadeiro foco de apostolado.

Pais de família, dissemos nós. Esta palavra evoca o eco do estribilho que mais ou menos se ouve por tôda parte: “O apostolado sôbre os moços e môças e mães de família é relativamente fácil; mas é as mais das vêzes impossível, quando pretendemos exercê-lo sôbre os homens. E sem embargo, enquanto não conseguirmos que os chefes de famílias se tornem não só cristãos senão também por sua vez apóstolos, a influência aliás tão apreciável da mãe cristã ficará paralisada ou será efêmera, e nós jamais chegaremos a estabelecer o reinado social de Jesus Cristo. Ora, nesta paróquia, neste bairro, neste hospital, nesta fábrica, nada podemos fazer para levar os homens a tornarem-se profundamente cristãos”.

Confessando assim a nossa incapacidade, não passamos acaso, as mais das vêzes, a nós mesmos um atestado da insuficiência dessa vida interior, a única capaz de nos fazer descobrir os meios de impedir que tão grande número de homens escapem à ação da Igreja? Aos trabalhos da preparação intensiva de sermões capazes de fazer nascer convicções, amôres e resoluções profundas nas inteligências e nos corações dos homens, não preferimos nós os fáceis triunfos oratórios em meio de moços ou de mulheres? Só a vida interior nos poderá sustentar nos trabalhos de uma sementeira obscura e árdua, e aparentemente infrutuosa durante largo tempo. Só ela nos fará compreender o poder de ação que êsse trabalho de oração e de penitência nos daria, e quanto multiplicariam a eficácia do nosso apostolado sôbre os homens os nossos

progressos na imitação de tôdas as virtudes de Jesus Cristo.

Tanta surpresa nos causaram os pormenores que nos contavam acêrca de uma obra militar numa grande cidade da Normandia, que hesitávamos em acreditar em tais triunfos: por exemplo, como era muito maior o número de soldados que iam ao círculo quando havia longa vigília de adoração noturna em reparação das blasfêmias e das libertinagens do quartel, do que quando lá se realizava um concerto musical ou uma representação cênica. Fomos obrigados a ceder perante a evidência. Cessou a nossa surpresa quando nos contaram até que ponto o assistente espiritual dêsse círculo compreendia o Sacrário e que apóstolos êle conseguira formar assim junto da Eucaristia.

Depois dêstes exemplos, que pensar de certos apóstolos para os quais cinemas, palcos, ginástica parecem constituir como programa de um quinto evangelho para a conversão dos povos!

A falta de outros, o emprêgo dêstes meios, para obter adeptos ou para conservar longe do mal, conseguirá por certo alguns resultados, mas as mais das vêzes bem restritos e bem efêmeros! Deus nos livre de arrefecer o zêlo dos amados colegas que não podem nem conceber nem empregar outro método, e já entrevêem (como a nós nos sucedeu quando ainda sacerdote jovem e sem experiência) os seus patronatos desertos se consagram menos tempo em preparar essas recreações modernas, condição sine qua non a seus olhos de bom êxito. Limitemo-nos, pois, a premuni-los contra o perigo de darem importância demasiada a êsses meios e auguremos-lhes a graça de compreenderem a tese do cônego Timon-David, do qual já citamos uma conversação conosco.

Um dia (éramos nós sacerdote apenas havia dois anos), êsse venerável padre vira-se obrigado no fim de uma conversação a dizer-nos mui fraternalmente, mas não sem certa compaixão: "Non potestis portare modo; sòmente mais tarde, quando tiver já avançado na vida interior, me logrará compreender melhor. Já que, afinal de contas, não pode atualmente prescindir dêsses meios, empregue-os, pois, sem hesitar, à falta de outros. Quanto a mim, fácil-

mente retenho os meus jovens operários e burocratas e atraio novos recrutas, conquanto não haja na nossa sede senão êsses divertimentos antigos e sempre novos que, sem nada custarem, distraem a alma pela mesma simplicidade dêles. Lembre-se, acrescentou êle com finura, que já lhe mostrei, ali arrumados para um canto, os instrumentos musicais que eu também, ao princípio, julgara indispensáveis: a propósito, eis que se dirige para aqui a nossa atual filarmônica: vai ter ensejo de apreciá-la”. Com efeito, após alguns minutos, desfilava diante de nós um grupo de 40 a 50 jovens de 12 a 17 anos. Que algazarra! Quem vingaria reprimir uma gargalhada em presença dêsse curioso batalhão, que o olhar risonho do velho cônego contemplava com tanta satisfação? “Olhe, me disse êle, observe aquêle que caminha aos recuos à frente do grupo e vem agitando a sua grossa bengala à guisa de batuta como mestre de música e depois a leva cômicamente à bôca à guisa de clarinete; é oficial subalterno em licença, um dos nossos mais ativos zeladores. Sempre que pode comunga todos os dias, e sobretudo nunca deixa de fazer a sua meia hora de oração mental. Êsse anjo de piedade, alma incansável de todos os divertimentos, esforça-se por tirar proveito de todos os seus talentos a fim de que os recreios dos médios não esmoreçam. Como dispõe de inesgotáveis recursos para êsse efeito, sempre mantém vivo o entusiasmo dessa verde juventude. Nada, porém, escapa aos seus olhares de subvigilante nem ao seu coração de apóstolo”. Sim, gargalhada irreprimível perante êsse grupo de músicos que executavam modinhas triviais conhecidíssimas. O estribilho logo mudava, mal o mestre da música dava o sinal do exemplo. Cada executante simulava um instrumento: uns tinham junto da bôca as mãos em forma de pavilhão, outros faziam vibrar entre os lábios uma fôlha de papel, raras flautas de cana, etc. Esquecia-nos de dizer que, à frente dos executantes, vinha um tocando trombone e outro grande caixa de rufo: dois paus, a um dos quais a mão imprimia movimento regular de vaivém, eram o instrumento do primeiro; uma velha lata de petróleo, o instrumento do segundo. Os rostos irradiantes de todos êsses jovens mostravam que a brincadeira realmente os encantava. “Sigamos a filarmônica”, disse-

me o cônego. Ao fundo da alameda erguia-se uma estátua de nossa Senhora. “De joelhos, meus amigos, diz o mestre da música. Um Ave Maris stella à nossa Mãe do céu, depois uma dezena de têrço”. Tôda aquela rapaziada fica em silêncio durante alguns momentos, depois responde lentamente, com tanta piedade como na capela, às ave-marias. Aquêles jovens meridionais, a maior parte de olhos baixos, alguns minutos antes verdadeiros diabretes, transformam-se a súbitas em anjos de Fra Angélico. “Não se esqueça, diz-me o guia, de que o temômetro da obra é: Reter mediante recreações simples e entusiasmadas os nossos jovens mesmo os de mais de vinte anos, conseguir que êles aspirem a recobrar aqui durante as suas horas de oração e de recreio uma alma de criança e que se divirtam com coisas de nada; chegar sobretudo a fazer rezar, mas verdadeiramente rezar, mesmo no meio das brincadeiras; todos os nossos zeladores visam a êste fim”. A banda ergue-se para novas proezas artísticas cujos ecos reboam pelo pátio fora. Uns minutos depois era o jôgo da barra que estava no seu auge. Entrementes nós havíamos notado que o oficial, ao erguer-se depois do Ave Maris stella, tinha murmurado algumas palavras aos ouvidos de dois ou três jovens, os quais immediata e alegremente, como obedecendo a um uso praticado por todos, foram deixar as blusas do recreio e as alparcatas e se dirigiram à capela a fim de lá passarem um quarto de hora aos pés do divino Prisioneiro.

“A nossa ambição, acrescentou então o sr. Cônego Timon-David, com convicção profunda, nossa ambição deve tender à formação de zeladores nos quais o amor de Deus tenha a intensidade suficiente para que êles, após terem saído do patronato e constituído família, se conservem apóstolos solícitos em comunicar ao maior número possível de almas os ardores da sua caridade. Se o nosso apostolado, continuava aquêle santo sacerdote, visasse apenas a fazer bons cristãos, como seria acanhado o nosso ideal! São legiões de apóstolos que nós devemos criar, a fim de que essa célula fundamental da sociedade, que se chama a família, se torne por sua vez centro de apostolado. Ora, só vida de sacrifício e de intimidade com Jesus nos dará a fôrça e o segrêdo de realizar êsse programa

integral. Sòmente sob esta condição é que a nossa ação será poderosa na sociedade, e então há de cumprir-se a palavra do Mestre: *Ignem veni mittere in terram et quid volo nisi ut accendantur?* (1)".

Foi só, ai! muitos anos mais tarde que nós soubemos compreender o alcance das lições vivas do cônego, tão profundo na sua psicologia como na sua tática, e comparar, sob as vistas de Deus, para quem nada valem os bons êxitos aparentes, os resultados dos diversos meios empregados.

Esses meios podem servir, conforme forem simples como o Evangelho ou complexos como tudo quanto é demasiado humano, para apreciar uma obra e aquêles que a animam.

O jovem Davi avançava para Golias, contra o qual em vão haviam combatido bem armados os valentes de Israel. Uma funda, um cajado, cinco pedras de torrente, nada mais pedia o mancebo. Mas o seu *In nómine Dómini exercítuum* (2) era já de uma alma capaz de chegar à santidade.

Muito se fala hoje das obras pós-escolares laicas. Por enormes que sejam as somas que o Estado põe oficialmente à sua disposição, por magníficas que sejam as suas sedes, etc., nada têm a temer da sua concorrência as obras pós-escolares da Igreja, se estas se basearem na vida interior. Mediante o atrativo do que sobretudo fascina o jovem, mediante o seu ideal, elas hão de conquistar a escol da juventude.

Terminemos por um último fato. Servir-nos-á êle para analisar o homem de obras que parece arrastar as almas para nosso Senhor a ponto de fazer delas apóstolos, mas que, na realidade, apenas suscita entusiasmos nascidos da simpatia natural pela sua pessoa e da ação magnética que esta exerce em derredor de si. Arroubados de tratarem com um fascinador piedoso, ufanos porque o vêem ocupar-se dêles, os adeptos formam-lhe uma como còrte e à porfia, mas sobretudo em vista de lhe agradarem, aceitam as práticas, mesmo penosas, que parecem refletir a verdadeira devoção.

(1) *Eu vim trazer fogo à terra e que quero eu senão que êle se acenda?* (Lc., 12, 49).

(2) *Eu venho a ti em nome do Senhor dos exércitos* (I R., 27, 45).

Uma congregação de admiráveis Irmãs catequistas era dirigida por um religioso, cuja vida se escreveu há pouco. “Minha madre, disse um dia êsse homem interior a uma superiora local, sou de opinião que a Irmã X... deixe, pelo menos durante um ano, de ensinar catecismo.

— Mas, meu padre, talvez V. Rev.^a não tenha pensado que essa Irmã é a melhor das diretoras. As crianças concorrem de todos os bairros da cidade, atraídas pelas suas maneiras maravilhosas. Retirá-la do catecismo é provocar a deserção da maior parte dêsses rapazinhos. — Assisti da tribuna a seu catecismo, responde o padre. Ela deslumbra com efeito as crianças, mas de forma demasiadamente humana. Após um ano de nôvo noviciado, melhor formada na vida interior, ela há de santificár, então, a sua alma e as almas das crianças pelo zêlo e pela utilização dos talentos. Mas atualmente ela é, sem o pensar, um obstáculo à ação direta de nosso Senhor sôbre essas almas que se estão preparando para a primeira comunhão. Vamos, madre, vejo que a minha insistência a contrista. Pois bem: aceito uma transação. Conheço a Irmã N..., alma muito interior, mas sem grandes dotes de inteligência. Peça à sua Superiora Geral que lha envie por algum tempo. A primeira virá começar por um quarto de hora o catecismo, precisamente para acalmar os seus temores de deserção; depois, pouco a pouco, há de retirar-se completamente. Verá como as crianças rezarão melhor e cantarão mais piedosamente os cânticos. O recolhimento e a docilidade delas hão de refletir então um caráter mais sobrenatural. Êsse será o termômetro”.

Quinze dias depois (a superiora pôde comprová-lo), a Irmã N... dava sòzinha as lições e sem embargo aumentava o número das crianças. Era verdadeiramente Jesus que dava o catecismo por ela. Pelo seu olhar, sua modéstia, sua doçura, sua bondade, pela sua maneira de fazer o sinal da cruz, ela “dizia” nosso Senhor. A Irmã X... conseguia explicar com talento e tornar interessantes as coisas mais áridas. A Irmã N... fazia mais. Certo que ela nada negligenciava para preparar as suas explicações e expô-las com clareza, mas o seu segrêdo, o que dominava no seu curso, era a unção. E por meio desta unção é

que as almas se põem verdadeiramente em contacto com Jesus.

Nos catecismos da Irmã N. . . , não abundavam essas expansões ruidosas, êsses olhares estupefatos, essa fascinação que de igual sorte provocaria qualquer conferência interessantíssima de um explorador ou a comovente narração de uma batalha.

Ao invés, havia uma atmosfera de atenção recolhida. Aquelas crianças estão na sala do catecismo como na igreja. Nenhum meio humano se emprega para impedir a dissipação ou o aborrecimento. Qual é, pois, a influência misteriosa que paira sôbre essa assistência? Não nos iludamos, é a influência de Jesus que ali diretamente se exerce. Porque uma alma interior, explicando as lições de catecismo, é a lira que vibra tão-sòmente sob os dedos do artista divino. E nenhuma arte humana, por maravilhosa que seja, é comparável à ação de Jesus.

f) Importância da formação das elites e da direção espiritual

Voltemos novamente à conversa tão cheia de interesse que tivemos com o cônego Timon-David. Uma palavra caída dos lábios dêste fundador de obras deveras experimentado reteve, sem dúvida, a atenção do leitor. O uso dêste vocábulo imaginoso, pitoresco “muletas”, sintetizava-lhe o pensamento sôbre o emprêgo de certas diversões modernas (teatro, banda, cinema, jogos variados e custosos, discursos laudativos, etc.), para atrair e conservar os moços nas obras de juventude.

Tais atrações, sôbre serem não raro causa de esgotamento e de depressão nervosa, tendem menos muitas vêzes a descansar, dilatar a alma ou desenvolver a saúde física, que a acariciar a vaidade e sobreexcitar a imaginação e a sensibilidade.

Além do mais, êste termo “muletas” não se applicava de maneira alguma a êstes jogos sumamente interessantes, embora muito simples, que repousam a alma, fortificam o corpo e deram satisfação a tantas gerações cristãs.

Comparando, sem, todavia, pô-lo perfeitamente ao diapasão das circunstâncias atuais, o aviso do judicioso

cônego com o parecer de outros excelentes diretores de obras, houve talvez quem perguntasse se êle não generalizava com exagêro os casos em que as “muletas” se podem suprimir.

Sem falar nas obras instituídas para alívio das misérias corporais, as demais podem ser distribuídas em duas classes: as que se compõem de uma elite exclusivamente e aquelas das quais se afastam tão-sòmente as ovelhas ronhosas.

Ainda neste último caso, supomos que se procure também formar um como núcleo de indivíduos de escol capazes de, pelo seu fervor, apontarem aos outros o fim primordial da obra: levar todos os membros a uma vida não superficial, mas profundamente cristã.

A não ser assim, seria “Obra profana dirigida por um padre”, no dizer malicioso de respeitável lente de liceu que, atrás de fachada clerical, suspeitava da existência de quase tôdas as misérias que êle deplorava nos estabelecimentos subtraídos à influência da Igreja.

Êsses diretores que muito fâcilmente excluem de suas obras elementos reconhecidos incapazes de incorporar-se à elite, julgam perfeito o têrmo de “muletas” porque patenteia melhor até que ponto êles julgam secundários certos meios que geralmente rejeitam ou, às vêzes, toleram a contragôsto.

E quantos argumentos não apresentam para defender a sua opinião!

Para êles, a restauração da sociedade, em geral, e de nossa pátria, em particular, há de ser o resultado de uma irradiação mais intensa da santidade da Igreja. Por êste meio, acrescentam êles, muito mais que por conferências apologéticas, é que o cristianismo logrou o desenvolvimento rápido dos primeiros séculos da sua história, a despeito do poder de seus inimigos, dos preconceitos de tôda espécie e da corrupção geral.

Cortam cerce tôda discussão com réplicas dêste gênero: “Podeis citar um fato, um só que seja, mostrando que, no decurso daquele período, a Igreja teve de inventar divertimentos para afastar da turpitude dos espetáculos pagãos as almas que devia conquistar?”.

Aludindo a esta sêde de ouro e a êste entusiasmo pelo cinema que hoje em dia inflama as multidões sequiosas de gozos e de prazeres, dizia-nos um dêsses diretores: “O panem et circenses dos romanos decadentes muito bem poderia traduzir-se por dinheiro e cinema”. Ora, tomai, por exemplo, santo Ambrósio ou santo Agostinho, êsses dois portentosos sedutores de almas, quem pode descobrir na vida dêles, um feito que no-los represente organizando obras com o fim de proporcionarem às suas ovelhas divertimentos capazes de lhes fazer esquecer os prazeres oferecidos pelo paganismo?

E para converter Roma tão entibiada pelo espírito da Renascença, onde vemos que são Filipe de Néri precisasse das “muletas” que excitavam a verve do cônego Timon-David?

Certo é que a primitiva Igreja, como já o deixamos entrever, soube organizar entre os fiéis uma elite incomparável e numerosa cujas virtudes assombravam os pagãos, forçavam a admiração das almas leais, até das mais prevenidas, por seus princípios, tradições ou costumes, contra a religião cristã. Davam-se numerosas conversões, até nas camadas da sociedade onde o sacerdote não podia penetrar.

Diante destas lições do passado, como não nos perguntarmos a nós mesmos, se, neste nosso século, não temos excessiva confiança, já não digo em determinadas diversões atordoantes, mas em certos meios, como peregrinações, festas aparatosas, congressos, discursos, publicações, sindicatos, atuação política, etc., sobremaneira multiplicados em nossos dias, incontestavelmente utilísimos, mas que seria êrro deplorável colocar em primeiro lugar.

A pregação pelo exemplo há de ser sempre a alavanca principal, pois só exempla trahunt. Conferências, bons livros, imprensa cristã e os próprios sermões excelentes, tudo deve gravitar em redor dêste programa fundamental: Organizar o apostolado entre o povo **Pelo exemplo** de cristãos fervorosos, que fazem reviver a Jesus Cristo, exalando o perfume de suas virtudes.

Os sacerdotes que, absortos por tôdas as outras funções do seu ministério, cuidam insuficientemente da prin-

cipal, isto é, da formação das elites para a grande propaganda pelo bom exemplo, podem assim estranhar que, em nosso país, as três quartas partes dos homens, e em muitos outros países, proporção muito maior, ainda, se imobilizem na indiferença, vendo apenas na Igreja uma instituição respeitável, de certa utilidade social, mas não a mola incomparável de toda a existência individual, o fecho de abóbada das famílias e das nações, e acima de tudo, a protetora máxima da verdade e da vida eterna.

“Qual é esta religião capaz de assim iluminar, fortificar e inflamar o coração humano?” exclamavam os pagãos extasiados diante dos maravilhosos efeitos que conseguiu produzir a liga tácita da ação pelo bom exemplo.

A força desta liga que existia entre os primeiros cristãos não provinha certamente da única prática do declina a malo (1). A abstenção dos atos condenados pelo decálogo não teria sido capaz de gerar, juntamente com a admiração, o enérgico e poderoso desejo de imitar. É antes de tudo, ao *fac bonum* que se prende o *exempla trahunt*. Era de mister todo o brilho das virtudes evangélicas, tais quais o Sermão na montanha as tinha proposto ao mundo.

“Se a Igreja, dizia-nos estadista eminente mas incrédulo, soubesse gravar mais profundamente nos corações o testamento de seu Fundador: Amai-vos uns aos outros, tornar-se-ia a grande potência indispensável às nações.” Não seria o caso de fazer a mesma reflexão a respeito de várias outras virtudes?

Com seu conhecimento profundo das precisões da Igreja, s. Pio X, muitas vèzes, teve vistas de justeza raríssima. O Ami du Clergé (2) lembra interessante conversa do saudoso Pontífice com um grupo de cardeais: “Qual é hoje, pergunta o Papa, a obra que se vos afigura mais necessária à salvação da sociedade? — Edificar escolas católicas, responde um deles. — Não. — Multiplicar as igrejas, continua outro. — Ainda não. — Fomentar o recrutamento sacerdotal, diz um terceiro. — Não, não, replica s. Pio X; o que, no momento presente, é mais necessário é ter-se em cada paróquia um grupo de leigos ao

(1) Salm., 36.

(2) Prédication, 20 de janeiro de 1921.

mesmo tempo muito virtuoso, esclarecido, resoluto e de-
veras apóstolo”. (1)

Outros pormenores nos autorizam a firmar que êste santo papa, no fim de sua vida, não esperava a salvação do mundo senão da formação, pelo zêlo do clero, de fiéis cheios de apostolado pela palavra e pela ação, mas acima de tudo pelo exemplo. Nas dioceses, onde, antes de ser papa, exerceu o múnus episcopal, ligava menos importância ao registro de *statu animarum* do que à lista dos cristãos convictos, capazes de irradiar apostolado. Era de opinião que se podem formar elites em qualquer lugar e por isso classificava seus padres de acôrdo com os resultados que seu zêlo e sua capacidade neste ponto tinham conseguido.

O aviso do santo pontífice dá singular autoridade à opinião dos diretores de obras da primeira categoria, dos quais falávamos há pouco. Se a única e verdadeira estratégia para agir sôbre as massas consiste na formação das elites, o conservar elementos que não se tem séria esperança de afervorar é êrro, sempre que destarte se corre o risco de abaixar o nível da elite, a ponto de esta não passar de elite de nome.

Os outros diretores que se limitam a afastar os contagiosos também têm seus argumentos para protestar contra a expressão de “muletas”, que designa certos dos seus processos e não os menos eficazes aos seus olhos.

Alegam os perigos a que estariam expostas as almas que assim cessariam de abrigar-se nessas obras, a necessidade de se contentarem com um número ínfimo de recrutas não visando senão as elites, a atmosfera deletéria dos meios em que vivem os que êles devem evangelizar, etc. Seria injusto e cruel, dizem êles, descuidar das massas e pretender atingi-las sômente pela irradiação das

(1) Quando se comparam certas passagens da primeira encíclica de s. Pio X com várias palavras por êle mais tarde proferidas, compreende-se que, na conversa a que acabamos de aludir, é do fervor dos sacerdotes que êle espera a formação das elites de que fala e com elas é que conta depois (mais do que com outro qualquer meio) para aumentar o número dos verdadeiros fiéis. Conseguido êste resultado, assegurados estão o recrutamento sacerdotal e a multiplicação das escolas e das igrejas.

Quando a quantidade não é consequência da qualidade, corre-se o grave perigo de uma religiosidade vã, enganadora, cheia de exterioridades.

elites, sem tentar atuar diretamente sôbre os medióculos, ainda que só fôsse para impedir que resvalem mais baixo ou para entre êstes suscitar candidatos às elites.

* * *

Ouvimos com atenção e muito respeito estas diversas opiniões de diretores ou diretoras de obras, de boa-fé e de zêlo incontestável. Não tentaremos conciliá-las. Escrevendo para nossos venerandos confrades no sacerdócio, preferimos perguntar-nos a nós mesmo qual seria a resmôço, sabia suscitar nêle, com rara felicidade, santos convidados a harmonizarem as duas teses, adotando um justo meio.

Era êste o plano de ambos:

1.º Descobrir entre as centenas de jovens cristãos que constituíam a obra, uma minoria, embora ínfima, mas capaz de desejar ardentemente e praticar sèriamente a vida interior;

2.º Cultivar com carinho todo especial estas almas, fazendo-as amar apaixonadamente a nosso Senhor, incutindo-lhes o ideal das virtudes evangélicas e isolando-as o mais possível do contacto com outros estudantes, empregados, operários, etc., enquanto não tenham alcançado, na sua vida interior, o grau que pudesse imunizá-los eficazmente contra o contágio;

3.º Enfim, chegado o momento, infundir nestes moços o zêlo pelas almas a fim de aproveitá-los para melhor atingir seus companheiros.

Seria demasiadamente longo o precisar o mínimo que êstes dois sacerdotes exigiam dos não fervorosos para conservá-los algum tempo na obra. Preferimos chamar a atenção sôbre o papel importantíssimo que êles atribuíam à direção espiritual para a consecução do seu plano.

O p.e Lallemand (1), dirigindo individualmente a cada posta do p.e Lallemand ou do cônego Timon-David, caso tusiasmos pela perfeição e convencia-o de que a melhor prova de devoção ao sagrado Coração é a imitação das virtudes do divino Exemplar.

(1) La vie et l'esprit de Jean-Joseph Lallemand, pelo padre Gaduel, Paris, Lecoffre.

Quanto ao cônego Timon-David, além de ótimo confessor, muito jeitoso para descobrir e curar as feridas das almas, era também notável diretor espiritual. Ninguém melhor que êle soube inflamar os corações no amor à virtude e excitar os colaboradores a não se contentarem, na direção das almas, com os princípios da teologia moral próprios à vida purgativa, mas a utilizarem-se da direção para orientá-las para a vida iluminativa. Nada se pode comparar com sua solícitude para fazer dos padres, seus colaboradores, verdadeiros diretores de almas.

Ambos consideravam como insuficientes suas breves exortações antes da absolvição, suas pregações ao conjunto dos moços, a organização da vida litúrgica e até suas conferências tão atraentes a suas elites e julgavam indispensável a direção mensal dada a cada um desses moços.

Êles estavam convencidos de que, depois da oração e da imolação, o meio mais eficaz para se conseguir de Deus essas elites que podem regenerar o mundo, é a ação do sacerdote pelo conjunto do seu ministério, mas especialmente pela direção espiritual.

Mas saíamos do quadro restrito das obras de juventude para, de relance, abraçar o imenso campo que a Igreja deve cultivar: obras de todo gênero, paróquias, seminários, comunidades religiosas, missões, etc.

Ninguém tem capacidade para se conduzir a si próprio. Todos os homens têm fraquezas a vencer, inclinações a dominar, deveres a cumprir, riscos a correr, ocasiões perigosas a evitar, dificuldades a resolver e dúvidas a esclarecer. Se para tudo isso é preciso um auxílio, um guia, com maior razão, para trilhar o caminho da perfeição.

O sacerdote faltaria, às vêzes gravemente, à sua obrigação de doutor e de médico das almas, se as privasse do grande socorro suplementar do confessor, dêste propulsor indispensável da vida interior que se chama a direção espiritual.

Como é lastimável a sorte das obras cujos diretores, sempre com falta de tempo, dão somente, antes da absolvição, piedosa, mas vaga exortação, muitas vêzes a mesma para todos os penitentes, em vez do específico que o médico experimentado e dedicado saberia escolher de acôrdo com o estado patológico de cada doente.

Apesar de sua fé na eficácia do sacramento, não está o penitente inclinado a ver no ministro apenas um “distribuidor automático”, semelhante a êstes aparelhos que, nas estações, apresentam mecânicamente uma guloseima.

Privilégiados são, ao contrário, os círculos, orfanatos, colégios, etc., onde o confessor conhece a arte da direção e está convencido de que deve, antes de tudo, pôr esta arte em prática, se quiser conseguir que tôdas as almas capazes de vibrar por um ideal se entreguem resolutamente aos exercícios da vida interior.

Quantos pais e quantas mães da família têm visto sua ação sôbre os filhos aumentar de maneira singular tão-sòmente porque encontraram um verdadeiro diretor.

Quantos tesouros por explorar na alma de um menino! É o momento em que a árvore se vai inclinar, e muitas vêzes definitivamente, para um lado ou para outro.

Por não terem tido, quando pequenos, direção adaptada à sua idade, numerosos são os adultos que desgraçadamente não será mais possível contar entre as lindas flôres do jardim de Jesus. Quantas vocações sacerdotais e religiosas teriam podido desabrochar!

As vêzes, e por várias gerações, numa paróquia, numa missão, vai-se continuando o impulso dado por um sacerdote que foi outra coisa que simples distribuidor de absolvições.

Com Ars, Mesnil-Saint-Loup, poderíamos citar outras localidades, verdadeiros centros de vida sobrenatural no meio do entibiamento geral, porque tiveram a fortuna de possuir um diretor zeloso, prudente e cheio de experiência.

Qual não foi minha admiração, na viagem que fiz ao Japão há uns dez anos, quando tive a felicidade de entrar em contacto com alguns membros de numerosas famílias cristãs, descobertas uns cinqüenta anos atrás, perto de Nagasáqui. Fato extraordinário: cercados de pagãos, obrigados a esconder a sua religião, privados de sacerdotes há três séculos, êsse fiéis de escol tinham recebido de seus antepassados não só a fé mas também o fervor. Onde descobrir o impulso inicial bastante poderoso para explicar a força e a persistência de tão extraordinária transmissão?

A resposta é fácil. Seus ancestrais tiveram em são Francisco Xavier um maravilhoso diretor de elites.

Como imaginar que certos seminários menores, sem diretor espiritual, possam ser viveiros de futuros levitas? Precisamente por não terem sido, desde os verdes anos, orientados para a perfeição, poderão a maior parte dos seus alunos ultrapassar a mediocridade no exercício de seu ministério sacerdotal?

Oxalá essas almas, à procura do seu caminho, não sejam frustradas no desejo de vida sacerdotal, fascinadas pelo brilho dos talentos naturais de certos professôres nos quais se percebia uma ponta de indiferença pela vida interior e de desdém pela direção espiritual contínua.

A prova palpável de que, em numerosas comunidades, ativas ou contemplativas, muitos súditos se arrastam por falta de direção espiritual, está na mudança radical, que mais de uma vez nos foi dado verificar, de certas almas túbias que voltaram ao fervor de sua profissão logo que tiveram um diretor consciencioso.

Certos confessores parecem esquecer-se de que almas consagradas a Deus e pelas quais devem responder, são obrigadas a tender à perfeição e têm necessidade real de auxílio e de estímulo para realizar êstes progressos incessantes, a que se podem aplicar estas palavras do Salmista: "Ascensiones in corde suo dispôsuit... ibunt de virtute in virtutem" (1) e para se tornarem assim verdadeiros apóstolos de vida interior.

Quantos sacerdotes também seriam muito mais fervorosos na sua vida eucarística e litúrgica e zelosos pelo progresso das almas, se o confessor por êles escolhido lhes manifestasse verdadeira amizade pelo seu jeito para levá-los, pela persuasão, à direção mensal, tendo presente ainda à mente, a tendência à perfeição a que são obrigados mais que os religiosos.

Quem não terá notado o papel importante atribuído pelos hagiógrafos ao diretor espiritual da maior parte das personagens cuja vida escrevem?

Não seriam mais numerosos os santos na Igreja, se as almas generosas, as almas sacerdotais e religiosas sobretudo fôsem mais sèriamente dirigidas.

(1) Salmo, 87.

Sem a direção íntima do padre sôbre os pais de santa Teresinha do Menino Jesus e, mais tarde, sem a ação direta dos representantes de Deus sôbre esta eleita do Senhor, receberia hoje a terra essa chuva de rosas que a inunda?

Em seus escritos, o p.e Desurmont repisa muitas vêzes êste pensamento: Para certas almas, a salvação está ligada à santidade. Tudo ou nada. O amor ardente de Jesus ou o culto do mundo e a direção de Satã. A santidade ou a reprovação eterna.

Assim, será temeridade reear dolorosas surprêsas no juízo particular para os sacerdotes que, por não estudarem a arte da direção espiritual e não aceitarem o trabalho que sua prática exige, são até certo ponto, responsáveis da mediocridade ou mesmo da perda das almas?

Bons administradores, excelentes pregadores, cheios de carinhosa solicitude pelos doentes e pelos pobres, descuidaram-se, entretanto, desta grande tática empregada pelo próprio Salvador: transformar a sociedade pelas elites.

O pequeno rebanho de discípulos que Jesus escolheu, ensinou e formou pessoalmente e que depois o Espírito Santo inflamou, bastou para começar a regeneração do mundo.

Saudemos com respeito os bispos cada vez mais numerosos que, seguindo o exemplo de s. Pio X, estimam que, nos seus seminários maiores, um curso de ascética ou de mística é de mais utilidade do que conferências sociológicas.

Querendo sublinhar a importância da direção, êles exigem que antes de tudo os seminaristas, para o progresso pessoal, a façam fielmente e que todos os mestres professem para com ela a maior estima e a comprovem pela sua irradiação de vida interior.

Além disso, querem que todo aspirante ao sacerdócio aprenda o que se refere ao régimen animarum, a esta arte que se baseia em princípio sòlidamente estabelecidos e em conselhos vividos por aquêles que a experimentaram. Desta ars ártium sobretudo é que se pode dizer que a teo-

ria deve necessariamente vir acompanhada da prática, hábil, jeitosa.

* * *

Quantas falsas noções, quantos preconceitos a fazer desaparecer concernentes à direção! se consultarmos os autores tidos na Igreja como mestres na vida espiritual.

Pessoas há que sabem muito bem desviar a direção da sua finalidade, logo que o sacerdote deixa o zêlo flutuar sem bússola e não segura o leme com mão firme.

Conversas estéreis, edulcoradas, que lisonjeiam o amor próprio, entretêm numa espécie de quietismo, diminuem o sentido da responsabilidade pessoal; escola de "beatices" e de sentimentalismo, em que se desenvolve o gosto pelas emoções sensíveis, pela religiosidade tecida de exterioridades; um como cartório onde se costuma consultar sobre os mínimos incidentes da vida, sobre os negócios temporais, sobre minúcias da vida de família. E quantos outros caminhos errados por onde enveredam diretores e dirigidos!

Por isso, o sacerdote deve velar pela integridade do caráter da direção. Tudo deve convergir para o fim claramente indicado nesta definição: A direção consiste no conjunto metódico e seguido dos conselhos que uma pessoa, tendo para isso graça de estado, ciência e experiência (mormente o sacerdote) dá a uma alma reta e generosa para fazê-la progredir na sólida piedade e até na perfeição.

É, antes de tudo, **Educação da vontade**, desta faculdade mestra que santo Tomás chama vis unitiva, a única, em última análise, em que reside a união com nosso Senhor e a imitação de suas virtudes.

O diretor digno dêste nome inteira-se não somente das causas íntimas das faltas, mas ainda dos vários pendores da alma.

Analisa-lhe as dificuldades e repugnâncias na luta espiritual. Apresenta com todo o brilho o ideal e escolhe, experimenta e controla os meios de o realizar, assinala os escolhos e as ilusões, sacode o torpor e a indolência, anima, repreende, e consola, sendo preciso, mas tão-somente para retemperar a vontade contra o desânimo e o desespero.

A direção prende-se ordinariamente à confissão enquanto a alma, ainda apegada ao pecado, vai continuando na vida purgativa.

Quando a alma se vai orientando seriamente para a vida fervorosa, então a direção pode tornar-se distinta da confissão. É para evitar a confusão entre uma e outra que certos sacerdotes não a querem dar senão depois da absolvição e a concedem só uma vez ao mês aos que se confessam cada semana.

Não entra nos limites deste volume o desenvolver o processo pelo qual se pratica a direção. Porém, certo de que numerosos padres devem tomar mais a sério esta arte espiritual, seria para nós grande alegria, se pudessemos oferecer a certos de nossos confrades que hesitam em manusear livros volumosos, uma síntese breve e prática do melhor que sobre este assunto foi publicado ⁽¹⁾. Tal compêndio não só viria facilitar a auscultação e a classificação das almas, mas ainda precisar os meios preconizados para o “*duc in altum*” adaptado aos principais estados.

Cada alma é como um mundo à parte, com seu matiz próprio. Entretanto, ex commúnter contingéntibus, os cristãos podem ser classificados em vários grupos.

(1) Tratados especiais: La direction spirituelle, par le Vén. P. Libermann (Oeuvre de S. Paul, 6, rue Cassette, Paris). — L'esprit d'un directeur des âmes, par M. Olier (De Gigord, Paris). — La charité sacerdotale, par le P. Desurmont (Sainte Famille, rue Servandoni, Paris). — Tratados diversos do Cônego Timon-David. — Les degrés de la vie spirituelle, par Saudreau (Grassin et Richou, Angers). — La pratique progressive de la confession et de la direction e diversos outros volumes do mesmo autor sobre a formação moral e religiosa (lbr. S. Paul, Paris). — Direction des enfants, par Simon (Téqui, Paris). — Pratique de l'éducation, par Monfat (Téqui, Paris). — L'éducateur apôtre, par Guilbert (De Gigord, Paris), etc., etc.

Eis alguns autores que falaram da direção espiritual: Cassiano, são Gregório Magno, são Bernardo, são Boaventura, são Vicente Ferrer, santa Teresa, são Francisco de Sales, são Vicente de Paulo, santo Afonso. — São Jerônimo, santa Chantal, Bossuet, Fénelon, Dupanloup, etc., nas suas cartas. — Os Padres Acquaviva, Lallemand, Grou, Scaramelli, S. J. Ribet: O ascetismo cristão, Meynard, O. P. (Jules, Vic., Paris). — Monsr. Gay, — Saudreau: L'idéal de l'âme fervente; — La voie qui mène à Dieu; — Manual de Espiritualidade; — Schrievers, C. SS. R.; Principes de la vie spirituelle (Dewis, Bruxelles, etc.).

As obras de educação e de psicologia pedagógica, tais como as dos Padres Eymieu (Perrin, Paris) e de la Vaisnière, S. J. (Beauchesne, Paris), dos Padres Raymond (Beauchesne), e Noble, O. P. (Lethielleux, Paris) serão sempre utilíssimas aos diretores. Além disto, o estudo sério de la Charité sacerdotale, do Padre Desurmont ou des Degrés de la Vie Spirituelle, de Monsr. Saudrau, daria a qualquer padre preciosos meios para fazer a direção.

Por julgá-lo útil, tentamos logo mais dar esta classificação, adotando como pedra de toque, de um lado o pecado ou a imperfeição, e, de outro, a oração. Oxalá pudessemos por êste quadro levar alguns dos nossos venerados confrades a meditarem sôbre a necessidade de um estudo que lhes comunicaria o conhecimento das regras práticas para dirigirem cada alma segundo o próprio estado.

Para as duas primeiras categorias, se o sacerdote não pode atingir diretamente as almas, pelo menos, se fôr bom diretor, êle há de guiar muito mais eficazmente os parentes ou amigos empenhados em retirarem do empedernimento entes queridos que Deus ainda não rejeitou definitivamente.

1. Empedernimento

Pecado mortal. — Estagnação neste pecado por ignorância ou com a consciência maldosamente faseada.

— Abafamento ou ausência de remorsos.

Oração. — Supressão determinada de todo recurso a Deus.

2. Verniz cristão

Pecado mortal — Considerado como mal de pouca conta e facilmente perdoado; a alma o comete sem resistência em qualquer ocasião ou tentação. — Confissão quase sem contrição.

Oração. — Maquinal, sem atenção ou quase sempre citada por algum interêsse temporal. Concentrações raras e superficiais.

3. Piedade medíocre

Pecado mortal. — Fracamente combatido. — Fuga pouco freqüente das ocasiões, mas arrependimento sério e confissões sinceras.

Pecado venial. — Pacto com êste pecado, considerado como mal insignificante; logo, tibieza de vontade. Nada para preveni-lo, arrancá-lo ou descobri-lo.

Oração. — Regularmente bem feita de vez em quando. Veleidades passageiras de fervor.

4. Piedade intermitente

Pecado mortal. — Lealmente combatido. Fuga habitual das ocasiões. Arrependimento muito vivo. Penitências para reparar.

Pecado venial. — As vezes deliberado. Combate fraco. Pesar superficial. Exame particular sem objeto preciso, sem espírito de continuidade.

Oração. — Resolução insuficiente de fidelidade à meditação que se abandona logo que cheguem as securas ou múltiplas ocupações.

5. Piedade perseverante

Pecado mortal. — Nunca. Quando muito, raríssimas surpresas violentas e repentinas. Muitas vezes, então, pecado mortal duvidoso acompanhado de ardente compunção e penitência.

Pecado venial. — Vigilância para evitá-lo e combatê-lo. Raras vezes deliberado. Vivamente sentido, mas pouco reparado. Exame particular continuado, visando apenas a fuga dos pecados veniais.

Imperfeições. — A alma evita descobri-las para não as combater, ou as desculpa com facilidade. Renúncia admirada, desejada até, mas pouco praticada.

Oração. — Apesar de tudo, fidelidade constante à meditação, muitas vezes afetiva. — Alternativas de consolações espirituais e de securas suportadas com muita mágoa.

6. Fervor

Pecado venial. — Nunca deliberado. — As vezes de surpresa ou sem advertência. — Vivamente sentido e seriamente reparado.

Imperfeições. — Reprovadas, vigiadas e combatidas com energia para agradar a Deus. Às vezes, entretanto, aceitas, mas logo renegadas. — Freqüentes atos de renún-

cia. — Exame particular visando o aperfeiçoamento de uma virtude.

Oração. — Oração mental gostosamente prolongada. — Meditação antes afetiva e até de simplicidade. — Alternativa de vivas consolações e de provações cruciantes.

7. Perfeição relativa

Imperfeições. — Prevenidas com tôda a energia e muito amor. — Sobrevêm apenas com semiadvertência.

Oração. — Vida habitual de oração, com ocupações exteriores. — Sêde de renúncia, de aniquilamento, de desapêgo, de amor divino. — Fome da Eucaristia e desejo ardente do céu. — Graças de oração infusa de vários graus. — Muitas vêzes, purificações passivas.

8. Heroicidade

Imperfeições. — De primeiro movimento.

Oração. — Dons sobrenaturais de contemplação, às vêzes acompanhados de fenômenos extraordinários. — Purificações passivas acentuadas. — Desprêzo de si levado até o esquecimento. — Preferência dada aos padecimentos sôbre as alegrias.

9. Santidade consumada

Imperfeições. — Apenas aparentes.

Oração. — As mais das vêzes, união transformante. Conúbio espiritual. — Purificações de amor. — Sêde ardente de sofrimentos e de humilhações.

* * *

São muito poucas as almas de elite que atingem os três últimos estados. O pecado venial nelas é cada vez mais raro. Por isso, compreende-se que os sacerdotes guardam a ocasião de terem tais dirigidos para então estudarem o que os melhores autores indicam para a direção prudente e segura.

Mas, como desculpar o confessor que, sem zêlo para

aprender e aplicar o que se refere às quatro classes: piedade medíocre, piedade intermitente, piedade constante e fervor, deixasse inúmeras almas estagnadas na tibieza lastimável ou estacionárias em grau muito inferior àquele a que Deus as destina?

* * *

Quanto aos pontos sôbre os quais convém insistir na direção dos principiantes em piedade parecem que podem ser deduzido ordinariamente aos quatro seguintes:

1.º **Paz** — Examinar se a alma está na paz verdadeira, não na paz que o mundo dá ou que resulta da falta de luta. No caso contrário, estabelecê-la em paz relativa, apesar de suas dificuldades. Essa é a base de tôda direção. A calma, o recolhimento e a confiança se referem a êste ponto.

2.º **Ideal**. — Uma vez coligidos os elementos necessários à sua classificação e à determinação dos seus pontos fracos, fôrças vivas de gênio e de temperamento e de seu grau de tendência à perfeição, procurar os meios capazes de reavivar o desejo de viver mais sèriamente de Jesus Cristo, de derribar as barreiras que nela se opõem ao desenvolvimento da graça. Numa palavra, envidar esforços para que a alma aspire a melhor, sempre excelsior.

3.º **Oração**. — Indagar da maneira por que a alma faz suas orações e, em particular, analisar o grau de fidelidade à meditação, o gênero de meditação, os obstáculos que nela encontra e os frutos que dela colhe. — Proveito que tira dos sacramentos, da vida litúrgica, das devoções particulares, das orações jaculatórias e do exercício da presença de Deus.

4.º **Renúncia**. — Estudar o método e a matéria do exame particular e a maneira por que se exerce a renúncia, por ódio ao pecado ou por apêgo à virtude, a guarda do coração, logo a vigilância e o combate espiritual em espírito de oração no decorrer do dia.

* * *

A êstes quatro pontos, pode-se reduzir o que há de essencial para a direção. Pode-se examiná-los todos os qua-

tro cada mês ou limitar-se alternativamente a um dêles para não parecer demasiadamente longo.

Destarte, paralisando numa alma os elementos de morte e reanimando nela os germes de vida, o ministro de Deus, deveras zeloso, cedo ou tarde se apaixona pelo exercício da arte suprema e o divino Espírito Santo, de quem é instrumento fiel, não lhe poupa essas inefáveis consolações que constituem, cá na terra, uma das maiores alegrias do sacerdócio.

Concede-lhas na mesma medida com que se dedica para aplicar às almas os princípios que estudou. Quem mais do que s. Paulo saboreou as alegrias do apostolado? Mas também que ardores não lhe devoravam o coração para que escrevesse: *Per triennium nocte et die non cessavi cum lacrymis monens unumquemque vestrum!* (1)

“Meu caro doutor, sei que seu filho se destina ao sacerdócio. Se êle e os colegas dêle, quando cuidarem das almas, imitarem seu devotamento e sua consciência profissional para diagnosticar e receitar remédios e regimes que devem restituir ao doente saúde robusta, nem judeus, nem mações, nem protestantes conseguirão impedir entre nós os triunfos da fé”. Tal é a frase de admiração e de gratidão, que um prelado dirigia, em minha presença, ao médico que, depois de extremos esforços, conseguira arrancá-lo de crise mortal e restituir-lhe pouco depois nôvo vigor.

A aplicação da ciência e o exercício da dedicação receberão por certo as bênçãos de Deus. Mas que poder sobre-humano não adquirem êstes dois fatôres, quando o sacerdote que dêles lança mão, é dos que não podem compreender seu sacerdócio sem **TENDÊNCIA A SANTIDADE**.

Que santa revolução não se verificaria no mundo, se, em cada paróquia, à frente de tôda comunidade ou de qualquer agrupamento católico, houvesse verdadeiros diretores de almas? Então, até nessas obras (orfanatos, asilos, etc.) onde se conservam elementos apenas regulares, existiria sempre na base do programa: Formar elites, isolá-las da mediocridade, na medida do possível, enquanto não se logra formá-las para um discreto mas fecundo apostolado sôbre os outros!

(1) Act., 20, 31.

Quem quer que se dê ao incômodo de comparar as obras, conforme os resultados que delas espera Jesus Cristo nosso Senhor, há de forçosamente chegar a esta conclusão: Onde existir um foco de verdadeira direção espiritual, não haverá necessidade das famosas “muletas” para uma frutificação maravilhosa.

Ao passo que o emprêgo simultâneo, numa obra, de tôdas as “muletas” possíveis e as mais em voga, poderá talvez disfarçar a falta de direção, nunca, porém, logrará atenuar a necessidade dela.

Quanto mais zelosos forem os sacerdotes para se aperfeiçoarem na arte da direção e a ela se dedicaram tanto mais há de, a seus olhos, atenuar-se a necessidade de certos meios exteriores, úteis no princípio, para entrar em contacto com os fiéis, atraí-los, agrupá-los, interessá-los, retê-los e mantê-los sob a influência da Igreja que, sempre fiel a seu fim, só se dá por plenamente satisfeita, quando as almas são intimamente incorporadas no Cristo Jesus.

g) A Vida interior pela eucaristia resume tôda a fecundidade do apostolado

O fim da Encarnação e, portanto, de todo apostolado, é divinizar a humanidade: *Christus incarnatus est ut homo fieret deus* (1). *Unigénitus Dei Filius suæ divinitatis volens nos esse partícipes, naturam nostram assumpsit, ut hómines deos fáceret factus homo* (2). Ora, é na Eucaristia, não dizemos ainda bem, é na vida eucarística, isto é, na vida interior sólida, alimentada no banquete divino, que o apóstolo assimila a vida divina. Aí está a palavra do Mestre, palavra perentória que não dá margem a equívocos: *Nisi manducavéritis carnem Filii hóminis et bibéritis ejus sánguinem, non habébitis vitam in vobis* (3). A vida eucarística é a vida de nosso Senhor em nós, não só por meio do indispensável estado de graça, senão também por meio da superabundância da sua ação. *Veni ut*

(1) Cristo encarnou-se para que o homem se tornasse Deus (S. Agost.).

(2) Querendo que nós nos tornássemos participantes da sua divindade, o Filho Unigénito de Deus assumiu a nossa natureza a fim de que, feito homem, fizesse dos homens deuses (S. Tom., ofic. da festa do Corpo de Deus).

(3) Se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós (Jo., 6, 54).

vitam hábeant et abundantius hábeant (1). Se a vida divina deve superabundar no apóstolo a fim de que este a difunda pelos fiéis, e se apenas na Eucaristia é que se encontra a fonte dessa vida, como supor logo a eficácia das obras sem a ação da Eucaristia sobre aquêles que, direta ou indiretamente, devem ser os dispensadores dessa vida por meio dessas obras?

Impossível é meditarmos sobre as conseqüências do dogma da presença real, do sacrifício do altar, da comunhão, sem sermos levados a concluir que nosso Senhor quis instituir este Sacramento para fazer dêle o foco de toda atividade, de toda dedicação, de todo apostolado verdadeiramente útil à Igreja. Se toda a Redenção gravita em volta do Calvário, do Altar promanam tôdas as graças dêsse mistério. E o obreiro da palavra evangélica que não vive do Altar apenas, tem palavras mortas, palavras que não salvam, porque emanam de coração que não está suficientemente impregnado do sangue redentor.

Não foi sem disígnios profundos que nosso Senhor, logo após a Ceia, desenvolveu com insistência e precisão por meio da parábola da videira, a inutilidade da ação que não fôr animada pelo espírito interior. Sicut palmes non potest ferre fructum a semetipso, sic nec vos nisi in me manseritis (2). Mas imediatamente indica quão grande é o valor da ação exercida pelo apóstolo que viva da vida e o valor da ação exercida pelo apóstolo que viva da vida eo, hic fert fructum multum (3). Hic, mas só êsse. Deus não opera poderosamente senão por meio dêle. É que, diz santo Atanásio, “nos tornamos deuses pela carne de Cristo”. Quando o pregador ou o catequista conservam em si o calor do sangue divino, quando o seu coração está abraçado pelo fogo que consome o Coração Eucarístico de Jesus, como a palavra dêles é então viva, ardente, inflamada! E como os efeitos da eucaristia irradiam, por exemplo numa escola ou na sala de hospital, num patronato, etc., quando aquêle que Deus escolheu para essas obras

(1) Eu vim para que tenham vida e para que a tenham em maior abundância (Jo., 10, 10).

(2) Assim como a vara não pode dar fruto de si mesma, do mesmo modo também vós, se não permanecerdes em mim (Jo., 15, 4).

(3) O que permanece em mim e eu nêle, êsse dá fruto (Jo., 15, 5).

foram reanimar o seu zêlo na comunhão e se tornaram porta-Cristo!

Quer se trate do demônio hábil em conservar as almas na ignorância, quer do espírito soberbo e impuro que procura embriagá-las de orgulho ou atolá-las na lama, a eucaristia, vida do verdadeiro apóstolo, sempre fará sentir a ação, a nenhuma outra comparável, contra o inimigo da salvação.

O amor aperfeiçoa-se por meio da eucaristia. Esse memorial vivo da Paixão reanima no apóstolo o fogo divino, mal êle tenda a extinguir-se. Faz-lhe reviver o Getsêmani, o Pretório, o Calvário e dá-lhe a ciência da dor e da humilhação. O obreiro apostólico fala aos aflitos uma língua capaz de os tornar participantes das consolações hauridas nessa sublime escola.

Fala a linguagem das virtudes de que Jesus é sempre o exemplar, porque cada uma das suas palavras é uma como gôta de sangue eucarístico lançada sôbre as almas. Sem êsse reflexo da vida eucarística, a palavra do homem de obras apenas conseguirá encantar sem outro qualquer resultado. Só as faculdades secundárias poderão ser abaladas e os acessos da praça, ocupados. Mas a cidadela, isto é, o coração, a vontade, continuará a maior parte das vêzes inexpugnável.

Ao grau de vida eucarística adquirido por uma alma, quase invariavelmente corresponde a fecundidade do seu apostolado. Com efeito, o sinal distintivo de um apostolado eficaz é o conseguir êste excitar nas almas a sêde de participarem freqüente e praticamente do banquete divino. E tal resultado não se obtém senão na medida em que o próprio apóstolo viver verdadeiramente de Jesus-Hóstia.

Semelhante a sto. Tomás mergulhando a cabeça no tabernáculo para descobrir a solução de uma dificuldade, o apóstolo vai também pela sua parte confiar tudo ao hóspede divino, e a sua ação sôbre as almas é a realização prática das suas confidências ao autor da vida. O nosso admirável pontífice e pai s. Pio X, o papa da comunhão freqüente, é também o papa da vida interior. Instaurare ómnia in Christo ⁽¹⁾, tal foi a sua primeira palavra, sobre-

(1) Instaurar tudo em Cristo.

tudo aos homens de obras. É o programa de um apóstolo que vive da Eucaristia e não vê os bons êxitos da Igreja senão na proporção dos progressos que as almas fazem na vida eucarística.

Obras do nosso tempo, múltiplas e sem embargo tão de freqüente estéreis, por que não haveis vós regenerado a sociedade? Confessemos-lo de nôvo, contam-vos em bem maior número do que nos séculos precedentes e todavia vós não lograstes impedir que a impiedade, em proporções atterradoras, assolasse o campo do pai de família. Por quê? Porque não estais suficientemente fundamentadas na vida interior, na vida eucarística, na vida litúrgica bem compreendida. Os homens de obras que vos dirigem têm podido irradiar lógica, talento e até certa piedade, têm logrado chegar a lançar ondas de luz e a fazer adotar algumas práticas de devoção: resultado já certamente apreciável. Mas, por falta de irem beber com suficiência à fonte da vida, êles não têm podido comunicar êsse calor que determina as vontades. Debalde têm querido fazer nascer essas dedicações obscuras mas irresistíveis, êsses fermentos ativos das coletividades, êsses focos de atração sobrenatural que nada logra substituir e que, sem ruído mas sem descanso, comunicam em derredor dêles o incêndio e penetram lenta mas seguramente tôdas as classes de pessoas que podem atingir. A vida em Jesus dêsses homens de obras era muito fraca para chegar a tais resultados.

Para preservar as almas do contágio dos séculos precedentes, bastava opor uma piedade comum. Para o vírus atual de violência centuplicada, vírus inoculado pelos atrativos do mundo, há-se mister de um sérum vivificante, sobremodo mais enérgico. Por falta de laboratórios capazes de produzir contravenenos eficazes, as obras ou se limitaram à prossecução do fervor do sentimento e de grande entusiasmo quase tão depressa extintos como depressa se haviam ateado, ou então não têm podido atingir senão ínfimas minorias. Seminários e noviciados não têm produzido multidões de sacerdotes, de religiosos e de religiosas suficientemente inebriados do vinho eucarístico. Por isso o fogo que, por meio dessas almas escolhidas, se devia difundir pelos piedosos leigos votados às obras, ficou

em estado latente. Deram sem dúvida à Igreja apóstolos piedosos. Não lhe deram, porém, senão com muita raridade, obreiros evangélicos que, mediante a sua vida eucarística, tivessem aquela piedade integral de guarda de coração e de zêlo, ardente, ativa, generosa e prática, que se chama vida interior.

As vêzes, ouve-se qualificar de boa, de excelente, uma paróquia, porque os habitantes dela saúdam delicadamente o sacerdote, lhe respondem com deferência, lhe manifestam alguma simpatia, lhe prestam até, de boa vontade, quando é necessário, um ou outro serviço, mas onde o maior número substitui pelo trabalho a assistência à missa do domingo, onde os sacramentos são abandonados, onde reina a ignorância da religião, a intemperança e a blasfêmia, onde a moral deixa bastante a desejar. Qual piedade! Paróquia excelente? Podemos acaso chamar cristãos a essas pessoas de vida inteiramente pagã?

Operários evangélicos, como é que nós, que deploramos êsses tristes resultados, não temos ido com mais frequência a essa escola onde o Verbo ensina os pregadores! Como é que nós não temos haurido mais profundamente, em colóquios íntimos com o Deus da eucaristia, a palavra da vida? Deus não falou pela nossa bôca. Era fatal. Cessemos de admirar-nos de que a nossa palavra humana tenha sido quase estéril.

Nós não nos temos mostrado às almas um reflexo de Jesus e de sua vida na Igreja. Para que o povo crese em nós, teria sido necessário que em derredor da nossa frente brilhasse alguma coisa daquela auréola que iluminava Moisés quando, descendo do Sinai, voltava para o meio dos israelitas. Aos olhos dos hebreus essa auréola era testemunho da intimidade do representante com aquêlo que o enviava. Para a nossa missão, teria sido necessário que nós parecêssemos não só homens probos e convictos, mas também que um raio de eucaristia deixasse adivinhar ao povo o Deus vivo ao qual nada resiste. Retóricos, tribunos, conferencistas, catequistas, professôres, os nossos resultados têm sido imperfeitos porque nós não temos refletido a intimidade divina.

Apóstolos que lamentamos os maus êxitos das nossas obras, e que sem embargo sabíamos bem que o homem não

é, em última análise, ordinariamente movido senão pelo desejo de ser feliz, perguntemos a nós mesmos se os homens entrevistaram em nós essa irradiação da felicidade eterna e infinita de Deus, que nos teria dado a união com aquêlê que, embora oculto no sacrário, é sem embargo a alegria da côrte celeste.

O Mestre, êsse não se esquecia dêsse alimento de alegria indispensável aos seus apóstolos. Haec locutus sum vobis ut gáudium meum sit in vobis et gáudium vestrum impleatur⁽¹⁾, disse êle logo depois da Ceia, para recordar até que ponto a Eucaristia há de ser a fonte de tôdas as grandes alegrias dêste mundo.

Ministros do Senhor para quem foi mudo o sacrário, fria a pedra-de-ara, memorial respeitado mas quase inerte a santa hóstia, nós temos deixado as almas nas suas vias más. E como teríamos podido fazê-las sair do lôdo dos seus prazeres proibidos? Nós, no entanto, falamos-lhes das alegrias da religião e da boa consciência. Mas, porque não soubemos apagar bastante a nossa sêde nas águas vivas do Cordeiro, mais não podemos do que balbuciar, falando dessas alegrias inefáveis, cujo desejo teria quebrado as cadeias da tríplice concupiscência com muito maior eficácia que as nossas palavras terríveis sôbre o inferno. Em Deus que é todo amor, as almas, por meio de nós, viram sobretudo um legislador austero e um juiz tão inexorável nas suas sentenças quanto rigoroso nos seus castigos. Os nossos lábios não souberam falar a linguagem do Coração daquele que ama os homens, porque os nossos entretenimentos com êsse Coração eram tão raros quanto pouco íntimos.

Não lancemos as culpas sôbre o estado de desmoralização profunda da sociedade, já que vemos, por exemplo, o que, em paróquias quase descristianizadas, logrou operar a presença de sacerdotes criteriosos, ativos, dedicados, capazes, mas acima de tudo amantes da eucaristia. A despeito de todos os esforços dos ministros de Satanás, facti diábolo terríbilis, haurindo a fôrça no foco da fôrça, no braseiro do tabernáculo, êsses sacerdotes, infelizmente raros, têm sabido dar tal têmpera a armas invencíveis

(1) Eu vos tenho dito estas coisas para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa (Jo., 15, 11).

que todos os demônios conjurados têm sido impotentes para quebrá-las.

A oração junto do altar não foi para êles estéril, porque se tornaram capazes de compreender estas palavras de s. Francisco de Assis: A oração é a fonte da graça. A pregação é o canal que distribui as graças que tivermos recebido do céu. Os ministros da palavra de Deus são os escolhidos do grande rei para levar aos povos o que êles próprios tiverem aprendido e recebido da sua bôca, **Sobretudo junto do sacrário.**

O grande motivo de esperar é vermos atualmente essa geração de homens de obras que já não se contentam apenas com promover comunhões aparatosas; sabem também facilitar a eclosão de almas de verdadeiros comun-gantes.

QUINTA PARTE

ALGUNS PRINCÍPIOS E AVISOS PARA A VIDA INTERIOR

1. Alguns conselhos aos homens de obras para a vida interior

Convicções:

O zêlo só é eficaz na medida em que a ação de Jesus Cristo se lhe vier juntar.

Jesus Cristo é o agente principal; nós apenas somos seus instrumentos.

Jesus Cristo não abençoa as obras em que o homem não confia senão nos seus próprios meios.

Jesus Cristo não abençoa as obras mantidas unicamente pela atividade natural.

Jesus Cristo não abençoa as obras em que o amor próprio trabalha em lugar do amor divino (1).

Ai daquele que se nega às obras a que Deus o chama.

Ai daquele que se intromete nas obras sem estar certo da vontade de Deus.

Ai daquele que, nas obras, quer governar sem verdadeiramente depender de Deus.

Ai daquele que, no exercício das obras, não envida esforços para se conservar ou recobrar a vida interior.

Ai daquele que não sabe ordenar a vida interior e a vida ativa de tal sorte que esta não prejudique aquela.

Princípios:

1.º Princípio. — Não se lançar nas obras por mera atividade natural, mas consultar Deus a fim de se poder ter a consciência de que se procede inspirado pela graça

(1) P. Desurmont, C. SS. R.

e em conformidade com a expressão moralmente certa da sua vontade.

2.º Princípio. — É imprudente e nocivo ficar durante muito tempo num período de ocupações excessivas, o qual lançaria a alma num estado incompatível com os exercícios essenciais da vida interior. É então o caso, sobretudo para os sacerdotes e religiosos, de aplicar, mesmo às mais santas obras, o *Érue eum et prójice abs te* (1).

3.º Princípio. — A efusão desregrada da vida ativa deve impor-se, violentamente se necessário, um regulamento determinando o emprêgo habitual do tempo e feito de acôrdo com algum sacerdote esclarecido, interior e experiente.

4.º Princípio. — Para proveito próprio e alheio, antes de tudo, é mister cultivar a vida interior. Quanto mais ocupado se estiver, tanto maior é a necessidade desta vida. Portanto, maior sêde se deve ter dela e mais meios se devem envidar para que essa sêde não seja um dêsses desejos estêreis que Satanás tão hábilmente explora para cloformizar as almas e mantê-las na ilusão.

5.º Princípio. — Encontra-se acaso a alma accidental e verdadeiramente ocupadíssima, conforme a vontade de Deus, e, portanto, na impossibilidade moral de prolongar os seus exercícios de piedade? Ela possui um termômetro infalível para lhe indicar se realmente se mantém no fervor. Se ela tiver verdadeiramente sêde de vida interior, se com a melhor vontade aproveitar tôdas as ocasiões para cumprir tôdas as suas práticas essenciais, pode ficar descansada e deve formalmente contar com graças especialíssimas. Deus, por certo, lhas reserva e nelas a alma encontrará a fôrça suficiente para avançar na vida espiritual.

6.º Princípio. — Enquanto o homem de ação não chegar a manter-se no recolhimento e na dependência da graça que por tôda a parte o devem acompanhar, encontra-se num estado insuficiente de vida interior. Nenhuma contenção para êste recolhimento necessário. Basta um relance de olhos habitual, partindo mais do coração que do espírito. Relance de olhos seguro, justo, penetrante

(1) Arranca-o e lança-o fora de tí (Mt., 5, 29). — Veja-se o passo de s. Bernardo citado à página 70.

para distinguir se é sob a influência de Jesus que se conserva na ação.

Avisos práticos:

1.º Gravar profundamente no próprio espírito que sem o regulamento de que acima falamos e sem a vontade firme de cumpri-lo habitualmente, sobretudo quanto à hora de se levantar rigorosamente fixada, a alma não pode continuar a vida interior.

2.º Como base da vida interior e com seu elemento indispensável, pôr a meditação da manhã. “Aquêlê, diz santa Teresa, que está firmemente decidido a fazer a todo custo a meia hora de meditação pela manhã, andou já metade do caminho”. E, sem meditação, quase forçosamente dia de tibieza.

3.º Missa, comunhão, recitação do breviário, funções litúrgicas são minas incomparáveis de vida interior e devem ser exploradas com fé e fervor cada dia crescentes.

4.º Exame particular e exame geral, bem como meditação e vida litúrgica, devem tender sempre para o hábito da guarda do coração, por meio da qual se realiza a união do vigilate e do orate. A alma, atenta ao que se passa no seu interior e à presença da santíssima Trindade nela, adquire o instinto de recorrer a Jesus em tôdas as circunstâncias, sobretudo quando entrevê o perigo de se dissipar ou enfraquecer.

5.º Daí a necessidade de orar incessantemente por meio das comunhões espirituais e das orações jaculatórias tão fáceis quando se quer, mesmo no meio das ocupações mais absorventes e tão agradáveis em variar, apropriando-as às necessidades especiais do momento presente, às circunstâncias atuais, perigos, dificuldades, fadigas, decepções, etc.

6.º Piedoso estudo da Sagrada Escritura, sobretudo do Nôvo Testemunho; êste estudo deve encontrar lugar todos os dias, ou pelo menos muitas vêzes por semana, na vida sacerdotal. — A leitura espiritual da tarde é dever quotidiano que a alma generosa evitará tratar com negligência. O espírito tem necessidade de ser pôsto em pre-

sença das verdades sobrenaturais, dos dogmas geradores da piedade e das conseqüências morais que daí derivam e que tão fàcilmente se esquecem.

7.º Graças a essa guarda do coração que servia de preparação remota, a confissão hebdomadária há de seguramente ser impregnada de contrição sincera, de dor verdadeira e de firme propósito cada vez mais leal e resoluto.

8.º O retiro anual é utilíssimo, mas insuficiente. O retiro mensal (de um dia inteiro ou pelo menos de meio dia), verdadeiramente empregado em repor a alma em equilíbrio, é quase indispensável ao homem de obras.

2. A meditação, elemento indispensável da vida interior, portanto do apostolado

Nenhum resultado dará o desejo vago de vida interior, concebido após a rápida leitura de um volume.

É mister que êsse desejo se fixe em resolução precisa, ardente e prática.

Muitíssimas pessoas de obras nos pediram que lhes facilitássemos os meios de realizarem seu projeto de vida interior, mediante o enunciado de algumas resoluções gerais.

A resposta a êstes desejos equivale a acrescentar uma espécie de apêndice a êste volume.

Da melhor vontade daremos, sem embargo, essa resposta, persuadido, por um lado, que o homem de obras, sacerdote ou leigo, nenhum proveito verdadeiro tirará da leitura do que deixamos escrito, se não se dispuser realmente a consagrar cada manhã alguns momentos à oração mental; e, por outro lado, que o sacerdote, caso queira progredir na vida interior, não pode tratar com negligencia a utilização da vida litúrgica e o exercício da guarda do coração.

Julgamos mais prático adotar, para êstes três pontos, a forma de resolução pessoal.

Não temos a pretensão de apresentar nôvo método de oração; tentamos apenas extrair a medula dos melhores métodos.

Resolução de meditação

Quero ser fiel à meditação da manhã.

I. Impor-me-ei esta fidelidade?

Sacerdote, eu ouvi, no meu retiro para a ordenação, estas graves palavras. Sacerdos alter Christus! Compreendi então que, se não vivo especialmente de Jesus, não sou Sacerdote segundo o seu Coração, não sou uma alma sacerdotal. Sacerdote, eu devo viver na intimidade de Jesus. Isto espera êle de mim; Jam non dicam vos servos. . . Vos autem dixi amicos (1).

Mas a minha vida com Jesus, princípio, meio e fim, sòmente se desenvolve na proporção em que êle fôr a luz da minha razão e de todos os meus atos interiores e exteriores, o amor regulando todos os afetos do meu coração, minha fôrça nas provações, lutas, obras, e o alimento dessa vida sobrenatural que me torna participante da própria vida de Deus.

Ora, esta vida com Jesus, assegurada pela minha fidelidade à meditação, sem a meditação e moralmente impossível.

Ousarei acaso ultrajar com uma recusa o Coração daquele que me oferece êste meio de viver em amizade com êle?

Outro aspeto importante, bem que negativo, da necessidade da minha meditação: Conforme a economia do plano divino, ela é eficaz contra os perigos inerentes à minha fraqueza, às minhas relações com o mundo, a tal ou tal das minhas obrigações.

Se fizer a meditação, fico como revestido de armadura de aço, e invulnerável às flechas inimigas. Sem a meditação, seguramente elas me hão de atingir. Portanto, uma multidão de faltas, em que eu não reparo ou mal noto, me hão de ser imputadas na sua causa.

“Meditação ou risco gravíssimo de condenação para o sacerdote em contacto com o mundo”, declarava sem he-

(1) Já não vos chamarei servos, mas chamei-vos meus amigos (Jo., 15, 15).

sitar o piedoso, douto e prudente p.e Desurmont, um dos mais experimentados pregadores de retiros eclesiásticos.

“Para o apóstolo, não há meio térmo entre a santidade, se não adquirida, ao menos desejada e em via de consecução (sobretudo mediante a meditação quotidiana), e a perversão progressiva”, diz por sua vez o cardeal Lavigerie.

Cada sacerdote pode aplicar à sua meditação a palavra inspirada pelo Espírito Santo ao salmista: Nisi quod LEX TUA meditatio mea est, tunc forte periissem in humilitate mea (1). Ora, esta lei chega a ponto de obrigar o sacerdote a reproduzir o espírito de nosso Senhor.

O sacerdote vale o que vale a sua meditação.

Duas categorias de sacerdotes

1.^a — Os sacerdotes cuja resolução é tal que a meditação não é de forma alguma nem omitida, nem mesmo retardada, pelos pretextos de civilidade, de ocupações, etc. Só caso raríssimo de força maior a fará adiar para outra meia hora da manhã. Mas nada mais.

Êstes verdadeiros sacerdotes empenham-se sèriamente em obter resultados apreciáveis na sua meditação, que tornam distinta de ação de graças da missa, de qualquer leitura espiritual e a fortiori da composição de um sermão.

Têm êles a santidade eficazmente desejada. E enquanto assim perseverarem, a sua salvação está moralmente assegurada.

2.^a — Os sacerdotes que, não tendo tomado senão uma semi-resolução, adiam e por isso fàcilmente omitem a sua meditação, desnaturando-lhe o fim, ou não empregando nenhum esforço verdadeiro para bem a fazerem.

Perspectiva: tibieza fatal, ilusões sutis, consciência adormecida ou falsa... Caminho escorregadio para o abismo.

A qual das duas categorias quero eu pertencer? Se hesito na escolha, é porque frustrado ficou o meu reino.

* * *

(1) Se a vossa lei não houvera sido a minha meditação, já de certo houvera perecido na minha miséria (Salmo 118, 92).

Tudo se liga. Se abandono a minha meia-hora de meditação, a própria santa Missa — portanto, a minha comunhão — a breve trecho ficará sem frutos pessoais e poderá tornar-se-me imputável como pecado. A recitação penosa, quase mecânica do meu breviário não mais será a ardente e jubilosa expressão da minha vida litúrgica. Pouca vigilância, nenhum recolhimento e, portanto, nenhuma orações jaculatórias. Não terei mais leituras espirituais, ai! apostolado cada dia menos fecundo. Nenhum exame leal das faltas, e menos ainda exame particular. Confissões rotineiras, às vezes duvidosas... e daí a pouco o sacrilégio!

A cidadela, cada vez menos defendida, fica à mercê dos assaltos de uma legião de inimigos: ao princípio brechas... a breve trecho ruínas.

II. Que deve ser minha meditação?

Ascensio mentis in Deum⁽¹⁾. “O subir desta sorte, diz sto. Tomás, como é ato da razão não especulativa mas, prática, supõe os atos da vontade”. Conseqüência:

Verdadeiro trabalho é, portanto, a oração mental, mormente para os principiantes. — Trabalho para se apartar um instante do que não é Deus. — Trabalho para ficar durante meia-hora fixo em Deus e chegar a adquirir nôvo impulso para o bem. — Trabalho sem dúvida penoso ao princípio, mas que eu quero generosamente aceitar. — Trabalho que, de mais a mais, será depressa coroado pela maior consolação dêste mundo, a paz na amizade e na união com Jesus.

“A oração, diz santa Teresa, é apenas um entretenimento de amizade em que a alma fala intimamente com aquêlle por quem ela se sabe amada”.

Entretenimento cordial. Ímpio seria supor que Deus, o qual me dá a necessidade, e por vêzes o atrativo dêste entretenimento, e mais ainda mo impõe, não o quer facilitar a mim. Ainda que eu de há muito o haja abandonado, Jesus a êle ternamente me convida e me oferece assistência especial para essa linguagem de minha fé, de

(1) A ascensão do espírito para Deus.

minha esperança e de minha caridade que deverá ser, segundo a expressão de Bossuet, minha meditação.

Resistirei acaso a êsse apêlo de um pai que até convida o pródigo para vir escutar a sua palavra, para filialmente conversar com êle, para lhe abrir o próprio coração, para ouvir as palpitações do seu?

Entretenimento simples. Hei de estar nêle com naturalidade. Portanto, hei de falar a Deus como tîbio, como pecador, como pródigo ou como fervoroso. Com ingenuidade de criança, hei de expor-lhe o estado da minha alma e não hei de falar-lhe senão a linguagem que verdadeiramente traduza o que sou.

Entretenimento prático. O ferreiro mergulha o ferro no fogo, não para o tornar ardente e luminoso, senão para o tornar maleável. Assim também a meditação não ilumina a minha inteligência e não aquece o meu coração senão para tornar a minha alma flexível, a fim de poder martelá-la, tirar-lhe as faltas ou a forma do velho homem, e dar-lhe as virtudes ou a forma de Jesus Cristo.

Portanto, o meu entretenimento há de ter como resultado o exalçar a minha alma até à santidade de Jesus⁽¹⁾, a fim de que êle possa afeiçoá-la à sua imagem. Tu, Domine, Jesus, Tu Ipse, manu mitíssima, misericórdíssima, sed tamen fortíssima formans ac pertractans cor meum⁽²⁾.

III. Como hei de fazer a meditação?

Para realizar a sua definição e fim, seguirei esta marcha lógica: Porei a minha razão e sobretudo minha fé e meu coração diante de nosso Senhor ensinando-me uma verdade ou uma virtude. Excitarei minha sêde de harmonizar minha alma com o ideal entrevisto. Deplorei tudo quanto em mim lhe fôr contrário. Prevendo os obstáculos, decidir-me-ei a quebrá-los. Mas, persuadido de que sôzinho nada conseguirei, obterei com minhas instâncias a graça eficaz para lograr bom êxito.

(1) Bela expressão de Alvarez da Paz sôbre o fim da meditação.

(2) Vós, Senhor Jesus, vós mesmo, com vossa mão dulcíssima, misericordiosíssima, mas sem embargo fortíssima, haveis de formar e amassar o meu coração (S. Agost.).

Viajeiro afadigado, ofegante, procuro matar a sede... **Enfim vídeo** (1): Vislumbro uma fonte. Mas ela brota de rochedo escarpado... **Sítio**: Quanto mais contemplo essa água límpida, que me permitirá continuar o meu caminho, tanto mais se me acentua, malgrado os obstáculos, o desejo de apagar a minha sede... **Volo**: Quero a todo custo chegar a essa fonte e esforçar-me por atingi-la. Mas ai! devo verificar a minha impotência... **Volo tecum**: Sobrevém um guia. Ele, para me ajudar, só espera pelas minhas instâncias. Ele próprio me conduz até pelas passagens difíceis. A breve trecho apago a sede a largos haustos.

Assim acontece com as águas vivas da graça que brotam do Coração de Jesus.

A minha leitura espiritual da tarde, elemento tão precioso de vida interior, reavivou o meu desejo de fazer a meditação na manhã do dia seguinte... Antes do meu repouso, prevejo sumariamente, mas de maneira nítida e forte, o assunto da minha meditação (2) bem como o fruto particular que dela quero tirar, e excito perante Deus o desejo de tirar proveito dela.

Chegou a hora da meditação (3). Quero arrancar-me da terra, forçar a minha imaginação a representar-me uma cena viva e falante que hei de substituir às minhas preocupações, distrações, etc. (4). Representação rápida e a largos traços, mas suficientemente impressionadora para

(1) Vídeo, vejo. Sítio, tenho sede. Volo, quero. Volo tecum, quero convosco.

(2) Quase sempre é indispensável um livro de meditação para impedir a divagação do espírito.

Muitos livros antigos e modernos apresentam todos os caracteres de verdadeiros livros de meditação e não somente de leitura espiritual. Cada ponto encerra uma verdade empolgante apresentada com nitidez, força e concisão, de tal sorte que, após a reflexão, traz consigo o entretenimento afetuoso e prático com Deus.

Um só ponto basta para meia-hora e esse ponto deve resumir-se num texto bíblico ou litúrgico, ou numa idéia principal adaptada ao meu estado. Antes de tudo, escolher os fins últimos e o pecado, ao menos uma vez por mês, depois a vocação, os deveres do estado, os vícios capitais: as virtudes principais, os atributos de Deus, os mistérios do rosário ou outra qualquer cena do Evangelho, sobretudo da Paixão. Nas solenidades litúrgicas, o assunto está naturalmente indicado.

(3) O Clauso óstio de nosso Senhor convida-me a preferir, para fazer a meditação, o lugar onde estiver mais à vontade: Igreja, quarto, jardim, etc.

(4) Por ex.: Nosso Senhor mostrando o seu Sagrado Coração e dizendo: Ego sum resurrectio et vita — ou Eis o Coração que tanto amou os homens — ou ainda uma cena da sua vida: Belém, Tabor, Calvário, etc... Se, após esforço leal e curto, não se conseguir esta representação, passe-se adiante; Deus suprirá.

me empolgar e me lançar na presença dêsse Deus, cuja atividade tôda de amor quer envolver-me e penetrar-me. Desta sorte, ficarei em relação com um **INTERLOCUTOR** vivo (1), adorável e amável.

Imediatamente, ato de adoração profunda. Isto impõe-se. Aniquilamento, contrição, protesto de dependência. com oração humilde e confiante para que êste entretenimento com meu Deus seja abençoado (2).

Vídeo

Empolgado pela vossa presença viva, ó Jesus, e assim desembaraçado da ordem puramente natural, vou começar meu entretenimento pela linguagem da fé, mais fecunda que as análises de minha razão. Com êste fito, leio ou recordo cuidadosamente o ponto da meditação. Resumo-o e concentro nêle minha atenção.

Sois vós, ó Jesus, que me falais e me ensinais esta verdade. Quero reavivar e aumentar a minha fé no que vós me apresentais como absolutamente certo, pois se funda na vossa veracidade.

E tu, minha alma, não cesses de repetir: Creio. Repete-o ainda com mais fôrça. Como a criança que estuda sua lição, repete numerosíssimas vêzes que aderes a esta doutrina e às suas conseqüências para a tua eternidade (3). . . Ó Jesus, isto é verdadeiro, absolutamente verdadeiro. Creio-o firmemente. Quero que êste raio do sol da revelação seja como o farol da minha jornada. Tornai a minha fé ainda mais ardente. Inspirai-me o desejo veemente de viver dêste ideal e santa cólera contra tudo o que se lhe opuser. Quero devorar êste alimento de verdade; quero assimilá-lo.

Se, entretanto, após alguns minutos passados a excitar minha fé, eu ficar inerte perante a verdade que me

(1) O bom êxito da oração quase sempre depende do cuidado em considerar o interlocutor como presente e vivo e em cessar de tratá-lo como afastado e passivo, isto é, quase uma abstração.

(2) Persuadamo-nos firmemente de que Deus, para êsse entretenimento, não exige senão a boa-vontade. A alma que, **importunada pelas distrações**, volta cada dia paciente e fielmente para o seu divino interlocutor faz excelente meditação — Deus supre a tudo.

(3) Assim se radicam as convicções fortes e se preparam os dons do espírito de fé viva e de intuição sobrenatural.

é apresentada, não insistirei. Filialmente vos exporei, meu bom Mestre, quanto essa impotência me custa e vos pedirei que a ela suprais.

Sítio.

Da freqüência e sobretudo da energia dos meus atos de fé, verdadeira participação de um raio da inteligência divina, vai depender o grau de estremecimento do meu coração, linguagem da caridade afetiva.

Nascem com efeito ou espontâneamente, ou excitados pela minha vontade, os afetos, flôres que a minha alma de criança lança diante de Jesus que lhe fala: Adoração, reconhecimento, amor, alegria, apêgo à vontade divina e desapêgo de tudo mais, aversão, ódio, cólera, esperança, abandono.

O meu coração escolhe um ou muitos dêstes sentimentos, compenetra-se dêles, exprime-os a vós, ó Jesus, e muitas vêzes vo-los repete, terna, lealmente, mas com simplicidade.

Se a minha sensibilidade me oferecer o seu concurso, aceitá-lo-ei. Pode-me êle ser útil, mas não me é necessário. O afeto calmo, mas profundo, é mais seguro e mais fecundo que as comoções superficiais. Estas últimas não dependem de mim e nunca são o termômetro da meditação verdadeira e frutuosa. O que está sempre em meu poder e o que sobretudo importa, é o esforço para sacudir o torpor do meu coração e fazer-lhe dizer: Meu Deus, quero unir-me a vós. Quero aniquilar-me perante vós. Quero cantar a minha gratidão e a minha alegria em cumprir a vossa vontade. Não mais quero mentir ao dizer-vos que vos amo e que detesto tudo o que vos ofende, etc.

Se bem que o meu esforço tenha sido leal, pode acontecer que o meu coração fique frio e só frouxamente exprima os seus afetos. Dir-vos-ei então ingênuamente, ó Jesus, assim a minha humilhação como o meu desejo. Prolongarei de boa-vontade os meus queixumes, persuadido de que, gemendo assim na vossa presença por essa esterilidade, eu adquiero o direito especial a unir-me de maneira efficacíssima, pôsto que sêca, cega e friamente, aos afetos do vosso divino Coração.

Como é belo, ó Jesus, o ideal que em vós contemplo. Mas minha vida está porventura em harmonia com esse exemplar perfeito? Faço êste inquérito sob as vossas vistas profundas, ó interlocutor divino, que agora toda misericórdia, sereis todo justiça, mais tarde, no só por só do juízo particular; então com um relance de olhos perscrutareis os motivos secretos dos atos mínimos da minha existência. Vivo eu acaso dêste ideal? Se neste momento morresse, ó Jesus, não encontraríeis a minha conduta em contradição com êle?

Sôbre que pontos, desejais vós, meu bom Mestre, que eu me corrija? Ajudai-me a descobrir os obstáculos que me impedem de vos imitar, e depois as causas internas ou externas e as ocasiões próximas ou remotas dos meus desfalecimentos.

A vista das minhas misérias e das minhas dificuldades obriga o meu coração a exprimir-vos, ó meu adorado Redentor: confusão, dor, tristeza, pesares amargos, sêde ardente de procedimento melhor, oferta generosa e sem reserva do meu ser. Volo placere Deo in ómnibus⁽¹⁾.

Volo.

Adentro mais na escola do querer.

É a linguagem de caridade efetiva. Os afetos fizeram nascer em mim o desejo de me corrigir. Vi os obstáculos. Agora, acho-me disposto a dizer: Quero removê-los. Ó Jesus, o meu ardor em repetir-vos êste quero promana do meu fervor em repetir: Eu creio, amo, arrependo-me, detesto.

Se, às vêzes, êste volo não brotar com a energia que eu desejaria, ó meu querido Salvador, hei de deplorar esta fraqueza da minha vontade e, longe de perder a coragem, não me cansarei de vos repetir quão grande é o meu desejo de participar da vossa generosidade no serviço de vosso Pai.

A minha resolução geral de trabalhar em salvar-me e em amar a Deus, juntarei a resolução de aplicar a

(1) Quero agradar a Deus em tôdas as coisas. Nestas palavras resume Suárez o fruto de todos os tratados ascéticos. Estes atos de Sítio dispõem a alma para a resolução de nada recusar a Deus.

minha meditação às dificuldades, tentações, perigos daquele dia. Mas hei de sobretudo empenhar-me em forjar de nôvo, com amor mais vivo, a resolução (1), objeto do meu exame particular (falta a combater ou virtude a praticar). Hei de fortificá-la com motivos hauridos no Coração do Mestre. A guisa de verdadeiro estrategista, hei de precisar os meios capazes de lhe assegurar a execução, prever as ocasiões e preparar-me para a luta.

Se entrevir uma ocasião especial de dissipação, de imortificação, de humilhação, de tentação, uma decisão grave, etc., hei de dispor-me à vigilância e à energia para êsse momento, e sobretudo à união com Jesus e ao recurso a Maria.

Se a despeito destas precauções ainda chegar a cair, que abismo entre estas quedas de surpresa e as outras! Para trás o desânimo, pois sei que Deus é glorificado pelos meus atos perpétuos de estar sempre recomeçando a tornar-me mais resoluto, mais desconfiado de mim mesmo, mais suplicante para com êle. — Sòmente por êste preço é que se logra o bom êxito.

Volo tecum.

Obrigar um coxo a caminhar direito é menos absurdo do que querer sair-se bem de qualquer empreendimento sem vós, ó meu Salvador (s. Agost.). As minhas resoluções têm ficado estéreis porque o ómnia possum não tem derivado do in eo qui me confortat (2). Chego, pois, ao ponto da minha meditação, o mais importante a certos respeito: a súplica ou linguagem da esperança.

Sem a vossa graça, ó Jesus, eu nada posso. Essa graça, eu não a mereço por título algum. Mas sei que as minhas instâncias, em vez de vos aborrecerem, hão de determinar a medida do vosso auxílio, se refletirem a minha sêde de, ser vosso, a desconfiança de mim mesmo e a minha confiança ilimitada, louca direi até, no vosso Coração. Como a Cananéia, eu me prostro a vossos pés,

(1) É melhor que a mesma resolução dure meses inteiros, ou de um retro ao outro. O exame particular, em forma de curto entretenimento com nosso Senhor, completa a meditação e, fazendo verificar progressos ou retrocessos, facilita extraordinariamente o caminho para a frente.

(2) Eu posso tudo naquele que me conforta (Filip., 4, 13).

ó bondade infinita. Com a sua persistência, tôda de esperança e de humildade, eu vos peço, não algumas migalhas, mas sim verdadeira participação dêsse festim, do qual vós haveis dito: O meu alimento é fazer a vontade de meu Pai.

Tornado pela graça membro do vosso Corpo místico, eu participo da vossa vida e dos vossos méritos e eu oro por meio de vós, ó Jesus. Ó pai santo, eu oro pelo Sangue divino que grita misericórdia: Podereis rejeitar a minha oração? É o grito do mendigo que eu solto para vós, ó riqueza inesgotável: Exaudi me, quóniam inops et pauper sum ego (1). Revesti-me da vossa fôrça e glorificai o vosso poder na minha fraqueza. A vossa bondade, as vossas promessas e os vossos méritos, ó Jesus, a minha miséria e a minha confiança, são os únicos títulos da minha súplica para obter, mediante a minha união convosco, a guarda do coração e a fôrça durante êste dia.

Sobrevenha embora um obstáculo, uma tentação, um sacrifício a impor a qualquer das minhas faculdades; o texto ou o pensamento que eu levo comigo como ramallete espiritual, me fará respirar o perfume de oração que envolveu as minhas resoluções, e de nôvo, nesse momento, soltarei o grito da súplica eficaz. Este hábito, fruto da minha meditação, será também a sua pedra de toque: A frúctibus cognoscetis.

* * *

Só quando eu chegar a viver de fé e de sêde habitual de Deus, é que o trabalho do vídeo será às vêzes, supresso; o sítio e o volo brotarão logo desde o princípio da meditação, que se passará então em produzir afetos e oferecimentos, em afirmar a minha vontade resoluta; e depois em mendigar junto de Jesus diretamente ou por Maria Imaculada, os anjos ou os santos, uma união mais íntima e mais constante com a vontade divina.

Espera-me agora o santo sacrifício. A meditação preparou-me para êle. A minha participação no Calvário em nome da Igreja e a minha comunhão serão uma como

(1) Ouve-me porque eu sou desvalido e pobre (Sl., 85).

continuação da minha meditação (1). Na minha ação de graças, estenderei as minhas súplicas aos interesses da Igreja, às almas que estão a meu cargo, aos defuntos, às minhas obras, parentes, amigos benfeitores, inimigos, etc.

Recitação das diversas horas do meu querido breviário, em união com a Igreja, por ela e por mim, freqüentes e ardentes orações jaculatórias, comunhões espirituais, exame particular, visita ao santíssimo Sacramento, leitura santa, têrço, exame geral, etc., virão tornar reto o meu caminho, reavivar as minhas forças e conservar o impulso dado de manhã a fim de que nada, pelo meu dia adiante, escape à ação de nosso Senhor. Graças a êsse impulso, o recurso primeiro freqüente, depois habitual a Jesus, di-

(1) A meditação é o brasceiro onde se vai reavivar a guarda do coração. Mediante a fidelidade a esta meditação, todos os demais exercícios de piedade serão vivificados. A alma irá pouco a pouco adquirindo a vigilância e o espirito de oração, isto é, o hábito de recorrer a Deus cada dia com maior freqüência.

A união com Deus na meditação gerará uma união íntima com êle, mesmo durante as occupaões mais absorventes.

Vivendo a alma assim unida a nosso Senhor pela guarda do coração, atrairá a si cada vez mais os dons do Espírito Santo e as virtudes infusas, e talvez Deus venha a chamá-la a grau mais elevado de oração.

O excelente volume: As vias da oração mental de D. Vital Lehodey (editado por Lecoffre), precisa bem o que se requer para a ascensão da alma pelos diversos graus de oração, e dá as regras para discernir se uma oração superior é verdadeiramente dom de Deus ou fruto da ilusão.

Antes de falar da oração afetiva, primeiro grau das orações mais elevadas as quais Deus ordinariamente não chama senão as almas chegadas à guarda do coração mediante a meditação, o Pe. Rigoleuc, S. J. indica, no livro tão estimado das suas Obras espirituais, dez maneiras de falar com Deus, quando, após tentativa séria, alguém se encontra na impossibilidade de fazer a meditação sobre o assunto preparado de véspera.

Resumamos êste piedoso autor.

1.^a **Maneira:** Tomar um livro espiritual (Nôvo Testamento ou Imitação) — ler algumas linhas com intervalos — meditar um pouco no que se leu, procurar penetrar-lhe o sentido e gravá-lo no espirito. — Tirar daí qualquer afeto santo, amor ou penitência, etc., e propor praticar qualquer virtude que mais agrade.

Evitar o ler muito ou o meditar muito. — Demorar-se em cada pausa, enquanto o espirito nela encontrar entretenimento agradável e útil.

2.^a **Maneira:** Tomar qualquer expressão da Escritura Sagrada, ou qualquer oração vocal: Pater, Ave, Credo, por exemplo, pronunciá-la, demorar-se em cada palavra, tirar-se dela diversos sentimentos de piedade nos quais se demore enquanto nêles se achar gôsto.

No fim, pedir a Deus alguma graça ou virtude, segundo o assunto meditado.

Não muito se demorar, com repugnância e enfado, numa palavra; quando nela já não se encontrar com que deleitar-se, passe-se docemente a outra. — Quando se sentir tocado por algum sentimento bom, demorar-se enquanto êle dura, sem estar com desejo de passar adiante. Não é necessário fazer sempre atos novos, basta algumas vêzes conservar-se perante Deus ruminando em silêncio as palavras já meditadas, ou saboreando os sentimentos que elas produziram no coração.

retamente ou por intermédio de sua Mãe, fará cessar as contradições entre a minha admiração pela sua doutrina e a minha vida de emancipação, entre a minha piedade e a minha conduta.

* * *

Reprimimos o nosso coração, o qual no seu desejo de ser verdadeiramente útil aos homens de obras, desejaria consagrar aqui uma resolução especial ao Exame particular.

Não cedemos a êste pensamento, porque temíamos alongar sobremaneira êste volume. E todavia, da leitura de Cassiano, de muitos padres da Igreja, bem como de s. Inácio, de s. Francisco de Sales e de s. Vicente de Paulo, ressalta claramente que o exame particular e o exame geral são corolários obrigatórios da meditação, e estão ligados à guarda do coração.

3.^a Maneira: Quando o assunto preparado não fornece entretenimento suficiente, fazer atos de fé, adoração, ação de graças, esperança, amor, etc., dando-lhes a extensão que se quiser e demorando-se um pouco em cada um para o saborear.

4.^a Maneira: Quando não mais se souber meditar nem produzir afetos (impotência e esterilidade), protestar perante Deus que se tem a intenção de fazer tantos atos de contrição, por exemplo, quantas vêzes se respirar, se fizerem passar as contas de tçoço entre os dedos ou se pronunciar qualquer oração curta.

Renovar de quando em quando êste protesto. Se Deus der outro qualquer bom sentimento, recebê-lo com humildade e demorar-se nêle.

5.^a Maneira: Nas penas e nas securas, estando-se estéril e impotente para pensar ou operar, abandonar-se generosamente ao sofrimento sem se inquietar nem fazer esforço para sair dêle, sem fazer outros atos senão êste abandono de si mesmo nas mãos de Deus para sofrer essa provação e tôdas aquelas que a êle aprouverem.

Ou então unir a oração à agonia de nosso Senhor no Hôrto e ao seu desamparo na cruz. — Persuadir-se que nela se está cravado com o próprio Salvador e animar-se com o exemplo dêle a lá se conservar e a sofrer constantemente até a morte.

6.^a Maneira: Revista do próprio interior. — Reconhecer as próprias faltas, paixões, fraquezas, enfermidades, impotências, misérias, nada. — Adorar os juízos de Deus acêrca do estado em que a pessoa se encontra. — Submeter-se à sua santa vontade. — Bendizê-lo igualmente tanto pelos castigos da sua justiça como pelos favores da sua misericórdia. — Humilhar-se perante a sua suprema Majestade. — Confessar-lhe sinceramente as próprias infidelidades e pecados e pedir-lhe perdão. — Retratar os próprios erros e juízos falsos. — Detestar todo o mal que se fêz e propor corrigir-se para o futuro.

Esta oração é sobremaneira livre e recebe tôda sorte de afetos; pode-se fazer em qualquer ocasião, sobretudo após um acidente inesperado para se submeter aos castigos da justiça de Deus, ou após o embaraço da ação para voltar ao recolhimento.

7.^a Maneira: Viva representação dos fins últimos. Considerar-se na agonia entre o tempo e a eternidade — entre a vida passada e o julgamento de Deus. — Que quereria ter feito? — como quereria ter vivido? Pena que

De acôrdo com o próprio diretor, a alma resolveu-se a visar mais diretamente, na meditação e no decurso do dia, tal falta ou tal virtude, fonte principal de outras faltas ou de outras virtudes.

Numerosos são os corcéis que arrastam o carro. A vista a todos constantemente vigia. Mas, no centro das trelas, um há sôbre o qual se exerce sobretudo a solicitude do condutor. E realmente apenas êsse corcel se desvia um pouco para a direita ou para a esquerda, logo os demais se desencaminham.

A análise da alma, mediante o exame particular, para verfiicar se houve progresso, retrocesso ou estado estacionário sôbre um ponto bem escolhido, não é mais que um elemento da guarda do coração.

se sentirá. — Recordar-se dos pecados, desregramentos, abuso das graças. — Como se quereria ter procedido em tal ou tal ocasião? — Propor remediar eficazmente o que causar motivos de temor.

Figurar-se — enterrado, em putrefação, esquecido de todos, — diante do tribunal de Jesus Cristo, — no purgatório, — no inferno.

Quanto mais viva fôr a representação, tanto mais proveitosa a meditação será.

É necessária esta morte mística para descarnar a alma e ressuscitá-la, isto é, libertar-se da corrupção do vício. É preciso passar por êste purgatório para se chegar ao gôzo de Deus nesta vida.

8.^a Maneira: Aplicação do espírito a Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento.

Saudar nosso Senhor no santíssimo Sacramento com todo o respeito que a presença real exige, unir-se a êle e a tôdas as suas divinas operações na Eucaristia onde não cessa de adorar, louvar, amar a seu Pai em nome de todos os homens, e em estado de vítima.

Conceber o seu recolhimento, vida oculta, privação de tudo, obediência, humildade, etc. — Excitar-se à imitação dessas virtudes e propor fazê-lo nas ocasiões.

Oferecer Jesus Cristo ao Pai Eterno, como única vítima digna dêle e pela qual nós podemos render-lhe homenagem, reconhecer os seus benefícios, satisfazer à sua justiça e obrigar a sua misericórdia a socorrer-nos.

Oferecer-se a si mesmo para lhe sacrificar o ser, vida, empregos. Apresentar-lhe um ato de virtude que se proponha fazer; qualquer mortificação que se esteja resolvido a praticar para se vencer; e isto pelos mesmos fins pelos quais nosso Senhor se imola no santíssimo sacramento. — Fazer esta oblação com desejo ardente de aumentar, tanto quanto se fôr capaz, a glória que êle presta a seu Pai neste augusto mistério.

Terminar pela comunhão espiritual.

Meditação excelente — sobretudo pela visita ao santíssimo Sacramento. Torná-la familiar, porque a nossa felicidade nesta vida depende da nossa união a Jesus Cristo no santíssimo Sacramento.

9.^a Maneira: Faz-se em nome de Jesus Cristo. — Excita a nossa confiança em Deus e faz-nos entrar no espírito e nos sentimentos de nosso Senhor.

3. A vida litúrgica, fonte de vida interior, portanto, de apostolado

Resolução de vida litúrgica.

Por meio da minha missa, do meu breviário e das outras minhas funções litúrgicas, eu, como membro ou embaixador da Igreja, quero unir-me cada vez mais à sua vida e desta sorte revestir-me cada vez mais de Jesus e de Jesus crucificado, sobretudo se fôr seu ministro.

I. Que é a liturgia?

Ó Jesus, sois vós quem eu adoro como centro da liturgia. Sois vós que dais unidade a essa liturgia que eu posso definir: O conjunto dos meios consignados pela Igreja, mormente no missal, no ritual e no breviário, e dos quais ela se serve para exprimir a sua religião para

Funda-se em nós sermos aliados do Filho de Deus, seus irmãos, membros do seu Corpo místico, em êle nos ceder todos os seus méritos e nos legar tódas as recompensas que seu Pai lhe deve pelos seus trabalhos e pela sua morte. É isto que nos torna capazes de honrar a Deus com culto digno de Deus e nos dá o direito de tratar com Deus e de exigir de alguma sorte as suas graças como por justiça. — Não temos êsse direito como criaturas, menos ainda como pecadoras, porque há desproporção infinita entre Deus e a criatura e oposição infinita entre Deus e o pecador. Mas na qualidade de aliados do Verbo encarnado, de seus irmãos, de seus membros, podemos aparecer diante de Deus com confiança, tratar familiarmente com êle e obrigá-lo a escutar-nos favoravelmente, a ouvir as nossas súplicas e a conceder-nos as suas graças, devido à aliança e à união que temos com seu Filho.

Portanto, aparecer perante Deus, ou para adorá-lo, ou para amá-lo, ou para o louvar por intermédio de Jesus Cristo, operando em nós como a Cabeça nos seus membros e elevando-nos pelo seu espírito a um estado todo divino: — ou para pedir qualquer favor em virtude dos méritos de seu Filho. E, com êste fito, representar-lhe os serviços que êsse seu muito amado Filho lhe prestou, a sua vida, a sua morte, os seus sofrimentos cuja recompensa só nos pertence pelo trespassse que êle dela nos fêz.

Neste espírito, recitar o officio divino.

10.^a **Maneira:** Simplex atenção à presença de Deus e meditação.

Antes de se aplicar em meditar o assunto preparado, pôs-se na presença de Deus sem se ocupar em nenhum outro pensamento distinto, nem excitar outro sentimento senão o de respeito e de amor a Deus que a sua presença inspira. — Contentar-se com conservar-se assim diante de Deus em silêncio neste simples repouso de espírito, enquanto nêle se encontrar gôsto. — Em seguida, meditar segundo a maneira ordinária.

Bom é começar assim tódas as meditações, e útil o fazê-lo depois de cada ponto. — Repousar nosso espírito assim nesta simples atenção a Deus. — Assim se estabelece no recolhimento interior. — Acostuma-se a fixar o próprio espírito em Deus e prepara-se pouco a pouco para a contemplação. — Mas não se deve conservar assim por pura preguiça e para não se ter o trabalho de meditar.

com a Trindade adorável, e também para instruir e santificar as almas.

É no próprio seio da Trindade adorável que tu, ó minha alma, deves contemplar a eterna liturgia, pela qual as três pessoas cantam uma à outra a vida divina e a santidade infinita, nesse hino inefável da geração do Verbo e da processão do Espírito Santo. Sicut erat in principio...

Deus quis, porém, ser louvado fora d'ele. Criou os anjos, e logo as suas aclamações reboaram pelo céu: Sanctus, Sanctus, Sanctus. Criou o mundo visível, e logo êste fêz resplandecer a sua onipotência: Cœli enarrant glóriam Dei.

Adão aparece e começa em nome da criação o hino de louvor, eco da eterna liturgia. Abel, Noé, Melquisedeque, Abraão, Moisés, o povo de Deus, Davi e todos os santos da antiga lei cantam à porfia êsse hino. A páscoa israelita, os sacrifícios e os holocaustos, o culto solene prestado a Jeová no seu templo, dão-lhe forma oficial. Hino imperfeito, sobretudo depois da queda, porque: Non est speciosa laus in ore peccatoris⁽¹⁾.

Só vós, ó Jesus, vós sois o hino perfeito, visto como sois a verdadeira glória do Pai. Ninguém pode dignamente glorificar vosso Pai senão por vós. Per ipsum, et cum ipso, et in ipso est tibi Deo Patri... omnis honor et glória⁽²⁾. Vós sois o traço de união entre a liturgia da terra e a liturgia do céu, à qual associais mais diretamente os vossos eleitos. A vossa Encarnação veio unir, de maneira substancial e viva, a humanidade e a criação inteira à liturgia divina. É um Deus que louva a Deus. Louvor completo e perfeito que tem seu apogeu no sacrifício do Calvário.

Antes de deixar a terra, ó divino Salvador, haveis instituído o sacrifício da nova lei para renovar vossa imolação. Haveis também instituído os sacramentos, a fim de comunicar a vossa vida às almas.

Haveis, porém, deixado à vossa Igreja o cuidado de rodear êsse sacrifício e êsses sacramentos de símbolos,

(1) O louvor não é belo na bôca do pecador (Ecll., 15, 9).

(2) Por êle, com êle e néle, tôda a honra e tôda a glória vos são rendidas, ó Deus Pai (Cánon da Missa).

de cerimônias, de exortações, de orações, etc., a fim de que ela assim honre melhor o mistério da Redenção, torne mais fácil para seus filhos a inteligência desse mistério, ajude êsses mesmos filhos a tirarem mais proveito dêle, e excite nas suas almas o respeito misturado de temor.

A esta mesma Igreja, haveis também dado a missão de continuar até a consumação dos séculos a oração e o louvor que vosso Coração não cessou de fazer subir para vosso Pai durante a vossa vida mortal, e que ainda incessantemente lhe oferece no sacrário e nos esplendores da glória celeste.

Com o amor de espôsa que ela nutre por vós, com a solicitude de mãe que o vosso Coração depôs nela para nós, desempenhou-se a Igreja dessa dupla tarefa. Assim se formaram essas maravilhosas coleções que encerram todos os tesouros da liturgia.

Desde então, a Igreja une o seu louvor ao louvor que os anjos e os seus filhos escolhidos tributam a Deus no céu. Assim é que ela preludia a sua ocupação eterna.

Unindo-se ao louvor do Homem-Deus, êsse louvor e essa oração da Igreja divinizam-se, e a liturgia da terra vai fundir-se com a liturgia das jerarquias celestes no Coração de Jesus, para se tornar eco dêsse louvor eterno, o qual jorra do foco de amor infinito que é a santíssima Trindade.

II. O que é a vida litúrgica?

Senhor, vós não exigis estritamente de mim senão a observância fiel dos ritos e a pronúnciação exata das palavras.

Mas sem dúvida nenhuma desejais que a minha boa-vontade vos ofereça mais alguma coisa. Quereis que meu espírito e meu coração tirem proveito das riquezas ocultas na liturgia, a fim de que mais intimamente êles se unam à vossa Igreja e cheguem a uma união mais estreita convosco.

Determinado pelo exemplo dos vossos servos mais fiéis, eu quero, meu bom Mestre, solicitamente sentar-me à mesa do rico festim a que a Igreja me convida, certo

de encontrar no ofício divino, nas fórmulas, cerimônias, coletas, epístolas, evangelhos, etc., que acompanham o augusto sacrificio da missa e a administração dos sacramentos, um alimento tão sadio, abundante para o desenvolvimento da minha vida interior.

Algumas reflexões sôbre o pensamento dominante que encadeia os elementos litúrgicos e sôbre os frutos pelos quais se reconhecerão os meus progressos, hão de certamente evitar que eu me iluda.

* * *

Cada um dos ritos sagrados se pode comparar a uma pedra preciosa. E como subirá de ponto o valor e o brilho daqueles que se relacionam com a missa e com o ofício, se eu souber entressachá-los nesse maravilhoso conjunto que se chama o ciclo litúrgico (1)!

Conservada durante um período inteiro sob a influência de um mistério, alimentada pelas coisas mais instrutivas e afetivas que a respeito dêle se encontram na Escritura e na tradição, constantemente orientada para a mesma ordem de idéias, minha alma há de necessariamente sentir a influência de tal atenção, e encontrar nos sentimentos que a Igreja lhe sugere alimento tão substancial como saboroso para se aproveitar da graça especial, que Deus reserva para cada período, para cada festa dêsse ciclo.

O mistério penetra em mim, não só como verdade abstrata que se assimila pela meditação, senão também cativando completamente todo o meu ser, pondo até em jôgo minhas faculdades sensíveis para excitar meu coração e determinar minha vontade. Não é mais simples lembrança do passado, simples aniversário, mas sim fato

(1) A Igreja, inspirada por Deus e instruída pelos santos apóstolos, dispôs de tal sorte o ano que, a par da vida, dos mistérios, da pregação e da doutrina de Jesus Cristo, nêle se encontra o verdadeiro fruto de tudo isso nas admiráveis virtudes, dos seus servos e nos exemplos dos seus santos, e também misteriosa síntese do Antigo e do Nôvo Testamento e de tôda a história eclesiástica. Devido a isso, tôdas as estações são frutuosas para os cristãos: tudo aí está chelo de Jesus Cristo... Nessa variedade, que vai tôda terminar na unidade tão recomendada por Jesus Cristo, a alma inocente e piedosa, além das alegrias celestes, encontra ainda alimento sólido e renovação perpétua do seu fervor (Bossuet, Oraç. fun. de Maria Teresa de Aust.).

que se reveste do caráter de acontecimento presente de que a Igreja faz aplicação atual e do qual realmente participa.

No tempo do Natal, por exemplo, festejando junto do altar a vinda do Deus Menino, minha alma pode repetir: *Hódie Christus natus est, hódie Salvator appáruit, hódie in terra canunt Angeli. . .* (1).

Em cada período do ciclo litúrgico, missal e breviário patenteiam-me nôvo raio do amor daquele que por nós é a um tempo rei, doutor, médico, consolador, salvador e amigo. No altar, como em Belém, em Nazaré, ou às margens do lago de Tiberíades, Jesus revela-se como luz, amabilidade, ternura, misericórdia. Revela-se sobretudo como o amor personificado, porque é o sofrimento personificado, o agonizante de Getsêmani e o reparador do Calvário.

Desta sorte a liturgia faz plenamente desabrochar a vida eucarística. E a vossa Encarnação, que aproximou Deus de nós, ó Jesus, mostrando-no-lo visível em vós, continua ainda a prestar-nos o mesmo serviço em cada um dos mistérios que festejamos.

Por esta forma, ó Jesus, graças à liturgia, eu partilho da vida da Igreja e da vossa. Por meio dela, todos os anos eu assisto a todos os mistérios da vossa vida oculta, pública, paciente e gloriosa; por meio dela, eu recolho os frutos dessa vida. Além disso, as festas periódicas de nossa Senhora e dos santos que melhor imitaram a vossa vida interior, pondo-me os exemplos dêles ante meus olhos, trazem-me ainda um acréscimo de luz e de fôrça para reproduzir em mim vossas virtudes e imprimir na alma dos fiéis o espírito de vosso Evangelho.

Como poderia eu realizar no meu apostolado o voto de s. Pio X? como poderiam os fiéis com o meu concurso tornar-se participantes ativos dos santos mistérios e da oração pública e solene da Igreja, o que é, diz êste papa, fonte primária e indispensável do verdadeiro espírito

(1) Hoje nasceu Jesus Cristo, hoje apareceu o Salvador, hoje os anjos cantam na terra (Ofício do Natal).

cristão ⁽¹⁾, se eu próprio passasse junto dos tesouros da liturgia sem chegar sequer a suspeitar de suas maravilhas?

* * *

Para dar maior espírito de unidade à minha vida espiritual e unir-me ainda mais à vida da Igreja, eu procurarei relacionar com a liturgia, tanto quanto possível, os outros meus exercícios de piedade. Por exemplo, escolherei de preferência o assunto de meditação em relação com o período ou a festa do ciclo litúrgico; nas minhas visitas ao santíssimo Sacramento, de preferência terei colóquios, segundo o tempo do ano, com Jesus menino, Jesus glorificado, Jesus vivo na sua Igreja, etc.. Leituras particulares sôbre o mistério ou sôbre a vida do santo, cuja memória se honra, hão de concorrer também para êste plano de espiritualidade litúrgica.

* * *

Mestre adorável, preservai-me das adultrações da vida litúrgica. São elas prejudiciais a tôda vida interior, sobretudo porque atenuam o combate espiritual.

Preservai-me de certa piedade que faz consistir esta vida litúrgica sômente nas alegrias poéticas, ou em estudo atraente de arqueologia religiosa, ou então que me incline para o quietismo e para os seus resultados, isto é, para o enfraquecimento de tudo quanto dá fôrça à vida interior: temor, esperança, desejo de salvação e de perfeição, luta contra os defeitos e trabalho para adquirir a virtude.

Dai-me a convicção de que, neste século de occupaões absorventes e perigosas, a vida litúrgica, por mais perfeita que seja, de nenhum modo torna dispensável a meditação da manhã.

Afastai de mim o sentimentalismo e o “piedosismo”, que fazem consistir a vida litúrgica nas impressões e nas comoções, e que deixam a vontade escrava da imaginação e da sensibilidade.

(1) Motu próprio de s. Pio X, de 22 de novembro de 1903.

Decerto, não exigis que eu fique insensível perante tôdas as belezas e tôda a poesia que a liturgia encerra. Por meio de seus cantos e de suas cerimônias, vossa Igreja dirige-se precisamente às faculdades sensitivas com o fito de mais profundamente impressionar a alma de seus filhos, de apresentar melhor à sua vontade os verdadeiros bens, e de elevá-los mais segura, mais fácil e mais completamente para Deus. Eu posso, portanto, saborear tôda a frescura inalterável e salutar que se encontra nos dogmas postos em relêvo pela liturgia, deixar-me comover perante o espetáculo cheio de majestade de uma solene missa cantada, apreciar as orações na absolvição ou nos ritos tão tocantes do batismo, da extrema-unção, do sepultamento, etc.

Mas jamais devo perder de vista que todos os recursos patenteados pela santa liturgia são apenas meios para se chegar ao fim único de tôda vida interior: Fazer morrer o velho homem a fim de que vós, ó Jesus, possais viver e reinar em seu lugar.

Só terei, portanto, a verdadeira vida litúrgica quando, penetrado de espírito litúrgico, eu me utilizar da missa, das orações e ritos oficiais para aumentar a minha união com a Igreja e assim progredir na participação da vida interior de Jesus Cristo e, portanto, das suas virtudes, e refleti-las melhor aos olhos dos fiéis.

III. Espírito Litúrgico

Esta vida litúrgica, ó Jesus, supõe atrativos especiais por tudo quanto se relacione com o culto.

Gratuitamente vós haveis dado êstes atrativos a certas pessoas. Outras são menos privilegiadas. Mas, se vós os pedirem e se recorrerem ao estudo e à reflexão, hão de por certo obtê-los.

A meditação, que hei de fazer mais tarde sôbre as vantagens da vida litúrgica, aumentará a minha sêde de adquirir êsse atrativo a todo custo. Por agora vou fixar o meu espírito sôbre os caracteres que distinguem esta vida e lhe dão assim lugar importante na espiritualidade.

Unir-se, mesmo de longe, com a Igreja, pelo pensamento e pela intenção, ao vosso sacrifício, ó Jesus; fundir a própria oração com a oração oficial e incessante da vossa Igreja, como isto já é sublime! O coração do simples batizado voa mais seguramente para Deus, assim levado pelos vossos louvores, adorações, ações de graças, reparações e súplicas⁽¹⁾.

Tomar parte ativa, são as próprias palavras de s. Pio X, e cooperar nos sagrados mistérios e na oração pública e solene pela assistência piedosa e esclarecida, pela avidez em tirar proveito das festas e das cerimônias, ou melhor ainda ajudando a missa, respondendo a ela, ou prestando o concurso próprio, à recitação ou ao canto dos officios, não é porventura o meio de entrar em comunicação mais direta com o pensamento de vossa Igreja, e de haurir na sua fonte primária e indispensável o verdadeiro espírito cristão⁽²⁾?

Mas, ó santa Igreja, apresentar-se cada dia, em virtude da ordenação ou da profissão religiosa, unido aos anjos e aos eleitos, como vosso embaixador oficial, perante o trono de Deus, para exprimir a oração oficial, que nobre missão esta!

A dignidade é ainda incomparavelmente mais sublime e acima de toda expressão, quando, ministro sagrado, eu me torno outro vós mesmo, ó meu divino Redentor, pela administração dos sacramentos e sobretudo pela celebração do santo sacrifício!

* * *

(1) O unir-se à oração de outrem pode levar a uma oração avançada. A prova é este camponês que se havia oferecido para levar as bagagens de santo Inácio e de seus companheiros. Vendo que os padres, em chegando a uma estalagem, se davam pressa em procurar qualquer recanto tranqüillo para se recolherem diante de Deus, fazia o mesmo e como eles se ajoelhava. Os padres um dia perguntaram-lhe o que fazia êle quando assim se recolhia: "Nada mais faço, respondeu, do que dizer: Senhor, êstes são santos e eu sou o seu animal de carga; o que êles fazem, quero eu também fazer; eis o que eu ofereço então a Deus" (Cf. Rodrigues, Perfeição cristã, 1.^a parte, trat. 5.^o, cap. XIX).

Se êsse homem, mediante êste exercicio, contínuo, chegou a grau eminente de oração e de espiritualidade, a fortiori até o analfabeto, unido-se à vida litúrgica da Igreja, pode tirar grandes proveitos dela.

Um Irmão leigo de Claraval guardava ovelhas durante a noite da Assunção. Uniu-se como pôde, sobretudo por meio da reza da saudação angélica, das matinas que os monges cantavam e cujos ecos longinquos chegavam até êle. Deus revelou a s. Bernardo que a sua devoção tão humilde e tão simples de tal sorte tinha agradado a nossa Senhora que esta a havia preferido à oração dos religiosos mesmo fervorosos como eram. (Exórdium magnum Ord. Cisterc. 4.^a, c. XIII).

(2) Motu próprio de s. Pio X, de 22 de novembro de 1903.

1.º **Princípio:** membro da Igreja, devo estar convencido de que, quando como cristão ⁽¹⁾ tomo parte em cerimônias litúrgicas, eu estou unido a tôda a Igreja, não só pela comunhão dos santos, senão também em virtude de cooperação real e ativa em ato de religião que a Igreja, Corpo místico de Jesus Cristo, oferece a Deus como sociedade. E, mediante esta união, a Igreja maternalmente facilita a formação da minha alma nas virtudes cristãs ⁽²⁾.

A vossa Igreja, ó Jesus, forma uma sociedade perfeita cujos membros, estreitamente unidos entre si, são destinados a constituir uma sociedade ainda mais perfeita e mais santa: a dos eleitos.

Como cristão, eu sou membro dêsse Corpo, cuja Cabeça e cuja vida vós sois. Assim é que vós me considerais, divino Salvador; e eu causo-vos júbilo especial quando, apresentando-me ante vós, vos considero como meu chefe e me considero a mim mesmo como uma das ovelhas dêsse redil de que sois o único Pastor, e que na sua unidade encerra todos os meus irmãos da Igreja militante, padecente e triunfante.

Vosso apóstolo é que me ensina esta doutrina que me dilata a alma e rasga maiores horizontes à minha espiritualidade. Assim, diz êle, como num só corpo temos muitos membros, assim, bem que nós sejamos muitos, não somos todavia mais que um só corpo em Jesus Cristo e todos reciprocamente membros uns dos outros. Assim como o corpo é um, diz êle noutra parte, e tem muitos

(1) O sacerdote, o próprio pontífice, como o simples fiel, não depende senão do seu caráter de cristão, quando, sem exercer qualquer função, assiste a uma cerimônia e sabe tirar proveito dela.

(2) Compreenderemos melhor a eficácia da liturgia para nos fazer viver da graça e nos facilitar a vida interior se nos lembrarmos de que tôda oração oficial, tôda cerimônia instituída pela Igreja possui o poder de impetração de si mesmo irresistível, per se efficacíssima. Aqui, o poder pôsto em execução para obter tal graça não é apenas o gesto individual, a oração isolada de uma alma mesmo excelentemente disposta; é também o gesto da Igreja, tornando-se suplicante conosco, é a voz da Espôsa muito amada, que alegra sempre o Coração de Deus e que é sempre ouvida de alguma maneira.

Se devêssemos resumir isto em duas palavras, diríamos que o poder de impetração da oração litúrgica é constituído por dois elementos: o *opus operantis* da alma que se utiliza do **grande sacramental** da liturgia e o *opus operantis Ecclesiae*. As duas ações: a da alma e a da Igreja, são como duas forças que se combinam e que do mesmo impulso são levadas para Deus.

membros e todos os membros do corpo, ainda que sejam muitos, são, contudo, um só corpo, assim também Cristo (1).

Nisto consiste a unidade da vossa Igreja, indivisível no seu todo e nas suas partes, tôda inteira no todo e tôda inteira em cada uma das suas partes (2), unida no Espírito Santo, unida a vós, ó Jesus, e, mediante essa união, introduzida na única e eterna sociedade do Pai, do Filho e do Espírito Santo (3).

A Igreja é a assembléia dos fiéis que, sob o govêrno da mesma autoridade, estão unidos pela mesma fé e pela mesma caridade e tendem para o mesmo fim, isto é, para a incorporação a Cristo, pelos mesmos meios os quais se resumem na graça, cujos canais ordinários são a oração e os sacramentos.

A grande oração, canal preferido da graça, é a oração litúrgica, a oração da própria Igreja mais poderosa que a oração dos particulares e mesmo das associações piedosas, por poderosas e recomendadas que sejam no Evangelho a oração solitária e a oração associada (4).

Incorporado à verdadeira Igreja, filho de Deus e membro de Cristo pelo sacramento do batismo, eu adquiro o direito de participar dos demais sacramentos, dos officios divinos, dos frutos da missa, das indulgências e das orações da Igreja. Posso tirar lucro de tôdas as graças e de todos os méritos dos meus irmãos.

Pelo batismo, eu estou marcado com um caráter indelével que me deputa para o culto de Deus segundo o rito da religião cristã (5). Pela consagração batismal, eu me torno membro do reino de Deus e faço parte da raça escolhida, no sacerdócio real, do povo santo (6).

(1) Sicut enim corpus unum est, et membra habet multa, omnia autem membra corporis cum sint multa, unum tamen corpus sunt: ita et Christus (I Cor., 12, 12).

(2) Unusquisque fidelium quasi quaedam minor videtur esse Ecclesia, dum salvo unitatis arcanæ mystério, etiam cuncta Redemptionis humanae unus homo suscipit Sacramenta (Pedr., Dam., Opus. XI, cap. X. — Patr. lat., t. CXLV, col. 239).

(3) S. Ped. Dam., citado por Dom Gréa: La Sainte Liturgie, p. 51.

(4) S. Ignat. Epist. ad Eph., n. 5. Santo Afonso de Ligório preferia uma oração do breviário a cem orações privadas.

(5) Characterè sacramentali insignitur homo ut ad cultum Dei deputatus secundum ritum Christianae religionis (Card. Billot, De Ecclesiae Sacram., t. I, thes. 2).

(6) Vos autem genus electum, regale sacerdotium, gens sancta, populus acquisitionis (I Pedr., 2, 9).

Portanto, como cristão, participo do ministério sagrado, bem que de maneira remota e indireta, pelas minhas orações, pela minha parte de oblação, pelo meu concurso no sacrifício da missa e nos ofícios litúrgicos, multiplicando pela prática das virtudes, como s. Pedro recomenda, os sacrifícios espirituais, praticando tudo com a intenção de agradar a Deus e de me unir com êle e fazendo do meu corpo a hóstia viva, santa e agradável a Deus (1). É isto que vós, ó santa Igreja, me fazeis compreender, quando pela bôca do sacerdote dizeis aos fiéis: *Orate fratres ut meum ac vestrum sacrificium acceptabile fiat...* O sacerdote diz também no cânon: *Lembrai-vos, Senhor...*, daqueles que estão aqui... por quem nós vos oferecemos ou que vos oferecem êste sacrifício de louvor. E mais adiante: *Recebei, Senhor, com bondade, nós vos pedimos, esta oblação que nós vos fazemos, eu vosso servo e tôda a vossa família* (2).

A santa liturgia, com efeito, é de tal sorte a obra comum de tôda a Igreja, isto é, do sacerdócio e do povo, que o mistério dessa unidade está sempre nela realmente presente pela fôrça indestrutível da comunhão dos santos, proposta à nossa fé no símbolo dos apóstolos. O officio divino e a santa missa, que é a parte principal da liturgia, não se podem celebrar sem que tôda a Igreja se lhes associe e esteja misteriosamente presente (3).

(1) *Sacerdotium sanctum, offerre spirituales hostias, acceptabiles Deo per Jesum Christum* (I Pet., 2, 5). — É neste sentido que santo Ambrósio diz: *Omnes filii Ecclesiae sacerdotes sunt; unguimur enim in sacerdotium sanctum, offerentes nosmetipsos Deo hostias spirituales* (In Lucam, lib. IV, n. 33. — *Patr. lat.*, t. XV, col. 1645). — *Sicut omnes christianos dicimus, propter mysticum Christa; sic omnes sacerdotes, quoniam membra sunt unius sacerdotis* (S. Aug., *De civit. Dei*, lib. XX, cap. X. — *Patr. lat.*, t. XLI, col. 676).

(2) *Memento, Domine... et ómnium circumstantium pro quibus tibi offerimus vel qui tibi offerunt hoc sacrificium laudis.* — *Hanc igitur oblationem servitutis nostrae sed et cunctae familiae tuae quaesumus, Domine, ut placatus accipias* (Cânon da missa). — “Nós oferecemos tudo com o sacerdote, nós consentimos em tudo o que êle faz, em tudo o que êle diz. E que diz êle? *Orai, irmãos, para que o meu sacrifício e o vosso sejam agradáveis ao Senhor nosso Deus*”. E vós que respondeis: “*Que o Senhor o receba das vossas mãos!*” *Quê? “O meu sacrifício e o vosso!”* E que diz o sacerdote ainda? “*Lembrai-vos dos vossos servos por quem nós vos oferecemos*”. É tudo? O sacerdote acrescenta: “*Ou que vos oferecemos êste sacrificio*”. *Ofereçamos, pois, também com êle. Ofereçamos a Jesus Cristo; ofereçamo-nos a nós mesmos, com tôda a sua Igreja católica, espalhada por tôda a terra*” (Bossuet, *Méditations sur l’Évangile.* — *Cène, Ire partie, LXIII.e jour*).

(3) S. Pet. Dam., citado por Dom Gréa: *La Sainte Liturgie*, p. 51.

Por isso, na liturgia, tudo se faz em comum, em nome de todos, para proveito de todos. Tôdas as suas orações se dizem no plural.

Dêsse laço íntimo, o qual une todos os membros entre si pela mesma fé e pela participação dos mesmos sacramentos, nasce nas almas a caridade fraterna, sinal distintivo daqueles que querem ser imitadores de Jesus Cristo e caminhar em seu seguimento: Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros ⁽¹⁾. Tanto mais se aperta êste laço entre os membros da Igreja, quanto êstes participarem, por meio da comunhão dos santos, da graça e da caridade do que lhes comunica a vida sobrenatural e divina.

Estas verdades são o fundamento da vida litúrgica. Esta, por sua vez, delas constantemente me faz lembrar.

Ó santa Igreja de Deus, que amor por vós não excita em meu coração êste pensamento: Eu sou um dos vossos membros; eu sou membro de Cristo! Que amor por todos os cristãos êle não produz em mim, já que êsses cristãos são todos meus irmãos e todos nós não fazemos mais do que um em Cristo! Que amor pelo meu divino chefe Jesus Cristo!

Nada do que vos diz respeito logra deixar-me indiferente. Triste, se vos vejo perseguida, rejubilo com a narração das vossas conquistas e dos vossos triunfos.

Que alegria ao pensar que, santificando-me, eu contribuo para aumentar vossa beleza e trabalho para a santificação de todos os filhos da Igreja, meus irmãos, e até para a salvação da grande família humana!

Ó santa Igreja de Deus, tanto quanto de mim depende, quero que vos torneis mais bela, mais santa e mais numerosa: resulta já que o esplendor do vosso conjunto depende da perfeição de cada um de vossos filhos, fundidos nessa solidariedade íntima que foi o pensamento dominante da oração de Jesus depois da Ceia e o verdadeiro testamento de coração: *Ut sint unum!... Ut sint consummati in unum* ⁽²⁾!

Que estima eu não sinto em mim pela vossa oração litúrgica, ó Igreja, minha mãe! Visto que sou um dos

(1) Jo., 13, 35.

(2) Jo., 17, 21, 23.

vossos membros, essa oração é também a minha, sobretudo quando eu assisto a ela ou nela coopero. Tudo o que vós tendes me pertence e tudo o que eu tenho vosso é.

Uma gôta de água nada vale. Unida ao oceano, participa do seu poder e da sua imensidade. Assim acontece com a minha oração unida à vossa. Aos olhos de Deus, para quem tudo é presente e cujo olhar abrange a um tempo o passado, o presente e o futuro, ela faz uma só coisa com êsse concôrto universal de louvores que vós fazeis subir desde o vosso princípio e continuareis a fazer subir até ao fim dos tempos para o trono do Eterno.

Vós, ó Jesus, quereis que minha piedade, a certos respeitois, seja utilitária, necessitada e interesseira.

Mas vós, com a ordem das petições do pai-nosso, haveis-me ensinado quanto desejais que a minha piedade antes de mais nada seja consagrada a louvar a Deus (1); e que, longe de ser egoísta, acanhada e isolada, ela me faça abraçar nas minhas súplicas tôdas as necessidades dos meus irmãos.

Facilitai-me, mediante a vida litúrgica, esta piedade elevada e generosa que, sem detrimento do combate espiritual, dá a Deus o louvor, em medida ampla; esta piedade caritativa, fraternal e católica que envolva tôdas as almas e se interesse por tôdas as solícitudes da Igreja.

A vossa missão, ó santa Igreja, é gerar incessantemente novos filhos para vosso divino Espôso e educá-los in mensuram ætatis plenitudinis Christi (2). Por isso é que haveis recebido, e com abundância, todos os meios de realizar êsse fim. A importância que vós ligais à liturgia prova a eficácia dela para me iniciar no louvor divino e desenvolver os meus progressos espirituais.

Durante a vida pública, Jesus falava como quem tinha autoridade (3). Assim é que vós também falais, ó santa Igreja, minha mãe. Depositária do tesouro da ver-

(1) *Creatus est homo ad hunc finem, ut Dóminum Deum suum laudet, ac revereatur eique sérvians tandem salvus fiat* (Exerc. spirit., S. Inácio).

O nosso fim é o serviço de Nosso Senhor e não é senão para o servir melhor que nós devemos corrigir-nos das nossas faltas e adquirir as virtudes; a santidade não é mais que um meio de melhor serviço (Bem-av. P. Eymard).

(2) Ef., 4, 13.

(3) *Sicut potestatem habens* (Mt., 7, 29).

dade, tendes a consciência de vossa missão. Dispensadora do sangue redentor, conheceis todos os recursos de santificação que vos confiou o divino Salvador.

Vós não vos dirigis à minha razão para me dizer: Examina, estuda. Apela para a minha fé, dizendo-me: Tem confiança em mim. Não sou eu tua mãe? E que mais desejo eu que ver-te crescer cada dia na semelhança com o teu divino modelo? Ora quem melhor conhece a Cristo do que eu, sua espôsa? Onde encontrarás, pois, o espírito do teu Redentor melhor que na liturgia, expressão autêntica dos meus pensamentos e dos meus sentimentos?

Sim, mãe santa e amada, eu me deixarei guiar e formar por vós com simplicidade e confiança de criança, dizendo de mim para mim: É com minha mãe que eu oro. São as suas próprias palavras que ela põe em meus lábios, a fim de fazer penetrar em mim o seu espírito e repassar o meu coração dos seus sentimentos.

Ó Igreja santa, hei de alegrar-me, portanto, convosco: gaudeamus, exsultemus; hei de gemer convosco: ploremus; hei de louvar convosco: confitemini Dómino; convosco hei de implorar misericórdia: miserere; hei de esperar convosco: speravi, sperabo; convosco hei de amar: diligam. Associar-me-ei com ardor às petições que vós formulardes nas vossas admiráveis orações, a fim de que as comoções salutares que desejais fazer brotar das palavras e dos ritos sagrados penetrem mais profundamente no meu coração, tornem êsse coração mais maleável aos toques do Espírito Santo e cheguem a fundir a minha vontade na de Deus.

* * *

2.º Princípio: Quando, numa função litúrgica, eu opero como representante da Igreja (1), Deus deseja que eu lhe exprima a minha virtude de religião, tornando-me consciente do mandato oficial de que estou honrado, e que

(1) São desta sorte delegados da Igreja os clérigos e os religiosos obrigados ao breviário, mesmo quando o rezam privadamente. Da mesma forma, nas suas Igrejas canonicamente eretas, aquêles que estão obrigados ao officio do côro e às missas capitulares ou conventuais. E aquêles que embora não tenham recebido ordens, desempenham funções delas por tolerância da Igreja, como por exemplo os que ajudam a missa.

desta sorte, cada vez mais unido à vida da Igreja, eu vá progredindo em tôdas as virtudes.

Representante da vossa Igreja, a fim de que, em seu nome e em nome de todos os seus filhos, eu incessantemente ofereça a Deus por meio de vós, ó Jesus, o sacrifício de louvor e de súplica, eu sou, portanto, segundo a bela expressão de s. Bernardino de Sena, *persona pública totius Ecclesiæ os* (1).

Em cada função litúrgica deve, pois, realizar-se em mim um desdobramento, semelhante àquele que se dá num embaixador. Na sua vida privada, êste é apenas simples particular. Quando, porém, revestido das insígnias do seu cargo, fala ou procede em nome do seu príncipe, torna-se no mesmo instante o representante e, a certo respeito, a própria pessoa do seu soberano.

Assim sucede comigo, quando eu desempenho as minhas "funções" litúrgicas. Ao meu ser individual, ajunta-se uma dignidade que me reveste de mandato público. Eu posso e devo considerar-me então como o delegado e deputado oficial da Igreja inteira.

Se rezo, se recito o meu ofício, embora em particular, não o faço apenas em meu próprio nome. As fórmulas que emprego não foram escolhidas por mim. É a Igreja que mas põe nos lábios (2). Portanto, é a Igreja que ora pela minha bôca, que fala e opera por meu intermédio, como o rei fala e opera por intermédio do seu embaixador. Eu então sou verdadeiramente, segundo a bela expressão de s. Pedro Damiano, a Igreja inteira (3). Por meu intermédio a Igreja une-se à divina religião de Jesus Cristo e dirige à Santíssima Trindade a adoração, a ação de graças, a reparação e a súplica.

Portanto, se tenho alguma consciência da minha dignidade, como poderei, por exemplo, começar o meu breviário, sem que se opere no meu ser uma ação misteriosa

(1) Sermo XX.

(2) *Sacerdos personam induit Ecclesiæ, verba illius gerit, vocem assumit* (Gulielm. Paris, De Sacram. Ordinis).

(3) *Per unitatem fidei, sacerdos Ecclesiæ tota est et ejus vices gerit* (S. Pet. Dam., Opusc. XI, cap. X. — Patr. lat., t. CXLV, col. 239). — *Quid mirum si sacerdos quilibet... vicem Ecclesiæ solus expleat... cum per unitatis intimæ sacramentum, tota spiritaliter sit Ecclesiæ* (S. Pet. Dam., loc. cit.).

que me eleve acima de mim mesmo, acima do curso natural dos meus pensamentos, para me lançar em cheio na convicção de que eu sou como mediador entre o céu e a terra (1).

Que desgraça se eu chegasse a esquecer-me destas verdades! Os santos estavam compenetrados delas (2). Viviam delas. Deus espera de mim que eu também delas me recorde quando exerço uma função. A Igreja, mediante a vida litúrgica, ajuda-me sem cessar a não perder de vista que sou seu representante, e Deus exige que a este título corresponda, na prática, minha vida exemplar (3).

Ó meu Deus, penetrai-me de profunda estima por esta missão que a Igreja me confia. Como há de ser grande o estímulo que eu nela encontrarei contra a minha pusilanimidade no combate espiritual! Mas concedei-me também o sentimento da minha grandeza como cristão e dai-me uma alma de criança relativamente à vossa Igreja, a fim

(1) *Medius stat sacerdos inter Deum et humanam naturam; illinc venientia beneficia ad nos deferens et nostras petitiones illuc perferens* (S. Joan. Crisost., Hom. V, n. 1, in illud: *Vidi Dominum*).

(2) Por que diz o sacerdote que reza o seu breviário, embora esteja só; *Dóminus vobiscum*? E por que responde: *Et cum spiritu tuo*, em vez de responder: *Et cum spiritu meo*? Não, diz s. Pedro Damião, o sacerdote não está só. Quando celebra ou reza, tem diante de si toda a Igreja misteriosamente presente, e é ela que o sacerdote saúda, dizendo-lhe: *Dóminus vobiscum*. Depois, como ele representa a Igreja, esta responde-lhe pela própria boca dele: *Et cum spiritu tuo* (cf. S. Pet. Dam., 1. Dom. vob., c. 6, 10, etc.). São os pensamentos desse santo que nós aqui reproduzimos.

(3) *Laudate Dóminum; sed laudate de vobis, id est, ut non sola lingua et vox vestra laudet Deum, sed et conscientia vestra, vita vestra, facta vestra* (S. Aug., Enarrat. in Psalm. In Ps CXLVIII, n. 2). — Assim como os homens exigem de vós a santidade quando vos apresentais como embaixador de Deus junto deles, assim também Deus a exige de vós quando diante dele apparecis como intercessor dos homens. O intercessor é parlamentar da miséria terrestre delegado ante a justiça divina. Ora, para que um parlamentar seja favoravelmente acolhido, diz s. Tomás duas condições são necessárias. A primeira é ser digno representante do povo que o envia; a segunda é ser amigo do príncipe para junto do qual é enviado: sacerdote sem qualquer estima pela vossa santidade sois vós porventura digno representante do povo cristão, quando não sois expressão acabada das virtudes cristãs? Sois vós amigo de Deus, quando nem sequer chegais a ser servo fiel?

E, se assim acontece com um mediador indiferente, que acontecerá a fortiori com mediador culpável? Porque quem poderá exprimir então as anomalias da sua situação funesta? "Reze por mim, meu padre; muito é o seu crédito junto de Deus", dizem-vos as almas boas; quereis conhecer a eficácia desta salvaguarda piedosamente invocada? *Plus placet Deo la-tratus canum quam oratio talium clericorum* (S. Aug., Serm., 37). Pe. Claussette, Manreze du Prêtre, 1.er jour, 2.ème discours.

de que eu possa tirar largo proveito dos tesouros de vida interior acumulados na santa liturgia.

* * *

3.º Princípio: Sacerdote, quando consagro a eucaristia ou administro os sacramentos, eu devo reavivar a minha convicção de que sou ministro de Jesus Cristo, portanto alter Christus; e ter por certo que de mim depende encontrar, no exercício das minhas funções, graças especiais para adquirir as virtudes exigidas pelo meu sacerdócio (1).

Os vossos fiéis, ó Jesus, formam um só Corpo, mas neste Corpo todos os membros não têm a mesma função (2). *Divisiones gratiarum sunt* (3).

Tendo querido deixar de modo visível o vosso sacrifício à Igreja, haveis-lhe confiado um sacerdócio cujo fim principal é continuar a vossa imolação sobre o altar, distribuir depois o vosso Sangue por meio dos sacramentos e santificar o vosso Corpo místico difundido por êle a vossa vida divina.

Sacerdote supremo, vós, desde tóda a eternidade, decidistes escolher-me e consagrar-me para vosso ministro, a fim de exercerdes por meu intemédio o vosso sacerdócio (4). Comunicastes-me os vossos poderes, a fim de levardes a efeito, com a minha cooperação, (5) obra maior que a criação do universo, o milagre da transubstanciação, e de ficardes, por meio desta maravilha, a hóstia e a religião da vossa Igreja.

Como eu compreendo agora as entusiásticas expressões dos santos padres para manifestar a grandeza da

(1) O que dizemos do sacerdote applica-se também, guardadas as devidas proporções, ao diácono e ao subdiácono.

(2) *Omnia autem membra non eumedem actum habent* (Rom., 12, 4).

(3) I Cor., 12, 4.

(4) *Ipse est principalis sacerdos qui, in omnibus et per omnes sacerdotes novi Testamenti, offert. Ideo enim quia erat sacerdos in æternum instituit apóstolos sacerdotes, ut per ipsos suum sacrificium exsequeretur* (De Lugo, De Euchar., disp. XIX, sect. VI, n. 86).

(5) *Dei adjutores sumus* (I Cor., 3, 9).

dignidade sacerdotal ⁽¹⁾. As suas palavras lógicamente me obrigam a considerar-me, em virtude da comunicação do vosso sacerdotício, como outro vós mesmo: *Sacerdos alter Christus*.

Com efeito, vós porventura não vos identificais comigo? Não estão a vossa pessoa e a minha de tal sorte unidas que estas palavras: *Hoc est Corpus meum, Hic est calix Sanguinis mei*, vós as fazeis vossas quando eu as pronuncio ⁽²⁾? Eu vos empresto meus lábios, visto que sem mentira posso dizer: *Meu corpo, meu sangue* ⁽³⁾. Basta que eu queira consagrar para que vós também o queirais. A vossa vontade está fundida com a minha. No ato maior que podeis fazer sobre a terra, a vossa alma está ligada à minha alma. Eu vos empresto o que mais me pertence, a minha vontade. E a vossa imediatamente se funde com a minha.

Sois de tal sorte vós que operais por meu intermédio, que se eu ousasse dizer sobre a matéria do sacrifício: *Este é o corpo de Jesus Cristo*, em vez de: *Este é o meu corpo*, inválida seria a consagração.

A Eucaristia, sois vós mesmo, ó Jesus, sob as aparências do pão. E não vem acaso cada missa pôr em relêvo

(1) Ao falarem da dignidade do sacerdote, os santos padres parecem ter esgotado a sua eloquência. O pensamento deles pode-se resumir nestas palavras: Esta dignidade sobrepuja tudo o que foi criado: só Deus é maior. — *Sublimitas sacerdotis nullis comparationibus potest adaequari* (S. Ambr., lib. de Dign., Sacerd., cap. 11). *Qui sacerdotem dixit, prorsus divinum insinuat virum* (S. Dion. Areop.). *Prætulit vos régibus et imperatoribus; prætulit vestrum ordinem ordinibus omnibus; imo, ut altius loquar, prætulit vos angelis et archángellis, thronis et dominationibus* (S. Bern., Sermo ad Past. in Syn.). — *Inter apocryp. opp.* — *Patr., lat., t. CLXXXIV, col. 1086.* — *Perspicuum est illam esse illorum sacerdotum functionem qua nulla major excogitari possit. Quare mérito non solum angeli, sed Dei etiam, quia Dei immortalis vim et numen apud nos teneant, appellantur* (Cat. Roman. de Ord., 1).

(2) *Réliqua omnia quæ dicuntur in superioribus, a sacerdote dicuntur... Ubi venit ut conficiatur venerabile sacramentum, jam non suis sermonibus útitur sacerdos, sed útitur sermonibus Christi. Ergo sermo Christi hoc conficit sacramentum. Quis est sermo Christi? Nempe is quo facta sunt omnia* (S. Ambr., De Sacramentis, lib. IV, n. 14 e seg. — *Inter dúbia opp.* — *Patr. lat., t. XVI, col.* — *Ecce Ambrósio non solum vult sacerdotem loqui in persona Christi, sed etiam non loqui in própria persona, neque illa esse verba sacerdotis. Quia, cum sacerdos assumatur a Christo ut eum representet, et ut Christus per os sacerdotis loquatur, non decuit sacerdotem, adhuc retinere in his verbis própria personam* (De Lugo, De Euch., disp., XI, sect. V, n. 103).

(3) *Ipse est (Christus) qui sanctificat et immolat... Cum videris sacerdotem offerentem, ne ut sacerdotem esse putes, sed Christi manum invisibíliter extentam... Sacerdos linguam suam commodat* (S. Joan Chry-sost., Hom., 86 in Joan., n. 4).

a meus olhos que o sacerdote sois vós próprio, ó sacerdote único, sob as aparências de um homem que haveis escolhido para vosso ministro? (1).

Alter Christus! Tôdas as vêzes que eu admistro os demais sacramentos, sou levado a fazer reviver em mim estas palavras. Só vós podeis dizer na qualidade de Redentor: Ego te baptizo, ego te absolvo, e exercer assim poder tão divino como o de criar. Eu também profiro essas palavras. E os anjos estão mais atentos a elas que ao Fiat que fecundou o nada (2), visto como elas, oh! maravilha, são capazes de formar Deus numa alma e de produzir um filho de Deus participando da vida íntima da divindade.

Em cada função sacerdotal, eu julgo que vós me estais dizendo: Como poderás tu, ó meu filho, supor que, tendo-te feito alter Christus com êsses podêres divinos, eu tolere que na direção habitual de tua vida sejas um “sem Cristo” ou até um “contra Cristo?”

Pois quê! no exercício das tuas funções, tu acabas de operar fundido comigo; e, alguns instantes depois, havia de ser Satanás quem tomasse o meu lugar, para fazer de ti pelo pecado uma espécie de anti-Cristo; ou quem te adormecesse a ponto de te fazer deliberadamente esquecer da obrigação de me imitares e de trabalhares para te revestir de mim, segundo a expressão do meu Apóstolo?

Absit! Tu podes contar com a minha misericórdia quando está em jôgo apenas a fragilidade humana nas tuas faltas diárias imediatamente lamentadas e reparadas. Mas aceitar friamente um caminho decidido de infidelidades, e voltar sem remorsos às tuas funções sublimes, o mesmo é que excitar seguramente a minha cólera.

Entre as tuas funções e as dos sacerdotes da antiga lei há um abismo. E, entretanto, se já os meus profetas ameaçavam Sião por causa dos pecados do povo ou dos seus governantes, ouve o que resultava da prevaricação dos sacerdotes: *Complevit Dóminus furorem suum, effudit iram indignationis suae; et succendit ignem in Sion,*

(1) Nil aliud sácrifex est quam Christi simulacrum (Pet. Bles, Tract. rythm. de Euch., cap. VII).

(2) Majus opus est ex ímpio justum fácere quam creare cœlum et terram (S. Aug.).

et devoravit fundamenta ejus... propter iniquitatem sacerdotum ejus ⁽¹⁾.

Pondera também com que rigor a minha Igreja proíbe ao sacerdote que suba ao altar ou administre os sacramentos, quando na sua consciência existir uma só falta mortal!

Inspirada por mim, ela vai ainda mais além. Mediante os seus ritos, põe-te na alternativa da piedade ou da impostura. Tu, ou te deves decidir a viver da vida interior, ou a exprimir-me, do princípio ao fim da missa, o que tu não pensas e a pedir-me o que tu não desejas. Espírito de compunção e de purificação das mínimas faltas, portanto guarda do coração; espírito de adoração, portanto de recolhimento; espírito de fé, de esperança e de amor, portanto direção sobrenatural da conduta exterior e das obras, tudo isto está intimamente ligado às cerimônias sagradas.

Compreendo agora, ó Jesus, que o revestir-me dos ornamentos sagrados, sem estar resolvido a esforçar-me por adquirir as virtudes que eles simbolizam, seria uma espécie de hipocrisia. Eu quero, pois, para o futuro, que, prostrações, sinais, fórmulas, jamais sejam inútil simulacro, ocultando vã frieza, indiferença pela vida interior, e acrescentando às minhas faltas a da exibição mentirosa à face do Eterno.

Apodere-se, pois, de mim o tremor santo cada vez que eu me aproximar dos vossos tremendos mistérios e me revestir dos ornamentos litúrgicos. Que as orações com que eu acompanho êsses atos, que as fórmulas tão repassadas de unção e de força do missal e do ritual, me convidem a examinar cuidadosamente meu coração, para ver se êle está verdadeiramente em harmonia com o vosso, ó Jesus, mediante o desejo leal e eficaz de vos imitar pela minha vida interior.

Ó minha alma, repele, portanto, os subterfúgios que me levem a considerar como suficiente o ser alter Christus só durante as funções sagradas, e crer que depois, contanto que não seja um "contra-Cristo", eu me possa eximir ao trabalho de me revestir de Jesus Cristo.

(1) Is., 4, 11, 13.

Sendo como sou, não só embaixador de Jesus crucificado, mas ainda outro êle mesmo, atrever-me-ia por ventura a emboscar-me numa piedade cômoda e a contentar-me com virtudes burguesas?

Debalde me tentariai persuadir de que o habitante dos claustros está mais do que eu obrigado a fazer esforços para imitar Jesus e adquirir a vida interior. Êrro profundo, baseado numa confusão.

O religioso obriga-se, para tender à santidade, a lançar mão de certos meios: Votos de obediência e de pobreza, prática da regra. Como sacerdote, eu não estou sujeito a êsses meios, mas estou obrigado a procurar e a realizar o mesmo fim e por mais títulos que a alma consagrada à qual não foi confiada a repartição do sangue divino (1).

Ai, pois de mim, se alimentasse ilusões sem dúvida alguma culpáveis, já que para as dissipar basta consultar o ensinamento da Igreja e dos seus santos. A falsidade dessas ilusões aparecer-me-ia no limiar da eternidade.

Ai de mim, se eu não soubesse aproveitar-me das minhas funções para conhecer as vossas exigências, ou se ficasse surdo à voz que me fazem ouvir os objetos santos que me rodeiam: altar, confessionário, pias batismais, vasos, roupas e paramentos sagrados *Imitámini quod trac-*

(1) Vos estis lux mundi, vos estis sal terræ. Quod si sal evanuerit, in quo salietur? (Mt., 5, 13). Exemplum esto fidélium in verbo, in conversatione, in charitate, in fide, in castitate: (I Tim., 5, 12). — In divino omni quis audeat aliis dux fieri, nisi secundum omnem hábitum suum factus sit Deo formissimus et Deo simillimus (S. Dionys., De Eccl. hier.). — Sacerdos debet vitam habere immaculatam, ut omnes in illum, véluti in áliquo exemplum excellens, intueantur (S. Joan. Chrysost., Hom. 10 in Tim.). — Nihil in sacerdote commune cum multitudine. Vita sacerdotis præponderare debet, sicut præponderat grátia (S. Ambr., Epist., 82). — Aut cæteris honestiores, aut fábulas ómnibus sunt sacerdotes (S. Bern., De Consider., lib., IV, c. 6). — Sicut illi qui Órdinem suscipiunt, super plebem constituuntur gradu Órdinis, ita et superiores sint mérito sanctitatis (S. Th., Suppl., q. 35). — Sic decet omnino clericos in sortem Dómini vocatos, vitam moresque suos omnes compónere, ut hábitu, gestu, incessu, sermone, aliisque ómnibus rebus nihil nisi grave, moderatum ac religione plenum præ se ferant (Conc. Tríd. sess., 22, c. 1 de Reform.). Si religiosus cáreat Órdine, manifestum est excéllere præminentiam órdinis quantum ad dignitatem, quia per sacrum Órdinem áliquis deputatur ad digníssima ministéria, quibus ipsi Christo servit in sacramento altaris; ad quod requiritur major sanctitas intérior, quam requirit etiam religionis status (S. Th., 22, q. 184). — Vix bonus mónachus facit bonum cléricum (S. Aug. ad Val.). — Nullam ascensus et deificationis mensuram agnoscant (S. Greg. Naz.). — Pares Deo conentur esse sanctitate, ut qui viderit ministrum altaris, Dominum veneretur (S. Ambr., S. Offic., c. 5).

tatis⁽¹⁾. Mundámini, qui fertis vasa Dómini⁽²⁾. Incensum et panes ófferunt Deo, et ídeo sancti erunt⁽³⁾.

Tanto menos desculpável serei em cerrar os ouvidos a êstes apelos, ó Jesus, quanto cada uma das minhas funções é ocasião de uma graça atual que vós me ofereceis para modelar a minha alma à vossa imagem e semelhança.

É a Igreja que solicita esta graça. É o seu coração que, desejoso de corresponder à vossa expectativa, me trata como a menina dos seus olhos. É ela que, antes da minha ordenação, me pôs em destaque as graves consequências da minha identificação convosco.

Impone, Dómine, cápiti meo gáeam salutis, ad... Praecinge me cingulo puritatis... Ut indulgeris ómnia peccata mea. Fac me tuis semper inhaerere mandatis et a te numquam separari permittas, etc. Já não sou só eu que faço estas súplicas por mim. São todos os verdadeiros fiéis, tôdas as almas fervorosas a vós consagradas, todos os membros da jerarquia eclesiástica, que fazem da minha pobre oração a sua própria oração. O seu brado eleva-se até ao vosso trono. É a voz da vossa espôsa que vós escutais. E, quando resolvidos a procurar a vida interior, os vossos ministros harmonizam o seu coração com as suas funções litúrgicas, vós sempre despachais favoravelmente as súplicas de vossa Igreja por êles.

Em vez de me excluir, pela minha negligência voluntária, dos sufrágios que dirijo a vosso Pai pelo conjunto dos fiéis, por ocasião da missa ou da administração dos sacramentos eu quero aproveitar-me dessas graças, ó Jesus. Na prática de cada um dos meus atos de sacerdote, hei de largamente abrir o meu coração à vossa ação. Vós lançareis então nêle as luzes, as consolações e as energias que, apesar dos obstáculos, hão de permitir-me identificar com os vossos os meus juízos, afeições e vontade, como o sacerdócio me identifica convosco, ó Sacerdote eterno,

(1) Pontifical romano.

(2) Is., 52, 12.

(3) Levit., 21, 6.

quando por meio de mim, vos fazeis vítima sôbre o altar ou redentor das almas.

* * *

Vou resumir em algumas palavras os três princípios do espírito litúrgico.

Cum Ecclésia. Quando eu me uno à Igreja como simples cristão, esta união me convida a compenetrar-me dos mesmos sentimentos que ela.

Ecclésia. Quando eu me torno a própria Igreja, procedendo como seu embaixador perante o trono de Deus, sou ainda mais fortemente incitado a fazer minhas as suas aspirações para me tornar menos indigno de me dirigir à Majestade três vêzes santa, e para exercer por meio da oração oficial um apostolado mais fecundo.

Christus. Mas quando, pela participação do sacerdócio de Cristo, eu sou alter Christus, que palavras poderão traduzir os vossos apelos, ó Jesus, para que eu, cada vez mais, me assemelhe a vós, para que, com esta semelhança, me manifeste aos fiéis e por meio do apostolado do exemplo os arraste em vosso seguimento!

IV. VANTAGENS DA VIDA LITÚRGICA

a) A vida litúrgica favorece a permanência do sobrenatural em tôdas as minhas ações

Como é grande, ó meu Deus, a dificuldade que eu sinto para proceder ordinariamente por motivos sobrenaturais! O amor próprio, ajudado por Satanás e pelas criaturas, vem subtrair-me a alma e suas faculdades à dependência de Jesus que vive em mim.

Quantas vêzes, num só dia, essa pureza de intenção, a única que pode tornar meritórias minhas ações e fecundo meu apostolado, chega a viciar-se, por falta de vigiância ou de fidelidade! É sômente à custa de esforços contínuos que eu, com o auxílio divino, logro obter que a maior parte dos meus atos tenham a graça como princípio vivificante que os dirija para Deus como para o seu fim.

Para êsses esforços a meditação é-me indispensável. Mas que diferença quando êles se exercem no seio da vida litúrgica! A meditação e a vida litúrgica são duas irmãs que mütuamente se auxiliam. A meditação que precede a minha missa e o meu breviário lançam-me no sobrenatural. A vida litúrgica dá-me o meio de fazer passar a minha meditação para o meu dia inteiro (1).

* * *

Na vossa escola, ó Igreja santa, como me é fácil adquirir o hábito de render ao meu Criador e Pai o culto que lhe é devido. Ó espôsa daquele que é a adoração, a ação de graças, a reparação e a mediação por excelência, vós, por meio da liturgia me comunicais essa sêde que tinha Jesus de glorificar a seu Pai. Render glória a Deus, eis o fim primário que vos haveis proposto ao estabelecer a liturgia.

Não é logo evidente que, se eu viver da vida litúrgica, hei de ficar inteiramente impregnado da virtude da religião, já que tôda a liturgia não é mais que a realização contínua e pública desta virtude, a mais excelente depois das virtudes teologais?

A manifestação da dependência de Deus de tôdas as minhas faculdades, a piedade, a vigilância, o combate espiritual podem, por certo, desenvolver-se, caso eu me utilize das luzes da fé. Mas como é grande a necessidade que o composto humano tem de ser auxiliado pelo conjunto de tôdas as suas faculdades para fixar o espírito nos bens eternos, tornar o coração ávido e entusiasta por tirar proveito dêles, e excitar a vontade a pedi-los com frequência e a procurá-los sem descanso!

A liturgia cativa meu ser inteiro. Por meio de um conjunto de cerimônias, de genuflexões, de inclinações, de símbolos, de cantos, de textos que se dirigem aos olhos, aos ouvidos, à sensibilidade, à imaginação, à inteligência, ao coração, ela me orienta todo para Deus; ela me recorda que tudo em mim, os, lingua, mens, sensus, vigor, se deve referir a Deus.

(1) Eu faço bem a minha meditação para celebrar bem a missa; e celebro a missa e rezo piedosamente o breviário para, no dia seguinte, fazer bem a meditação (Pe. Olivaint).

Tudo isso pelo qual a Igreja me representa os direitos de Deus e os seus títulos ao meu culto de homenagem filial e de pertença total, desenvolve em mim a virtude de religião e, desta sorte, o espírito sobrenatural.

Na liturgia tudo me fala de Deus, das suas perfeições, dos seus benefícios; tudo me conduz a Deus; tudo me mostra a sua providência, apresentando sem cessar à minha alma, mediante provações, auxílios, advertências, incitamentos, promessas, luzes e até ameaças, os meios de me santificar.

A liturgia obriga-me também a falar incessantemente a Deus e a manifestar-lhe a minha religião por formas variadíssimas.

Se eu me aplico a esta formação litúrgica com o desejo de tirar proveito dela, como não há de criar em mim raízes mais profundas a virtude de religião, após os múltiplos exercícios que cada dia promanam das minhas funções de homem da Igreja? Como não hei de eu chegar a um hábito, a um estado de alma e, portanto, à verdadeira vida interior?

* * *

A liturgia é a Escola da presença de Deus, e da presença de nosso Deus, tal como a encarnação o manifestou! Ou antes é a Escola da presença de Jesus e da caridade!

O amor alimenta-se com o conhecimento da amabilidade do ser amado, com as provas de amor que êle nos deu, e sobretudo, diz s. Tomás, com sua presença.

A liturgia reproduz-nos, explica-nos e aplica-nos as diversas manifestações da vida de Jesus Cristo entre nós. Conserva-nos numa atmosfera sobrenatural e divina, continuando, por assim dizer, a vida de nosso Senhor e manifestando-nos em todos os mistérios a amabilidade e a ternura do seu Coração.

Sois vós mesmo, ó Jesus, que por meio da liturgia continuais a grande lição e a grande manifestação de amor. Eu cada vez vos contemplo melhor não à maneira do historiador, isto é, velado pelos séculos, nem como vos conhece muitas vêzes o teólogo através de árduas especulações. Vós estais mui perto de mim. Vós sois sempre o Emanuel, Deus conosco, com a vossa Igreja, portanto

comigo. Vós sois uma pessoa com a qual vive cada membro de vossa Igreja, e que a liturgia me faz ver em tôdas as circunstâncias no primeiro plano como exemplar e fim do meu amor.

Por meio do ciclo das festas, por meio das lições escolhidas no vosso Evangelho e nos escritos dos vossos apóstolos, por meio dos maravilhosos raios com que aureola os vossos sacramentos e mormente a vossa eucaristia, a Igreja faz viver no meio de nós e faz-nos ouvir as palpações do vosso Coração.

Crer que Jesus vive em mim e que quer operar em mim, se eu lhe não puser obstáculo; que estímulo de vida sobrenatural me não dá a meditação ao inculcar-me esta verdade! Mas alimentar-me freqüentemente no decurso do dia, por via dos meios variados e sensíveis que a liturgia me oferece, alimentar-me com o dogma da graça, de Jesus orando, operando por meio de cada um dos membros de que êle é a vida, suprindo por êles, portanto por mim, é manter-me sob a influência do sobrenatural, é fazer-me viver da união a Jesus, é estabelecer-me no seu amor!

Amor de complacência, de benivolência, de preferência, de esperança: tôdas estas formas ressaltam das admiráveis coletas, dos salmos, dos ritos, das cerimônias, das orações e penetram na minha alma.

Como esta maneira de me apresentar Jesus vivo e sempre presente não há de tornar forte e generosa a minha vida interior! E quando, para viver do sobrenatural, eu tiver de praticar um ato de desapêgo ou de abnegação, ou desempenhar-me de uma obrigação difícil, ou suportar um sofrimento ou uma injuria, como êsse combate espiritual, essa virtude, essa provação não hão de perder o seu lado doloroso e repugnante, se em lugar de ver a cruz nua, eu vos vir nela cravado, ó meu Salvador, e vos ouvir pedir-me, mostrando-me as vossas chagas, êsse sacrifício como prova do meu amor!

A liturgia dá-me ainda por outro lado apoio precioso, repetindo-me que meu amor não se exerce isoladamente. Eu não estou só na luta contra o naturalismo que incessantemente tende a arrastar-me consigo. A Igreja, interessando-se pela minha incorporação em Cristo, segue-me

maternalmente, partilha comigo todos os méritos de milhões de almas com as quais eu estou em comunhão e que falam a mesma língua de amor oficial que eu, e renova-me a segurança de que o céu e o purgatório me acompanham para me animar e assistir.

* * *

Para conservar a alma na direção das suas ações para Deus, nada contribui tanto como a lembrança da eternidade.

Na liturgia tudo me recorda novíssima mea. As expressões *vita aeterna, coelum, infernum, mors, saeculum saeculi* e outras equivalentes nela se empregam a cada passo.

Os sufrágios e os ofícios pelos defuntos, os funerais põem-me diante dos olhos a morte, o juízo, as recompensas e os castigos eternos, o valor do tempo e as purificações indispensáveis neste mundo ou no purgatório, para entrar no céu.

As festas dos santos falam-me da glória dos que me precederam neste mundo e mostram-me a coroa que me está reservada, se eu lhes seguir os passos e os exemplos.

Por meio destas lições, a Igreja brada-me sem cessar: Alma querida, contempla os séculos eternos a fim de te conservares fiel à tua divisa: Deus em tudo, sempre e por toda parte.

Divina liturgia, para reconhecer todos os benefícios que te devo, deveria falar de todas as virtudes. Graças aos textos escolhidos da Sagrada Escritura, que incessantemente fazes passar sob os meus olhos, graças aos ritos e aos símbolos que me traduzem os divinos mistérios, a minha alma vê-se constantemente erguida da terra e orientada ora para as virtudes teologais, ora para o temor de Deus, o horror do pecado e do espírito do mundo, a compunção, a confiança ou a alegria espiritual.

b) A vida litúrgica ajuda-me eficazmente a conformar a minha vida interior com a de Jesus Cristo

Três sentimentos dominam no vosso Coração, ó Mestre adorado: a dependência completa a respeito de vosso Pai

e, portanto, a humildade perfeita, a caridade ardente e universal pelos homens e o espírito de sacrifício.

* * *

Humildade perfeita. Ao dardes entrada no mundo, haveis dito: Pai, eis-me aqui para fazer a vossa vontade ⁽¹⁾. Amiúde recordais que tôda a vossa vida íntima se resume no desejo contínuo de fazerdes em tudo a vontade de vosso Pai ⁽²⁾. Vós sois a obediência, ó Jesus obediente até á morte e morte de Cruz ⁽³⁾. Agora ainda obedecéis aos vossos sacerdotes. À sua voz desceis à terra: Obediente dómino voci hóminis ⁽⁴⁾.

Ah! em que escola me não coloca a liturgia para me obrigar a imitar a vossa sujeição, se o meu coração se amoldar aos mínimos ritos com o desejo de se formar no espírito de dependência de Deus, de domar sem desfalecimentos este “eu” ávido de liberdade e de tornar dóceis o meu entendimento e a minha vontade, sempre inclinados a não imitar, ó Jesus, o espírito fundamental que vós viestes ensinar-me com os vossos exemplos, o culto da vontade divina!

Cada vez que eu obrigo a minha personalidade a abater-se para obedecer à Igreja como a Vós mesmo, para me unir a vós, que precioso exercício êste para a cultura da minha alma! Que admiráveis efeitos não produzirá esta minha fidelidade às mínimas prescrições de rubricas quando eu tratar de obrigar o meu orgulho a dobrar-se nas circunstâncias mais difíceis ⁽⁵⁾.

Mas há mais. Recordando-me da certeza da vossa vida em mim e da necessidade da vossa graça para tirar fruto até de simples pensamento, a liturgia combate a presunção, a jactância que seriam capazes de devorar completamente minha vida interior. O per Dóminum nostrum, que serve de conclusão a quase tôdas as orações da liturgia,

(1) *Ingrédiens mundum dicit: Hóstiam et oblationem noluiſti... Tunc dixi: Ecce vénio... ut fáciam, Deus, voluntatem tuam (Hebr., 10, 5, 7).*

(2) *Ego, quæ plácita sunt ei, fácio ſemper (Jo., 8, 29). Meus cibus est, ut fáciam voluntatem ejus qui miſit me (Jo., 4, 34). Descendi de cœlo, non ut fáciam voluntatem meam, ſed voluntatem ejus qui miſit me (Jo., 6, 38).*

(3) *Factus obédiens uſque ad mortem, mortem autem crucis (Filip., 2, 5).*

(4) *Josué, 10, 14.*

(5) *Qui fidelis est in mínimo, et in majori fidelis est (Lc., 16, 10).*

virá lembrar-me, caso chegue a esquecê-lo, que eu sòzinho nada posso absolutamente senão pecar ou praticar atos sem mérito. Tudo me compenetra da necessidade de recorrer freqüentemente a vós. Tudo me repete que vós exigis de mim êsse recurso suplicante para que minha vida não se desnorteie com enganadoras miragens.

— A Igreja, mediante a liturgia, insiste solícitamente em persuadir seus filhos da necessidade da súplica. Desta liturgia, ela faz verdadeiramente a escola da oração, portanto da humildade. Por meio das suas fórmulas, dos seus sacramentos e sacramentais, ela me ensina que tudo me é concedido pelo vosso precioso Sangue e que o grande meio de eu tirar frutos dêsse Sangue é unir-me pela oração humilde ao vosso vivíssimo desejo de no-lo aplicar.

Fazei que eu tire proveito destas lições contínuas, ó Jesus, a fim de fortificar o sentimento vivíssimo da minha pequenez e convencer-me de que hóstia, que é o vosso Corpo místico, eu não sou mais que uma parcela humilde e de que no imenso concôrto de louvores a que vós presidis, eu sou apenas uma voz frouxa.

Oxalá veja eu, graças à liturgia, cada vez melhor que só por meio da humildade é que posso tornar essa voz cada dia mais pura e essa parcela cada dia mais alvinitente.

* * *

Caridade universal vosso Coração, ó Jesus, estendeu a todos os homens a sua missão redentora.

Ao sítio que vós morrendo haveis soltado ao mundo e que continuais a fazer ecoar no altar, no sacrário e até no seio da vossa glória, deve corresponder na alma, mesmo do simples cristão, vivos desejos de trabalhar com tôdas as fôrças em proveito dos seus irmãos; sêde ardente pela salvação de todos os homens e pela difusão do Evangelho; zêlo enorme no favorecimento das vocações sacerdotais e religiosas; orações instantes para que os fiéis compreendam bem a extensão dos seus deveres e as almas consagradas, a necessidade que têm da vida interior.

As almas dos vossos ministros, essas, têm obrigação

de nutrir êstes desejos ainda com mais ardor, pois os ritos lhes recordam que vós, no vosso Corpo místico, lhes destes lugar escolhido a fim de que êles vos incorporem no maior número possível de almas; recordam-lhes ainda que êles são co-redentores, mediadores obrigados a chorar inter vestibulum et altare ⁽¹⁾ os pecados do mundo e a santificar-se não só para proveito de si mesmos senão também para poderem santificar os outros, formar, instruir e guiar as almas e fazer circular nelas vossa vida: Ego sanctifico meipsum ut sint et ipsi sanctificati ⁽²⁾.

Santa Igreja do Redentor, mãe de todos os meus irmãos, vossos filhos, como poderei eu viver da vossa liturgia, sem participar dos entusiasmos que o Coração do vosso divino espôso sente pela salvação das suas criaturas e pelo livramento das almas que gemem no purgatório?

Certo que me cabe parte importante dos frutos da missa que celebro e do breviário que recito. Mas vós determinais que a parte principal aproveite antes de tudo ao conjunto de almas, objeto de vossa solicitude: In primis quæ tibi offérimus pro Ecclésia sancta tua cathólica ⁽³⁾. Vós lançais mão de mil meios para dilatar meu coração e para conformar minha vida interior à vida de Jesus.

Querida vida litúrgica, aumenta o meu amor filial pela santa Igreja e pelo Pai comum dos fiéis. Torna-me mais dedicado e mais submisso aos meus superiores hierárquicos e mais unido a tôdas as suas sollicitudes. Ajuda-me a não me esquecer de que Jesus vive em cada um daqueles com quem eu estou em contato diário e de que tu, como êle, os trazes no teu coração. Determina-me a irradiar por todos êles indulgência, amparo, paciência, serviço, a fim de refletir a mansidão do meigo Salvador.

Mantém-me no sentimento de que eu não posso ir para o céu senão pela cruz, de que os meus louvores, adorações, sacrifícios e outros atos não têm valor para o céu senão pelo Sangue de Jesus e de que é com todos

(1) Joel, 2, 17.

(2) Jo., 17, 19.

(3) Cãnon da missa.

os cristãos que eu devo ganhar êsse céu, visto como é com todos os eleitos que devo gozá-lo e continuar com êles, por meio de Jesus, durante a eternidade, o cônerto de louvores ao qual estou associado na terra.

* * *

Espírito de sacrifício. Ó Jesus, como sabíeis que a humanidade só pode ser salva pelo sacrifício, de tôda a vossa vida terrestre vós haveis feito imolação perpétua.

Identificado convosco, sacerdote convosco quando celebrou a missa, ó divino Crucificado, convosco eu também quero ser hóstia; Em vós tudo gravita à roda da vossa cruz. Ela será, pois, o centro e o sol dos meus dias, como o vosso sacrifício é o ato central da liturgia.

Fazendo-me incessantemente regressar ao pensamento do Calvário, a liturgia será para mim escola de espírito de sacrifício. Fazendo-me partilhar dos sentimentos de vossa Igreja, ela me comunicará os vossos, ó Jesus, e assim realizarei a palavra de s. Paulo: Hoc sentite in vobis quod et in Christo Jesu⁽¹⁾; e aquela que me foi dita na minha ordenação: Imitámini quod tractatis⁽²⁾.

O missal, o ritual e o breviário, pelos modos mais variados, pelos inumeráveis sinais da cruz, estão-me continuamente recordando que, depois do pecado, o sacrifício se tornou a lei da humanidade e que só unido ao vosso é que êsse sacrifício tem valor. Eu vos darei, portanto, hóstia por hóstia, ó meu divino Redentor. Eu vos farei de mim mesmo a imolação total, fundida com vossa imolação uma vez realizada no Calvário e muitas vêzes místicamente renovada nas missas que se sucedem no mundo inteiro.

A liturgia me facilitará esta oblação de mim mesmo e me fará contribuir mais amplamente para completar pelo

(1) *Philp.*, 2, 5.

(2) Pontifical romano.

vosso corpo que é a Igreja o que vos resta a padecer (1).

Eu contribuirei com a minha parte para essa grande hóstia feita dos sacrifícios de todos os cristãos (2). E essa hóstia há de subir até o céu para expiar os pecados do mundo e fazer descer sôbre a Igreja militante e padecente os frutos da vossa Redenção.

Assim terei a verdadeira vida litúrgica. Porque revestir-me de vós, ó Jesus, ó Jesus crucificado, unir-me praticamente ao vosso sacrifício, realizando o holocausto de mim mesmo pelo *Abneget semetipsum*, não é porventura, meu divino Salvador, o fim aonde me quer conduzir vossa Igreja ao impregnar-me dos vossos sentimentos por meio das suas orações e cerimônias santas, e ao fazer passar para o meu coração o que dominava tudo em vós: o espírito de sacrifício (3).

Assim me tornarei uma dessas pedras vivas e escolhidas, as quais, brunidas pela provação, *Scalpri salubris íctibus et tunsione plúrima, Fabri polití málleo* (4), são destinadas a entrar na construção da Jerusalém celeste.

c) A vida litúrgica faz-me viver a vida do céu

Conversatio nostra in coelis est (5), dizia s. Paulo. Onde aprenderei eu a realizar êste programa mais fàcilmente do que na liturgia? Esta liturgia da terra não é acaso a imitação da liturgia celeste que João, o discípulo predileto, descreveu no Apocalipse? Quando canto ou rezo o ofício, que faço eu senão desempenhar a mesma função

(1) *Adimpleo quæ desunt passionum Christi pro corpore ejus quod est Ecclesia* (Coloss., 1, 24).

(2) *Tota ipsa redempta Civitas, hoc est congregatio societasque sanctorum, universale sacrificium offertur Deo per Sacerdotem magnum qui etiam obtulit, in Passione pro nobis, ut tanti capitis corpus essemus... Cum itaque nos hortatus esset apostolus ut exhibeamus corpora nostra hostiam viventem... Hoc est sacrificium christianorum; multi unum corpus in Christo. Quod etiam sacramento altaris, fidelibus noto, frequentat Ecclesia, ubi ei demonstratur quod in ea re, quam offert, ipsa offeratur* (S. Aug., De civit. Dei, liber X, cap. VI).

(3) *Tunc demum sacerdoti hostia prouderit si, seipsum hostiam faciens, velit humiliter et efficaciter imitari quod agit* (Petr. Blesens. Epist. CXXXIII).

Qui Passionis Dominicæ mysteria celebramus, debemus imitari quod agimus. Tunc ergo vere pro nobis hostia erit Deo, cum nosmetipsos hostiam fecerimus (s. Greg. Dialogor., lib. IV, cap. LIX).

(4) Hino da Dedicção.

(5) Filip., 3, 20.

com que os anjos se honram diante do trono do Eterno? Que digo? Não me lança porventura em adoração, perante a Santíssima Trindade a doxologia de cada salmo, de cada hino, a conclusão de cada oração?

As inumeráveis festas dos santos fazem-me viver numa como intimidade com os meus irmãos do paraíso, que me protegem e oram por mim. As festas da santíssima Virgem recordam-me que tenho lá no céu uma Mãe tôda boa e todo poderosa, que não terá descanso enquanto me não vir em segurança a seus pés no reino de seu Filho. Será acaso possível que tôdas estas festas, que os mistérios do Salvador, Natal, Páscoa, Ascensão sobretudo, me não causem a nostalgia do céu que s. Gregório considera como penhor de predestinação?

V. Prática da vida litúrgica

Meu bom Mestre, dignastes-vos fazer-me compreender o que é a vida litúrgica. Desculpar-me-ei acaso com as exigências do meu ministério a fim de me subtrair ao esforço que me pedis para a pôr em prática? Certamente vós me responderíeis então que o desempenhar, de harmonia com os vossos desejos, as próprias funções litúrgicas não requer mais tempo que o desempenhá-las maquinalmente. Apontar-me-íeis também o exemplo de tantos servos vossos, entre outros o do beato padre Perboyre (1), os quais, por vós onerados de ocupações contínuas e absorventes em grau realmente intensivo, eram, entretanto, almas litúrgicas de primeira plana.

a) Preparação remota

Fazei, bom Salvador, que meu desejo de vida litúrgica se manifeste por grande espírito de fé em tudo quanto se relacione com o culto divino.

Vossos anjos e vossos santos face a face vos contemplam. Nada logra distrair seu espírito das augustas funções que constituem um dos elementos do seu júbilo indescrevível. Mas, sujeito ainda a tôdas as fraquezas da

(1) Veja-se a sua Vida, liv. II, c. 8 e 9. Paris, 1890.

natureza humana, como hei de eu poder manter-me na vossa presença, quando vos falo com a Igreja, se não desenvolverdes em mim o dom de fé que recebi no batismo?

Jamais, ao que me parece, quererei considerar as funções litúrgicas como tarefa a terminar o mais depressa possível ou a suportar porque me dá certo lucro. Jamais, como espero, ousarei falar ao Deus três vêzes santo, ou desempenhar-me dos ritos com desmazêlo que eu teria vergonha de manifestar a respeito do mais humilde dos criados. Jamais quererei que sirva de escândalo aquilo que deve servir de edificação. E todavia posso, porventura, prever até onde eu iria parar, se começasse a deixar de exercer vigilância sôbre mim mesmo pelo que toca ao espírito de fé?

Ó meu Deus, se eu estou já nesse declive, amparai-me, ou antes, dai-me fé tão viva que, empolgado pela importância que os atos litúrgicos têm verdadeiramente a vossos olhos, eu me rejubile em sentir a sua sublimidade entusiasmando cada vez mais minha vontade.

Teria eu acaso o mínimo espírito de fé, se nenhum zêlo manifestasse no conhecimento das rubricas e na sua observância? Os mais belos pensamentos sôbre a liturgia não lograriam, perante vós, ó meu Deus, desculpar minha negligência. Pouco importa que eu não sinta nenhum atrativo natural por êsse trabalho; basta-me que vos agrade a minha obediência e que eu saiba quanto ela me será proveitosa.

Quando fizer exercícios espirituais, jamais deixarei de examinar-me sôbre êste ponto relativo ao missal, ao ritual e ao breviário.

A vossa Igreja, ó Jesus, utilizou-se principalmente das riquezas dos salmos para o seu culto. Tenha eu o espírito litúrgico e a minha alma, nos fragmentos do sal-tério, vingará descobrir-vos figurado sobretudo na vossa vida paciente.

Ela conhecerá que essa palavra íntima, êsses sentimentos que vosso Coração dirigia a Deus durante a vossa vida mortal, se encontram em grande número de composições proféticas por vós inspiradas ao salmista.

Ali encontrará ela maravilhosamente sintetizados de

antemão os principais ensinamentos do vosso Evangelho.

Sob os mesmos véus, eu ouvirei a voz da Igreja continuando a vossa vida de provações e manifestando a Deus, no decurso dos seus sofrimentos e dos seus triunfos, sentimentos modelados pelos do seu divino espôso; sentimentos que, nas suas tentações, reveses, combates, desânimos, decepções, bem como nas suas vitórias e consolações, pode fazer seus qualquer alma em quem venha a manifestar-se a vossa vida.

Reservando parte de minhas leituras para a Sagrada Escritura, hei de desenvolver dessa sorte o meu gôsto pela liturgia e facilitar a minha atenção às palavras⁽¹⁾.

A reflexão me ensinará a descobrir, em qualquer composição litúrgica, uma ideia central em derredor da qual gravitam os diversos ensinamentos.

Que armas contra a mobilidade da tua imaginação tu poderás assim forjar, ó minha alma, mormente se souberes instruir-te por meio dos símbolos.

A Igreja usa dêles para falar aos sentidos a linguagem que os cativa, tornando-lhes sensíveis as verdades representadas. Agnóscite quod ágitis, disse-me ela quando me ordenou. A Igreja, minha mãe, dá às cerimônias, roupas, objetos, vestimentas sagradas, a tudo, voz significativa. Como lograrei eu iluminar a inteligência e atingir o coração dos fiéis que a Igreja quer cativar por meio dessa linguagem tão simples quão grandiosa, se eu próprio não possuir a chave dessa pregação?

b) Preparação próxima

Ante orationem praepra animam tuam⁽²⁾. Imediatamente antes da missa e cada vez que rezo o breviário, ato calmo, mas enérgico de recolhimento, para abstrair-me de tudo o que não se refere a Deus e para fixar nêle a minha atenção. É Deus aquêle a quem eu vou falar.

Mas êle é também meu Pai. A êste temor reverencial que a própria rainha dos anjos observa quando fala a seu divino Filho, eu unirei a singela ingenuidade que até ao

(1) Plus lucratur qui orat et intelligit quam qui tantum lingua orat. Nam qui intelligit reficitur quantum ad intellectum et quantum ad affectum. (S. Tom. in I Cor., 14, 14).

(2) Antes da oração prepara a tua alma (Ecll., 18, 23).

velho, ao dirigir-se à majestade infinita, dá a alma de criança.

Esta atitude simples e singela perante meu Pai há de ingênuamente refletir a minha convicção de estar unido a Jesus Cristo e de representar a Igreja a despeito da minha indignidade, e a minha certeza de ter como companheiros na minha oração os espíritos da milícia celeste: *In conspectu angelorum psallam tibi* (1).

Para ti, ó minha alma, não é então ocasião de raciocinar, de meditar, senão de adquirires alma de criança. Quando chegaste à idade de razão, aceitavas como expressão de verdade absoluta tudo o que tua mãe te dizia. Assim debes agora receber com a mesma simplicidade e ingenuidade, de tua mãe a Igreja, tudo o que ela te vai apresentar como alimento para a tua fé.

É indispensável este rejuvenescimento da alma! Na proporção em que eu cada vez mais adquirir alma de criança, me irei também aproveitando dos tesouros da liturgia e me deixarei cativar pela poesia que dela brota. Nessa proporção aumentará também em mim o espírito litúrgico.

Fácilmente então a minha alma entrará em adoração e nela se conservará durante a função (cerimônia, breviário, missa, sacramentos, etc.) em que tomar parte como membro ou embaixador da Igreja, ou como ministro de Deus.

Do modo por que eu entrar em adoração dependem em grande parte não só o proveito e o mérito do ato litúrgico, senão também as consolações que Deus une ao desempenho perfeito dêle e que me devem amparar nos meus trabalhos apostólicos.

Eu quero, portanto, adorar. Eu quero por impulso da minha vontade unir-me às adorações do Homem-Deus, a fim de render a Deus esta homenagem. Impulso de coração e não esforço de cabeça.

Eu quero fazer isto com a vossa graça, ó Jesus. E esta graça, eu a solicitarei, por exemplo, no breviário, mediante o Deus in adjutórium e, na missa, mediante o Introíto, pausadamente rezados.

(1) A vista dos anjos te cantarei salmos (Sl., 137).

Eu quero. É esta vontade filial e afetuosa, forte e humilde, unida a vivo desejo de vosso auxílio, que vós de mim exigis.

Caso logre que a minha inteligência rasgue largos horizontes à minha fé, ou que a minha sensibilidade lhe ofereça qualquer comoção piedosa; a minha vontade há de aproveitar-se disso para mais facilmente adorar. Hei de, porém, lembrar-me do princípio seguinte: que a união a Deus reside, em última análise, na parte superior da alma, na vontade, e mesmo que a obscuridade e a secura fôsem o seu quinhão, essa faculdade em si mesma sêca e fria desferirá então o seu vôo, apoiando-se unicamente na fé.

c) Desempenho da função litúrgica

Desempenhar bem as funções litúrgicas é dom da vossa munificência, ó meu Deus. Omnipotens et miséricors Deus de cujus múnere venit ut tibi a fidélibus tuis digne et laudabiliter serviatur⁽¹⁾. Ó Senhor, dignai-vos conceder-me êsse dom. Eu quero ficar adorador durante o ato litúrgico. Esta expressão resume todo o método.

A minha vontade lançou e mantém o meu coração na presença da majestade de Deus. E eu resumo todo o seu trabalho nas três palavras digne, attente, devote... da oração Áperi, as quais exprimem com muita precisão qual deva ser a atitude do meu corpo, da minha inteligência e do meu coração.

Digne. Pela sua atitude respeitosa, pela pronúncia exata das palavras, pronúncia mais lenta nas partes principais, pela cuidadosa observância das rubricas, pelo tom da minha voz e pela minha maneira de fazer os sinais da cruz, as genuflexões, etc., o meu corpo há de manifestar não só que eu sei a quem falo, o que digo e que apostolado posso às vêzes exercer⁽²⁾, mas também que é o meu coração que opera.

(1) Oração da 12.^a Dom. depois do Pent.

(2) Apostolado ou **escândalo**: Sobre grande número de almas que vêem a religião através de vago intelectualismo ou ritualismo, o sermão feito por sacerdote mediocre é as mais das vêzes muito menos eficaz que o apostolado do verdadeiro sacerdote cuja grande fé, compunção, e piedade irradiam por ocasião de um batizado, de um entérro e sobretudo de uma missa. Palavras e ritos são flechas capazes de excitar êsses corações. A

Na côrte dos reis da terra, até os simples criados consideram grandes os cargos mínimos, e assumem, naturalmente, ares majestosos e solenes. Não hei de porventura chegar a adquirir essa distinção que se manifestará pela minha atitude da alma e pela dignidade do meu porte no exercício do meu cargo, eu que faço parte da guarda de honra do Rei dos reis e do Deus de tôda majestade?

Attente. O meu espírito encher-se-á de ardor para tirar proveito, nas palavras e nos ritos sagrados, de tudo quanto possa servir de alimento ao meu coração.

Umaz vêzes, a minha atenção há de aplicar-se ao sentido literal dos textos. Quer siga cada frase, quer continuando a minha reza, medite longamente sôbre uma palavra que me tiver impressionado até que sinta a necessidade de descobrir o mel da devoção em outra flor, em ambos os casos eu me mantenho fiel ao Mens concordat voci (1).

Outras vêzes, a minha intelligência há de ocupar-se com o mistério do dia ou com a idéia principal do tempo litúrgico.

Mas o papel da intelligência é secundário, comparado

liturgia assim vivida reflete-lhes o mistério como certo, o invisível como existente, e convida-os a invocar êsse Jesus quase desconhecido para êlas, mas com o qual sentem que êsse verdadeiro sacerdote está em íntima comunicação.

Pelo contrário, há atenuação ou perda da sua fé quando elas desanimadas exclamam: "Não, realmente não é possível, que êste sacerdote acredite que há um Deus e o tema, visto como celebra, batiza, recita orações e faz as cerimônias de tal modo". Que responsabilidades! E quem ousará sustentar que escândalos tais não serão objeto de julgamento rigoroso?

Como é grande a influência que sôbre os fiéis exerce a manifestação do temor reverencial ou pelo contrário, o desmazêlo nas funções sagradas!

Sendo estudante numa escola universitária, e subtraído a tôda e qualquer influência clerical, por acaso tivemos ensejo de ver, sem que êle o notasse, um sacerdote rezar o seu breviário. Foi uma revelação para nós a sua attitude cheia de respeito e de religião e imensamente sentimos desde então manifestar-se em nós a necessidade de orar, e de orar procurando imitar êsse sacerdote. A Igreja aparecia-nos como que concretizada nesse digno ministro em comunicação com seu Deus.

"Ao invés, confessava-nos últimamente uma alma leal, vendo a rapidez com que o meu pároco despachava a sua missa, fiquei perturbado e persuadido de que êle não deveria ter fé. Desde então, cessei de poder orar, até de crer, e uma espécie de repugnância, causada pelo temor de ver mais uma vez êsse sacerdote celebrar, tem-me conservado desde êsse momento afastado da igreja".

(1) Esteja o pensamento de acôrdo com a voz (Regra de s. Bento).

com o da vontade, visto como aquela é apenas a provedora que ajuda esta a manter-se em adoração ou a regressar a essa atitude.

Por isso, tôdas as vêzes que me sobrevierem as distrações, eu quero sem impaciência, sem violência, sem precipitação, mas suavemente como tudo o que se faz com o vosso concurso, ó Jesus, e fortemente como tudo o que pretende ser generosamente fiel a êsse concurso, eu quero regressar ao ato adorador.

Devote. É o ponto capital. Tudo deve tender a fazer do officio e de qualquer função litúrgica um exercício de piedade, portanto, ato do coração.

“A precipitação é a morte da devoção.” Falando do breviário, e a fortiori da missa, s. Francisco de Sales apresenta esta máxima como princípio. Hei de, portanto, impor a mim mesmo a obrigação de consagrar cêrca de meia hora à minha missa, a fim de que não só o cânon, como também tôdas as demais partes dela, sejam recitadas com piedade. Porei implacavelmente de lado todos os pretextos de apressadamente celebrar êste ato central do meu dia. Se o hábito me fizer truncar certas palavras ou cerimônias, hei de aplicar-me, embora exagerando durante algum tempo, a ir muito devagar nesses pontos defeituosos⁽¹⁾.

Guardadas as devidas proporções, hei de estender essa resolução a tôdas as outras minhas funções litúrgicas: sacramentos, bênçãos, enterros, etc.

Quanto ao breviário, terei cuidado de prever as horas em que deverei rezá-lo. Chegado êsse tempo, obrigarme-ei custe o que custar, a pôr então tudo de parte. A todo custo, quero que essa reza seja verdadeira oração do coração. Ah! sim, conservai em mim, ó divino Mediador, o horror da precipitação, quando eu desempenhar o vosso lugar, ou proceder em nome da Igreja. Dai-me a persuasão de que a precipitação paralisa o grande sacramental chamado liturgia, e o impede de nutrir êsse espírito de oração, sem o qual, sob as aparências de sacerdote

(1) Querendo fazer a caricatura de uma pessoa que fala com volubildade e que não sabe o que diz, um literato do século passado, tão afamado pela sua impiedade como pelo realismo das suas descrições, não encontra melhor comparação do que esta do padre que engrola a sua missa.

muito zeloso, eu não poderei deixar de ser a vossos olhos mais que tÍbio ou menos ainda. Gravai na minha consciéncia esta palavra tão apta para me encher de pavor: *maledictus qui facit opus Dei fraudulenter* (1).

Umaz vÉzes, com um impulso do coração, eu hei de abraçar numa síntese de fé o sentido geral do mistério recordado pelo ciclo litúrgico e com êle alimentarei a minha alma.

Outras vÉzes, há de ser ato longamento saboreado, ato de fé ou de esperança, de desejo ou de pesar, de oferta ou de amor.

Outras vÉzes ainda, um simples olhar me bastará. Olhar íntimo e demorado sÔbre um mistério, sÔbre uma perfeição de Deus, sÔbre um dos vossos títulos, ó Jesus, sÔbre a vossa Igreja, sÔbre o meu nada, as minhas misÉrias, as minhas necessidades, ou sÔbre a minha dignidade de cristão, de sacerdote, de religioso. Olhar inteiramente diferente do ato da inteligência durante um estudo teológico. Olhar que aumente a fé, e mais ainda o amor. Olhar que é, sem dúvida, um reflexo pálido da visão beatífica, mas olhar que realiza já neste mundo o que vós haveis prometido às almas puras e fervorosas: *Beati mundi corde, quóniam ipsi Deum videbunt* (2).

* * *

Desta sorte, cada cerimônia se tornará uma diversão acalmadora, porque é verdadeira respiração da minha alma que as ocupações tendiam a asfixiar.

Santa liturgia, que bálsamo não trazes tu à minha alma, mediante as diversas "funções!" Longe de serem servidão onerosa, elas hão de constituir uma das maiores consolações da minha vida.

E como poderia suceder de outra forma? Sempre chamado, graças a ti, à lembrança da dignidade de filho e de embaixador da Igreja, de membro e de ministro de Jesus Cristo, eu hei de ir revestindo-me cada vez mais daquele que é alegria dos eleitos.

(1) Maldito o que faz a obra do Senhor com negligéncia (Jer., 48, 10).

(2) Bem-aventurados os que têm o coração puro, porque êles verão a Deus (Mt., 5, 8).

Pela minha união com êle, eu hei de ir aprendendo a tirar proveito das cruces desta vida mortal para semear a messe da minha felicidade eterna e, pela minha vida litúrgica mais eficaz do que todo e qualquer apostolado, eu tenho a segurança de arrastar após mim outras almas na via da salvação e da santidade.

4. A guarda do coração, ponto capital da vida interior, portanto, essencial para o apostolado

Resolução de guarda do coração

Eu quero, ó Jesus, que meu coração tenha a solicitude habitual de se preservar de toda mancha e de se unir cada vez mais ao vosso Coração, em todas as minhas ocupações, conversações, recreios, etc.

O elemento negativo, mas indispensável, desta resolução faz-me repudiar toda e qualquer mácula no móbil e na prática da ação (1).

O elemento positivo leva a minha ambição a ponto de querer intensificar a fé, a esperança e o amor que animam essa ação.

(1) Como se adquire a pureza de intenção? — Adquire-se por meio de grande atenção sobre nós mesmos, no começo e sobretudo no progresso das nossas ações.

P. Por que é esta atenção necessária no começo das nossas ações?

R. Porque, se essas ações forem agradáveis, úteis, conformes às inclinações da natureza, logo essa atenção espontaneamente se dirige para elas, unicamente em virtude do prazer ou do interesse. Ora, que atenção e até que império não é necessário termos sobre nós mesmos, para impedir que a nossa vontade seja logo do começo arrastada pela impressão dos motivos naturais que a lisonjeiam, a sollicitam, a deslumbam?

P. Por que haveis acrescentado que essa ação é sobretudo necessária durante o progresso das nossas ações?

R. Porque, embora se haja tido a força de se reuunciar logo no principio a qualquer atractivo lisonjeiro para os sentidos e para o amor próprio a fim de se seguir em tudo, só as vistas da fé por meio de intenções puras, se na continuação nos esquecermos de nos observar de perto, como o gozo actual, ou do prazer que se sente ou do interesse que se encontra no decurso de certas ações, vem sempre causar novas impressões, o coração pouco a pouco se amolece, e a natureza, bem que mortificada pelas primeiras renúncias, desperta e retoma o seu ascendente; a breve trecho, o amor próprio introduz em nós, sutilmente e quase sem darmos por isso, as suas vistas interesseiras, pondo-as em lugar dos motivos bons pelos quais havíamos empreendido e começado as nossas ações: aqui vem, em não sei quantos casos, o que diz s. Paulo: que depois de se ter começado pelo espírito, acaba-se pela carne, isto é, com vistas baixas, terrenas ou interesseiras (Pe. Caussade).

Esta resolução há de ser o verdadeiro termômetro do valor prático das duas precedentes, porquanto nela se resume a minha vida interior no exercício do meu apostolado.

A meditação e a vida litúrgica renovarão o meu impulso de me unir a Deus. Porém a guarda do coração é que vai permitir ao viajante o aproveitar-se do alimento, tomado antes da partida ou durante as paradas, para se manter sempre nas boas disposições da partida.

Já sei em que consiste esta guarda do coração.

Mediante ela, se realiza o manete in me et ego in vobis ⁽¹⁾. Mediante ela, a minha união indireta a Deus pelas suas obras, isto é, pelas relações que eu, consoante a sua vontade tenho com as criaturas, torna-se consequência da minha união direta com êle pela oração, vida litúrgica e sacramentos. Em ambos os casos, a união procede da fé e da caridade e realiza-se sob a influência da graça. Na união direta, sois vós mesmo e só vós, ó meu Deus, o objeto da minha intenção. Na indireta, aplico-me a outros objetos. Mas como faço isso para vos obedecer, êsses objetos a que consagro a minha atenção tornam-se-me meios queridos por vós para me unir convosco. Deixo-vos para vos volver a encontrar. Sois sempre vós que eu procuro, e com desejo igual, mas na vossa vontade. E esta divina vontade é o único farol que a guarda do coração me faz incessantemente fixar; a fim de dirigir a minha atividade no vosso serviço. Em ambos os casos posso, portanto, dizer: *Mihi adhærere Deo bonum est* ⁽²⁾.

Erro é, portanto, julgar que para me unir a vós, ó meu Deus, eu deva adiar a ação ou esperar que ela fique terminada. Erro é supor que, em virtude da sua própria natureza ou devido ao tempo que levam, certos trabalhos possam dominar-me e embaraçar a minha liberdade a ponto de tornarem impossível a minha união convosco. Não, vós me quereis livre. Vós não desejais que a ação chegue a dominar-me. Vós quereis que eu seja senhor e não escravo dela. E com êsse fim, vós me ofereceis a graça, caso eu seja fiel à guarda do coração.

(1) Jo., 15, 4.

(2) Sl., 72, 28.

Portanto, apenas o senso sobrenatural prático, mediante os múltiplos acontecimentos, circunstâncias e particularidades proporcionadas pela vossa providência, me haja feito discernir que tal ou tal ação está verdadeiramente ligada à vossa vontade, eu hei de considerar como dever o não me subtrair a ela e também o não me comprazer nela. Devo empreendê-la e continuá-la, mas unicamente para fazer vossa vontade. Porque o amor próprio lhe viciaria o valor e lhe diminuiria o mérito. (1).

I. Necessidade da guarda do coração

Meu Deus, vós sois a santidade, e neste mundo só admitis uma alma à vossa intimidade na medida em que ela se aplicar a destruir ou a evitar tudo o que a poderia manchar.

Preguiça espiritual de elevar o próprio coração até vós; afeição desordenada pela criatura; modos ríspidos e impaciências; rancor, caprichos, moleza, busca de comodidades; facilidade em falar sem razão verdadeira dos defeitos alheios; dissipação, curiosidade, que em nada se relaciona com a glória de Deus; tagarelice, loquacidade, juízos vãos e temerários acêrca do próximo, vã complacência em mim mesmo; desprêzo dos outros, crítica da sua conduta, procura da estima e do louvor na intenção que me faz obrar; ostentação do que me é vantajoso; presunção, teimosia, ciúme, falta de respeito à autoridade, murmurações; falta de mortificação no beber e no comer, etc., que imensa multidão de pecados veniais ou ao menos de imperfeições voluntárias, me poderá invadir, se eu deixar de estar vigilante, privando-me, dessa sorte, das graças abundantes que vós, desde a eternidade, me tendes reservado.

(1) Encontram-se ocultas no bem, diz o padre Desurmont, uma deleitação, uma honra, uma glória, um não sei quê cuja natureza é extremamente apetitosa, as mais das vezes mais apetitosa ainda que o mal. A alma não desconfia desse verme roedor, desse egoísmo requintado que sufoca a graça atual.

O Senhor, tanto por bondade para conosco como pelo desejo da sua glória, declarou-se pela sua parte indiferente a todos os bens particulares. E decidi que uma só coisa lhe agradava, a sua vontade. De tal sorte que um nada conforme a esta vontade poderá merecer o céu; e prodígios operados sem ela ficarão sem recompensa. Por isso mesmo é mister que em tudo nos proponhamos não simplesmente o bem, senão o bem querido por Deus, isto é, a sua vontade. (Le retour continuel à Dieu).

Sim, se a minha meditação e a minha vida litúrgica me não levarem progressivamente a conservar minha alma em guarda até contra as faltas de pura fragilidade, a erguer-me com prontidão mal a minha vontade comece a afrouxar, e até a impor sanção a mim mesmo nesse caso, eu posso, ó Jesus, paralisar vossa ação sôbre mim.

Míssas, comunhões, confissões, outros exercícios de piedade, proteção especial da divina providência relativamente à minha salvação eterna, solicitude do meu anjo da guarda, que digo? até vossa maternal vigilância sôbre mim, ó minha Mãe imaculada, tudo pode ser paralisado, tornado estéril por minha culpa.

Se me faltar a boa-vontade de impor a mim mesmo essa violência à qual vós, ó Jesus, aludis nestas palavras: *Violenti rapiunt illud* (1), logo Satanás procurará sem canso surpreender o meu coração.

Não te iludas, ó minha alma. Certas quedas tuas, que tu qualificas de pura fragilidade, são quiçá de natureza diferente aos olhos de Deus, se não tens pôsto em prática o exercício da guarda do coração e se não tenderes à realização dêste programa: quero conseguir reservar para Jesus o móbil de cada uma das minhas ações.

Se não guardo o meu coração, quão pavorosas e prolongadas não serão as expiações que eu estou preparando no purgatório!

E que perigo eu não corro sem essa resolução! E que responsabilidade! É tão escorregadio o declive para se chegar ao pecado mortal!

II. Presença de Deus, base da guarda do coração

Trindade santíssima, se eu, como espero, possuo o estado de graça, vós habitais no meu coração, com tôda a vossa glória, com tôdas as vossas perfeições infinitas, enfim tal como habitais no céu, bem que oculta sob o véu da fé.

Não há encontrar momento em que vós não tenhais os olhos fixos em mim para discernir as minhas ações.

A vossa misericórdia e a vossa justiça operam in-

(1) Mt., 11, 12.

cessantemente em mim. Para vos vingardes das minhas injúrias, ora me retirais as vossas graças de eleição ou cessais de dispor maternalmente os acontecimentos que deveriam redundar em meu proveito, ora me encheis de novos benefícios a fim de atrair-me de nôvo para vós.

Se a vossa habitação em mim fôsse a meus olhos o fato mais considerável e o mais digno de atrair a minha atenção, porventura estaria eu com tanta freqüência e durante tanto tempo sem pensar nêle?

Não é acaso desta falta de atenção a êste fato fundamental da minha existência que promanaram os maus êxitos que até hoje têm acompanhado as minhas tentativas de guarda do coração?

Se as orações jaculatórias se fôsem sucedendo regularmente pelo dia adiante, elas me teriam recordado essa habitação, tôda de amor, de Deus em mim. Ó minha alma, tens tu acaso feito o bastante até hoje para assim norteares a tua vida, ao menos uma vez, em cada hora? Tens-te aproveitado da tua meditação quotidiana e da tua vida litúrgica para reentreres de vez em quando, por alguns segundos, quando mais não fôsse no santuário íntimo do teu coração, a fim de adorares ali a beleza infinita, a imensidade, a onipotência, a santidade, a vida, o amor, numa palavra o bem supremo e perfeito que lá se digna residir e que é o teu princípio e o teu fim?

Comunhões espirituais, que lugar ocupais vós pelo meu dia adiante? E, entretanto, vós estais a todos os momentos à minha disposição não só para me recordar a habitação da santíssima Trindade em mim, senão também para aumentar essa habitação por nova infusão do sangue redentor em minha alma!

Que caso tenho eu até hoje feito dêsses tesouros postos à minha disposição? Para recolher êsses diamantes e ornar com êles o meu diadema, seria bastante abaixar-me. Como estou longe dessas almas que, embora continuando os seus trabalhos ou as suas conversações, voltam milhares de vêzes por dia ao seu hóspede divino!

Elas contraíram êsse hábito, e o seu coração fixou-se lá onde está o seu tesouro.

III. A devoção a nossa Senhora facilita a guarda do coração

Ó minha Mãe imaculada, foi para vós me ajudardes a conservar meu coração unido mediante Jesus à santíssima Trindade que, no Calvário, a palavra do vosso Filho me proclamou filho vosso.

Eu quero que as invocações, cada vez mais frequentes, que vos hei de dirigir visem sobretudo a essa guarda do meu coração, a fim de purificar as tendências, as intenções, os afetos e os desejos d'ele.

Não mais quero subtrair-me a esta vossa doce voz: "Detém-te, meu filho, retifica o teu coração. Não, não é verdade que neste momento tu procures unicamente a glória de Deus". Quantas vezes, durante as minhas dissipações ou ocupações, vós me não tendes dirigido êste aviso maternal! E quantas vezes, ai! eu o não tenho abafado em meu peito!

Minha Mãe, de hoje para o futuro, eu hei de prestar ouvidos a essa advertência do vosso Coração e, a ela há de corresponder a minha fidelidade com decisão enérgica, rápida e completa. Ainda que essa decisão tenha apenas a duração de um relâmpago, ela me bastará para eu fazer a mim mesmo uma destas duas perguntas: Para quem é a ação presente? Como procederia Jesus em meu lugar? É esta interrogação íntima, passada ao estado de hábito, que constitui a guarda do coração. Ela fará que eu, nas mínimas particularidades, conserve minhas faculdades e suas tendências numa dependência habitual, cada dia mais perfeita, a respeito de Deus que vive em mim.

IV. Aprendizagem da guarda do coração

Lamento-me por ficar fora da presença de Deus durante longos intervalos no decurso dos meus trabalhos. Lamento-me ao comprovar que, durante êsse tempo de vida exteriorizada, me escapam numerosas faltas. Seja qual fôr o estado da minha alma, mescla de fervor e de imperfeição ou tibieza caracterizada, quero, pois, começar desde já a dar remédio a isso, exercendo-me na guarda do coração.

De manhã, durante a meditação, hei de determinar resolutamente e com bastante precisão um momento do meu trabalho, durante o qual, sem deixar de me aplicar com ardor à obra desejada por Deus, me hei de esforçar por viver de vida interior a mais perfeita possível, de guarda do coração, isto é, de vigilância sob vossos olhares, ó Jesus, e de recurso a vós, como se tivesse feito o voto do mais perfeito.

Hei de começar por cinco minutos, ou até menos, de manhã, e outros cinco de tarde ⁽¹⁾, hei de preocupar-me mais com a perfeição dêste exercício que com a sua duração; hei de esforçar-me por praticá-lo dia a dia com maior perfeição e de proceder no meio do trabalho, ainda e sobretudo se êle fôr absorvente, como se fôra um santo pela pureza de intenção, pela guarda do coração e de tôdas as faculdades, pela generosidade de modos, numa palavra, como teria procedido o próprio Jesus se tivesse de desempenhar êsse mesmo trabalho.

Será isto aprendizagem de vida interior prática. Será protesto contra o meu hábito de dissipação e de evagatio mentis. Eu quero a Deus. Quero o seu reinado. Quero que, chegado o tempo das occupações exteriores, continue em mim êsse reinado. Não mais quero que a alma seja corredor franqueado a todos os ventos e que se coloque na impossibilidade de viver unida a Deus e de se conservar vigilante, suplicante, generosa.

Durante êsses rápidos momentos, a minha vista há de estar sem contenção, sim, mas atentamente fixada nas diversas intenções da alma que então será implacável. A boa-vontade, por seu turno, há de estar enêrgicamente decidida a não poupar esforço algum para viver vida perfeita durante êsse curto intervalo. O coração, por sua vez, há de estar resolvido a recorrer freqüentemente a nosso Senhor para se manter nesse ensaio de santidade.

Êste exercício há de ser cordial, alegre e praticado

(1) É praticamente aquilo a que Bossuet chama "momento de solidão afetuosa, o qual devemos procurar a todo custo pelo dia adiante".

É o que tão instantemente aconselhava s. Francisco de Sales, sob o nome de retiros espirituais. "É neste exercício do retiro espiritual e das orações jaculatórias que consiste a grande obra da devoção. Este exercício pode suprir a falta de tôdas as demais orações, mas a falta dêle quase sempre não pode ser reparada por outro qualquer meio. Sem êle, a vida ativa será mal feita... e o trabalho é apenas um embaraço... (Introd. à vida devota, 2.^a parte, c. III).

com dilatação da alma. Certo que a mortificação e a vigilância me serão necessárias para me conservar na presença de Deus e recusar às minhas faculdades e sentidos tudo quanto cheira a natural. Mas não me hei de contentar só com êste lado negativo. Hei de sobretudo pôr a mira em informar êste exercício com essa intensidade de amor que, fazendo-me praticar com o maior emêro o age quod agis ⁽¹⁾, primeiro pela pureza de intenção e depois com ardor, impersonalidade e generosidade sempre crescentes, dará ao mesmo tempo às minhas obras tôda a perfeição e todo o valor.

À noite, no exame geral (ou no exame particular, tomar como objeto dêle êste exercício), análise rigorosa do que foram êsses minutos de guarda do coração mais íntima, sem reservas, perto de Jesus. Se verificar que não fui bastante vigilante, bastante fervoroso, bastante suplicante, bastante amante, durante essa tentativa de guarda de coração, isto é, de vida interior unida à vida ativa, hei de infligir então a mim mesmo uma sanção, uma pequena penitência, quando mais não seja, a privação de um pouco de vinho ou de sobremesa, às escondidas de qualquer olhar estranho, ou curta oração com os braços em cruz, ou algumas palmatoadas sêcas com régua ou outro objeto duro.

Que resultados admiráveis não produzirá êste exercício! Que escola de guarda do coração!

Que vistas novas sôbre pecados e imperfeições, de cuja existência eu nem sequer suspeitava!

Êsses abençoados instantes não de ir pouco a pouco irradiando virtualmente sôbre os instantes que se seguirão. Contudo, não os prolongarei senão quando tiver primeiramente quase esgotado os horizontes de santidade, de perfeição de execução e de intensidade de amor que eu tenha podido entrever.

Assim se irá desenvolvendo a minha sêde de não mais me contentar com poucos minutos e, auxiliado por vós, ó Jesus, hei de chegar a familiarizar-me com êste exercício salutar e a contrair o hábito dêle, hábito que

(1) Faze o que estás fazendo, isto é, aplica-te inteiramente à ação presente.

tornará pura a minha alma e me fará viver sempre convosco.

V. Condições da guarda do coração

Vigilância enérgica, calma, doce e leal; grande desconfiança de mim e das criaturas; renovação freqüente da minha resolução; novos começos incansáveis, cheios de confiança na misericórdia de Jesus para a alma que verdadeiramente luta por chegar à guarda do coração; certeza crescente de que não combato sozinho, mas unido a Jesus que vive em mim, a Maria, minha mãe, ao meu anjo da guarda e aos santos; convicção de que todos êsses poderosos aliados me assistirão em todos os momentos, contanto que eu procure essa guarda do coração e não me afaste da sua assistência; enfim recurso cordial e freqüente a todos êsses auxílios divinos, a fim de que êles me ajudem a fazer quod Deus vult, e a fazê-lo quomodo Deus vult et quia Deus vult (1).

Ó Jesus, como a minha vida conseguirá transformar-se, se eu guardar o meu coração unido a vós!

Minha inteligência poderá ficar absorvida na ação presente; não importa: eu quero chegar à realização do que tenho verificado em almas imensamente ocupadas e cujo coração, entretanto, não cessava de respirar em vós.

Se chegar a compreender bem o que é a guarda do coração, a respiração da minha alma nessa atmosfera de amor que vós sois, ó Jesus, longe de diminuir a liberdade de ação necessária às minhas faculdades para o desempenho de todos os deveres do meu próprio estado, só concorrerá para aumentar e tornar minha vida límpida, alegre, enérgica e serena.

Em vez de ser escravo das paixões e das impressões, tornar-me-ei cada dia mais livre. E da minha liberdade assim aperfeiçoada eu poderei, ó meu Deus, fazer-vos, e com freqüência, a homenagem de dependência, de reparação e de amor, em união com Jesus Cristo, o qual durante tôda a sua vida mortal pôs em prática êsse es-

(1) O que Deus quer, como êle o quer e porque êle o quer.

pírito de dependência, transformado agora em glória infinita e eterna: *propter quod Deus exaltavit illum* (1).

5. Necessidade, para o apóstolo, de ardente devoção a Maria imaculada

Membro da Ordem de Cister tão estreitamente consagrada a Maria, filho de s. Bernardo, apóstolo incomparável da Europa durante meio século, poderemos nós acaso olvidar que o santo abade de Claraval atribuía a Maria todos os seus progressos na união com Jesus e tôdas as suas vitórias no apostolado?

Todos sabem o que, junto dos povos e dos reis, no seio dos concílios e sôbre o coração dos papas, foi o apostolado do mais illustre dos filhos do patriarca s. Bento.

Todos exaltam a santidade, o gênio, a ciência profunda dos livros santos e a unção penetrante dos escritos do último dos padres da Igreja.

Porém, o que sobretudo sintetiza a admiração dos séculos pelo santo doutor, é o título de *cytharista Mariæ* que lhe foi outorgado.

"Cantor de Maria", não foi êle excedido por nenhum outro daqueles que celebraram as glórias da Mãe de Deus. S. Bernardino de Sena e s. Francisco de Sales, bem como Bossuet, santo Afonso, o s. Grignon de Montfort, etc., vão largamente haurir os tesouros de s. Bernardo quando querem falar dela e procurar argumentos para apoiar esta verdade que o santo doutor põe em relêvo: "Tudo nos vem por Maria".

"Vejam, meus irmãos, quais os sentimentos de devoção com que Deus quis que nós honrássemos a Maria, êle que pôs nela tôda a plenitude dos seus bens. Se em nós existe qualquer esperança, qualquer graça, qualquer penhor de salvação, reconheçamos que tudo isso jorra sôbre nós daquela que está cumulada de delícias... Tirai êsse sol que alumia o mundo, e não mais haverá dia. Tirai Maria, essa estrêla do mar, do nosso grande e imenso mar, e que fica senão profunda obscuridade, sombra de morte e trevas espêssas? É, pois, do mais íntimo dos nossos corações, do próprio âmago das nossas entranhas e com

(1) Filip., 2, 9.

todos os nossos votos, que nós devemos honrar a Virgem Maria; pois tal é a vontade daquele que quis que tudo tivéssemos nós por meio dela (1).

Apoiados nesta doutrina, não hesitamos em dizer que, faça o que fizer o apóstolo pela sua salvação e pelo seu progresso espiritual e pela fecundidade do seu apostolado, êle se arrisca a construir sômente sôbre areia, se a sua atividade não se fundar em especialíssima devoção para com nossa Senhora.

a) **Quanto à vida interior pessoal.** O apóstolo será insuficientemente devoto de sua Mãe, se a sua confiança nela nada tiver de entusiasta e se o culto que lhe render fôr quase todo exterior. Como seu Filho, intuetur cor, ela não vê mais que nossos corações, e não nos julga seus verdadeiros filhos senão pela fôrça com que nosso amor corresponde ao seu.

Coração firmemente convencido das grandezas, dos privilégios e das funções daquela que é a um tempo Mãe de Deus e Mãe dos homens;

Coração compenetrado desta verdade, que a luta contra as faltas, a aquisição das virtudes, o reinado de Jesus Cristo nas almas, portanto, a segurança da salvação e da santificação, estão em proporção com o grau de devoção por Maria (2);

Coração cativado por êste pensamento que tudo é mais fácil, mais seguro, mais suave e mais rápido na vida interior, quando se opera com Maria (3);

Coração transbordando confiança filial, suceda o que suceder, naquella cujas delicadezas, predileções, ternuras, misericórdias e generosidades êle por experiência conhece (4);

Coração cada dia mais inflamado em amor para com aquella que êle não separa de nenhuma das suas alegrias,

(1) Serm. in Nat. B. M. V. aliás de Aquæductu (s. Bern.).

(2) Ninguém se salva senão por vós, Mãe de Deus. Ninguém recebe o dom de Deus senão por vós, ó cheia de graça (s. Germano). A santidade cresce em razão da devoção que se professa por Maria (padre Faber).

(3) Com Maria, fazem-se mais progressos no amor de Jesus em um mês que em vários anos, vivendo-se menos unido a esta boa Mãe (s. Grig. de Montfort).

(4) Filii, hæc mea máxima fidúcia est, hæc tota râtio spel meæ. Meus filhos, ella é a base de tôda minha confiança e tôda a razão da minha esperança (s. Bern.).

que une a tôdas as suas penas e por quem passam tôdas as suas afeições;

Todos êstes sentimentos refletem bem o coração de s. Bernardo, exemplar do homem de obras. Quem não conhece as palavras que brotaram da alma dêste santo abade quando, explicando aos seus monges o Evangelho Missus est, êle exclama:

“Ó vós que compreendeis que no fluxo e refluxo dêste mundo flutuais em meio de ressacas e tempestades e não caminhais em terra firme, fixai os olhos sôbre essa estrêla para não perecerdes na tormenta. Se os ventos das tentações se desencadearem, se fordes de encontro aos escolhos das tribulações, olhai para a estrêla, invocai Maria. Se vos virdes sacudido pelas ondas do orgulho, da ambição, da maledicência, da inveja, olhai para a estrêla, invocai Maria. Se a cólera ou a avareza ou a cobiça assaltarem a frágil barquinha de vossa alma, erguei os olhos para Maria. Se, acabrunhado pela enormidade de vossas faltas, confundido pelas hediondas chagas de vossa consciência, horrorizado pelo pavor do juízo, começardes a ser absorvido pelo abismo da tristeza e da desesperança, pensai em Maria. Nos perigos, nas angústias, nas dúvidas, pensai em Maria, invocai Maria. Jamais saia Maria dos vossos lábios, jamais fique Maria longe de vosso coração; e, para obterdes o sufrágio das suas preces, não olvideis o exemplo de sua vida. Seguindo-a, não vos transviareis; invocando-a, não desesperareis; contemplando-a, não errareis. Por ela amparado, jamais caireis; sob a sua proteção, nada vos causará temor; guiado por ela, nunca vos cansareis; se ela vos fôr propícia, chegareis por certo ao pôrto.”

Obrigado a restringir-nos, e desejando, sem embargo, facultar aos nossos colegas no apostolado um como resumo dos conselhos de s. Bernardo para chegar a ser verdadeiro filho de Maria, julgamos que o mais acertado é induzi-los fraternalmente a ler com atenção o tão sólido e precioso volume: “*La vie spirituelle à l'école de s. Grignon de Montfort*”, escrito pelo p.e Lhoumeau (1).

(1) Livraria Oudin, de Paris. — O p.e Lhoumeau foi Superior geral da Congregação fundada por s. Grign. de Montf.

Não falando das obras de santo Afonso e dos comentários do p.e Desurmont, dos escritos do p.e Faber e do p.e Giraud de La Salette, que livro reflete melhor que o do p.e Lhoumeau os escritos de s. Bernardo, que de mais a mais cita a cada passo? Base teológica bastante sólida, unção, caráter prático, nada ali falta para lograr o resultado que incansavelmente procurava o abade de Clavaival: afeiçoar o coração de seus filhos à imagem do seu e dar-lhes o caráter dominante dos autores cistercienses: a necessidade do recurso habitual a Maria e a vida de união com ela.

Terminemos com as palavras consoladoras que a admirável cisterciense santa Gertrudes, à qual dom Guéranger chama a Magna, ouviu dos lábios da santíssima Virgem: “Ninguém deve chamar a meu dulcíssimo Jesus meu filho único, senão meu primogênito. Foi êle quem eu concebi primeiro no meu seio, mas, após êle, ou antes por êle, eu vos concebi a todos para serdes seus irmãos e meus filhos, adotando-vos nas entranhas da minha caridade maternal.” Nas obras desta santa padroeira das monjas trapistinas, tudo reflete o espirito do seu bem-aventurado padre s. Bernardo, relativamente à vida de união a Maria.

b) **Quanto à fecundidade do apostolado.** Quer deva tirar as almas do pecado, quer deva fazer desabrochar nelas as virtudes, sempre o homem de obras há de considerar como seu alvo principal, a exemplo de s. Paulo, o gerar nosso Senhor nessas almas. Visto como, diz Bossuet, Deus quis uma vez dar-nos Jesus Cristo por meio da santíssima Virgem, essa ordem não mais é suscetível de mudança: ela gerou o Chefe; deve, pois, gerar também os membros.

Isolar Maria do apostolado equivaleria ao desconhecimento de uma das partes essenciais do plano divino. “Todos os predestinados, diz santo Agostinho, estão neste mundo ocultos no seio da santíssima Virgem, onde são guardados, alimentados, conservados e engrandecidos por essa boa Mãe até que ela os gere para a glória depois da morte.”

Após a Encarnação, conclui justamente s. Bernardino de Sena, Maria adquiriu uma espécie de jurisdição sobre

tôda a missão temporal do Espírito Santo, de tal sorte que nenhuma criatura recebe graças senão pelas mãos dela.

Por sua vez, o verdadeiro devoto de Maria torna-se onipotente sôbre o Coração de sua Mãe. Sendo assim, que apóstolo duvidará da eficácia do seu apostolado se, mediante a devoção, dispuser da onipotência de Maria sôbre o sangue do Redentor?

Por isso é que nós vemos todos os grandes conquistadores de almas animados de devoção extraordinária pela santíssima Virgem. Querem acaso afastar uma alma do pecado? Que calor persuasivo êles não têm, identificados como estão, pelo horror do mal e pelo amor da pureza, com aquela que a si mesma chamou a immaculada Conceição!

A voz de Maria é que o Precursor reconheceu a presença de Jesus e exultou de prazer no seio materno. Que acentos não dará Maria a seus verdadeiros filhos para abrirem a Jesus corações até então cerrados!

Que palavras não saberão encontrar os íntimos da Mãe de misericórdia para impedir que a desesperança se apodere das almas que de há muito abusam das graças!

Trata-se de um infeliz que desconhece a Maria? A segurança com que o homem de obras a mostra como verdadeira Mãe e refúgio dos pecadores rasga a tal respeito novos e amplos horizontes.

O santo pároco de Ars encontrava às vêzes pecadores, os quais, obcecados pela ilusão, se escudavam em qualquer prática exterior de devoção à santíssima Virgem, para se tranqüilizar, pecar mais fàcilmente e não temer as chamas eternas. A sua palavra tornava-se então dominadora, tanto para mostrar ao culpado a monstruosidade de presunção tão injuriosa à Mãe de misericórdia, como para os levar a servirem-se dêsse ato de devoção a fim de implorar a graça de se livrarem das rôscas da serpente infernal.

Em caso igual, o homem de obras pouco devoto de Maria, com suas palavras incisivas e frias, sòmente logrará levar o pobre náufrago a abandonar essa prática que talvez lhe pudesse servir de tábua de salvação.

Se Maria viver no coração de um apóstolo, pode êsse obreiro evangélico ficar seguro de que terá a elo-

quência maternal para tocar almas nas quais se frustraram todos os demais meios. Parece que, por delicadeza admirável, nosso Senhor quer reservar à mediação de sua Mãe as conquistas mais difíceis do apostolado e concedê-las apenas àqueles que vivem intimamente com ela. Per te ad nihilum redegit inimicos nostros.

O verdadeiro filho de Maria jamais carecerá de argumentos, de meios, ou de expedientes quando, em casos quase desesperados, haja de fortificar os fracos e consolar os inconsoláveis.

O decreto que acrescentou à ladainha lauretana a invocação: Mater boni consilii, funda-se nos títulos de *coeléstium gratiarum thesauraria* e de *consolatrix universalis* que Maria merece. “Mãe do bom conselho”, só aos seus verdadeiros devotos é que ela, como em Caná, faculta o segredo de obterem, para o distribuir, o vinho da força e da alegria.

Mas é sobretudo quando se há mister de falar às almas do amor de Deus que a “roubadora dos corações”, *Raptrix córdium*, conforme a expressão de s. Bernardo, a *Espôsa do Amor substancial*, põe, nos lábios dos seus íntimos, palavras de fogo que ateam o amor de Jesus e, por meio dêsse amor, fazem germinar tôdas as virtudes.

Apóstolos, nós devemos apaixonadamente amar aquela a quem Pio IX chama *Virgo sacerdos* e cuja dignidade ultrapassa em tudo a dignidade dos sacerdotes e dos pontífices. E êste amor nos dará o direito de jamais considerarmos perdida uma obra, se a tivermos começado com Maria e se com ela a quisermos consolidar. Maria, com efeito, está na base e no tópo de tudo quanto interesse ao reino de Deus por seu Filho.

Longe, porém, de nós o julgar que é com ela que trabalhamos, se apenas nos cingirmos a erguer-lhe altares ou a entoar cânticos em sua honra. O que ela exige de nós é devoção que nos permita afirmar com sinceridade que vivemos habitualmente unidos a ela, que recorreremos ao seu conselho, que as nossas afeições passam pelo seu coração e que as nossas súplicas se fazem quase sempre por ela. Mas o que Maria sobretudo espera da nossa devoção é a imitação de tôdas as virtudes que nela admiramos e o

abandono sem reservas nas suas mãos para que ela nos revista de seu divino Filho.

Se cumprirmos esta condição do recurso habitual a Maria, imitaremos êsse general do exército do povo de Deus, o qual, antes de marchar contra o inimigo, dizia a Débora: “Se vierdes comigo, eu irei; aliás, não irei” e faremos então verdadeiramente tôdas as nossas obras com ela. E ela não só entrará nas decisões principais, como também em todos os casos imprevistos e em todos os pormenores de execução.

Unidos àquela cuja invocação de nossa Senhora do sagrado Coração resume, na nossa opinião, todos os demais títulos, jamais correremos o risco de desvirtuar as nossas obras permitindo que elas, indo de encontro à nossa vida interior, se tornem um perigo para as nossas almas, e possam servir-nos mais para nossa glória do que para a glória do nosso Deus. Ao contrário, iremos por meio das obras adquirindo a vida interior, e desta sorte cada vez mais intimamente nos uniremos àquela que há de assegurar-nos a posse de seu Filho durante a eternidade.

E P Í L O G O

Vamos depor aos pés do trono de Maria imaculada este modesto trabalho.

É no coração da santíssima Virgem, tal como no-lo mostra a gravura bizantina do século VI, que nós nos com-
prazeremos em meditar o ideal perfeito do apostolado.

A Virgem tem em seu peito o Verbo encarnado aureolado por um círculo luminoso. Como o Pai eterno, ela conserva sempre em si mesma o Verbo que deu ao mundo. Conforme a expressão de Rohault de Fleury "o Salvador brilha no meio do peito dela como uma eucaristia cujos véus se despedaçassem". Jesus vive nela. É o seu coração, a sua respiração, o seu centro e a sua vida: imagem da vida interior.

O divino adolescente exerce, porém, o apostolado. A sua atitude, o rôlo do seu Evangelho que tem, na mão esquerda, o gesto da sua mão direita, o seu olhar, tudo indica que êle ensina. E a Virgem une-se à sua palavra. A expressão do seu rosto parece dizer que ela quer também falar. Os seus olhos grandes, abertos, procuram almas às quais possa comunicar seu Filho: imagem da vida ativa pela pregação e pelo ensino.

As suas mãos estendidas como as dos orantes das catacumbas, ou as do sacerdote que oferece a Vítima santa, recordam-nos que é sobretudo pela oração e pela união ao sacrifício de Jesus que nossa vida interior será profunda e frutuoso nosso apostolado.

Ela vive de Jesus, por Jesus, da sua vida, do seu amor, da união ao seu sacrifício, e Jesus fala nela e por ela. Jesus é a sua vida e ela é o porta-Verbo, o porta-voz, a custódia de Jesus.

É desta sorte que a alma votada à obra por excelência, o apostolado, deve viver de Deus a fim de que sempre possa falar eficazmente d'êle, e a vida ativa, repitamo-lo ainda, mais não é do que o extravasamento da vida interior dessa alma.



REGINA APOSTOLORUM



Salve, Virgo Parens, stillans melle alvearium; in te suum p̄suit tabernáculum Verbum illuminans mundum; Verbum Patris tecum portemus intime.

Salve, clarum Solis justitiae speculum; eo ferventius Jesum agendo manifestemus quo plus de Jesu contemplando vivemus.

Salve Cordis Jesu vivum receptáculum; ex hoc divino fonte per te hauriamus spírítum sacrificii et precum.

Salve, stans juxta crucem consors sacerdotii; fac ut per Eucharistiam vivat in nobis Christus, ut sancti simus sanctificantes.

Na exposição marial de Roma (1904-1905), podia-se admirar a santa imagem que aqui reproduzimos. Na opinião do sr. Wuescher-Becchi, membro da Academia pontificia romana de arqueologia, essa imagem representa a PANAGHIA PARTHENOS das Blachernes, uma das mais célebres e antigas imagens, objeto de incomparável valor, o qual constitui um dos mais insignes monumentos do culto à augusta mãe de Deus.

O original, dádiva da imperatriz Pulquéria (450-453), encontrava-se numa das mais belas e ricas igrejas de Constantinopla, e ainda ali se conservava nos fins do século XIV. — Além da denominação de PARTHENOS, tinha essa imagem ainda a de NICOPOTAS. Ainda se encontram, com bastante freqüência, reproduções desta célebre pintura na Rússia, por exemplo em Kiev, Novgorod, Moscou e na Grécia, mormente nas moedas bizantinas de Aleixo Comnenos, Miguel Ducas e outras (EXTRAÍDO das Atas do Congresso Marial).

ÍNDICE

	Páginas
PREFACIO	13
Proêmio	25
 1.ª PARTE: Deus quer as obras e a vida interior	
1. As obras, e, portanto, o zelo são desejados por Deus	29
2. Deus quer que Jesus seja a vida das obras	32
3. Que é a vida interior?	35
4. Quão desconhecida é esta vida interior	43
5. Resposta a uma 1.ª objeção: E' ociosa a vida interior?	46
6. Resposta a uma 2.ª objeção: E' egoísta e estéril a vida interior? ..	51
7. Objeção tirada da importância da salvação das almas	57
 2.ª PARTE: União da vida ativa e da vida interior	
1. Prioridade, aos olhos de Deus, da vida interior sobre a vida ativa	61
2. As obras não devem ser mais do que o transbordamento da vida interior	65
3. Base, fins e meios de uma obra devem ser impregnados de vida interior	67
4. Vida interior e vida ativa mutuamente se reclamam	71
5. Excelência desta união	74
 3.ª PARTE: A vida ativa perigosa sem a vida interior; unida a esta, assegura o progresso da virtude.	
1. As obras, meios de santidade para as almas interiores, tornam-se um perigo para a salvação das outras almas	77
2. Do homem de obras sem a vida interior	82
3. A vida interior, base da santidade do operário apostólico	92
a) acautela-o contra o perigo do ministério exterior	94
b) Restaura as forças do apóstolo	95
c) Multiplica suas energias e seus méritos	97
d) Dá-lhe alegria e consolação	99
e) Acrisola sua pureza de intenção	100
f) E' escudo contra o desânimo	102
 4.ª PARTE: Fecundidade das obras pela vida interior	
1. A vida interior é condição para a fecundidade das obras	107
a) A vida interior atrai as bênçãos de Deus	109

b) Torna o apóstolo santificador pelo bom exemplo	113
c) Produz, no apóstolo, irradiação sobrenatural. Quão eficaz é irradiação	118
d) Dá ao operário evangélico a verdadeira eloquência	135
e) Porque a vida interior gera a vida interior, profundos são seus resultados nas almas	139
f) Importância da formação das elites e da direção espiritual ..	147
g) A vida interior, pela Eucaristia, resume tôda a fecundidade do apostolado	164

5.ª PARTE: Alguns principais avisos para a vida interior

1. Alguns conselhos aos homens de obras para a vida interior. Convicções, princípios. Avisos práticos	171
2. A meditação, elemento indispensável da vida interior, portanto do apostolado	174
I Impor-se fidelidade à meditação da manhã	175
II Que deve ser a meditação?	177
III Como hei de fazer a meditação?	178
Vide, sítio, volo. Volo tecum	178
3. A vida litúrgica. Fonte de vida interior, portanto de apostolado .	183
I Que é a liturgia?	188
II Que é a vida litúrgica?	190
III Espírito litúrgico: Três princípios	194
IV Vantagens da vida litúrgica	
a) Favorece a permanência do sobrenatural em tôdas as nossas ações	210
b) Ajuda-nos eficazmente a conformar nossa vida interior com a de Jesus Cristo	214
c) Faz-nos viver da vida do céu	219
V Prática da vida litúrgica	220
4. A guarda do coração, ponto capital da vida interior, portanto essencial ao apostolado	228
I Necessidade da guarda do coração	230
II Presença de Deus, base da guarda do coração	231
III A devoção a Nossa Senhora facilita a guarda do coração	233
IV Aprendizagem da guarda do coração	233
V Condições da guarda do coração	236
5. Necessidade para o apóstolo de ardente devoção a Maria Imaculada	237
EPÍLOGO	244

FIM